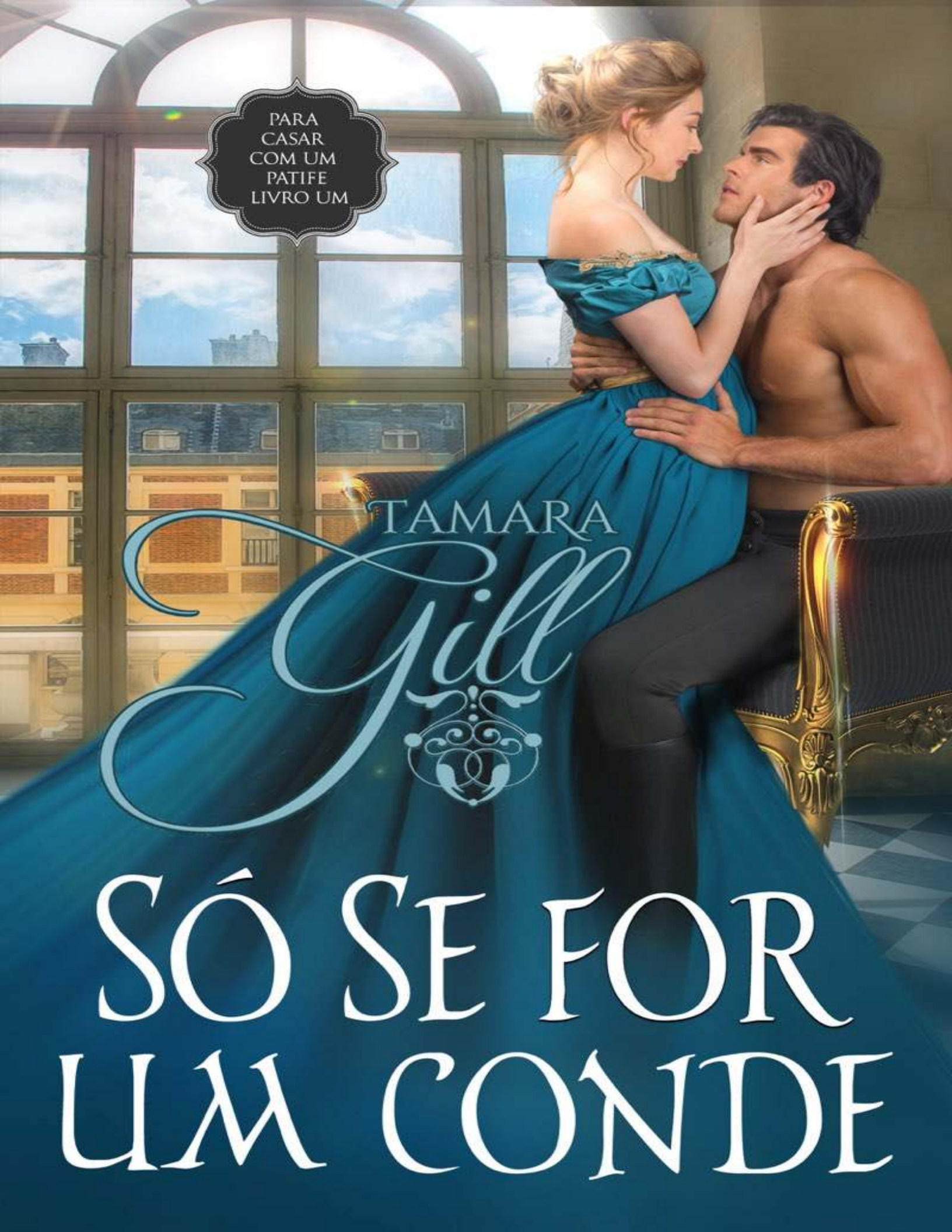
PARA CASAR COM UM PATIFE LIVRO UM
TAMARA
Gill
SÓ SE FOR UM CONDE

SÓ SE FOR UM CONDE

PARA CASAR COM UM PATIFE, LIVRO UM

TAMARA GILL

Translated by

EVELYN TOORE



CONTENTS

Prólogo
1. Capítulo Um
2. Capítulo Dois
3. Capítulo Três
4. Capítulo Quatro
5. Capítulo Cinco
6. Capítulo Seis
7. Capítulo Sete
8. Capítulo Oito
9. Capítulo Nove
10. Capítulo Dez
11. Capítulo Onze
12. Capítulo Doze
13. Capítulo Treze
14. Capítulo Quatorze
15. Capítulo Quinze
16. Capítulo Dezesseis
17. Capítulo Dezessete
18. Capítulo Dezoito
19. Capítulo Dezenove
20. Capítulo Vinte

Epílogo
Sobre a Autora

COPYRIGHT

“Só se for um conde”
“Para casar com um Patife, Livro Um”
Escrito por Tamara Gill
"MEB"
Copyright © 2019 Tamara Gill
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Evelyn Torre
Design da capa © 2019 Wicked Smart Designs
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

SINOPSE

A rainha atual da sociedade londrina, Lady Elizabeth Worthingham, já teve seu futuro planejado. Casar bem e casar sem amor. Uma promessa fácil de ser feita e uma que deve cumprir por sua família depois que seu quase desastroso futuro ameaçou a todos. E o patife vigarista Henry Andrews, conde de Muir, cuja incapacidade de agir como um cavalheiro quando ela mais precisou, esse um dia pagaria por sua traição.

Retornando à Inglaterra depois de três anos no exterior, Henry está determinado a tornar sua esposa a única mulher que foi capaz de ganhar seu coração. Mas a recepção gelada que recebe de Elizabeth é mais fria que a casa que ele possui nas Terras Altas escocesas. Assim como o passado dói apenas na superfície e a decepção corre tão densa quanto sangue, assim também é um amor que superará todos os obstáculos, a menos que um inimigo sem nome, determinado por seu próprio objetivo, o atrapalhe e seu amor nunca possa ser demonstrado...

PRÓLOGO

Inglaterra 1805 – Surrey

— Você está arruinada.

Elizabeth ficou imóvel enquanto sua mãe, a duquesa de Penworth, andava de um lado para o outro a frente da lareira acesa, o vestido dourado de seda ondulando atrás dela, o cenho franzido entre os olhos desafiando qualquer um a segui-la. — Não. Deixe-me reformular: a família está arruinada. Todas as minhas garotas, e seus futuros, foram jogadas na sarjeta como se fossem pobres meninos de rua.

Elizabeth, a mais velha de todas as filhas, limpou uma lágrima solitária da bochecha e lutou para não relatar sua versão.

— Mas, certamente, Henry escreveu sobre seu retorno.

Ela se virou para o pai.

— Papa, o que a missiva que recebeu dizia?

As rugas severas entre as sobrancelhas de seu pai eram mais profundas do que ela jamais havia visto, e pavor se acumulou em seu estômago.

O que ela havia feito? O que Henry havia dito?

— Eu não vou ler para você, Elizabeth, pois temo que só vai aborrecê-la mais, e na condição delicada que você se encontra, devemos zelar por seu bem-estar. Mas nunca mais permitirei que o Conde de Muir coloque um pé sequer em minha casa. Pensar que... — disse o pai, chutando um tronco ao lado do fogo —, que eu o apoiei na procura de seu tio na América. Estou completamente envergonhado por mim mesmo.

— Não. — disse Elizabeth ao sustentar o olhar do pai. — Não há nada para o senhor se envergonhar. Eu que tenho.

Só eu estive com um homem que não era meu marido. Sou eu quem carrega o filho dele.

As lágrimas que ela lutou tanto para manter afastadas começaram a descer com vontade.

— Henry e eu éramos amigos, bem, eu achava que éramos. Presumi que ele faria a coisa certa pela nossa família, por mim. Por que motivo ele não voltará?

A mãe dela, que olhava pela janela em silêncio, se virou ao ouvir sua pergunta.

— Porque o tio dele disse que nenhum sobrinho se casaria com uma prostituta que entregasse o prêmio antes dos contratos serem assinados, e Henry, ao que parece, concordou com essa afirmação.

O pai suspirou.

— Há uma antiga rivalidade entre o tio de Henry e eu. Nunca fomos amigos, mesmo que eu tenha considerado o pai de Henry como um irmão. Contudo, seu irmão sempre fora temperamental, um ciumento estranho.

— Por que você não era amigo do tio de Henry, papai?

Ele não respondeu.

— Por favor, diga-me. Eu mereço saber.

— Porque ele queria se casar com sua mãe, mas fui eu quem ganhei a mão dela. Ele ficou cego de raiva, e parece que, mesmo depois de vinte anos, ainda deseja se vingar de mim arruinando você.

Elizabeth se jogou em um sofá, chocada com a notícia.

— Henry sabia da desavença entre você e o tio? Chegou a contar a ele?

— Não. Achei que tal picuinha já havia sido esquecida.

Elizabeth engoliu em seco quando a sala começou a girar.

— Então, Henry encontrou o tio rico e foi envenenado por suas mentiras. O homem me tomou por mulher da vida.

Ela respirou calmamente.

— Diga-me, a carta realmente declara que esta é a opinião de Henry também?

O duque veio e sentou-se ao lado dela.

— É a opinião de ambos sim. — ele pegou a mão dela e apertou-a. — Você precisa casar, Elizabeth e o quanto antes. Não há outra escolha senão esta.

Ela se levantou, cambaleando para longe de seu pai ao pensar

em tal ideia. Casar-se com um estranho era pior do que nenhum casamento e cair em desgraça.

— Não consigo fazer isso. Eu nem sequer tive uma temporada. Não conheço ninguém.

— Um bom amigo meu, o visconde Newland, faleceu há pouco. Seu filho, Marcus, que é um pouco simplório da cabeça depois de cair de um cavalo quando criança, precisa de uma esposa. Mas por causa de sua doença, ninguém o desposaria. Eles estão desesperados para manter a propriedade dentro da família e estão atrás de alguém para casar com ele. Seria bom para vocês dois. Sei que não é o que você queria, mas vai salvar você e suas irmãs da ruína.

Elizabeth ficou olhando para o pai, com a boca aberta, chocada e sem um pouco de vergonha.

— Você quer que eu case com alguém rude?

— A fala dele é apenas um pouco arrastada, mas fora isso, é um jovem gentil. Eu garanto a você que ele não é tão bonito quanto Henry, mas... bem, devemos tirar o melhor de uma situação dessas.

A mãe dela suspirou.

— Lorde Riddledale ligou e pediu sua mão mais uma vez. Poderia aceitar o pedido dele.

— Por favor, eu prefiro cortar a minha própria mão a casar com Sua Senhoria.

Só de pensar ela já ficava arrepiada.

— Bem, então vai se casar com Lorde Newland. Sinto muito, mas é assim que deve e que será feito. — disse a mãe com um tom duro.

Elizabeth caminhou até a janela que dava para o lago, o mesmo em cuja margem ela se entregara a Henry. Suas

palavras de amor, doces e sussurradas, ansiavam que ela esperasse por ele, que assim que ele conseguisse fundos suficientes para sustentar sua propriedade escocesa, eles se casariam.

Tudo isso atravessou sua cabeça. Que mentiroso ele acabou sendo. Tudo o que ele queria era a inocência dela, nada mais.

Raiva passou por ela que rangeu os dentes. Como Henry se atreveu a enganá-la de tal maneira? Prometeu ser fiel e casar com ela quando voltasse. Fez com que ela se apaixonasse por ele. Ele nunca quis se casar com ela. Se quisesse, estaria voltando para a Inglaterra nesse instante.

Ela se virou, olhou para os pais que pareciam resignados com o destino que nenhum deles imaginava ser possível ou desejado.

— Vou casar com o Visconde de Newland. Escreva e organize as núpcias para ocorrer até o final do mês ou mais cedo, se possível. A criança que eu carrego precisa de um pai e o visconde precisa de uma esposa.

— Então está feito.

Seu pai se levantou, foi em sua direção e pego uma de suas mãos.

— Henry prometeu-lhe alguma coisa, Elizabeth? A carta é tão estranha, não parece de seu feitio, desde que a recebi, duvidei que fosse a opinião dele, mas sim do tio dele.

— Ele queria que eu esperasse por ele, que desse a ele tempo de salvar a propriedade da família. Ele não queria se casar com uma mulher por dinheiro. Queria ser um empreendedor, creio eu.

— Mentiras, Elizabeth. Tudo mentiras. — sua mãe afirmou com a voz fria. — Henry tem usado você, sinto dizer, e duvido muito que ele volte para a Inglaterra ou para a Escócia.

Elizabeth engoliu o nó que se formou em sua garganta, não querendo acreditar que o homem a quem dera seu

coração a trataria de tal maneira. Ela pensou que Henry fosse diferente, que era um cavalheiro que a amava. Com o olhar de pena que seu pai deu, ela o empurrou e saiu correndo do cômodo.

Ela precisava de ar: ar fresco, refrescante e calmante. Ao abrir a porta da frente, o vento frio e gelado bateu em seu rosto, e a claridade a golpeou. Ela iria dar uma volta. Seu cavalo, Argo, sempre a fazia se sentir melhor.

O ajudante do estábulo demorou apenas alguns minutos para selar sua montaria, e ela logo saiu da casa, o único som era da neve esmagada sob os cascos do cavalo. O ar frio perfurava seu vestido, e ela se arrependeu de não ter colocado vestimentas adequadas, mas cavalgar em quaisquer roupas que estivessem vestindo no momento era uma prática normal para os filhos do duque de Penworth. Com muita liberdade quando crianças, todos eles tinham permissão para fazer o que quisessem, e agora essa liberdade a levara diretamente para o pior tipo de problema.

Ela levava seu cavalo a um galope lento, a mente como um caleidoscópio de turbulência. Henry, que fora protegido de seu pai, uma pessoa que ela pensara poder chamar de amigo, a traíra quando mais precisou dele. Culpa e vergonha a inundaram no momento em que a neve começou a cair e cobriu tudo em um tom de cristal branco.

Nunca perdoaria Henry por isso.

Sim, eles cometeram um erro, uma falta de decoro terrível. Pensou, e um que nunca houve tempo de refletir. Mas caso o pior acontecesse, uma criança, ela consolara a si mesma com a crença de que Henry faria o correto, voltaria para casa e se casaria com ela.

Como ela poderia estar tão errada?

Ela segurava a barriga, ainda sem sinais de uma criança lá dentro, e por mais que estivesse arruinada, e que pudesse arruinar sua família, não se arrependia de sua condição, e nem esta criança nasceria fora do casamento. Lorde Newland se casaria com ela já que a situação dele

não era vista com bons olhos pela alta sociedade. Era um acordo que favoreceria os dois.

O sentimento de culpa atravessou sua alma por ter que fingir que o filho de Henry era de Lorde Newland, mas que escolha havia? Henry não se casaria com ela, nem declararia a criança como sua. Elizabeth estava sem mais opções. Não havia nada a ser feito agora.

Um cervo saiu de um arbusto de samambaia e Argo recuou, saltando de forma brusca para o lado. Elizabeth gritou quando escorregou da sela. O movimento a desequilibrou e ela caiu, batendo no chão com força.

Felizmente, a neve macia amorteceu sua queda, e ela sentou-se, sentindo o mesmo que quando estava em cima de seu cavalo. Acariciou a barriga, lágrimas acumularam-se em seus olhos pela compreensão de que se ela tivesse caído com mais força, todos os seus problemas acabariam. Que pessoa terrível era por pensar uma coisa dessas, e como odiava Henry por tê-la abandonado e originado pensamentos tão horrendos.

Argo se aninhou ao lado dela enquanto ela se levantava. Estendeu a mão para o estribo e voltou a subir em sua montaria. Secando as lágrimas dos olhos, Elizabeth prometeu que não se debulharia mais por um menino, pois era o que Henry ainda era, com certeza, um jovem imaturo que não dava a menor importância aos outros.

Ela se casaria com o visconde de Newland, tentaria fazê-lo feliz, o tanto quanto possível quanto dois estranhos se uniam em tal situação, e amaldiçoaria quem quer que mencionasse o nome de Henry Andrews, Lorde Muir para ela outra vez.

...

América 1805 –

Porto de Nova York

Henry ergueu o rosto para o vento e a chuva enquanto o navio de carga subia o rio Hudson. O ar úmido do inverno combinava com o frio que sentia por dentro, que entorpecia a dor que não o deixara desde que se despediu da costa da Inglaterra. E agora ele estava aqui. América do Norte. A cidade enfumaçada a sua frente estava apenas acordando para um novo dia, e parecia perto o suficiente para alcançar e tocar, e ainda assim seu verdadeiro amor, Elizabeth, estava mais longe do que jamais esteve antes.

Esfregou o peito e se encolheu no sobretudo. As cinco semanas até este lado do oceano haviam se arrastado, dias intermináveis, com sua mente ocupada apenas com um pensamento: sua garota, Elizabeth.

Ele fechou os olhos, trazendo sua imagem à mente, seu olhar honesto e risonho, o belo sorriso que sempre conseguiu fazer sua respiração falhar. Ele franziu a testa, sentia falta dela tanto quanto o céu noturno das terras altas sentiria falta das estrelas.

— Então, Henry, rapaz, qual é o seu plano nessas grandes terras?

Henry assimilou o capitão, um belo exemplo de funcionário do governo britânico. Seus bigodes grisalhos atravessavam a mandíbula e a pele enrugada sobre os olhos, fiel a um homem que vivera no mar a vida inteira e desfrutara de todos os momentos.

Ele sorriu.

— Me tornar rico. Consertarei a família se puder.

O capitão acendeu um charuto e soprou, a fumaça logo se perdeu no ar nebuloso.

— Ah, grandes planos então. Alguma ideia de como você fará fortuna? Eu faria bom uso de algumas dicas.

— Meu tio mora aqui. É dono de uma companhia de navegação creio eu, embora ainda precise conhecer o homem ou ver por mim mesmo se é verdade. Espero que, como ele se saiu tão bem sozinho, possa me guiar até minha própria fortuna.

O capitão assentiu, olhando para a proa.

— Parece que você tem tudo planejado.

Henry se assustou quando o capitão gritou ordenando meio mastro. Ele esperava que o velho tivesse razão em sua declaração. Quanto menos tempo ele ficasse aqui, melhor seria.

Afastou o pensamento de que Elizabeth deveria debutar nos próximos meses, desfilar pela cidade como um delicioso pedaço de doce. Para ser o centro das atenções, a filha de um duque pronta para a colheita.

Ele rangeu os dentes.

— Desejo-lhe boa sorte, Henry.

— Obrigado.

O capitão afastou-se e voltou a olhar a cidade tão diferente de Londres ou de sua casa nas montanhas. Estranho e errado em tantos níveis. As águas barrentas eram a única semelhança com Londres, pensou, sorrindo um pouco.

Henry foi até a proa, inclinou-se sobre o corrimão de madeira. Ele suspirou, tentando expulsar o humor sombrio que o inundou quanto mais perto chegavam da América. O que ele estava fazendo aqui era uma coisa boa, uma coisa honrada, algo que se não fizesse, Elizabeth estaria perdida para ele para sempre.

Ele não podia odiar mais o avô naquele momento por ter perdido sua fortuna em um jogo de cartas tantos anos antes. Era um milagre que seu pai tivesse conseguido manter Avonmore e a si mesmo fora da prisão dos devedores.

Os tripulantes começaram a preparar o navio de carga para aportar. Um sinal ecoou em torno dele, que começou a andar em direção ao pequeno quarto que ele havia conseguido durante a viagem. Era melhor que nada, mesmo que não conseguisse ficar de pé no espaço, pelo menos era privado e confortável.

Estar determinado a ter sucesso, a garantir que o futuro dele e de Elizabeth fosse seguro, a voltar para casa o quanto antes, tudo isso o impulsionava. Ele não falharia. Pela primeira vez na história, o Conde de Muir não jogaria fora o futuro da propriedade, mas lutaria por sua sobrevivência, ganharia suas coisas de forma respeitosa, como seus ancestrais.

E ele voltaria para casa, casaria com sua lady inglesa e a mimaria pelo resto de seus dias. Na Escócia.

CAPÍTULO UM

Dois anos depois – Londres

Nos braços de Lorde Dean, o conde de Thetford, Elizabeth dançou um minueto, desfrutando do estilo fácil e habilidade competente de seu par. Ela olhou para os olhos cinzentos charmosos, nariz reto e mandíbula forte. Um cavalheiro tão sedutor quanto a música era fascinante. Seu novo vestido de seda verde se agarrava de maneira sensual por seu corpo enquanto se moviam pela sala e entre outros casais.

O ar cheirava a flores de estufa recém-colhidas e havia uma quantidade alarmante de diferentes perfumes. Ela riu quando ele murmurou palavras doces em seu ouvido que eram divertidas se nada mais. Permitiu seus gracejos até um certo ponto. Ele era um homem agradável.

Agradável com ela.

— A temporada já passou da metade, Lady Newland. Vai voltar para Dunsleigh ou para sua própria casa em Wiltshire?

Elizabeth verificou sua passada.

— Dunsleigh, creio eu. É para onde minha família deseja que eu vá. Já faz tempo que fui até lá com eles presentes.

Ela desviou o olhar do rosto desapontado e observou os outros casais dançarem. Seu coração estava em Dunsleigh e não em sua casa por matrimônio, e com certeza não em Londres. Quanto ao homem em seus braços, ele era bem gentil, mas nem ele nem qualquer outro que se considerasse apaixonado por ela poderia persuadi-la a ficar ou a se casar novamente.

— Ah, que pena. Talvez, se você permitir, eu possa visitar quando estiver próximo de Surrey.

Ela sorriu.

— Claro, você é sempre bem-vindo, meu senhor. Tenho certeza de que meu irmão ficaria encantado com uma visita. Como você sabe, ele está em Dunsleigh já faz um bom tempo aprendendo tudo sobre a propriedade.

— E como está o seu pai? Eu pretendia perguntar sobre o seu bem-estar.

— O duque está bem. — ela sorriu outra vez — Muito melhor, obrigada. O médico afirmou que ele apenas precisa desacelerar. Josh está se preparando para assumir as funções, como deve. Papai iria gostar de ver o senhor também.

— Eu estava querendo...

Elizabeth olhou para ele quando a dança chegou ao fim e esperou que sua última frase não significasse o que ela pensou significar. Ela odiava ter que negar o pedido dele, mas é o que faria caso ele perguntasse, assim como negaria qualquer outro pedido.

Ele a deixou com sua irmã mais nova, Victoria, e foi para a sala de jogos. Victoria levantou a sobrancelha e sorriu ao chamar sua atenção.

— Outro bajulador aos seus pés, pelo que vejo.

Elizabeth brincou com o cabelo.

— Ele acredita ser o homem ideal. Até sugeriu falar com o papai e pedir minha mão. Eu não vou casar de novo. Lorde Newland foi o suficiente.

Victoria fez uma careta.

— Decerto que Lorde Newland não era tão ruim assim. Ele parecia apaixonado por você.

Ela assentiu, sabendo que, sob as circunstâncias em que se casara, Lorde Newland era uma grande benção em sua vida.

— Eu o usei e sei que ele me usou da mesma forma, e mesmo assim não torna certos arranjos corretos. Ele criou um menino que não era dele, até o amava. Eu não posso me perdoar por isso.

Victoria apertou sua mão, compaixão em seu olhar. Compaixão que ela não merecia.

— Sei que deve ser difícil, mas se soubéssemos quem são os verdadeiros pais dos filhos de metade da sociedade, acho que teríamos uma experiência reveladora. Lorde Newland era um homem feliz. Você é a responsável, ninguém mais. Não se torture assim. Você não merece.

Sua irmã gesticulou para o outro lado da sala e Elizabeth se encolheu ao ver quem a irmã havia notado.

— Então não vai se casar com Lorde Riddledale, vai? Sua Excelência nunca se recuperaria de tal golpe.

Elizabeth escondeu um tremor de repulsa por Lorde Riddledale, que se mostrava pomposo e orgulhoso do outro lado do salão, a carranca no rosto, sempre presente não era surpresa. Sem dúvida, ela dançar com um cavalheiro que não fosse ele o deixou fora de si.

Ela voltou-se para a irmã.

— Não posso ter qualquer remorso pelo irritante do Riddledale. Quanto a Lorde Dean, lamentarei machucá-lo, mas não, não vou me casar com ele, não importa o quanto minha decisão parta seu coração.

— Seus sentimentos poderiam mudar com o tempo, não acha? — Victoria perguntou.

— Não.

— Não?

Elizabeth sacudiu a cabeça.

— Não.

— Por quê?

Ela engoliu o nó já familiar que se formava em sua garganta toda vez que pensava nele, o homem que ela se recusava a nomear, mesmo nos próprios pensamentos.

— Não sou do tipo que se apaixona. Não acredito que seja saudável confiar em tais emoções instáveis quando se trata de casamento. Os homens e sua necessidade de ser adorados, admirados, podem ser evitados. O nome de Lorde

Newland me protege agora. Não há motivos para eu me casar outra vez.

Victoria lançou um olhar duvidoso à irmã.

— Eu acredito que não há nada mais puro e bom que o amor, ainda mais se você tiver a sorte de tê-lo em um casamento.

Sua irmã suspirou, o som tingido de tristeza.

— Você prometeu ao papai que iria tentar.

— Estou bem ciente do que prometi ao papai, mas ele não estipulou que eu deveria dar uma chance ao casamento. Sou simpática e afável. É suficiente.

Elizabeth fechou a mandíbula com força. Atacá-la com esse assunto de casamento não seria útil aqui, não importava o quanto seu humor se alterasse toda vez que pensava no ladino escocês que a arruinara e a deixara para enfrentar tal ruína sozinha.

Onde estava Henry quando chegou a hora de ele se impor e reivindicar a responsabilidade por suas ações? Nova York, que era para onde, a milhares de quilômetros de distância e com pouco cuidado, ele fora e a deixara grávida, e ela precisou enfrentar a desgraça, a mágoa e um futuro para sempre mudado por causa de um ato descuidado.

Lágrimas se formaram em seus olhos ao pensar na vida que ela poderia ter vivido, e não no que ela suportou. Seu marido fora gentil e amável, mas não a amou como um marido deve amar uma esposa.

— Elizabeth? — Victoria disse, cutucando-a um pouco — No que você está pensando? Estou aqui falando com você sem obter resposta.

Ela se livrou dos pensamentos deprimentes e olhou para a multidão de convidados, alguns ainda chegavam e eram recebidos pelo anfitrião da noite.

— Nada importante. O que estava dizendo?

— Só que nosso anfitrião, Lorde McCalter, parece muito satisfeito com os convidados recém-chegados. Os cavalheiros são bem elegantes, devo dizer.

Elizabeth olhou para as portas do salão de baile e franziu a testa. Ela manteve os olhos atentos ao grupo, mas os cavalheiros se viraram, dando as costas para o cômodo e evitando seu reconhecimento.

— Deve ser porque Sua senhoria é escocesa. — disse Victoria com um aceno assertivo.

O coração de Elizabeth acelerou e sua pele arrepiou com a menção da Escócia. Ela olhou outra vez para o pequeno grupo, amaldiçoando-se por dentro pela tolice de tal comportamento. E daí que um escocês havia chegado? Exatamente, e daí.

— Por que acredita que o Lorde é escocês? — Elizabeth perguntou com notável curiosidade, expondo-se.

— Eu notei que um dos homens traz um recorte de tartã no bolso do casaco. Duvido que um inglês usaria um artigo desses. — Victoria afirmou com toda seriedade.

Logo depois, Elizabeth e seus pensamentos rebeldes foram redirecionados para a quadrilha que dançaria com Lorde Stanhope. Então, em seguida, dançou com Lorde Riddledale uma dança típica, o que a irritou muito, pois ele aproveitou a oportunidade para repreendê-la por sua conduta, o que era perfeitamente apropriado.

Ela se esforçou para não colocar o senhor em seu pomposo lugar enquanto ele a segurava firme em seus braços. Cada vez que ela se aproximava do homem, sentia vontade de se afastar e fugir do cavalheiro. Horror nem chegava perto do que sentia perto ele.

— Há algo em particular que eu queria discutir com você, e como já apontei meu descontentamento por sua conduta esta noite, agora é a hora de falar.

Elizabeth lutou para não revirar os olhos. Realmente, o homem não conhecia limites quando se tratava de decoro.

— O que é que queria discutir?

Ele sorriu, os dentes tortos e manchados pelo fumo a fizeram se encolher.

— Eu considerei nosso passado, a amizade que sua família mantém com a minha ao longo dos anos, e acho que você seria uma esposa adequada para mim.

Ele a fitou com seus olhos frios.

— Eu desejo que você se case comigo.

Foi uma afirmação, não exatamente um pedido, e todo o autocontrole dela se foi.

— Você tentou me pedir em casamento.

Ele a olhou, a mandíbula pulsando, aborrecido.

— É claro. O que acha que acabei de fazer?

— Você afirmou, não fez a pergunta.

Ela olhou por cima do ombro, notando que alguns dos convidados ainda mantinham seus olhares voltados para a entrada. Fazendo uso das poucas maneiras que ainda restavam nela para com Lorde Riddledale, ela lançou um sorriso de pena ao homem.

— Sinto-me honrada, mas...

— Pelo menos, pense na minha oferta. — ele disse, interrompendo-a. Ela permitiu já que não queria fazer uma cena caso ele ficasse ofendido.

— Muito bem. Vou pensar na sua proposta.

Ele parecia um dândi a olhar para si mesmo diante de um espelho quando a fez parar e inclinou-se para dar um beijo de leve em sua luva. Demorou-se com a mão dela como um gatinho brincando com a tigela de leite. Ela contou até dez enquanto ele se afastava, melhor que do que dar um tapa nele com o leque.

— Ah, bobo insuportável. Eu não sei porque nossos pais mantêm contato com esse homem. E por que ele pensaria que eu iria querer casar com ele, quando não dei indício algum de considerá-lo especial, ele está delirando.

Elizabeth olhou para o lorde que recuava.

Victoria suspirou.

— Ele ainda não fez a pergunta. — afirmou sua irmã, diplomática.

— Foi o que ele acabou de fazer. Gostaria de me parabenizar?

Elizabeth riu do rosto mortificado de sua irmã.

— Ele não fez isso.

— Durante a dança. Concordei em pensar na oferta, mas sabe que não posso aceitá-lo. Há algo nele que eu não gosto, uma sensação que eu sempre tive com relação a ele. Ele me faz sentir desconfortável.

— Estou inteiramente de acordo.

Victoria parou ao lado dela, e colocou a mão em seu braço.

— Esqueça Lorde Riddledale, minha querida, você tem problemas muito maiores e, com certeza, mais preocupantes para lidar.

— Como assim?

Elizabeth se virou para olhar Victoria e notou o alarme em suas feições.

— Parece que os convidados escoceses estão vindo em nossa direção.

— Mesmo?

Elizabeth olhou para as portas, e o pequeno mundo de segurança que havia construído para si ruiu. Um arrepio atravessou seu peito, rivalizando com o frio que a presença a sua frente criava ao redor de seu coração. Então raiva disparou em seu sangue, substituindo o frio por lava derretida.

Como ele se atreve...

Elizabeth precisou de toda a educação que recebeu como lady para não o esfolar vivo e o deixar indefeso no ninho de cascáveis que era essa sociedade.

Ela fechou o punho contra o corpo.

Pelo menos teria sido um fim adequado para ele, o mesmo em que ele a deixou quando não retornou após a missiva que foi enviada, implorando para que ele retornasse. E julgando por seu casaco de ótima qualidade: cortado e ajustado a perfeição em seus ombros, a gravata

engomada e as calças bem ajustadas, ele havia encontrado o que procurava nas Américas.

Bom para ele, mas agora era um momento para ele partir.

Elizabeth olhou para o conde e seus amigos enquanto avançavam constantes através da multidão, os olhares das mulheres devorando o homem alto e bem proporcionado no meio deles. Nos dois anos desde que ela viu Henry, ele mudou. Não era mais o jovem desengonçado de vinte e quatro anos, mas um homem. Um homem cujos olhos não mais tinham inocência, mas sim aprendizado e vida. Uma vida sem o fardo de filhos fora do casamento. A vida de alguém que se afastava de tais problemas sem remorso.

Com missivas decepcionantes, onde a palavra "rameira" era usada.

Preparou-se para as próximas apresentações, concentrando sua atenção no casal que o acompanhava, pessoas mais autocráticas do que ela quando decidia representar a filha de um duque. E nos últimos dois anos, Elizabeth aprendeu a dominar bem esse disfarce. Graças a Henry.

Intocável era inquebrável.

A Elizabeth de antigamente não existia mais. Ele não teria uma recepção feliz e sorridente dela, se era isso o que esperava. O dia em que sua carta chegou foi o dia em que a amizade deles acabou. E por sua expressão facial petrificada, a mandíbula endurecida que parecia ter sido cortada da rocha, Lorde Henry Andrews também não gostou de revê-la.

Bem, era simplesmente perfeito.

Elizabeth concentrou sua atenção no homem e mulher que o acompanhavam, recusando-se a olhar mais um minuto para Henry, embora soubesse, pelo formigar em sua pele, que ele a estava observando.

O cavalheiro era alto, embora talvez um centímetro mais baixo que Henry, seu corpo mais atlético em

comparação com os ombros maiores de Henry e as coxas musculosas. A mulher devia ter a altura de Elizabeth, aparência etérea, os cabelos loiros dourados puxados para cima em cachos apertados sobre a coroa. Seus olhos eram de um azul frio e penetrante. Elizabeth engoliu em seco quando todos na festa se moveram para ficar diante dela e de Victoria. Deu um sorriso de boas-vindas a Lorde McCalter, uma máscara de desapego em suas feições.

Ela não reconheceria a presença de Henry até que fosse absolutamente necessário e, mesmo assim, não o faria por muito tempo.

Ele não merecia tal reconhecimento agora ou nunca.

— Lady Victoria, Lady Newland, posso dizer o quanto estou feliz em reuni-las a um velho amigo, Lorde Henry Andrews, conde de Muir e, é claro, seus primos americanos, o Sr. Richard e a Srta. Amelia Andrews, de Nova York.

Elizabeth olhou para Victoria e notou o sorriso apertado de sua irmã quando Lorde McCalter fez as apresentações.

— Boa noite, Lorde Muir, Sr. Andrews, Srta. Andrews.

Embora os esforços de sua irmã fossem bem-vindos, a tensão não era difícil de discernir.

Elizabeth amaldiçoou sua incapacidade de permanecer fiel a sua palavra e olhou para Henry. Ela lançou um rápido olhar para ele e notou sua gravata com um nó perfeito, a mandíbula ainda angulosa com uma leve sombra de barba. Como é rude não se barbear antes de um baile. A atenção dela passou para seus lábios, aqueles que ela já gostou de beijar, mordiscar e brincar, e que agora estavam pressionados em uma linha dura e fina.

Com um olhar furioso para ela que fez seu estômago dar um nó. Ela ignorou a agitação, jogando-a ao léu. Nunca permitiria que sentimentos florescessem para qualquer homem novamente, e principalmente, não com esse homem. Nunca.

— Boa noite.

O barítono profundo de Henry passou por ela, rico e gratificante. Maldito seja ele e sua voz. Até parecia mais sábio, quase primitivo, e ela estremeceu.

— Não havíamos pensado que o veríamos outra vez, Lorde Muir, mas é sempre bom conhecer os seus. — disse Victoria, o sorriso direcionado ao sr. Andrews, que corou sob as palavras educadas da irmã de Elizabeth.

Elizabeth assentiu.

— Sim, claro.

Sua própria resposta pingou com sarcasmo, não que ela se importasse. Henry certamente não se importou quando ela precisou dele, então de modo algum ela se importaria agora.

— Como foi a viagem até a Inglaterra? Soube que a travessia pode ser bastante traiçoeira às vezes.

Andrews sorriu e a máscara aristocrática aliviou.

— Pode ser, Lady Newland, mas nosso pai administra uma empresa de importação e exportação em Nova York e tem embarcações do mais alto padrão à nossa disposição. Nossa viagem ocorreu sem preocupações. A maior preocupação dele era que sua filha voltasse para a América no Ano Novo.

Elizabeth encontrou o olhar de Victoria e se recusou a reagir às implicações do homem.

O que ele estava tentando dizer? Havia algum entendimento entre a Srta. Andrews e alguém...

A srta. Andrews olhou para Henry. O olhar afetado em seus olhos denunciando *quem* era o homem que visitava seus pensamentos.

Elizabeth estreitou os olhos.

— Deseja fazer da Inglaterra sua casa, Srta. Andrews? — Victoria perguntou.

— Não, de forma alguma. — respondeu a moça — Mas eu não seria contra a Escócia ou a Irlanda. Considero as pessoas no norte mais para o meu gosto.

Elizabeth se ressaltou com o insulto mal disfarçado contra aqueles que viviam ao sul da fronteira escocesa. Novamente a Srta. Andrews fixou a atenção em Henry, e a preferência da moça por tudo ao norte da fronteira ficou clara.

Elizabeth pigarreou, pegando o braço da irmã.

— Bem, Srta. Andrews, talvez você pudesse se juntar à sociedade em Edimburgo ou Dublin, já que são mais do seu agrado. Não gostaríamos de mantê-la aqui se a fizer infeliz.

Henry deu um passo à frente e fez uma reverência quando a Srta. Andrews não respondeu, apenas a fitou ante o comentário de Elizabeth.

Ela sorriu.

— Lady Newland, você gostaria de me acompanhar na próxima dança? Eu acredito que seja um cotilhão.

Elizabeth ignorou a saudade que o pedido provocou nela. Fortaleceu sua determinação de permanecer forte, imparcial, retida.

— É gentil da sua parte, meu senhor, mas não desejo dançar. Meus pés estão sofrendo após meus esforços anteriores.

— Vamos, Lady Newland, com certeza há mais uma dança em você. — disse Lorde McCalter de modo jovial.

— Talvez outra hora. — afirmou Victoria, sentindo bem o crescente desconforto da irmã — Elizabeth me avisou quando terminou a última dança que não dançaria mais esta noite. Mas a temporada ainda tem muito mais danças pela frente. Tenho certeza de que Lorde Muir pode esperar pelo próximo baile.

Henry sorriu, mas o gesto nunca chegou aos seus olhos.

— É claro. Nunca desejaria causar desconforto para Lady Newland.

Elizabeth reprimiu a réplica desagradável e dirigiu sua atenção para as moças que rodavam na pista de dança. Os anos de Henry na América o transformaram em um hipócrita.

— Como está Dunsleigh? E seu pai? Faz apenas uma semana que chegamos, não soube de seu pai ainda.

Como se importasse.

O pensamento amargo deveria envergonhá-la. Pensar de forma tão cruel não era algo que de sua natureza, e ainda assim, o homem diante dela era a razão pela qual ela se casara com um estranho total. Para ela tê-lo usado de maneira tão grosseira.

— Estamos todos muito bem. Embora papai não tenha nos acompanhado até a cidade, ficou no interior. — disse Victoria.

— Estão na Residência Newland, ou na casa do Duque?

Os olhos de Henry queimaram com ódio, Elizabeth se perguntou de quem. Que ele estivesse irritado com ela era estranho, já que era por sua própria vontade que ela se casou com alguém que não fosse ele. Se ele tivesse retornado quando recebeu a carta, estariam casados neste dia.

— Estou na residência do meu irmão.

A resposta de Elizabeth foi ríspida e o Sr. Andrews se mexeu de desconforto. A tensão na festa era quase palpável e desconfortável para dizer o mínimo.

Henry riu, o tom zombador. Tomou um gole de seu vinho, drenando o conteúdo.

— Que estranho. Seu marido inglês não se importa que você fique longe dele na cidade. Pensei que iria querer a senhora ao lado dele em todos os momentos.

Victoria encontrou seu olhar, seus olhos arregalados com descrença.

— Não acredito que meu marido gostaria que eu estivesse ao lado dele neste exato momento, Lorde Muir, já que ele está enterrado no jazigo da família em Wiltshire.

Henry arregalou os olhos em choque ante as palavras dela.

— Você é viúva?

Elizabeth olhou para o imbecil escocês.

— Lorde Newland faleceu há mais de um ano.

— Sinto muito pela sua perda, Lady Newland.

Andrews lhe lançou um olhar consolador.

— Pedimos desculpas por mencionar o que ainda deve ser tão doloroso para você.

— Obrigada.

Ela olhou de volta para Henry, que a observava, ou melhor, contemplava todos os seus movimentos como uma raposa observa um coelho.

— Lorde Muir, tem algo a dizer? — ela perguntou, irritada por ele estudá-la assim.

Ele limpou a garganta.

— Pêsames sinceros, minha senhora.

Henry pegou outra taça de vinho de um lacaio que passava.

— Estou aliviado em saber que seu pai está bem. Farei visita a Dunsleigh para vê-lo antes de voltar para a Escócia.

— Isso não será necessário, Lorde Muir. Tenho certeza de que você está ocupado aqui com sua família do exterior.

— Admito que estamos muito ocupados, mas sempre terei tempo para Sua graça. Ele era meu guardião, afinal de contas.

Elizabeth fez um som evasivo, olhando para as portas da sala de jantar que estavam sendo abertas por lacaios de libré.

— Bem, estou certa de que fará o que quiser.

O aperto de Victoria em seu braço se intensificou, uma advertência silenciosa para se comportar. As primeiras cordas de um cotilhão soaram, e as risadas em torno da sala aumentaram.

— Dançarei com você, Henry. Essa dança é uma das minhas favoritas, e você a dança tão bem. Tenho certeza de que, dada a quantidade de vezes que saímos juntos, será adequado para o padrão dessa sociedade. — disse a Srta. Andrews, sua voz tão doce quanto ratafia.

Elizabeth observou quando Henry sorriu para a Srta. Andrews, e raiva tão forte quanto ela jamais conhecera a consumiu. Essa mulher acreditava que era aceitável para Henry e, sem dúvida, desejava se tornar mais do que apenas sua prima. Ela observou a mulher, corajosa, colocar a mão em seu braço, o olhar fixo no conde.

Senhorita Andrews estava apaixonada... por Henry. Elizabeth a odiou na hora.

Henry riu, o som profundo e rouco, uma risada que Elizabeth ouvira apenas algumas vezes em sua juventude. Ela estudou o perfil dele e percebeu que não o conhecia mais. Sua voz, corpo, maneirismos eram todos diferentes. Ela realmente o conhecera? Naquele momento ela duvidou que sim.

Ele pegou a mão da moça e inclinou-se.

— Vamos, minha querida?

Elizabeth desviou o olhar do casal e se recusou a deixar que as emoções que tivera por Henry a machucassem uma segunda vez. Não, ela não o conhecia mais e nunca o conheceu, se fosse honesta. Nunca estivera tão errada sobre o caráter de alguém como estivera com Henry.

Precisando fugir, ela puxou Victoria pelas portas da sala de jantar, determinada a se encher de comida para preencher o buraco dolorido que sentia na boca do estômago.

Claro que ela sabia que um dia Henry voltaria para a sociedade, possivelmente casado e com filhos. Mas vê-lo outra vez, estar tão perto dele e ainda tão distante, era algo que ela teria que se acostumar. Talvez ele se cansasse da cidade e partisse para a Escócia em breve, e tudo voltaria ao que era antes.

Normal. Mundano. Solitário...

Elizabeth ouviu uma risada familiar e virou-se para ver Henry e a Srta. Andrews, o prazer da dança e um do outro claro para ver.

Ela rosnou baixinho. Maldito fosse.

CAPÍTULO DOIS

Henry terminou a dança com Amelia e conseguiu dispersar seus primos de seu lado durante o jantar. Ele encostou-se na parede do salão de baile, observou o teatro da sociedade diante dele, todos os convidados indiferentes ao tumulto que percorria seu corpo.

Depois de passar por um grupo de matronas intrometidas, ele decidiu, pela expressão de medo que lançaram a ele, que talvez devesse parar de encarar todos os presentes. Pegou outro copo de conhaque de um lacaio que passava, confiante de que a bebida o deixaria mais afável.

Ou talvez não.

A razão para seu humor azedo agora apresentava-se em uma profunda discussão com o pomposo Lorde Riddledale. O cavalheiro mais velho, pelo menos quinze anos mais velho, parecia estar muito perto, olhando para ela como um homem que nunca vira a forma de uma mulher antes. E com Riddledale, era certamente uma possibilidade. Henry rangeu os dentes, forçando outro gole do líquido que queimava sua garganta ao descer.

— Essa é a farsa que você tem sustentando nos últimos dois anos?

Henry soltou um suspiro, mas não negou a acusação que seu primo Richard colocara contra ele.

— Que farsa? Ela se casou com outro não muito tempo depois que eu fui embora. Lady Newland era filha do meu guardião. Nada mais, garanto a você.

Seu primo levantou a sobrancelha, considerando as palavras que Henry precisava admitir, soavam falsas.

— Ela é uma linda viúva. — ele fez uma pausa — Na verdade, todas as irmãs dela a quem eu fui apresentado esta noite são surpreendentes. Lady Newland tem três irmãs, disseram-me, e um irmão.

Henry assentiu, incapaz de discordar de sua prima em ambos os casos. Elizabeth sempre foi bonita. A lembrança que trazia deles como crianças, da menina encantadora que não tinha escrúpulos tentando imitar qualquer coisa que ele ou seus amigos pudessem fazer. Uma garota que não se importava com a lama e arranhões que resultam das aventuras ao ar livre. Ele a amava mesmo naquela época, embora de um jeito diferente do amor que sentia como adulto.

— Podem ser bonitas, mas acredite em mim quando digo que são tão inconstantes quanto cobras se precisam ou querem alguma coisa.

Como se seus pensamentos a conjurassem, Elizabeth olhou para o lado dele do salão e seus olhares se cruzaram. Suas mãos se fecharam ao lado do corpo e, apesar de toda a força de vontade dele, não conseguiu desviar o olhar. Como ela poderia ter se casado com Newland depois de prometer a ele apenas algumas semanas antes que esperaria pelo retorno dele? Sim, seu tempo fora somava dois anos, mas Elizabeth sabia que seu tempo na América poderia ser demorado. Ela prometeu que não importava quantas temporadas seus pais lhe oferecessem, ela era dele.

Então, por que Elizabeth se casou?

— A maioria das mulheres é inconstante, creio eu, embora tal fato seja o que torna a perseguição ainda mais agradável. Não concorda? — Richard o cutucou, sorrindo — Então, agora que você não vê a impressionante Lady Newland como uma esposa em potencial, quem pensa desposar? Papai ficaria feliz em vê-lo resolvido e feliz. Estava tão focado em fazer fortuna que achamos que seu coração deixou de bater pelo sexo oposto em Nova York.

Henry estremeceu ao pensar em se casar com alguém. Claro que ele não era tolo o suficiente para não saber que deveria se casar um dia, mas não era uma prioridade. Agora era hora de se divertir. Arrumar uma amante talvez. Perder-se entre as pernas dela sempre que quisesse.

— A única razão pela qual eu fui para a América foi fazer fortuna e garantir minha propriedade. Agora que já alcancei tal objetivo, posso dedicar meu tempo a explorar os diamantes da sociedade. E acima de tudo, nenhum pai pode me chamar de caçador de herdeiras.

Richard assentiu com a cabeça, o olhar de sua prima fixo em Elizabeth ainda. Henry franziu a testa, não gostando do brilho nos olhos de sua parente.

— Devo dizer que Lady Newland não foi cordial com você. De fato, sua antipatia muito velada por sua presença foi bastante óbvia.

— Sim, mas o sentimento é mútuo, então meus sentimentos permanecem intactos.

Henry olhou ao redor da sala, para todos os lados menos para onde Elizabeth estava: rindo, bebendo, seus belos olhos que antes o olhavam com gosto agora voltavam-se para outros cavalheiros, todos mais do que felizes em receber o que ela lhes desse. Ela era uma viúva rica, o que significava que as regras de etiqueta desta sociedade não mais se aplicavam a ela, com razão, é claro. Se ela não fosse óbvia em relação a sua situação e seus romances, a nata da sociedade não se importaria com o que ela fizesse entre portas fechadas. Elizabeth poderia arrumar um amante, e ninguém iria castigá-la por isso.

A imagem deles dois ao lado do lago, das bochechas coradas dela e sua boca sendo beijada por ele, atormentava-o. De saber que outro homem pode ouvi-la dar sussurros ofegantes de prazer, de ter o que ele sempre pensara ser seu, quase o fez cair de joelhos.

— Quem é esse cavalheiro com ela agora? Ele parece bastante austero.

O lábio de Henry se curvou ao ver o desgraçado todo pomposo.

— Lorde Riddledale, Marquês de Ridges. — Richard riu.

— Seu tom me diz tudo o que preciso saber. Não são velhos amigos então?

— Não, de maneira nenhuma. E o motivo para ele pensar que Elizabeth o aceitaria está além do que consigo imaginar. Ele tem idade para ser pai dela.

— Você quer dizer Lady Newland.

Henry amaldiçoou, tomando outro gole de conhaque.

— Sim, é claro. Lady Newland.

— É triste o que houve com o marido. Morreu bem antes de seu tempo, pobre sujeito.

Bem antes do tempo dele. Como alguém desejaria morrer se a deliciosa Lady Newland fosse sua parceira de cama? Ele sabia que Elizabeth estava no auge da paixão, doação, desejo, absolutamente encantadora em todos os sentidos.

Henry mexeu na gravata, a maldita coisa pareceu muito apertada de repente. Por que ele estava se atormentando dessa maneira? Ela não era nada para ele. Nada além de uma garota imatura que o usara, mentiu para ele, e ainda assim... ele não conseguia afastar a sensação daquelas pernas sobre seus quadris, seus seios livres do vestido, a umidade de seu beijo em seus mamilos brilhando sob o sol da tarde.

Henry pigarreou, precisando afastar o pensamento das lembranças que só o faziam querer o que não podia, e não *teria* outra vez.

— Sim, tragédia terrível, tenho certeza. Embora eu não saiba os detalhes de sua morte. Na verdade, eu não fazia ideia de ele havia morrido.

— Por que a família não escreveu para você? Você era protegido deles.

Isto, Henry não pôde responder. De fato, depois da carta sobre o casamento iminente de Elizabeth, ele não voltou a

ter notícias da família. Eles o cortaram sem dizer por que, mesmo depois de ele escrever várias vezes para ver se tudo estava bem. A comunicação cessou e isso o intrigou muito.

Ele tomou outro gole de conhaque e percebeu, embaraçado, que o copo estava vazio.

— Quem sabe como funcionam essas grandes famílias aristocráticas? Seu palpite acerca da falta de cartas não passa de uma sugestão, como o meu.

Richard concordou com a cabeça.

— Você vai procurá-la e perguntar por que nunca foi informado da morte de Lorde Newland ou por que a família interrompeu toda a comunicação com você?

— Isso, meu primo, você pode ter certeza que eu vou fazer.

E ele teria grande prazer em contar a Elizabeth o que achava de sua traição e mentiras.

Richard deu um tapinha no ombro dele.

— Bom rapaz. Agora, nossa querida Amelia está entediada, prefiro salvar os pobres londrinos das capacidades vocais de uma americana quando está nesse estado.

Richard fez menção de sair, mas parou, virando-se para encará-lo.

— Boa sorte com tudo isso, meu amigo. Se houver algo em que eu possa ajudá-lo, me avise.

— Obrigado, avisarei.

Henry ficou a vê-lo partir antes de sair em busca da mulher que assombrou todos os seu pensamentos desde o dia em que partiu. Ele olhou de volta para o último local em que a viu apenas para ver o espaço vazio. Pegou um vislumbre de cachos loiros desaparecendo através de uma porta em uma passagem adjacente.

Henry marchou atrás dela, passando pelo mesmo local momentos depois de Elizabeth. Ele examinou o corredor, notando um conservatório em uma extremidade, a porta entreaberta. Ela estaria se encontrando com outro

cavalheiro? A fúria rasgou-o e, sem se importar com o barulho de seus sapatos no piso de ladrilho polido, ele marchou em direção ao quarto perfumado.

Ela estava diante de uma fonte, seu perfil bem visível ao luar que adentrava pelo telhado de vidro. Ele fechou a porta e ela se virou ao som do clique.

— O que você quer, Henry?

Seu tom entediado doeu mais do que ele gostaria de admitir.

— Quero conversar. Agora.

...

Elizabeth lutou para controlar a voz, para não dar lugar a emoções que já não lhe serviam de nada. Não havia futuro com Henry, não após o abandono. Ela havia escapado para o conservatório por algum tempo para se recompor, para impedir que seus olhos procurassem de forma tão constante o homem que agora estava diante dela. Aqui estava ele, parecendo mais bonito do que ela jamais lembrava ter sido.

— O quê? Nenhuma saudação gentil ao me ver de novo? A saudação que recebi antes, no baile, foi imperdoável para a filha de um duque.

— Ou para a esposa de um visconde.

Dor cintilou nos olhos dele antes que os olhos se estreitassem com outra emoção que ela mesma estava sentindo naquele momento. Raiva.

— Nós não somos amigos, Lorde Muir. Eu não tenho que ser *agradável* com você.

— E por que isso, madame? Por favor, diga-me, o que eu fiz para você jogar nossa amizade pela janela?

Ela riu.

O que ele estava pensando? Janela?

— Tenho minhas razões, sabe que tenho.

— Gostaria de sabê-las.

Elizabeth se afastou em direção ao banco de pedra, não gostando de como, quanto mais ele se aproximava, mais desejava se atirar nele como a tola apaixonada que havia sido anos antes.

— Por que você não me diz por que não somos mais amigos, Henry? Estou certa de que você tem alguma suspeita.

Seu lábio fez uma curva ríspida.

— Você se casou com Lorde Newland sem se importar com as promessas que fizemos um ao outro. Como pôde, moça? Perdeu seu coração em algum momento, para me tratar com tão pouco respeito assim?

— Como eu poderia? Como não poderia? Você não voltou para se casar comigo.

Henry recuou, passando a mão pelo cabelo, bagunçando-o.

Elizabeth lutou contra a vontade de ajeitá-lo, de passar as mãos por ele, tocá-lo mais uma vez. Mas ela não faria. Nunca mais ela o tocaria.

— Você sabia que eu não me casaria enquanto fosse pobre como era. Recusei-me a deixar a sociedade me classificar como um caçador de fortunas escocês atrás de uma rica moça inglesa. Eu queria me casar com você, dar-lhe a vida a que você estava acostumada, mas sem a ajuda de seu dote. O que há de errado com isso? Por que não esperou por mim?

— Escrevemos para você, Henry. Pedimos seu retorno. Você se recusou.

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa.

— Nunca recebi tal carta.

Elizabeth levantou a mão, precisando de um momento para pensar. Nada disso fazia sentido. Henry estava mentindo ou contando a verdade? E se ele era de fato honesto, significava que ele não sabia do filho.

Oh meu Deus.

— Mas você respondeu dizendo que não voltaria para a Inglaterra tão cedo.

— Nunca escrevi uma coisa dessas. — ele balançou a cabeça, confusão substituindo a raiva em seu tom — Eu não entendo o que você está falando.

Ela mordeu o lábio, sua mente girando com as ideias.

Ele não saber de Samuel, o filho deles, era tão ruim assim? Seu filho herdaria as propriedades Newland e a riqueza abundante que vinha com o viscondado. Se Henry soubesse que Samuel nascera sob o nome de outro homem, ele a mataria.

— Eu... — ela fez uma pausa, pensando pela primeira vez que talvez Henry nunca a tivesse abandonado.

Nunca, de fato, a tratara com o total desrespeito que ela nunca perdoaria. Que o homem diante dela nunca havia partido o coração dela de maneira voluntária...

— Eu não sei o que dizer, mas, de qualquer forma, agora já está feito. Eu me apaixonei por outro homem e me casei com ele. Você partiu para a América para ganhar fortuna, e conseguiu se o seu traje de alta qualidade é indício de alguma coisa. Não há mais nada a dizer que possa mudar o nosso passado.

— Alguém se intrometeu e quero saber por quê. Nunca escrevi tal carta e decerto nunca recebi uma da sua família pedindo que eu voltasse.

Ela mordeu o lábio, confusão em conflito com a raiva que mantinha dentro de si. A vontade de fugir de Henry a deixou inquieta.

— Eu não sei, e não estou interessada em remoer o passado — ela ia dizer feridas, mas nunca permitiria que ele soubesse o quanto doía ele não ter voltado para ela —, remexer no que não importa mais. Está feito agora, assim como nós estamos terminados.

Ele veio até ela, inclinando-se, cobrindo-a. Elizabeth levantou o queixo, recusando-se a recuar.

— Estamos terminados? — ele zombou, seu olhar passando para os lábios dela.

A mente de Elizabeth lutou com seu coração para ceder, para fechar o espaço que ainda havia entre eles e ver se o que acabara de dizer era verdade.

— Sim. — ela limpou a garganta, odiando que sua voz a traísse em tal momento e soasse sem fôlego. Desejosa até. Maldito fosse.

Permaneceram dentro do conservatório, o ar crepitando com o desejo negado e o perfume das plantas da estufa.

Uma pequena decepção a feriu quando ele recuou, seus olhos escurecendo, ficando da cor de carvão. Você está absolutamente certa. Boa noite, Lady Newland. Espero que o restante do baile seja de seu agrado.

A boca de Elizabeth se abriu em choque enquanto observava Henry se curvar e partir. Uma dor severa, semelhante à que ela sentiu no dia em que seu pai leu sua missiva, rasgou-a. Como se atreve novamente a ser aquele que parte? Mas com o pensamento veio a culpa. Teria ele escrito a carta ou era a maneira de Henry sair de uma situação ruim para negar tudo o que fez?

Nenhum dos dois parecia aceitar a situação, ainda mais porque, até a partida de Henry, ele fora de caráter e mente sensatos, não era instável nem mentia para aqueles que o apoiavam.

Então, se ela desse a Henry o benefício de tal dúvida, quem escrevera a carta e por quê?

Elizabeth voltou para o baile, queria voltar para casa logo, ficar longe de toda a intriga e escândalo que a sociedade prosperava. De modo algum ela desejava que seu passado escandaloso fosse conhecido ou virasse fofoca. E de maneira nenhuma ela queria que Henry descobrisse que o filho dele tinha outro título e um nome que não era dele.

CAPÍTULO TRÊS

Henry bateu a porta da frente de sua casa, assustando o lacaio que dormia no hall de entrada, o jovem caiu da cadeira e aterrissou com um baque no chão de ladrilhos.

Ele entrou na biblioteca pouco mobiliada e se jogou em uma cadeira de couro, batendo os pés em cima da pequena mesa a sua frente.

Richard, que dormia no sofá, um braço preguiçosamente jogado sobre os olhos, acordou e olhou para ele.

— Falou com ela, eu presumo?

Henry rangeu os dentes.

— Sim, falei com ela sim, e tudo está menos claro do que quando cheguei à Inglaterra.

Seu primo riu e se sentou.

— O que ela disse? Não se esqueça que você saiu daqui há dois anos ou mais. As coisas mudam. As mulheres mudam.

Henry olhou para a lareira e observou a madeira se transformar em carvão negro.

— Sim, eu sei, mas achei que ela pelo menos me diria por que escolheu esquecer nosso acordo e se casar com Newland. Ela se entregou a ele, honrou-o com seu corpo, mas não confiava nele, nem gostava muito dele, se é que era alvo de alguma de suas afeições.

— Procure em outro lugar antes que enlouqueça, meu amigo. Você mesmo disse antes de sair de Nova York que não tinha mais sentimentos pela garota, então por que ficar todo nervoso com as coisas agora?

Porque ela mentiu, é por isso.

— Hmmm. — ele respondeu, sem compromisso.

Retornar para a Inglaterra e estar no mesmo cômodo que Elizabeth provara que ele era um completo idiota. Esta noite, no baile, ele quis dar um puxão naquela senhorita desafiadora, trazê-la para junto dele e beijar aquela boca insensata. Provar que eles estavam longe de terminar ou “acabar”, como ela afirmou.

— Eu sei que você não vai gostar do que vou dizer, mas como seu amigo temo ser necessário. Papai iria gostar que propusesse à Amelia. Mas eu sei — disse Richard silenciando-o com a mão —, você não a vê de maneira romântica, mas talvez depois de terminar as coisas com Lady Newland você possa procurar em outro lugar, recomeçar e seguir em frente, por assim dizer. Com outra pessoa.

Era o que Henry deveria fazer, mas a fúria inquieta e implacável não diminuía. Algo lhe dizia que alguém os separara, escrevera para os dois para garantir que tal separação ocorresse.

— Você sabe se alguma carta do duque de Penworth chegou na América para mim e que eu não recebi? Lady Newland falou de uma missiva a qual eu não tinha conhecimento.

Richard olhou admirado, franzindo a testa.

— Creio que não, me desculpe. Todo a correspondência que chegava à residência era dada ao pai para que ele analisasse antes de entregar ao destinatário em si. Tenho certeza de que se algo tivesse chegado, ele não teria escondido de você.

Henry trancou o queixo, não estava tão certo de que seria verdade, mas disposto a deixar passar. Por ora.

— Uma bebida?

Ele levantou a garrafa de conhaque.

— Se está servindo. — Richard sentou-se — Mas como seu amigo e parente mais próximo, por favor, dedique algum tempo e pense no que acabei de dizer. O amor que

sentia por Lady Newland, se é que era amor, não poderia ser nada além de loucura juvenil.

Henry rangeu os dentes.

O que ele sentia por Elizabeth era tudo menos uma loucura juvenil. Se ele tivesse sido como muitos de seus amigos, cego por um olhar, e não se importasse nem um pouco com as finanças, ele teria se casado com ela sem pestanejar à época.

— Amelia não gosta de mim desse jeito, Richard. Não importa o quanto você possa desejar. Ele sentou-se à frente de Richard, depois de entregar a bebida, e olhou para a lareira escura.

— Você está errado. Amelia gosta muito de você. Bem, todos nós. Mas não acha que é hora de esquecer o que aconteceu entre você e Lady Newland? Um começo limpo e tal. E com que frequência recebe sua família de Nova York aqui? Eu não fui ao *White* ainda. No entanto, como vou enfrentar a sociedade americana se eu não puder olhar por aquela famosa janela arqueada?

Henry riu, seu primo sempre conseguia afastá-lo de um humor sombrio.

— Vou levá-lo ao *Gentleman Jackson* também. Um pouco de luta é o que precisamos.

— Decerto, mas certifique-se de deixar o rosto ileso, se não se importar, bom amigo. Tenho senhoritas a cortejar.

— Está mais para seduzir.

Henry tomou um gole de conhaque e o líquido dourado o relaxou enfim.

— Uma noite no *Covent Garden* pode fazer bem. O que você diz?

— Ah, jardim e noite soam mais intrigantes. Quando vamos?

Henry fechou os olhos, gemendo quando o brilho ardente de Elizabeth faiscou diante de seus olhos.

— Não breve o suficiente.

...

Elizabeth sentou-se à beira da serpentina em *Hyde Park* e esboçou as últimas penas do pato que estava desenhando. Ela borrou as bordas para dar um pouco de profundidade à imagem, então sentou-se e examinou sua obra. Ela nunca seria tão boa quanto sua irmã mais nova, Victoria, em desenho, mas o esforço não era tão terrível, supôs.

— O que você acha? Meu esboço poderia ganhar um prêmio de arte?

Tony, seu criado, se aproximou da árvore em que estava encostada e olhou para o desenho dela.

— Muito bem, minha senhora, se é que posso dizer.

Elizabeth riu.

— Acho que está sendo muito gentil, mas vou aceitar seu elogio. Samuel ama patos.

O cavalariço pigarreou e ela olhou para cima, para ver Lorde Riddledale avançando decididamente em sua direção. Ela gemeu por dentro, o desejo de revirar os olhos só não se realizou pelos anos de educação e boas maneiras que recebera. Não queria ter que lidar com o lorde. Olhou para o esboço, na expectativa de que ele não a visse. A sombra de sua cartola recaiu em seu papel e ela soube que sua torcida fora em vão.

— Lorde Riddledale, que bom vê-lo de novo. Espero que esteja aproveitando seu passeio.

Ela não olhou para ele, apenas continuou a estudar os pássaros que voavam pela grama. Ele balançou a cabeça, ou a sombra dele acenou, pode-se dizer.

— Não exatamente, Lady Newland. O ar está preocupante esta manhã, cheio de carvão, se entendo algo do assunto.

Sempre o especialista em tudo.

Ela lutou contra uma risada.

— Oh querido, que moléstia a sua, pelo que se pode fazer sem ar. Espero que não o tenha incomodado a ponto de forçá-lo a parar de respirar.

Ela só podia esperar.

— É sério, minha senhora. Claro que é preciso respirar.

Ela fez um som evasivo.

— Como você pode ver, estou desenhando e aproveitando o clima agradável.

— Foi oportuno encontrá-la aqui, pois há algo em particular que desejo continuar a discutir.

Ela lançou um olhar inquiridor, esperando que ele não fosse falar de sua proposta de casamento mais uma vez.

— Que seria o quê, meu senhor?

— Gostaria de saber se chegou a pensar em minha proposta de casamento.

Que sujeito indomável. Elizabeth amaldiçoou sua incapacidade de dispensá-lo com educação. Alguém poderia pensar depois de um ano de casamento, ela teria aprendido a arte de dizer às pessoas o que ela pensava e queria.

— Deseja uma resposta agora? Aqui no parque?

— Sim. E então saberei como proceder.

Ela franziu a testa para a sua voz endurecida. Não havia nada que ele pudesse fazer se ela dissesse não. Riddledale estava diante dela, com os braços cerrados atrás das costas e os lábios franzidos como se tivesse comido algo desagradável.

— Sinto muito, Lorde Riddledale, mas não posso me casar com você. Amizade é tudo que posso oferecer, e espero que seja suficiente.

Os lábios do lorde se torceram em um grunhido sádico, e ele se sentou ao lado dela, cruzando uma perna sobre a outra. Parecia menos que confortável.

— Imaginei que iria dizer isso, e não quero machucá-la, então, por favor, lembre-se disso com o que ainda tenho a dizer.

Elizabeth engoliu em seco, não gostando da virada da conversa.

— Você não pode amar alguém que não lhe deu razão para buscar seu afeto. Somos vizinhos em Dunsleigh há muitos anos, sim, mas nunca, em todo esse tempo, busquei seu amor.

— Seja como for, a considero como candidata perfeita para minha esposa há algum tempo. Você é jovem o bastante para me dar filhos, de fato já teve uma criança, então é sabido que não há problemas nesse quesito. Sua família é intitulada e bem-vista dentro da sociedade, e é gentil por natureza. E creio que um garoto jovem como o seu irá precisar de uma mão orientadora quando se tratar de gestão de bens. Vou administrar a propriedade Newland até que Lorde Samuel chegue à maioridade.

Calafrios percorreram a espinha de Elizabeth à menção de Riddledale tendo qualquer coisa a ver com seu querido menino.

— Sua decisão de me tomar como sua esposa tem algo a ver com sentimentos reais, meu senhor? Ou é apenas o meu valor monetário que prevalece?

Um rubor leve invadiu as feições dele, deixando sua pele manchada e vermelha.

— Claro que não. — bufou, seu queixo estava um pouco longe demais em seu rosto, projetando-se com aborrecimento — Não posso acreditar que sugeriria tal coisa.

— Sinto muito se o ofendi, mas sendo a mãe do herdeiro do Viscondado de Newland, e uma mulher de meios independentes, você deve ver que eu nunca concordaria com tal arranjo se não houvesse total comprometimento do coração do cavalheiro. Me desculpe, mas neste caso, não posso.

— Será minha esposa, Elizabeth, ou tudo que ama será arrancado de você.

Ela olhou para ele com rispidez, estreitando os olhos

— Não me ameace, Lorde Riddledale. Contenha-se.

Ela se levantou e ele seguiu.

— Não, Lady Newland. Você contenha-se. Na verdade, parece que não sabe fazer isso.

Ele riu como se ela tivesse dito algo divertido.

— E o que fiz para que você esteja tão determinado a me repreender?

Uma risada soou através dos gramados, e Elizabeth se encolheu com a estranha habilidade de Henry para pegá-la em momentos assim.

Este dia poderia piorar?

— Nos falaremos em outro momento.

Lorde Riddledale fez uma reverência e saiu. Sua retirada na direção oposta de onde Henry vinha era apressada, para dizer o mínimo.

Elizabeth respirou fundo e se virou para os próximos visitantes. Ela notou que a Srta. Andrews estava pendurada no braço de Henry como um galho irritante que não se pode cortar. A visão deles juntos a irritou mais do que deveria. Ela dispensou-os e começou a pegar seus acessórios de desenho amassando os papéis com a pressa.

Por que ela se importava se Henry tivesse voltado suas atenções para outra pessoa? Ele não era nada para ela. Nada além de um erro de tamanho colossal que a jogou em um futuro que ela nunca pensara em viver.

— Bom dia, Lady Newland.

Henry sorriu, mas o gesto não alcançou seus olhos. Para falar a verdade, ele parecia tão irritado quanto ela estava por esse encontro. De novo.

— Espero que não tenhamos interrompido seu tête-à-tête com Lorde Riddledale.

Elizabeth vestiu as luvas, lançando a eles um olhar furtivo.

— Bom dia. — entregou seus pertences ao cavalariço que os levou para a carruagem — E não, não interromperam nada de importância com a sua senhoria.

Elizabeth olhou para onde o cavalheiro em questão continuava a passear ao longo dos bancos serpenteantes, imaginando o que ele estivera prestes a dizer. Ela franziu a testa, não gostando da sensação das palavras de Riddledale.

— Devo dizer que você que me encontraram arrumando as coisas para voltar para casa.

Henry ergueu a sobrancelha, um olhar zombeteiro. Se ao menos ela soubesse o que estava acontecendo naquela cabeça naquele exato momento. Se era algo parecido com o que se passava na dela, era um caleidoscópio de pensamentos, e nenhum deles era bom ou útil. Ela era uma confusão ambulante hoje em dia.

— Gostaria de se juntar a nós? Estamos indo em direção a *Rotten Row*. A Srta. Andrews gostaria de ver a corrida de cavalos.

— Não, obrigada. De fato, me demorei mais do que deveria.

Elizabeth dirigiu-se ao cavalariço, aliviada quando ele abriu a porta da carruagem, preparando-se para a partida.

O toque da mão de Henry em seu braço a fez parar. Ela o encarou, a pele queimando onde ele tocou. Como ele poderia, depois de todo o tempo longe, do que fez com ela, do que ela fez a ele, causar tal reação dentro dela?

Ela lançou um olhar por cima do ombro e notou que seus primos tinham caminhado mais um pouco para lhes dar privacidade.

— Por que você está sendo assim? É você quem se casou com outra pessoa, moça.

Suas palavras sussurradas eram apenas para ela ouvir, e ela puxou o braço para fora de seu aperto. Henry recuou, a mandíbula endurecendo de raiva.

— Eu não entendo, Elizabeth.

— Não estou fazendo nada para você.

— Está me evitando, me exclui em todas as oportunidades que tem.

Ela continuou em direção à carruagem, ignorando sua pergunta.

— Não tenho nada a dizer para você, Henry.

Elizabeth segurou na mão do cavalariço e entrou no veículo.

Henry entrou e fechou a porta, mas não disse outra palavra, apenas a observou. Elizabeth desviou o olhar da confusão e viu mágoa nos olhos dele. Então ajeitou as saias sobre as pernas.

— De quem foi a carta que você supostamente recebeu de mim?

— Contei ontem à noite.

Ele balançou a cabeça, um cacho escuro caiu em seu olho, fazendo-o parecer mais perigoso do que nunca. Nem por sua vida ela conseguiu desviar o olhar. Quantas vezes ela afastou aquele cacho do rosto dele, cravou os dedos em seus cabelos e o puxou para um beijo roubado?

— Não, não contou.

Sua resposta a afastou de suas reflexões, e ela esperava que o calor que sentia em suas bochechas fosse apenas sua imaginação.

— Foi assinado por você e seu tio.

— Vou descobrir quem escreveu essa carta, mas também há outra coisa que eu gostaria de saber. Você nunca me disse por que você precisava que eu voltasse. Qual era o motivo?

Ela mordeu o lábio tentando freneticamente inventar uma desculpa.

— Eu... ah... eu confessei aos meus pais que meus sentimentos em relação a você tinham crescido além da amizade depois que você partiu, e papai, gostando de você tanto quanto gostava, pediu seu retorno.

— Ainda assim, você fala como se sua família não desejasse mais minha associação. Caso eu tivesse enviado

uma resposta negando o casamento, eu entenderia ser tratado como um leproso. Mas eu não fiz isso.

Ele fez uma pausa

— Eu mereço uma explicação, Elizabeth.

Ela não podia olhar para ele, pois certamente ele veria a mentira nublando seu olhar pelo segredo escuso que era. Todo o futuro de Samuel estava em xeque, sua herança, sua segurança. A maneira como ela conduzisse as próximas palavras entre Henry e ela era de grande importância.

A última coisa que queria era mentir para ele, mas não importava quem mandou as cartas, quem as recebeu e quem não recebeu, foram trocadas e o estrago estava feito.

— Sua negação me machucou e, portanto, minha família me amparou, me apoiou. Mamãe e papai sabiam que nos deitamos juntos no lago naquele dia. Tenho certeza de que, dadas as circunstâncias, tais reações deles são justificadas.

— Espero que conte que não escrevi a carta, e descobrirei quem o fez, pode ter certeza disso, mas não vou me desculpar por ter me deitado com você, Elizabeth. Nunca.

Calor tomou o rosto dela, e a reverência por trás das palavras dele denotavam a verdade do que ele falou.

Ela limpou a garganta.

— É tudo passado, Lorde Muir. Meus sentimentos em relação a você eram jovens e volúveis. Apaixonei-me por Newland e casei-me com ele. Nenhum dano feito e nenhuma necessidade de procurar a carta desaparecida.

— Discordo. Suas palavras eram implacáveis e primitivas.

Se ele encontrasse a carta, descobriria a razão real por trás de seu envio. Ela estaria arruinada. Samuel seria execrado como bastardo. A cabeça dela rodou e ela precisou segurar o assento da carruagem para se firmar.

— Você está bem, Elizabeth? Ficou muito pálida.

Henry apertou o braço dela, apoiando-a e ela desejou que ele não o tivesse feito. Sua proximidade sempre a afetou, fez com que ela desejasse coisas que nenhuma dama bem-educada deveria pensar.

Ela sorriu, assentindo.

— Estou muito bem. Talvez eu tenha me sentado no sol por tempo demais hoje. Eu realmente preciso voltar para casa. Alice vai se perguntar onde estou.

— A manterei informada sobre meu progresso. Dê a suas irmãs meus cumprimentos.

Ela assentiu.

— Darei. Até logo.

Elizabeth suspirou de alívio quando ele saiu e a carruagem balançou para frente e ela finalmente saiu do escrutínio de Henry. Seu estômago rodava como uma tempestade, e uma sensação de desastre se instalou em seus ombros. Era terrível, pior do que ela imaginava que a situação se tornaria.

Era só uma questão de tempo até Henry descobrir que o filho era dele. Se a carta permanecesse esquecida, ou melhor ainda, destruída por quem quer tenha decidido se intrometer, a paternidade de Samuel nunca poderia ser posta à prova. Só de pensar em alguém na sociedade descobrindo a verdade era pouco confortável e mais perturbador do que todo o resto.

...

Mais tarde naquela noite, Elizabeth ficou rodeada pelos muitos cavalheiros admiradores que pensavam que poderiam triunfar sobre sua atitude indomável em relação ao casamento.

Não podiam.

Mas por algumas horas foi divertido esquecer das preocupações e curtir o flerte e a brincadeira bem-humorada do mesmo jeito. Sua irmã Alice deslizou através

da multidão, parecendo divertida e confiante, dois traços que ela sempre desejou ter dentro de si mesma. Alice sempre viu o lado mais engraçado da vida e que pessoas teriam a mesma visão dela. Ela estava feliz por sua irmã ter chegado do interior para ir a alguns bailes e festas.

Quando permanecia em Newland, sentia falta dela mais do que qualquer outro de seus quatro irmãos.

Alice apertou seu braço, envolvendo-o com o dela.

— Venha andar comigo. Quero conversar um pouco.

Elizabeth deu boa noite aos cavalheiros.

— Sobre o que precisa falar? Você parece bastante determinada.

— Soube que Lorde Muir está de volta à cidade. É verdade? Retornou da América como um homem rico e em busca de uma esposa?

Elizabeth suspirou, imaginando quando sua irmã tomaria fôlego.

— Sim. É verdade. Bem...

Ela fez uma pausa para pegar duas taças de champanhe de um lacaio que passava e entregou uma para Alice, que certamente precisava de uma bebida.

— O primeiro é de fato correto. Ele está de volta e rico, mas quanto a procura por uma noiva, não sei dizer.

— Você o confrontou por sua negativa anos atrás? O que ele disse?

Ela empurrou a taça até os lábios de Alice.

— Beba e respire.

Alice sorriu, mas fez o que lhe foi dito.

— Falei, e ele nega saber da carta que enviamos. Além disso, diz não ter conhecimento da resposta que recebemos.

Elizabeth conduziu a irmã até um sofá vago que estava um pouco escondido atrás de um vaso de samambaia.

— Isto é absurdo. Alguém deve ter lido e respondido as cartas.

Alice fez uma pausa, sentou-se e olhou para a multidão de convidados.

— O tio? Mas então ficamos imaginando o porquê.

— Sim, essa é a questão. Se foi o tio quem escreveu a carta, e, portanto, assinada por aquele homem, por que ele faria tal coisa? Tem a rivalidade que ele teve com papai há tantos anos, mas certamente ele não agiria de maneira tão dissimulada.

— Que rivalidade?

Alice se virou para olhá-la, e Elizabeth contou a história de como o tio de Henry queria se casar com sua mãe antes de ela se casar com o pai.

— Então ele vê o casamento de mamãe com um duque como uma afronta ao segundo filho de um conde.

Alice recostou-se na cadeira e Elizabeth fez o mesmo.

— Entendo por que ele odiaria nossa família, se esse é o caso, ainda mais se ele amava mamãe e ficou de coração partido por ter casado com outra pessoa.

Elizabeth terminou sua bebida, assentindo.

— Se ele não tivesse arruinado meu futuro, eu quase poderia sentir pena do homem.

Ser negado a se casar com quem se ama era algo que Elizabeth tinha em comum com o tio de Henry.

Enfurecedor até.

— E se Henry é inocente do crime que atribuímos a ele, quais são seus sentimentos sobre o assunto? Vocês costumavam ser bem próximos.

Eles eram melhores amigos, muito antes de qualquer coisa romântica ter ocorrido entre eles.

— Nada mudou, Alice. Você não vê? Se qualquer coisa, a situação em que estou agora é pior.

— Por quê?

Alice pegou a mão dela e Elizabeth notou que estava tremendo.

— Ele não sabe de Samuel, Alice. Henry não faz ideia nem de que ele existe. — lágrimas ardiam por trás de suas pálpebras e ela piscou — Se ele descobrir quem escreveu a

resposta, descobrirá o motivo para escrevermos. Pode arruinar meu filho.

— Não acha que ele merece saber?

Elizabeth olhou para a irmã, imaginando se ela conhecia aquela mulher sentada ao seu lado.

— Eu não posso contar a ele. Deve entender e, de qualquer forma, Samuel está em Newland para a temporada. Henry estará de volta à Escócia em breve e nunca precisará saber do nosso filho.

— Mas se ele, de alguma forma, ler ou souber da carta e seu conteúdo, não seria melhor que viesse de você a informação? Se você falasse com ele, certamente ele veria o dilema e não criaria nenhum problema para você ou Samuel.

Se fosse verdade...

Mas algo dizia a Elizabeth que se Henry descobrisse sobre o filho, iria reivindicá-lo. Henry nunca se importou com o que a sociedade poderia dizer, ou com suas regras e normas no tocante ao que era a “forma correta” ou “comportamento aceitável.”

— Ele ficará com raiva, e com razão. Mas Samuel é herdeiro de Newland. Marcus amava o garoto e não queria nada além do melhor para ele. Parece errado de alguma forma dizer a Henry algo que não pode ser desfeito.

Alice suspirou.

— Muito bem. Não diremos uma palavra sobre o menino, mas você sabe que basta uma única pessoa mencionar seu filho, e ele saberá.

— Mas ele só saberá que eu tive uma criança, não que seja dele. Certamente ele não suspeitaria de nada com tal informação. E sem a carta, nada pode ser provado quanto a paternidade de Samuel.

Elizabeth respirou devagar.

— Tudo o que posso esperar é que quem orquestrou essa separação não seja o tio de Henry e não que esteja mais interessado em nossas vidas.

— Elizabeth, leve isso a sério. Claro que é o tio, e Henry só terá que escrever para ele e descobrir a verdade. Você deve se preparar para o que temo ser uma culminação inevitável de eventos terríveis.

Pavor tomou conta de suas entranhas só de pensar nas possibilidades e ela se levantou, querendo nada mais do que sair, se esconder, fugir.

Sua irmã parou ao lado dela e Elizabeth olhou para ver o que chamou sua atenção.

— Oh querida, vejo que Moore e a Srta. Hart chegaram.

Elizabeth assentiu, notando que a atenção de Moore não estava concentrada na esposa, mas na irmã dela Isolde, do outro lado do salão de baile.

— Ela não é mais a Senhorita Hart, Alice. Não deveria chamá-la de Sua graça?

— Ela sempre será a Srta. Hart para mim, o que admito, é o nome mais respeitoso que me vem à mente para chamá-la. Há muitos outros que eu gostaria de usar.

Elizabeth não poderia concordar mais.

— Ele não consegue tirar os olhos de Isolde. Acredito que ele ainda a ama, você sabe.

Alice assentiu, olhando para Isolde com pena.

— Eu sei, e a Srta. Hart não ama nada além de exibir seu status de casada diante do rosto de Isolde em qualquer oportunidade que surja. Aquela mulher não se parece em nada com a garota com quem crescemos e amamos.

Elizabeth ficou feliz por sua irmã ter usado o tempo passado ao descrever seus sentimentos em relação à duquesa. Certamente não amavam mais a mulher.

— Não vamos mais falar de nada desconfortável. Vai arruinar o baile se continuarmos tão deprimentes.

Outro lacaio passou por elas e Alice devolveu as taças vazias antes de pegar duas cheias.

— Vou deixar você, minha querida. Acabo de ver que Lorde Arndel chegou.

Elizabeth tomou um gole.

— E o que você tem a dizer para nosso "visconde indescritível"?

Um sorriso travesso se formou nos lábios da irmã.

— Muitas coisas que contarei na hora certa, mas esta noite eu quero que ele saiba que estou aqui, caso ele decida me conhecer melhor.

— Vocês se conhecem. Ele é o nosso segundo vizinho mais próximo em Dunsleigh, sua garota boba. E não seja muito atrevida ou você fará nossa mãe, que, a propósito, está olhando do outro lado da sala, vir aqui nos forçar a dançar com Lordes como Riddledale.

Alice riu.

— Somos conhecidos sim. Mas quero mais. Vejo você mais tarde.

Elizabeth sorriu para sua irmã enquanto ela flutuava pela sala em direção ao cavalheiro. Lorde Arndel, de alguma forma sentindo a aproximação de sua irmã, endureceu fisicamente quando Alice parou ao lado dele.

Elizabeth se perguntou o que Alice estava fazendo. Pois parecia que sua senhoria não era nada favorável a um casamento com Lady Alice Worthingham.

— Posso ter a próxima dança, Lady Newland?

Elizabeth esforçou-se para dominar seu coração acelerado ao som barítono profundo atrás dela. Ela respirou fundo e virou-se para encarar seu inimigo, sua ruína, seu passado. Olhou para cima e encontrou os olhos de Henry, e por um momento, se perdeu naquele azul profundo. Perdeu-se no passado que não tinha o direito de se intrometer em seu futuro.

— Elizabeth, você dançaria comigo?

A nota de necessidade que ela ouviu em sua voz a fez assentir e segurar a mão dele. Droga, ela deveria aprender de verdade a recusar.

Ela desconsiderou o calor que fluía por seus braços enquanto sua mão forte, enluvada envolvia a dela. Ignorou os músculos definidos por baixo de seu casaco superfino

que deixaram um profundo esvoaçar se infiltrar em seu ventre. Ela lutou muito para esquecer tais sentimentos. Não permitiria que ele os despertasse agora. Não quando já era tarde demais.

No momento em que a dança começou, seus nervos estavam além do possível de serem recompostos. Sua determinação de nunca permitir que ele a afetasse foi mais uma vez um fiasco. Ela lembrou a si mesma que o odiava. Odiava-o com todas as forças.

Ah sim, ela realmente o odiava. No entanto, era difícil odiar alguém quando ele poderia ser inocente do crime que estava sendo acusado.

— Você mudou, não é a garota que eu conheci. — ele declarou com naturalidade.

Elizabeth manteve os olhos fixos no ombro de Henry e lutou para não encontrar o olhar dele. Ela queria olhar para ele, queria ver todos os contornos de seu rosto tão próximos dos dela, nem que fosse para se lembrar do que sonhara uma vez.

— Eu mudei. E para melhor, eu acredito.

— Em alguns aspectos sim, concordo com você.

Ela estreitou os olhos.

— De todas as formas. E de qualquer maneira — ela continuou —, quem é você para me julgar? Um pobre conde da Escócia? Ou seria um conde empobrecido? Ou agora é um conde rico tentando ganhar uma esposa?

Henry endureceu em seus braços, e ele a puxou com força contra ele, deixando-a sem fôlego.

— Olhe para mim, Elizabeth.

Um momento se passou e então, furiosa com a falta de autocontrole, ela se virou e olhou para ele.

Elizabeth leu uma infinidade de perguntas em seus olhos, junto com a dor que ela havia infligido de forma proposital.

Ela levantou a sobrancelha, ainda mais irritada consigo mesma por ter mencionado que Henry estava à procura de

uma esposa. Claro que estava procurando por uma esposa, e daí, e se estivesse? Ele podia fazer o que quisesse.

— Não tenho certeza de como é feito na Escócia, mas na Inglaterra, meu senhor, a menos que eu tenha lhe dado permissão, você deve se dirigir a mim como Lady Newland.

Um músculo travou no queixo de Henry. Ele rodopiou com ela pelo salão, os passos firmes e suaves, o oposto de como a conversa estava progredindo.

— Você não vai me dar permissão para me dirigir a você como antes, mesmo em uma dança tão íntima como essa? Você é a toda poderosa agora.

Elizabeth encolheu os ombros pelo desdém em sua voz.

— Você vai se dirigir a mim como Lady Newland ou eu não vou falar com você.

Mais uma vez um músculo em seu queixo mostrou seu descontentamento antes que ele desviasse a atenção por cima do ombro dela.

— Eu não sou mais seu amigo? É isso que você está dizendo?

Eles giraram até parar. Elizabeth recuou assim que pôde e fez uma reverência. Odiando o fato de que as palavras dele cortaram sua alma ao meio.

— Lorde Muir, apenas sofrimento pode vir de uma reaproximação nossa. Acho que é melhor deixarmos o passado onde ele pertence: no passado. E começar nosso futuro como estamos agora. Separados.

...

Henry puxou Elizabeth para o lado da sala, longe dos dançarinos se preparando para uma quadrilha.

— Eu não estou de acordo. Eu escrevi para meu tio e vou saber a verdade das cartas em breve, mas não vejo por que devemos ser estranhos. Muito menos inimigos.

— Ele pode negar. Ele pode nunca as ter recebido e não saber nada sabe sobre as cartas.

— Você fala como se preferisse que eu não soubesse por que você me escreveu. Está me escondendo alguma coisa? Um leve rubor se espalhou pelas bochechas de Elizabeth, como sempre acontecia quando mentia.

— Eu não escondo nada. já falei. — ela sussurrou — Pensei que estava apaixonada por você e pedi seu retorno. Nada mais, garanto.

Henry respirou fundo, querendo puxar aquela pequena megera determinada e nervosa para seus braços e beijá-la sem pensar em mais nada. Lembrá-la de como eram bons juntos.

Os dois anos em que trabalhou na América, com foco exclusivo em salvar e investir até que sua propriedade estivesse segura e ele tivesse fundos suficientes para se casar com a pequena megera diante dele, fazia essa recusa dela enlouquecedora.

— Você se casou com Newland tão rápido que tenho certeza de que mesmo se eu tivesse recebido a carta, não teria voltado a tempo.

Seus olhos se arregalaram antes de se estreitarem em fendas penetrantes que, se pudessem atirar fogo, Henry estaria em chamas.

— Você é um asno.

A escolha de palavras dela fez com que ele se assustasse antes de rir.

— Um asno? É o melhor que pode fazer?

— Aqui no baile?

— Qual é, moça. Por que não me diz o que realmente pensa?

Ele chegou mais perto, o cheiro de rosas flutuando, uma tentação aos seus sentidos. Ele a observou enquanto ela o observava de volta, e notou o instante em que seus pensamentos foram de platônicos para, bem, não platônicos. Neste exato momento, ele queria beijá-la, puxá-la para perto e sentir as deliciosas curvas que assombravam

seus sonhos. Lembrar a Elizabeth do que ela de fato pensava dele, deles.

Ela olhou para ele, a boca aberta com um suspiro, e ele correu um dedo pelo seu rosto, seguindo a curva do queixo.

— Sabe o que eu acho? — ele sussurrou contra a orelha dela.

— O quê? — ela disse enfim, o arrepio de seu toque passando pelo braço dele.

— Eu apostaria um alto valor para dizer que neste exato momento você quer que eu a arraste para trás dessas plantas às suas costas, que a tome em meus braços e relembre você que não me acha nada parecido com um burro.

Ela sorriu, o coração martelando no peito pelo gesto.

Ele sentiu falta de fazê-la rir, de deixá-la feliz.

— Oh, Henry. — ela riu, passando o dedo por seu braço, o toque queimando-o através de seu casaco — Eu nunca tomei você por um simplório, no entanto. Talvez eu deva chamá-lo de tolo em vez de compará-lo a um burro.

Ele balançou a cabeça enquanto a observava entrar na multidão, seu vestido de seda azul girando em torno de suas longas pernas.

Como que ela conseguia enlouquecê-lo e intoxicá-lo ao mesmo tempo? Sorrindo, ele partiu para mais uma dose do bom conhaque e alguns jogos de azar, tendo tido o suficiente do sexo oposto esta noite. Ou uma mulher em particular, ao menos.

...

Elizabeth entrou na biblioteca na casa londrina de seus pais sentindo-se um turbilhão de controvérsias. A mãe dela, que acompanhara Alice desde o campo, riu com um buquê de jacintos.

— Elizabeth, venha ver. — Alice disse, gesticulando — Você recebeu um presente. Sem remetente.

Ela franziu a testa para o ramo de flores violetas que estavam envoltas em fitas.

— É muito bonito, tenho certeza. Algum cartão, mamãe?

A duquesa puxou o sino e chamou um criado. Momentos depois, Thomas, o mordomo principal, entrou.

— Sua graça?

— Thomas, reconheceu quem deixou o presente para Lady Newland? Não havia cartão anexado.

— Sinto muito, sua graça, mas não. Um garoto qualquer o entregou. Praticamente jogou a caixa no lacaio e saiu correndo. — disse o mordomo, o rosto uma máscara de desagrado.

Elizabeth sorriu agradecendo e se virou para a mãe.

— Bem, então teremos que esperar e ver se alguém assume enviar tal presente. Tenho certeza de que quem quer que seja vai se apresentar. Não é adequado não o fazer. O pobre garoto que o entregou provavelmente perdeu o cartão e ficou com medo de ser repreendido. Nada mais.

— Talvez não. Talvez Elizabeth tenha um admirador secreto. Um que deseje ser sorrateiro com o cortejo. — Alice disse, os olhos brilhando com provocação.

Elizabeth silenciou sua irmã antes de pegar a caixa e examiná-la. Ela supôs que Lorde Riddledale poderia ter enviado em sua pressa para influenciá-la a um sim.

Ou até Lorde Dean poderia enfim se apresentar com respeito, mas era mais provável que fosse de Henry, provocando-a como fez na outra noite. Um burro era um animal muito doce para ser comparado àquele homem. Talvez um porco, como um grande javali, se adequasse melhor.

— Você parece um pouco perturbada, minha querida. Algum problema?

Sua mãe a puxou para a sala de estar. Alice seguiu de perto, e fechou a porta atrás delas.

Elizabeth se sentou no sofá, cruzando as mãos no colo para impedi-las de se agitarem.

— Estou pensando em quem pode ter enviado o buquê, isso é tudo.

E Henry. Sempre em Henry.

— O estimado Lorde Riddledale poderia ser o remetente. Oh, que garota sortuda você é.

Alice riu.

— Alice! Isso é rude e eu não vou aprovar tal comportamento. Sua senhoria é um cavalheiro muito bem-apessoado. Qualquer uma de vocês garotas teriam sorte de se casar com um homem assim.

— Eu sinceramente discordo. — Alice murmurou baixinho.

— Ouvi você. A mãe delas lançou um olhar aguçado para Alice.

— Não entendo vocês. Todas debutaram, mas nenhuma se casou ainda. Estou desesperada para ser avó de mais de uma criança.

— Ah, mamãe, você será avó muitas vezes, prometo. Porque, no outro dia, Victoria e eu estávamos conversando sobre o ato em si, e como nossos casamentos não serão nada além de amor, você terá uma horda de netos em breve.

Alice sorriu, alegria desenfreada em seu olhar.

Sua mãe ficou em silêncio, os olhos arregalados de choque enquanto avaliava o argumento.

— Tomem cuidado, queridas, não vão querer gritar felicidade, pois a inveja tem sono leve.

— Como assim?

Elizabeth franziu a testa, nunca ouvira tal ditado.

— Sugiro que não façam pouco caso de homens que poderiam fazê-las felizes só porque não atendem aos seus ideais. Não passa de vaidade, e podem acabar sem ninguém.

— Não é idealismo mamãe, só que queremos nos casar por amor. Certamente não há nada de errado com isso. — Alice disse, brincando com o cabelo.

Elizabeth olhou para a irmã que não sabia quando ficar quieta.

— Guarde seus ideais para si, Alice, nunca vou me casar de novo. Eu tenho meu filho e uma vida confortável, graças a Newland. Estou bem contente. — a duquesa respondeu.

— Mesmo assim, me agradaria se você usasse uma das flores esta noite, Elizabeth. Temos que descobrir quem é seu admirador.

— Mãe, eu não posso.

Elizabeth se sentou, só de pensar em fazer o que a mãe sugeria a perturbando.

— O cavalheiro pensará que recebi bem sua corte. Eu não farei isso, especialmente sem saber quem foi.

— Sim, fará. O cavalheiro pode pensar o que quiser, mas seu pai é quem vai determinar se ele é adequado como marido, então não precisa se preocupar. Tenho certeza de que, se usar a flor, o cavalheiro se apresentará.

— Tenho certeza de que foi Lorde Riddledale — Alice declarou, assentindo.

— Papai sabe que nunca vou me casar de novo, então usar um *corsage* é um ponto discutível.

— Você vai usar, Elizabeth, apenas para agradar sua querida mamãe. Não se atormente, minha querida. Não é nada escandaloso.

Elizabeth saiu do cômodo, deixando o temível buquê na sala de estar, onde pertencia. Mesmo sendo viúva, parecia que ela não estava no controle de sua vida, que o interesse e desejos dos outros estavam à frente de seus próprios sentimentos sobre o assunto.

Ela subiu as escadas, sem se importar se parecia uma criança pequena que não havia tido o que queria. A ideia de voltar para a propriedade Newland passou na sua mente, então fez uma pausa no meio do caminho. O pequeno Samuel, pelo menos, ficaria feliz em vê-la, e ela amaria vê-lo novamente também.

Mas se Henry descobrisse para onde ela estava indo e por que, ele poderia começar a se perguntar por que ela nunca mencionou uma criança para ele. Talvez ele até quisesse conhecer Samuel.

Elizabeth suspirou, continuando até o quarto dela.

Não.

Ela usaria o maldito *corsage* e terminaria com isso. E se o cavalheiro fosse corajoso a ponto de se revelar, ela o deixaria a par do que ela achava de receber um presente sem cartão. Isso se ela não desse na cara dele com as flores antes.

CAPÍTULO QUATRO

Elizabeth lutou para não revirar os olhos quando Lorde Riddledale se inclinou em direção a sua mão, toda a atenção na flor em seu pulso. E pelo brilho que ela percebeu se acender em seus olhos, o enigma do presente sem remetente se resolvia.

— Que lindo *corsage*, Lady Newland. Diga-me, quem a presenteou?

Elizabeth retirou a mão do aperto daquele homem e sentiu necessidade de ir lavar as mãos para se livrar de seu toque.

— É uma coisa tão estranha, meu lorde, eu não sei. Chegou ontem sem cartão.

Ela desviou o olhar do sorriso lascivo e saiu em direção ao salão. Ela espiou Henry dançando um cotilhão com uma garota que não reconheceu, a altura semelhante deles fazendo a dança parecer sem esforço.

— Que pena. — Lorde Riddledale se aprumou como um pavão, passando as mãos pelos cabelos e dando uma fungada decidida quando terminou — Pois parece que você tem um admirador que deseja permanecer anônimo.

Henry conduziu a debutante para fora da pista de dança e uma dor cresceu em seu peito. Elizabeth olhou para seu *admirador não tão secreto* e lutou para não bater na cabeça dele com o leque. Tolo pomposo. Ele a considerava tão tola assim? Ela se aproximou dele para garantir a privacidade.

— Você não está com ciúmes, meu senhor? Ter outro homem me enviando presentes deve irritá-lo já que me pediu em casamento.

Ele também se inclinou mais perto, sua voz mais parecendo um sussurro.

— Acho que nós dois sabemos quem é seu admirador, minha querida. E como minha proposta pareceu apressada para a senhora, pensei que um pouco de corte não faria mal. Você pode mostrar sua gratidão agora.

Elizabeth respirou fundo, tomou um gole de vinho.

— Mamãe ficou muito zangada por não vir com um cartão.

Ela sufocou uma risadinha por trás de seu leque enquanto sua senhoria empalidecia pelas palavras, um brilho de suor despontou na testa.

— A duquesa vai me perdoar quando nos casarmos.

— Eu não disse sim, meu senhor. Nem me sinto inclinada a dizer.

Elizabeth não conseguia pensar em nada pior do que se casar com esse homem. Sempre houve algo no cavalheiro que a incomodava e agora descobrira o que era. Ele era um egocêntrico sem nenhum cuidado com os outros.

Alice começou a andar em direção a eles e, felizmente, Lorde Riddledale notou que seu pequeno tête-à-tête seria interrompido e parou de falar.

Graças a Deus.

Ele se curvou para a irmã dela antes de voltar a se dirigir a ela.

— O *corsage* combina com você, minha querida, mas agora devo pedir sua licença. Sou aguardado em outro lugar. Como sabe, sou um cavalheiro muito procurado.

Ela lutou para não revirar os olhos.

— Boa noite, meu senhor. Eu não o atrasaria por nada. — disse Elizabeth, seu tom soando sarcástico até mesmo para seus próprios ouvidos.

Ele pegou a mão dela, pousou um pequeno beijo na mão enluvada. Elizabeth o encarou.

— Não force os limites, Lorde Riddledale.

Ele riu, se afastando como o pavão que era.

Ela olhou para ele, odiando-o mais do que achava possível. Afinal, ele só havia proposto casamento, mas havia

algo no homem...

— Eu pensei que ele nunca iria embora.

Alice suspirou, chegando ao lado dela.

Elizabeth voltou sua atenção para os casais dançando.

— Ele está determinado a me ter como esposa. — ela fez uma pausa, olhando para o pulso — Não posso acreditar que mamãe me fez usar esse *corsage*.

Alice abanou o rosto e cumprimentou Lorde Arndel que passava. Elizabeth sorriu para o cavalheiro, incerta sobre o que fazer com as maneiras avançadas de Alice. Lorde Arndel assentiu, mas não falou nem diminuiu o passo o suficiente para conversar.

— Alice, suas maneiras se tornarão motivo de fofoca se continuar com essas palhaçadas.

— Bobagem. Olha, não há ninguém nos observando — Alice fez uma pausa — E eu gosto de irritá-lo. É divertido.

Lorde Arndel olhou para trás para ver se Alice estava olhando ainda e esbarrou em uma jovem. Sua coloração ficou vermelha enquanto ele se desculpava profusamente com a garota e continuava apressado.

— Talvez ele não seja tão desinteressado quanto parece. — disse Elizabeth.

— Eu deveria me casar com ele e chocá-lo ainda mais.

O olhar determinado de Alice estava trancado no cavalheiro, e Elizabeth quase sentiu pena do homem. Sua irmã poderia ser um pouco atrevida quando provocada.

— Você o admira tanto assim?

— Por que não? Ele é intitulado, nem muito jovem ou velho, tem um rosto que me agrada, e eu preciso de um marido. Vai servir como qualquer outro. No entanto, é uma pena que seja tão recluso. Ele pode ser um pouco chato.

Elizabeth observou os traços bonitos de Lorde Arndel, ombros fortes e boa altura. Sempre há pessoas piores que ele para se ter em volta. Ele olhou para as duas e o olhar acalorado e determinado que ele deu a sua irmã fez Elizabeth hesitar.

— Ou ele pode surpreender você, Alice, e ser tudo menos chato. Ele pode até ser estimulante.

Sua irmã riu.

— Oh, só podemos esperar.

...

Uma semana depois, ela viu a chegada de outro presente anônimo mais uma vez entregue pelo garoto de aparência maltrapilha. Elizabeth olhou para o único lírio branco envolto em papel carmesim dentro de uma longa caixa branca.

Ela mordeu o lábio.

Se sua mãe achava que ela usaria *isso* à noite ou que exibiria por aí, ela tinha perdido alguns parafusos da cabeça. O orgulho de Lorde Riddledale foi imensurável quando ela usou o *corsage*, imagina isso.

Elizabeth se encaminhou para o andar de cima, não iria permitir que a mãe visse essa flor se pudesse. A porta da frente se abriu e seu irmão, Josh e o amigo Lorde Dean entraram. Elizabeth fez uma pausa, sabendo que deveria ser cortês e cumprimentá-los. Sua mãe saiu da biblioteca, e ela reprimiu uma maldição, olhando para o lírio.

— Saudações, família. Cheguei.

Elizabeth se virou, revirando os olhos para os modos travessos de seu irmão mais novo. Ela segurou a flor por trás das costas e esperou que ninguém notasse.

— Eu não sei como conseguimos sem você, Josh, querido. — disse ela, sorrindo para seu irmão.

Ele beijou sua bochecha. Não conseguiriam, mas não tema, estou aqui e tudo ficará bem.

Ela riu, sacudindo a cabeça.

— Elizabeth, o que está escondendo atrás de você?

Sua mãe estendeu a mão como se quisesse pegar o conteúdo das mãos dela.

— Uma flor.

Josh espiou por cima do ombro dela e passou o casaco ao lacaio enquanto o fazia.

— Um presente para a nossa Elizabeth, é? Quem é o infeliz cavalheiro?

Elizabeth se virou e bateu nele com a caixa. Sua mãe se engasgou e a levou embora, olhando para os dois rapazes.

— O que estão fazendo na cidade? Veio para conquistar sua própria duquesa? Seu pai ficará satisfeito se assim o fizer.

Seu irmão empalideceu, e ela sorriu, apreciando o desconforto que o questionamento de sua mãe causava no rapaz.

— Não há necessidade de me encontrar uma esposa, não sou o duque ainda.

— Olha, há um cartão hoje. — a duquesa sorriu — Veja, eu falei minha querida, exibir a flor na outra noite faria o cavalheiro se revelar. Agora vamos ver o que ele diz.

Seu irmão levantou o queixo, os lábios curvados em um sorriso presunçoso.

— Viemos apenas para dar uma volta pela cidade. Sendo mulher, eu não esperaria que entendesse as necessidades de um homem.

Elizabeth zombou.

— Você precisa mais do que uma volta na cidade. Na verdade, acho que é bom...

Dean não querem saber de flores e cartões.

Lorde Dean deu um passo à frente e fez uma reverência.

— Pelo contrário, Lady Newland, tudo é muito interessante.

Josh riu.

— Oh, claro que queremos saber quem está cortejando você. Não se preocupe com Dean aqui. — ele socou o amigo no braço — Nós o conhecemos há anos. Não vai contar a ninguém seu pequeno segredo.

Josh piscou.

Elizabeth reprimiu um termo pouco feminino que gostaria de jogar na cara de Josh, e, em vez disso, o ignorou. Sua mãe empalideceu e apertou seu braço.

— O que foi? O cartão não é ofensivo, espero.

— Não, minha querida, nada disso. É só que... acredito que seja um verso. Embora seja um pouco estranho. Eu não acredito que o cavalheiro seja muito bom em poesia.

As bochechas de Elizabeth ficaram quentes quando tanto seu irmão e Lorde Dean riram.

Sua mãe continuou.

— Lê-se: *"Com olhos tão verdes quanto esmeraldas. Assim são os meus com inveja. Cada flor da temporada será sua como você será minha por toda a eternidade."*

— Santa paciência.

Elizabeth gemeu.

Que raios Lorde Riddledale estava fazendo?

Além de arruiná-la ou fazê-la morrer de vergonha.

Sua mãe virou o cartão e olhou para cima.

— Ainda não há nome. Ninguém se apresentou no baile na semana passada, quando você usou a flor?

— Ninguém. — Elizabeth mentiu e viu a expressão pensativa de Lorde Dean. — Podem me dar licença?

— Claro. — disse sua graça.

Elizabeth subiu as escadas, deixando o lírio com a mãe. Ignorou a provocação contínua de seu irmão enquanto se virava pelo corredor em direção ao seu quarto. Mais cedo ou mais tarde, teria que pôr um ponto final em Lorde Riddledale e seus presentes ridículos. Esta noite ainda, se ela tivesse a infelicidade de vê-lo novamente.

...

Para grande desgosto de Elizabeth, sua mãe pediu que ela usasse o lírio, e assim mais uma vez, como uma criança,

Elizabeth estava diante do salão de baile da família Standley, com um lírio preso em sua mão.

Ela estreitou o olhar quando notou sua mãe conversando com o próprio cavalheiro, Lorde Riddledale, o rosto animado.

Embora Elizabeth não tivesse dito a seus pais que suspeitava de Lorde Riddledale, ela se perguntou se os dois não teriam chegado à conclusão. Por alguma razão absurda que Elizabeth nunca soube nem compreendeu, os pais dela o aprovavam. De certo modo, ela tivera sorte de se casar com Newland, mesmo que apenas para evitar que Riddledale a cortejasse.

Mesmo que o seu casamento com Lorde Newland tenha sido apressado, ele fora um marido gentil e atencioso que, embora vagaroso de mente, um cavalheiro em todos os sentidos, diferente de Riddledale, que só pensava em si mesmo. Ponto final.

— Eu vejo que Sua graça se fez presente mais uma vez.

Elizabeth se virou para olhar para Lorde Dean, seus lábios formando um sorriso caloroso.

— Sim. Infelizmente.

Sua senhoria olhou para a mãe dela, um olhar contemplativo nos olhos.

— Se serve de consolo, a flor a faz parecer ainda mais bela do que sem.

Elizabeth sorriu.

— Obrigada. Você é muito gentil.

Eles ficaram em silêncio por um momento, perdidos em seus próprios pensamentos, antes do lorde pigarrear e balançar-se um pouco sobre os calcanhares.

— Você me daria a honra de me chamar de Anthony quando estivermos sozinhos, Lady Newland? Sinto que somos bons amigos, não somos?

Elizabeth se perdeu por um momento nas profundos olhos azuis de Lorde Dean que rodopiavam com uma tempestade de emoções que ela nunca poderia retornar.

Mesmo que decidisse se casar, ela não tomaria Lorde Dean como possível marido. Ele era como um irmão para ela, um amigo. E o mais importante, aquele acelerar de batimentos que ela esperava sentir nunca acontecia ao olhar para ele. Apenas um homem a fez ter essa sensação, e ele poderia ir para o inferno... talvez...

O movimento por trás do ombro de Lorde Dean chamou sua atenção e seu olhar voou, notando o olhar duro de Henry atrás do Lorde.

— Eu gostaria disso, Anthony. Obrigada, e em troca pode me chamar de Elizabeth.

Ele se curvou e beijou sua luva. Elizabeth notou, para seu espanto, que não sentia nada ao toque, exatamente como esperava.

— Vamos dançar, Elizabeth?

— Lady Newland já prometeu a próxima música para mim, Lorde Dean. — disse Henry, aproximando-se e estendendo o braço.

A voz profunda de Henry, cheia de ameaça e aço, não admitia discussão. Os homens se entreolharam, e um pouco de antipatia estabeleceu-se entre eles como uma mortalha. Ela percebeu a determinação de Henry e teve pena de Lorde Dean. Uma briga nunca teria lugar na alta sociedade.

— De fato prometi, Lorde Dean, mas a seguinte está livre, se estiver de acordo?

Sempre cavalheiro, ele se curvou.

— Vou esperá-la aqui até que esteja livre.

Ela assentiu.

— Obrigada. Aguardarei ansiosa.

Elizabeth colocou a mão no braço de Henry e caminhou para a área de dança que agora se enchia de patronos para uma dança interiorana. Ela tentou ignorar o músculo endurecido sob a mão e o homem ao lado dela, que estava quase que todo tomado por raiva reprimida. Ele a levou até o final da fila de dançarinos e puxou-a para perto.

— Lorde Dean? Sua cabeça gira nessa direção, Elizabeth? — ele sussurrou no ouvido dela.

Elizabeth olhou para Henry e deixou que a raiva reprimida dele despertasse a sua.

— E se assim for? Não é da sua conta.

— O diabo que não é. — afirmou, as palavras mais altas do que deveriam ser. Outros notaram a troca acalorada e os observaram de modo furtivo.

Ele baixou a voz

— Como pode flertar com o homem depois do que compartilhamos?

Elizabeth zombou e entrou na fila.

— O que compartilhamos não foi nada além de um erro pelo qual eu pagarei a vida inteira. Não devo satisfação ao senhor, Lorde Muir, então é melhor que se mantenha longe dos meus assuntos.

...

Henry lutou para controlar o humor enquanto os giros e voltas os separavam durante a dança. Ele observou Elizabeth com crescente ansiedade. *Por que ela o odiava assim? Por que ela desprezava o passado dos dois?* Nem por um momento ele se arrependeu do que compartilharam naquele dia no lago da família. O beijo doce que se transformou em muito mais, mais do que ele jamais imaginou na época.

A cada dia que estiveram separados, as memórias de Elizabeth, sua sagacidade, seu temperamento e características doces matavam sua saudade de casa. Ele não pensara em muito mais coisas, e certamente ninguém o havia intrigado em Nova York.

A dança os uniu e ele a puxou para mais perto do que deveria.

— Eu tive que ir para proteger o Castelo Muirdeen. Voltei para a Inglaterra assim que pude. Por que essa animosidade comigo quando garanti que não fiz nada de errado?

Ele franziu a testa para o ar de desapego que se instalou no rosto da moça. Como podia não sentir nada por ele? Ele afastou o pânico crescente em seu interior e esperou pela resposta.

— Aceito o fato de que minha carta e o restante de sua correspondência podem ter se perdido ou sido interceptados, mas nunca mais me escreveu. Nem uma única vez. E aqui está você de volta à sociedade, um homem rico, e espera que eu caia a seus pés. Bem, não será assim.

Seu tom era diferente de qualquer outro que já ouvira dela antes, envolto em desgosto e desprezo.

— Eu mudei, Henry. Não sou a garota que você conheceu e não quero voltar a sê-la. Sinto muito, mas não há nada entre nós e nunca haverá.

Henry viu as portas do terraço por cima do ombro de Elizabeth e a rebocou para fora, ignorando os convidados que lançaram olhares surpresos. Elizabeth tentou se desprender de seu aperto sem sucesso.

— Por que você não pode me compreender? — ele perguntou enquanto a puxava para o final do terraço escuro — Eu não podia me casar sendo pobre como eu era. Admito que talvez tenha sido um erro, mas eu precisava da fortuna. Eu não poderia ser o conde pobre que vai atrás de uma esposa rica. Recusei-me a ser chamado de caçador de fortunas.

Ele fez uma pausa, precisando que ela entendesse pelo menos um pouco do motivo pelo qual ele se foi e ficou longe.

Henry levantou o queixo e a fez olhar para ele. A necessidade de beijar sua boca desafiadora superou todo o decoro, e ele se inclinou para perto.

— Diga-me, você não sente essa atração irresistível, essa necessidade quando estamos juntos.

— Não.

Ela desviou o olhar, mordendo os lábios sensuais.

Ele rosnou.

— Elizabeth, você mente.

— Você me abandonou, Henry. Me deixou sozinha para enfrentar os riscos que nós dois tomamos. — Elizabeth empurrou-o para longe e ele tropeçou — Eu não valia o esforço dois anos atrás, por que mudar agora?

— Eu não a abandonei. Alguém nos fez de tolos e vou descobrir quem foi, e quando eu descobrir, a pessoa desejará estar morta.

Ele a seguiu pelo terraço, longe dos outros casais que passeavam e mais para as sombras.

— Além disso, acho estranho que nenhuma das minhas cartas tenha chegado até você. Escrevi com frequência até perceber que era um exercício inútil por não receber nada em troca.

— Todo o contato com você cessou no instante em que pisou naquele navio de carga. — ela cruzou o braço sobre o peito — Eu não posso perdoá-lo por isso.

Henry passou a mão pelos cabelos e lutou pela calma.

— E agora está apenas sendo obstinada. Nutriu essa raiva por tanto tempo que não consegue mais ver a razão.

Dor cintilou nos olhos dela e ele ignorou. Droga, ele a queria, e mais ninguém. Queria acabar com todas as angústias dela com beijos.

— Eu não sou obstinada.

— Você, Elizabeth, é a Worthingham mais teimosa que conheço. — ele levantou a sobrancelha — Eu teria retornado se tivesse recebido a carta. Claro que eu teria. Eu a amava.

Seu olhar surpreso encontrou o dele, e ele pegou a mão dela, amaldiçoando a luva de seda que o impedia de sentir sua pele.

— Nunca me disse isso antes de partir.

Uma risada autodepreciativa escapou.

— Não, não falei. Fui muito idiota. Eu pensei que esperaria por mim, como prometeu, se me lembro bem.

Ele brincou com os botões no pulso dela, desfazendo dois para que pudesse tocá-la. Ele sentiu o arrepio que percorreu o corpo dela ao toque dele. Droga, a necessidade dela quase deformou as pernas dele.

— Eu te arruinei, Elizabeth. Eu não a teria tocado, se não a amasse com todo o meu coração. Você era filha de um duque, e seu pai é um excelente atirador que me recordo. Eu certamente não queria morrer antes mesmo de minha vida começar.

Assim que ele falou, Elizabeth recuou, o impedindo, colocando muito espaço entre eles. Ele franziu a testa. Imaginando qual teria sido a ofensa em suas palavras.

— Elizabeth, por favor.

Henry xingou quando o irmão dela apareceu no terraço. Henry recuou, não gostando do olhar duro nos olhos do irmão de Elizabeth.

— Entre, Elizabeth. Eu gostaria de falar com Lorde Muir por um momento. Me juntarei a você para o jantar em breve.

Elizabeth lançou um olhar ao irmão e se virou para sair. Henry a soltou, a mente girando para entender tudo. Encostou-se à balaustrada do terraço, cruzou os braços e observou o marquês de Worth aproximar-se dele. Ele se preparou para o confronto que se aproximava.

— Worth. — disse Henry, quando o futuro duque de Penworth parou a poucos metros de distância.

Ele era apenas um pouco mais baixo que ele, mas era de constituição semelhante. Henry estreitou os olhos e se perguntou se a conversa envolveria palavras ou socos.

— Lorde Muir, estou surpreso em encontrar você do lado de fora com minha irmã.

Henry encolheu os ombros.

— Eu queria falar com ela. Como o terraço é ao lado do salão de baile, não creio que seja nada escandaloso. E não vamos esquecer que ela é uma viúva, não uma debutante.

O marquês riu, o som longe de ser engraçado. O cavalheiro virou-se para os gramados, concentrando-se em algum lugar no jardim.

— Ah, mas veja bem, eu acho que é muito impróprio você estar aqui. Afinal de contas, a forma como tratou Elizabeth não é nada digna de amizade com nossa família.

Henry não queria discutir com o homem, mas o que ele quis dizer quando falou da “forma como tratou”? Quando ele partiu para a América, se separou como amigo de toda a família, inclusive de Elizabeth.

— Eu tive que trabalhar para manter minha propriedade na Escócia. Creio que você faria o mesmo se Dunsleigh fosse ameaçada por dívidas.

O marquês zombou.

— Eu nunca permitiria que minhas propriedades se rebaixassem a tal nível em primeiro lugar. Nem permitirei que minha irmã se case com um homem que não esteja apto a limpar seus sapatos.

— Você sempre arrogante demais, Worth.

O temperamento de Henry ferveu um pouco com o insulto.

— Seria sensato da sua parte manter distância da minha família, em especial de Elizabeth. Ela seguiu em frente desde que suas tolices juvenis quase a arruinaram. Ela não procura associação com um conde falido.

Henry congelou depois de “arruinaram”. Ele sabia que Elizabeth havia dito aos pais sobre seu crescente afeto por ele, mas seus *irmãos* sabiam de seu relacionamento? E por que Elizabeth teria dito alguma coisa a seus irmãos? Não é da conta deles. Uma ideia martelava sua cabeça, mas ele não conseguia discerni-la.

— Não estou mais falido. — ele fez uma pausa passando a mão pela mandíbula, sentindo a barba por fazer surgindo

outra vez — E o que você sabe de Elizabeth e eu?

O marquês parecia quase selvagem.

— Tudo. — afirmou.

Um frio varreu a espinha de Henry. Por que Elizabeth contaria a alguém o que fizeram? A menos que algo que ele não queria contemplar tivesse acontecido.

— Na esperança que essa conversa não tome rumos em que seja necessário eu acabar com sua pose, melhor explicar o significado de suas palavras.

Worth riu.

— Seu sotaque torna-se cada vez mais forte, Muir. Não é muito bom fazê-lo nessa sociedade. Talvez você deva partir para a Escócia e voltar aqui somente quando puder falar corretamente.

Os olhos de Henry se estreitaram, a mão se fechando em punho.

— E talvez você deva ver a luz do dia de vez em quando para tirar esse tom pastoso da cara.

— Típico escocês, sempre procurando uma briga.

A paciência de Henry explodiu e antes que ele pudesse pensar melhor seu punho tinha se conectado ao nariz do marquês. Assim que fez contato, Worth o jogou no chão. Socos choveram e os dois rolaram pelo terraço. Henry grunhiu quando Worth pousou um golpe sólido na boca do estômago. Ele retaliou com um direito no queixo pomposo do homem.

Seguiram assim até que vozes abafadas adentraram o espaço da briga. Mãos seguraram seus ombros, seu primo Richard o afastou de Worth. Henry parou e olhou para a multidão reunida que observava seu comportamento menos que cavalheiresco.

As senhoras envoltas em seda estavam com as mãos cobrindo as bocas. Senhores com sorrisos divertidos olhavam com interesse. Com um gemido, Henry se levantou e limpou as calças, notando Worth fazendo o mesmo. Ele olhou para cima e viu Elizabeth, seu rosto pálido ao luar

como nunca vira, os olhos brilhantes com lágrimas não derramadas.

Worth parou diante dele, limpando o nariz ensanguentado com a manga.

— Leve a sério meu aviso, Muir. Ou você se encontrará de volta à Escócia, sem nenhum contato com a sociedade, e sem esposa alguma num futuro próximo.

— Vá para o inferno. — disse Henry, observando Elizabeth sendo levada por Lorde Dean.

Para onde ele iria daqui? Henry pensara que estava fazendo a coisa certa quando partiu para a América. Esteve errado? Deveria ter se casado com Elizabeth antes de partir e ser condenado a seu estado de pobreza?

O dote dela, mesmo grandioso como era, só iria até certo ponto. Dentro de cinco anos, esses fundos teriam secado. Sua propriedade na Escócia era grande e demandava muito dinheiro. Por que Elizabeth não entendia isso?

Henry xingou, abrindo caminho pela multidão, e desceu os degraus. Já bastava de vê-la ser cortejada por uma noite. Ele precisava controlar seu temperamento antes que perdesse todo o decoro e começasse a discutir com ela diante de toda a alta sociedade. Já era ruim o suficiente ele ter lutado com o irmão dela. Sem dúvida, com tal demonstração de boas maneiras, o encontro seria assunto de todas as salas de estar da cidade antes do meio-dia de amanhã.

Ele precisava de solidão, precisava decidir que direção tomaria em seguida. Henry contornou os degraus da frente da casa e chamou sua carruagem, assustando-se com o tom menos que educado para o lacaio. Ele precisava de um uísque. Afogar-se na bebida parecia a coisa certa neste momento.

CAPÍTULO CINCO

— O que acha que estava fazendo lutando com Henry assim?

— Então, é Henry agora? — Josh limpou o nariz para conter o fluxo constante de sangue — Você chamaria aquele ladrão de inocência pelo nome? — perguntou — Olhe para o meu nariz. Está quebrado, tenho certeza. É provável que fique torto agora graças ao seu escocês idiota.

Elizabeth olhou pela janela da carruagem e suspirou. Ela ainda não conseguia entender o que havia testemunhado. Seu irmão e Henry brigando como rufiões no baile de Standley.

O tempo deles teria sido melhor gasto no *Gentleman Jackson*, um clube bem aclamado pelos mais altos da sociedade, mas não em um baile! E agora seu irmão e o homem que ela uma vez adorou lutaram como criminosos comuns.

Ela mascarou um estremecimento ao pensar no que seus pais diriam ao ouvir esse absurdo.

— E importa como chamo ele? Você não pode chegar na cidade e arrumar briga com outros homens do pariato.

— Por que não? Josh perguntou, parecendo petulante — Ele começou.

Elizabeth balançou a cabeça, não acreditando nem por um segundo.

— E você não o insultou? Por que então ele reagiu de maneira tão violenta? Ele nunca foi um homem violento.

Josh encontrou seus olhos.

— Bem, é claro que eu o insultei, mas ele mereceu depois do que fez com você.

Elizabeth se assustou com as palavras.

— Você não mencionou Samuel, mencionou? Por favor, me diga que você não fez.

Josh balançou a cabeça.

— Não, mas o que isso importa? Ele sabe da criança e ainda não pediu desculpas à família por sua negligência a você... a todos nós.

Ela suspirou, imaginando como poderia entrar em tantas discussões com muito pouco esforço.

— Falei com ele sobre a carta e perguntei por que motivo ele nunca voltou. Ele afirma que não tem conhecimento de tal missiva, e nega que nos tenha escrito em relação à nossa súplica. Ele não sabe nada de Samuel.

Josh encontrou seu olhar, o rosto repleto de choque enquanto os postes lançavam sombras dentro da carruagem.

— E você acredita em tal mentira? Não deixe que ele faça você de boba outra vez, Elizabeth.

— Claro que não deixarei, mas não vê como é estranho? Se Henry soubesse de Samuel, ele exigiria vê-lo. Ser parte de sua vida e talvez até mesmo recusar ao meu filho a chance de herdar as propriedades Newland. Mas não o fez, o que me faz acreditar que está dizendo a verdade, que não sabe.

Ela suspirou.

— E você não vê o desconhecimento da carta por parte de Henry causou? Ele poderia me arruinar.

Sua voz quebrou em um soluço e ela respirou fundo, precisando se acalmar. Lágrimas não ajudariam a situação, apenas um pensamento claro e equilibrado a ajudariam.

— Maldito inferno, Elizabeth.

As palavras de seu irmão resumiram a situação com perfeição.

— Eu sei. Não sei o que fazer.

— De quem ele suspeita ser responsável pela interferência?

— Do tio, e escreveu para ele. Se foi o tio dele quem interceptou as cartas e ele contar o motivo das missivas, Henry me mata.

Seu irmão levantou a sobrancelha.

— Eu não acredito em tamanha severidade, mas ainda assim, é ruim o suficiente. Mas não vamos nos antecipar. O tio ainda não respondeu, e ele pode nem se lembrar da carta.

Elizabeth bufou, um som desagradável, mas nessa situação ela não se importava mais com etiqueta. Com certeza não se importou com regras e decência três anos atrás.

— Acredita mesmo que o tio dele não se lembraria de Henry ter deixado a filha de um duque grávida? Seja sério, Josh, ou eu que vou dar um soco no seu nariz.

Ele ergueu as mãos em falsa derrota.

— Calma, meu amor. Tudo o que estou dizendo é que é uma possibilidade. Nem tudo está perdido ainda.

— Não há futuro entre Lorde Muir e eu, então acho que, na situação atual, seria melhor para Henry e Samuel não se conhecerem. Samuel está feliz em Newland e Henry logo estará feliz e casado na Escócia.

— O que disse a Muir sobre sua carta? Suponho que ele tenha perguntado.

— Disse a ele que escrevi estar apaixonada e que só ele me serviria como marido. E papai, por gostar tanto de nós, pediu que retornasse e concordasse com um enlace.

O irmão olhou para ela, e ela não gostou do silêncio que sua resposta recebeu.

— O quê? Diga-me o que está pensando.

— Você não vai gostar.

— Não me importa. Conte para mim.

Ela apertou o leque na palma da mão, a resposta do irmão valia mais do que ela pensava.

— Ele merece saber a verdade. Inferno, eu iria querer saber se fosse comigo. Se, por qualquer motivo, o tio dele

não divulgar essa informação, ou seja, se o tio teve alguma coisa a ver com essa confusão, Muir deveria saber que é pai.

Elizabeth se jogou contra o encosto.

Esse pensamento, o mesmo que a assombrava a cada momento em que se via acordada, dito em voz alta, era ainda pior do que pensar. Droga. Ela odiava quando seu irmão mostrava bom senso.

— Mas não consegue ver que não posso dizer a verdade? Se a família de Marcus descobrir minha traição e Henry, Samuel será o único a pagar. E Marcus adorava o menino, ficavam tão fofos juntos. Não posso arruinar a lembrança disso em minha mente para minar a culpa que carrego.

— Não é tudo culpa sua, Elizabeth. Alguém brincou com a nossa família e, se Lorde Muir é incapaz de obter a confirmação de que era seu tio, gostaria de descobrir o responsável eu mesmo.

Ela esfregou a têmpora, um ligeiro latejar começava atrás dos olhos.

— Muito bem, vamos esperar e ver o que o tio de Henry responde e então vou saber o que fazer. E, também pensarei a respeito de dizer a Henry a verdade, não importa o que aconteça, o que sua família diga. Mas, por favor, como meu querido irmão, não entre em mais brigas em meu nome.

— O inferno que não vou. Você é minha irmã. Eu sou o futuro chefe desta família, e vou cuidar de todos vocês.

Ele parou quando o coche virou uma esquina e chegou ao coração de Mayfair.

— Mas prometo me comportar da próxima vez que nos encontrarmos. — ele suspirou — Que maldita bagunça.

— Sim, seu nariz está muito feio olhando agora.

Josh rosnou, mas não respondeu.

Elizabeth olhou para as casas geminadas de Mayfair. As casas eram um borrão enquanto sua mente lutava para

compreender o que seu irmão e Henry haviam feito, o que ela deveria fazer e o que aconteceria em questão de semanas.

Uma maldita bagunça de fato...

...

Dias depois, Elizabeth recebeu outro arranjo de flores de seu admirador anônimo, entregue da mesma maneira e novamente sem um cartão. Desta vez, Elizabeth levou o presente até a cozinha e o entregou à Sra. Arthur, que disse que seria uma adorável decoração de mesa para os funcionários. Elizabeth dirigiu-se para a biblioteca e, sem bater, entrou.

— Oh, me perdoe, não sabia que alguém estava aqui. — disse Elizabeth, virando-se para sair.

— Não, espere, Elizabeth, entre.

Seu irmão respondeu em uma voz tão doce quanto mel. Elizabeth se perguntou o que seu irmão estava tramando para usar tal tom, mas fechou a porta como pedido e sorriu para Lorde Dean que estava sentado na cadeira em frente ao irmão. Ela sentou-se ao lado dele, cruzando as mãos no colo.

— Há algo que queira Josh?

— Nada em especial. Eu só queria saber que encomenda era aquela no hall de entrada.

Elizabeth fez uma careta.

— Outro arranjo de flores, mais uma vez sem cartão.

— Tem alguma ideia de quem está por trás desses regalos? — Lorde Dean perguntou, a atenção mais fixa nela do que ela gostaria.

— Sei, e há algo que eu gostaria de discutir com você, Josh, mas...

Ela franziu a testa, não querendo falar abertamente na frente de Lorde Dean.

— Mas o que, Elizabeth? — Josh se sentou à frente, tão ansioso quanto nunca para se intrometer em sua vida.

— Voltarei mais tarde quando não estiver ocupado.

Lorde Dean ficou de pé, tirando as luvas do bolso.

— Fique, Lady Newland. É melhor eu já ir andando. Prometi a minha irmã que a acompanharia ao teatro hoje à noite.

Elizabeth sorriu pela gentileza de sua senhoria e despediu-se dele, aliviada por estar sozinha com o irmão com o que estava prestes a revelar. Seu estômago revirava em antecipação, querendo saber como Josh reagiria a mais notícias.

Assim que a porta se fechou, Elizabeth respirou com força.

— Há duas semanas recebi uma oferta de casamento de Lorde Riddledale, o que você ficará feliz em saber que eu recusei.

Além disso, ele é o cavalheiro que me envia os presentes.

Seu irmão riu, jogando-se de volta em sua cadeira.

— Algo me diz que ele não aceitou sua resposta como definitiva. Estou certo? — ele perguntou, rindo mais um pouco.

— Não aceitou. Acha que poderia usar de sua influência para afastá-lo de mim? Ele está realmente começando a ser inconveniente nos bailes, e você sabe que não quero me casar de novo, e com certeza não com Riddledale.

— Claro que falarei com ele por você. Considere resolvido.

Ela sorriu, recostando-se na cadeira.

— Obrigada. Eu estava esperando que você dissesse isso.

— Teve notícias de Lorde Muir acerca da carta desaparecida?

— Não, nada ainda, mas não posso deixar de sentir que será em breve.

Seu irmão se levantou e deu a volta na mesa, tomando sua mão.

— Não importa o que Muir acabe sabendo, ou o que pensa, ou como age, saiba que sua família estará a apoiando, e nada acontecerá para ferir Samuel. Eu não vou permitir.

Elizabeth se levantou, puxando seu irmão para um abraço.

— Você é o melhor irmão mais novo que uma irmã poderia ter. Obrigada.

Ele a abraçou de volta.

— Não há de quê.

...

Elizabeth entrou no baile de Featherstone e seus olhos se arregalaram ante a visão que teve. Centenas de velas espalhavam luz por toda exagerado salão. Folhas de ouro emolduravam cada pintura e havia lareiras ao redor. As flores da estufa encheram o ar de admiração, fazendo com que o exterior parecesse estar lá dentro.

As portas do terraço estavam abertas e, de onde Elizabeth estava, viu pessoas circulando do lado de fora, apreciando o ar da noite. Com a orquestra prestes a iniciar uma quadrilha, entrou na multidão de convidados e procurou por pessoas que conhecia.

— Ah, minha querida Lady Newland. Como está linda esta noite.

Todos menos essa pessoa.

Ela se encolheu, colando um sorriso nos lábios e se voltando para sua senhoria.

— Lorde Riddledale.

Elizabeth usou de todas as suas boas maneiras assimiladas ao longo dos anos, enquanto lutava para não cortar de vez o homem.

— É bom ver o senhor, lorde. Está se divertindo esta noite?

— Agora que você chegou, sim. — ele sussurrou de forma conspiratória, aproximando-se mais do que deveria.

O sorriso dele provocou calafrios em sua pele. Ela olhou em volta, esperando que ninguém mais ouvisse as palavras inapropriadas.

— Talvez você me acompanharia até o terraço? Gostaria de ficar sozinho com você, se puder.

Sua senhoria estendeu o braço.

— Sinto muito, meu senhor, mas eu, realmente, deveria prestar meus respeitos ao nosso anfitrião e então encontrar meu irmão. Ele me aguarda aqui.

Elizabeth parou quando sua senhoria colocou a mão em seu braço e puxou-a junto com ele

— Bem, permita-me conversar com você enquanto eu a levo ao seu irmão.

Elizabeth engoliu seu desconforto.

— Como quiser, meu senhor.

Eles andaram margeando os dançarinos no salão. Elizabeth viu Henry entre os convidados já aproveitando os talentosos músicos, e seu estômago deu um nó quando ela o notou dançando com a Srta. Andrews. Um momento depois, Josh apareceu, e um pouco da sua inquietação a deixou antes que Lorde Riddledale a fizesse parar a certa distância dele.

— Lorde Muir está certamente desfrutando da sociedade e de todas as sutilezas que a riqueza implica.

Elizabeth franziu a testa para a ameaça que atava cada palavra dele. E agora ela entendia por que Lorde Riddledale o odiava tanto. Ela olhou para a multidão de dançarinos e observou com um coração envolto em aço quando Henry girava uma americana mais que disposta pela pista de dança.

— Acredito que Lorde Muir está aproveitando a temporada, assim como seus convidados e todos os outros

aqui, eu espero.

Ele fez um grunhido evasivo, a boca subindo com desgosto.

— Os anos passados na Inglaterra antes de viajar à América o ensinaram a agir como um cavalheiro, suponho. Nenhum escocês poderia ser classificado como tal se não fosse por este grande país e nossas maneiras.

Ele a puxou para mais perto do que deveria, e o cheiro de suor fez seu estômago revirar.

— Pensar que ele a agrediu enquanto vivia sob o teto do seu pai é irrepreensível. Eu deveria gritar com ele.

Elizabeth ficou quieta, o coração disparado batendo com força contra as costelas.

— Você está enganado, meu senhor. Lorde Muir nunca me agrediu.

Ele levantou a sobrancelha, os olhos vazios de qualquer emoção. O olhar morto em seu rosto fez com que o medo subisse pela espinha.

— Eu sei o que ele fez. Eu os vi. Vi os dois no dia em que você se entregou a ele no lago. — ele balançou a cabeça, desagrado em seus olhos — Como pôde fazer uma coisa dessas, Lady Newland?

Elizabeth olhou em volta, certa de que todos estavam olhando para eles, mas não estavam. A sociedade, frívola e volúvel, continuava a rodeá-los enquanto o mundo desmoronava a seus pés.

— Você nos assistiu? Deveria ter feito a sua presença conhecida, senhor.

Ele mexeu as sobrancelhas e ela lutou com a náusea.

— E perder o espetáculo? Posso ser um cavalheiro, Elizabeth, mas ainda sou homem. E você valeu a pena assistir.

Ela puxou o braço, flexionou a mão, querendo dar um tapa no rosto dele. O olhar preocupado de seu irmão a fez parar e ela sorriu para esconder o desconforto.

— Como se atreve?

— Ah, me atrevo, madame. E não só me atrevo, como afirmo que será minha esposa por causa do que vi. Entendeu?

— Eu nunca vou me casar com você. Nunca.

Ele riu e o riso tinha um quê de loucura.

— Você não tem escolha. Você se deitou na grama e agora, minha bela dama, vai se deitar na minha cama pelo resto de seus dias. Acostume-se com a ideia. Não quero criar uma cena aqui ou no futuro, mas vou ter você.

— Boa noite para você, senhor.

Elizabeth se afastou, ignorando o melhor que pôde do riso zombeteiro que seguia cada um de seus passos. Lágrimas ardiam em suas pálpebras e ela amaldiçoou o dia em que se entregou a Henry. Como ela poderia ter jogado sua inocência de maneira tão descuidada sem pensar no que suas ações poderiam gerar? Um futuro desgovernado, é isso.

Ela sorriu para Josh quando parou ao lado dele. Ele acenou com a cabeça e continuou com sua conversa sobre o excelente gado indo a leilão em Tattersalls.

A multidão de convidados fluía ao redor deles enquanto pensava em maneiras de sair mais cedo, o baile não tinha mais importância para ela. Em todos os lugares, parecia que as pessoas olhavam para ela, descartando-a como uma mulher devassa que entregava o prêmio mais valioso que podia ter antes do casamento. Ela engoliu a náusea crescente sabendo que ela havia feito exatamente aquilo.

Querido Deus, como ela poderia estar na situação em que se encontrava agora?

O pânico ameaçou consumi-la, e ela pegou uma taça de vinho de um lacaio que passava. Tomou alguns goles em rápida sucessão, mas não adiantou nada para acalmar os nervos que a enlouqueciam.

Ela recusou todos os convites para dançar, sem vontade de conversar ou de fofocar sobre o mais recente escândalo ou a nova família na cidade. Tudo o que ela desejava era o

consolo reconfortante de seu quarto, sair e nunca mais voltar a esse mundo de víboras que comeriam seu filho e ela vivos se soubessem a verdade.

Era uma das razões pelas quais ela odiava a alta sociedade tanto em sua juventude. As manchas e mentiras, tudo feito para que outros pudessem avançar dentro de sua esfera social. Os negócios desonestos feitos quando se trata de casamento, pais dando as filhas por um título e filhas desistindo do amor por dinheiro.

Ela mordeu o lábio, furiosa consigo mesma por se tornar uma delas. Um membro da sociedade que se curvou aos padrões da sociedade e se casou com um homem que ela não amava enquanto carregava o filho de outro. Ela iria para o inferno. Disso não tinha dúvidas.

Desculpando-se, saiu para os jardins e seguiu para uma sebe onde havia um banco de pedra isolado na folhagem. Aromas de gramado e flores frescas encontraram seus sentidos. Um leve vento movia as folhas, balançando os galhos de um lado para o outro e fazendo com que seu vestido se agarrasse as pernas.

Espiando o banco iluminado ao luar, ela foi até lá e sentou-se, suspirando aliviada por enfim estar livre do claustrofóbico salão de baile. Ela levantou o rosto para o céu e respirou devagar.

— Elizabeth?

Ela pulou e só conseguiu sufocar o grito.

Henry estava na sombra de um velho carvalho, o contorno de seu corpo tão familiar para ela quanto o dela próprio, sem mencionar a voz que ela jamais esqueceria.

— Como você chegou aqui? Estava me seguindo? — ela perguntou.

Ele saiu das sombras e caminhou em direção a ela. Seus cabelos e olhos escuros lhe davam um ar de perigo mesmo não possuindo nenhum. Ele não era um homem que Elizabeth pudesse ter medo. Não dessa forma, pelo menos.

— Eu vi angústia quando falava com Lorde Riddledale e a segui quando você escapou. Eu não queria assustar você.

Elizabeth sentou-se novamente.

— Você não me assustou.

— O que está errado então, moça?

Henry se juntou a ela no banco e fez menção de pegar a mão dela, mas depois pareceu pensar melhor baixou as mãos e as deixou sobre o colo. Ele suspirou, o som tingido de tristeza, e algo dentro dela sentiu alívio. Neste exato momento, não diria não a um amigo, alguém para dizer que tudo ficaria bem, que o que ela havia feito, fora por medo e amor.

Ele observava os jardins, sua presença lembrando-a de seu passado. De como eles poderiam ficar sentados por horas em silêncio, sem dizer nada, e nenhum dos dois sentir a necessidade de preencher o silêncio com uma conversa sem sentido.

— Não foi nada, de verdade. Não se preocupe comigo.

— Sempre me preocuparei quando se tratar de você.

Ele se virou para ela, a luz da lua lançando metade do rosto na sombra, mas não o suficiente para que Elizabeth não pudesse ver a sinceridade em seu olhar.

Algo revirou seu estômago.

Olhar para ele agora a fazia desejar que o passado tivesse sido bem diferente. Deles, juntos, casados… felizes.

— Você deveria sair antes que seja visto comigo.

Ela não o queria aqui, tão perto, consumindo todos os seus pensamentos quando havia tantos outros assuntos bombardeando sua mente. Apenas de estar em sua companhia dificultava que ela pensasse direito. Sua mera presença era inebriante.

Ele ergueu o queixo e puxou-a para encontrar seu olhar. Um tremor de consciência arrepiou seu corpo e se acumulou em seu núcleo. Era errado e, no entanto, nunca se sentira tão bem como naquele exato momento com Henry. Seu olhar procurou o dela antes que ele dissesse:

— Por que você continua a me afastar? Você não pode encontrar em seu coração forças para perdoar nossos erros do passado, como eu a perdoei por se casar com Newland? Acredite em mim quando digo que realmente pensei que partir para a América era o caminho certo para nós. Eu tinha o título, sim, mas nada mais. Eu queria mais para você, Elizabeth.

— Eu odiei você por tanto tempo, Henry. Não tenho certeza se posso perdoar você.

Henry segurou seu rosto, seus olhos implorando para que ela alterasse seus pensamentos.

— Droga, moça. Diga que me perdoa para que possamos ser amigos, pelo menos. Eu não vou pressionar por mais, mesmo que eu queira muito mais de você do que mera amizade, mas é um começo, e nós devemos começar por algum lugar.

Ela franziu a testa, dividida sobre como deveria responder. Dizer que deveriam ser amigos parecia uma traição para ele. Mesmo perdoando-o por não voltar e se casar com ela, ela ainda não contara a verdade absoluta.

As palavras de seu irmão flutuaram em sua mente, que ela deveria contar a ele sobre Samuel. Não, não, ela não podia fazer isso. Não a menos que fosse absolutamente necessário e, neste momento, não era.

— Você quer que sejamos amigos?

— Quero.

Ele sorriu e seu coração bateu forte em seu peito.

Ela sorriu um pouco.

— Eu gostaria de ser sua amiga, Henry.

Ele empurrou uma mecha de cabelo para trás da orelha, encontrando o olhar dela. Calor instalou-se entre eles, quente e selvagem, e ela precisou soltar o ar que estava preso em seus pulmões. Pela vida dela, ela não conseguia desviar o olhar, embora soubesse que deveria. Se fossem amigos, essa atração feroz que sempre existiu entre eles precisava parar.

Elizabeth levantou-se e começou a andar em direção à casa.

— Devemos voltar.

Em dois passos, Henry estava junto dela.

Sua colônia flutuou de sua pele aquecida e ela fechou os olhos, na esperança de controlar a reação que ela sentia com ele. Não funcionou, pois sua imagem estava gravada em sua mente, gravada para sempre e nunca mais para ser removida. De um escocês grande e musculoso, longas mechas escuras e ferozes olhos azuis que haviam derretido seu coração no momento em que ela pôs os olhos nele. De seus ombros largos e pernas deliciosas que eram muito bonitas sob um kilt.

— Eu nunca a considerei uma fujona. Tem medo de mim, moça?

— Mais do que imagina...

As palavras saíram de seus lábios e, no momento seguinte, ela queria trancá-las de volta. O pior foi que Henry percebeu a expressão que fez e deleitou-se com o que viu. Ao menos era o que a antecipação e determinação em seus olhos indicava.

Ele deu um passo em direção a ela, aproximando-se mais do que deveria. Um delicioso arrepio de expectativa a percorreu. Fazia tanto tempo desde que ela beijara um homem, e não apenas qualquer homem, mas Henry.

Ela não deveria querer perder a cabeça por ele, mas uma parte perversa dela ansiava por isso. Meses depois que ele partira, Elizabeth desejara estar em seus braços, para que ele tornasse tudo perfeito mais uma vez. Mas se eles fossem amigos a partir desta noite, teriam que manter uma distância platônica um do outro. Poderia ser um desafio se ele olhasse para ela como fazia agora, com olhos escuros que falavam de pecado e prazer. Mesmo com tão pouco esforço, ele comandava seu coração.

— Elizabeth, moça... — seu olhar implorava, fazendo toda sua firmeza vacilar — Eu senti muito a sua falta. Muito

mesmo.

O som de cascalho e riso no terraço a puxou da névoa do desejo, e ela recuou, dando a ambos o espaço necessário.

— Amigos, Henry, e nada mais.

...

Henry respirou fundo e endireitou a gravata — qualquer coisa para evitar tocá-la.

— Então amigos nós seremos.

Como alguém poderia recusar uma garota tão bonita quanto Elizabeth? Ela sorriu, e Henry não queria nada além de puxar aquela mulher em seus braços e beijá-la sem pudor, não importava o que acordaram, ou melhor ainda, convencê-la a concordar em se casar com ele e se mudar para a Escócia.

— Espero que a partir desta noite possamos seguir em frente e continuar sem emoções envolvidas.

Não é muito provável.

Ele levantou a sobrancelha, mas não respondeu, apenas estendeu o braço para ela.

— Devemos voltar?

— Sim.

Sua mão tremeu um pouco quando ela apertou o braço e ele sorriu, sabendo que ela não era tão afetada quanto se retratava. Eles poderiam ser amigos agora, mas não por muito tempo.

Não se Henry pudesse fazer algo.

Ele ainda ganharia sua moça bonita de volta.

CAPÍTULO SEIS

Na manhã seguinte, Elizabeth sentou-se na biblioteca da casa deles, pensando no que Lorde Riddledale dissera na noite anterior, sem mencionar que quase beijou Henry...

Ela suspirou, lembrando da boca dele com fome contra a dela, que até agora a fazia apertar de desejo. Uma emoção que ela não sentia desde o dia em que ele deixou a Inglaterra. E maldito fosse Lorde Riddledale por interferir em sua vida. Como o bruto se atrevia ameaçar divulgar sua desgraça com Henry no lago, a fim de fazê-la se casar com ele. Ele era o próprio diabo. Ela esfregou a sobrancelha, sabendo que teria que contar a Josh sobre suas últimas negociações com o idiota.

Falando do cavalheiro, ele entrou na sala de café da manhã e foi direto para os ovos e presunto, empilhando seu prato com arenque e qualquer outra coisa que ele pudesse ver.

— Com fome esta manhã? — ela perguntou, tomando um gole de chá. Ele assentiu, resmungando uma resposta enquanto comia um pedaço de bacon.

— Estou. — disse ele finalmente, sorrindo — A temporada deste ano está sendo desgastante para a saúde. Preciso de sustento.

Elizabeth olhou para o prato dele que mais se assemelhava a uma montanha.

— Chegou tarde ontem, não?

Ele sorriu e jogou outra porção grande de ovos na boca.

— Talvez.

— Bem, já que está de bom humor, preciso contar algo.

Seu irmão a olhou, e a mastigação diminuiu.

— Por que tenho a sensação de que meu humor jovial vai ser severamente diminuído quando terminarmos de falar?

— Porque é uma possibilidade real. — ela empurrou o prato para longe ao limpar a boca com o guardanapo — Lorde Riddledale propôs casamento mais uma vez, mas desta vez ele me ameaçou.

O garfo de seu irmão caiu sobre a mesa.

— O quê?

Para um homem que passara, talvez, boa parte da noite farreando no *East End*, ele ficou sóbrio bem rápido ante as palavras dela.

Elizabeth assentiu.

— Ah sim, ele adicionou a ameaça de me arruinar ao pedido.

— O desgraçado não fez isso.

Josh jogou o guardanapo sobre a mesa, a boca formava uma linha severa que ela só via quando ele estava lívido, o que não era muito frequente.

— Quais foram suas palavras exatas?

— Bem... — disse ela, encontrando seu olhar — Ele afirmou ter visto Henry e eu no dia em que fomos ao lago.

Elizabeth deixou as palavras sumirem, sabendo o quanto a lembrança daquele dia era algo que provocava a ira de seu irmão tão rápido quanto um aplauso.

— Lorde Riddledale ameaçou ir a público com tal comentário calunioso, a menos que eu me torne sua esposa.

— Eu vou matá-lo. — Josh passou a mão pelos cabelos, deixando o cabelo, antes penteado à perfeição, em pé — Como ele se atreve...

Ela deu de ombros.

— Ele está desesperado para me ter como esposa, suponho, por qualquer motivo, um que não consigo entender. Eu nunca dei nenhuma inclinação de ter

sentimentos que fossem mais profundos do que amizade. E eu certamente não gosto dele mesmo como amigo.

— Ele mencionou Samuel?

Os olhos de Elizabeth se arregalaram e ela encontrou o olhar duro de seu irmão.

— Não. Por que ele o faria? — ela fez uma pausa, pensando sobre a situação — Você acha que ele suspeita que Samuel não é filho de Newland?

Josh franziu a testa.

— É uma possibilidade que devemos esperar. Se o patife não vê problema em trazer sua ruína à mesa na tentativa de fazer com que você se case com ele, tenho certeza de que ele não teria nenhum mal-estar em falar de seu filho, ou mesmo sugerir que Samuel tem outro pai para selar o acordo.

Elizabeth se levantou, indo e voltando de um lado a outro da mesa da sala de jantar. O pensamento de que Riddledale saberia quem é o pai verdadeiro de Samuel não era algo que ela sequer ousava considerar.

As repercussões de tal verdade sendo reveladas arruinariam toda a sua família. E se Riddledale soubesse de tal coisa, ela realmente teria que se casar com ele.

Um arrepio de repulsa percorreu sua espinha e ela agarrou a mesa em busca de apoio.

— Oh meu Deus. E se ele souber mesmo e usar isto como sua cartada final?

Josh levantou-se e se aproximou dela, virando-a para poder ver seu rosto.

— Vamos lidar com esses problemas, se de fato surgirem. E você não deve chamar atenção para si mesma demonstrando preocupação sobre coisas que podem não acontecer. Nós sabemos que Riddledale está observando, querendo você, então não dê a ele qualquer motivo para suspeitar de algo mais do que ele já acusou.

Ela assentiu, acalmando a respiração.

— Muito bem. Vou continuar como antes e espero que ele só saiba o que Henry e eu fizemos naquele dia e nada mais.

— Tenho certeza de que, se ele soubesse de algo mais teria mencionado, Elizabeth. Agora venha — ele disse, ajudando-a a se sentar de novo —, termine seu café da manhã e me conte quais são seus planos para o dia e para a noite.

Elizabeth se sentou e comeu o mingau, mas não saboreou nada. Escutou enquanto seu irmão discursava sobre seus planos, e ela concordava e assentia quando necessário, mas sua atenção não estava na conversa em questão.

Sua cabeça borbulhava com o pensamento de que Riddledale poderia vir a público com sua ruína caso o recusasse. Que, se ele soubesse da origem de Samuel, e ela continuasse negando sua proposta, havia a possibilidade de que Henry pudesse descobrir sobre seu filho e não da boca dela.

O ímpeto de contar a Henry sobre sua situação passou pela cabeça, mas tão logo surgiu, ela esmagou a ideia como se esmaga um inseto. Ele a odiaria, a repudiaria pelo modo como lidou com a situação, mesmo que outras pessoas tivessem tido um papel importante em todos os acontecimentos e que alguém havia sido responsável pela distância forçada, por mero despeito.

Seus olhos ardiam e ela fungou.

Ela havia se colocado em uma bagunça. O que ia fazer? Neste exato momento, o único caminho sensato parecia fugir do país e se mudar para o continente.

Eles tinham família em Roma. Poderia funcionar. Elizabeth tomou um gole de chá, desejando que estivesse misturado com conhaque. Muito conhaque.

...

Mais tarde naquela noite, com um vestido verde, de tom esmeralda profundo, Elizabeth passou seu manto para uma criada que esperava e seguiu a família para a sala de recepção de Lorde McCalter para um jantar seguido de música e jogos de cartas.

Alice pegou em seu braço e contou sobre seu último encontro com Lorde Arndel e como ela o fizera dançar, algo que o cavalheiro parecia odiar fazer. A resposta de Elizabeth parou em seus lábios quando sua atenção se voltou para Henry.

Ele deu um leve aceno de boas-vindas, e ela soube que ele estava lembrando de seu tempo juntos nos jardins na outra noite. Seus próprios pensamentos foram direto para aquele local ao espiá-lo, sentiu vontade de se aproximar dele outra vez, conversar como naquela noite.

Ela lambeu os lábios ressecados, pegando uma taça de champanhe que sua irmã entregou a ela antes de atravessarem a sala para ficar em pé com um grupo de senhoras com quem estavam familiarizadas.

Lorde Dean as cumprimentou e declarou que iria levá-la para jantar. Elizabeth escutou com algum interesse enquanto ele falava do tempo e das últimas fofocas que acometiam a cidade: uma jovem debutante que fugira para Gretna Green.

Muito para seu aborrecimento, sua atenção continuava voltando para o outro cavalheiro presente, cujo olhar queimava sua alma cada vez que ela se via em outro lugar. Isso nunca daria certo se o relacionamento deles continuasse platônico.

Ela estava sendo absurda.

Um suspiro escapou.

Ela era tão tola e não ajudava ninguém mentir para si mesma. Elizabeth tomou sua taça de champanhe mais rápido do que deveria e voltou sua atenção para Lorde Dean, concentrando-se na boca em movimento e nas

palavras que saíam dela. Certamente, se o visse falar, ela saberia o que dizia.

Não parecia ser o caso.

Para seu espanto, Lorde Riddledale escolheu aquele momento exato para entrar na sala, sua irmã, Lady Emily, apoiada em seu braço. Elizabeth reprimiu uma maldição imprópria, sabendo que não seria capaz de ignorá-lo enquanto estivesse com a irmã a reboque.

Conversas rodopiavam ao redor dela, e ela tirou um momento para admirar os modelitos da última moda que as mulheres usavam, seus vestidos de seda e adornos extravagantes de cabelo brilhando à luz de velas. Henry estava ao lado de seus primos americanos, a senhorita Andrews persistia em sua perseguição, assim parecia, já que a dama em questão se dependurava em seu braço e atentava-se às suas palavras como se sua vida dependesse delas.

Seus olhos percorreram o traje de Henry, as calças bem cortadas, o longo casaco preto e o colete de fios dourados e prateados que combinavam com suas feições escuras, fazendo-o parecer um pirata pronto para saquear ou, mais apropriado, um belo escocês pronto para atacar assentamentos ingleses.

Lorde Dean estendeu o braço para levá-la ao jantar, e ela colocou a mão na manga dele. Eles entraram na sala de jantar em silêncio, e ela sorriu para a Srta. Andrews quando percebeu que ela seria sua companheira de jantar, embora sentisse dor no rosto ao fazê-lo.

Lorde Dean estendeu a cadeira e foi sentar-se à frente dela, seu irmão Josh sentado ao lado dela. Seu irmão conversava com a mulher ao lado dele, mas o silêncio da Srta. Andrews era ensurdecedor quando o primeiro prato de sopa e o pudim de tutano foram colocados diante deles.

Elizabeth se serviu um delicioso bocado de sopa e escutou com pouco interesse enquanto a Srta. Andrews

elogiava o Chef e o belo arranjo de mesa do anfitrião para quem quisesse ouvir.

Elizabeth observou o extravagante prato de frutas que tomava toda a extensão da mesa e admitiu que era bonito, mas não a ponto de ser necessário uma grande admiração. Um simples elogio após o jantar seria suficiente.

— Lady Newland, será que posso perguntar como conheceu Lorde Muir? Não tivemos muita chance de nos conhecermos, e sei que você o conhece desde a juventude.

Elizabeth deu um tapinha na boca com o guardanapo.

— Lorde Muir veio morar conosco alguns anos antes de partir para a América. Ele esteve sob a tutela de meu pai, o duque de Penworth, depois que seu pai veio, infelizmente, a falecer.

A Srta. Andrews franziu a boca, chamando a atenção para o uso excessivo de *rouge* em seus lábios.

— Henry é um verdadeiro cavalheiro. Estou surpresa de que ele precisasse de orientação de seu pai.

Elizabeth tossiu, sufocando um pouco a sopa.

O que ela estava querendo dizer? Que seu pai, nada menos que um duque, não era apto para guiar um conde?

A atenção da Srta. Andrews se voltou para Henry que estava sentado em frente a elas sem saber que era o assunto em questão. Henry continuava sua conversa animada com a irmã dela, Victoria. Ele jogou a cabeça para trás às gargalhadas, um som profundo e gutural que provocou uma pontada de inveja no coração de Elizabeth. Ela desviou o olhar, não querendo ser lembrada de tudo o que havia perdido.

— Henry é um homem atraente, não é?

A senhorita Andrews sorriu, os olhos sonhadores, sem dúvida imaginando os dois casados.

Elizabeth fechou a boca com um estalo.

Henry? A Srta. Andrews agora o chamava por seu primeiro nome?

— Eu não tenho opinião sobre o assunto, senhorita Andrews. — ela respondeu.

A Srta. Andrews bufou.

— Acho isso altamente improvável. Não acredita em mim?

Elizabeth nivelou o olhar com a mulher desagradável que estava começando a desprezar.

A senhorita em questão riu.

— Talvez seja a sua criação que a cega para o sexo forte e a aparência deles, mas acredite em mim, Lady Newland, Henry é um dos homens mais bonitos que já conheci. E nunca conheci um cavalheiro que se empenhasse tanto quanto ele ao trabalhar para meu pai. Seu impulso para ter sucesso o fazia ir dormir cedo quase todas as noites. Eu não sei o que motivava sua profunda necessidade de sucesso, mas nunca se desviou de seu objetivo. Não importa o quanto eu tentasse desviá-lo do caminho.

A mulher deu risadinhas.

Risadinhas!

— E eu tentei muito.

Elizabeth ignorou as palavras reveladoras da mulher e lembrou-se de respirar. Ela olhou para o prato enquanto o aroma da cauda de lagosta grelhada, o próximo prato, encontrava seus sentidos. Pelo menos ela sabia uma das razões pelas quais Henry estava determinado a ter sucesso. E não era a pequena sirigaita sentada ao lado dela.

— A sociedade aqui em Londres é muito diferente do que você está acostumada?

Elizabeth perguntou, esperando que a Srta. Andrews revelasse mais sobre sua associação com Henry. O pensamento deles socializando, tendo conversas íntimas, fez a raiva ferver sob sua pele.

— Apenas no sentido de que não há tantas famílias tituladas em Nova York quanto há aqui. Nós não precisamos de tantas trivialidades para mostrar nossa riqueza.

Elizabeth tomou outro gole de vinho, incapaz de ignorar o insulto.

— Bem, claro que você não precisa, você simplesmente fala em voz alta.

Os olhos da Srta. Andrew se estreitaram, e Elizabeth pôde sentir o ódio irradiando dela.

— Formei um vínculo estreito com Henry quando estávamos em Nova York. E cá entre nós, Lady Newland, espero ansiosa que ele peça minha mão.

Elizabeth assentiu, o desejo de arranhar os olhos da mulher quase impossível de negar.

— Você tem razão para acreditar que ele possui sentimentos por você?

Ela limpou a garganta, odiando o fato de sua voz soar distraída e que havia um nó na garganta do tamanho de uma laranja.

Henry quase a beijara apenas algumas noites antes, com certeza ele não agia com tanta precipitação sem intenções honradas.

A senhorita Andrews sorriu alegremente.

— Mas é claro! Como viúva, acho que não vou chocar suas sensibilidades dizendo que Lorde Muir beija muito bem. — sussurrou ela — Devo declarar que seu lábio inferior, é apenas um pouquinho mais largo que o de cima, e é delicioso de beliscar. Se eu não estivesse tão apaixonado por ele, eu certamente estaria perdida pela luxúria.

Elizabeth se ajustou em seu assento e lutou para não colocar para fora tudo o que havia comido.

Henry beijou a senhorita Andrews?

Havia beijado outra mulher?

Dor misturada com raiva a cortou e ela rangeu os dentes.

— Tenho certeza de que a declaração de amor de Sua senhoria e um pedido de casamento não estão longe, Srta. Andrews.

Elizabeth colocou a carne branca e úmida da lagosta na boca, o fruto do mar estava com gosto de sujeira de paralelepípedo.

— Talvez — respondeu a Srta. Andrews com um brilho diabólico nos olhos — Talvez aconteça nessa mesma noite.

Elizabeth não poderia responder, mesmo que quisesse. Ela ouvira o suficiente das relações da mulher com Henry para durar uma vida inteira.

A lagosta foi retirada e foi substituída por uma variedade de aves de caça guarnecidas com legumes. A imagem de Henry tomando a Srta. Andrews nos braços, em um abraço apaixonado, atravessou sua mente, seus olhos arderam. Ela se concentrou na comida e nada mais, alguns outros perceberam sua chateação. Estava sendo absurda, uma mulher boba, ansiando por mais momentos roubados com um homem que, se a Srta. Andrews estava certa, os distribuía com frequência e sem cuidado.

Elizabeth olhou rapidamente para a moça e não perdeu o triunfo claro em suas feições.

Ela tomou um bom gole de vinho. O que Henry fazia com a mulher, ou havia feito, não importava. Eles poderiam ter achado estar apaixonados anos antes, mas a falta de comunicação e o casamento dela haviam posto um fim naquilo. Henry estava livre para se encontrar e gostar de quem ele quisesse.

Elizabeth fez sinal ao lacaio para encher sua taça de vinho, e tomou outro gole. Talvez, se ela ficasse levemente embriagada, a dor no peito se dissipasse. Talvez.

A conversa em torno da mesa aumentou em jovialidade à medida que os pratos iam e vinham. Finalmente, e com muito alívio para Elizabeth, Lady McCalter se levantou e dispensou as senhoras, e os homens partiram para a conversa pós-refeição regada a vinho do porto, sozinhos. Elizabeth seguiu de perto Sua Senhoria, ansiosa para se afastar da Srta. Andrews.

Na sala da frente, onde um interlúdio musical se daria, Elizabeth sentou-se no piano e olhou pelas partituras. Ela não queria tocar uma peça difícil. Queria algo leve era para que ela não precisasse se concentrar muito no que estava fazendo.

Elizabeth ainda estava indecisa quando a porta se abriu e os cavalheiros entraram para se juntar a elas. Ela gemeu por dentro quando Lorde Riddledale se aproximou dela.

— Com o que vai nos deliciar com esta noite, Lady Newland?

Ele sentou-se ao lado dela e, com um franzir de testa, ela se encolheu já que ele praticamente se sentou em seu colo.

— Eu não escolhi uma peça ainda, meu senhor, mas Sua senhoria tem bastante variedade de música. Tenho certeza de que encontrarei algo em breve.

— Claro que sim, minha querida. — O lorde limpou a garganta — Eu estive pensando sobre nós, e quão maravilhoso será quando nos casarmos. Eu mal posso conter meu desejo de ter você para mim... na nossa noite de núpcias.

Elizabeth lutou para não acertar o idiota na cabeça.

Como ele ousa falar com ela dessa maneira? Um homem que alegava ser amigo da família desde tanto tempo decerto que não poderia ser tão insensível.

— Você se esqueceu, senhor, que eu não aceitei sua proposta, e mesmo com a possível ruína, é provável que eu não aceite.

Sua mão se agarrou às teclas do piano enquanto um toque mais leve subia pela parte externa de sua perna.

Lorde Riddledale riu, lambendo os lábios finos.

— Uma mulher da sua experiência deve ansiar por um homem. Não posso lhe dizer como estou honrado por ser eu quem vai satisfazer sua doce carne depois de tanto tempo.

A mente de Elizabeth se apoderou de pânico quando a respiração ofegante do homem raspou contra sua

bochecha.

— Seria sensato não me acariciar de forma inadequada para que você não se torne um cavalheiro com apenas nove dedos em vez de dez.

— Não seja tímida, minha senhora. Não combina com você. — ele riu, jogando a cabeça para trás e fazendo-se parecer um idiota pomposo — E quanto ao seu nome, nem mesmo ser filha de um duque ou a ancestralidade do título Newland poderia salvar sua reputação se eu vier a revelar seus pequenos segredos sujos. Não tenho medo de você, Elizabeth.

Elizabeth se abaixou e virou o dedo que acariciava sua coxa até que sua senhoria se soltou com um grito.

— Que graça que acredita em suas palavras, mas tais ameaças serão sua queda. Contei ao meu irmão do seu pedido e o motivo por trás dele. Ele não ficou impressionado e não vamos esquecer, é a sua palavra contra a minha, sua palavra contra um Worthingham.

Elizabeth colocou uma peça de Bach a sua frente, passando a ignorá-lo por completo. Ele não saiu, apenas tomou um gole de vinho.

— Eu acho que com o tempo vai mudar sua opinião. — ele fez uma pausa, passando um dedo ao redor do peça de cristal — Afinal eu tenho a carta, e está com o selo do seu querido pai para provar a autenticidade. A sociedade acreditará em mim, não em você.

Elizabeth sentiu o sangue fugir de seu rosto e seu olhar voou para o dele.

— Que carta? — ela perguntou, sua voz despida de indiferença.

— A que seu pai enviou a Henry. Eu tive que interceptá-la, sabe, porque eu sabia que Lorde Muir voltaria no mesmo instante para salvar sua reputação. O pagão escocês estava apaixonado por você, mesmo que você não soubesse disso na época.

— Você interceptou a carta para Henry? — Elizabeth lutou para controlar seu coração, batendo rápido em seu peito — Mas ele respondeu. Ele se recusou a voltar. Participou nesse esquema também?

Ele lançou um *tsc* a ela como se falasse com uma criança, e ela não poderia tê-lo odiado mais naquele momento.

— Eu respondi, não que você possa provar, já que mandei para a América para ser postada de lá. Um pouco de dinheiro nas mãos certas e um selo autêntico é fácil de se conseguir.

Ele deu de ombros.

— Como você sabia que a carta seria enviada? Nós não dissemos a ninguém da minha condição.

Elizabeth não queria pensar nisso, mas os servos, mesmo os supostos leais, costumavam fofocar se dinheiro suficiente fosse acenado diante deles. Malditos sejam.

— Suborno abre até as bocas mais cerradas. — ele suspirou, franzindo a testa — É difícil encontrar servos honrados e fiéis, não concorda?

Ela o observou com o rosto em branco, incapaz de processar o que ele estava dizendo. O fato de os criados de sua família terem quebrado sua confiança não era nada em relação a como um cavalheiro, que dizia ser amigo de seu pai, um vizinho mesmo, podia agir de maneira tão atroz.

— Como pôde fazer isso comigo?

— Eu queria você para mim. Sempre quis. — rosnou — Fiquei muito descontente quando seu pai teve a ideia de casá-la com Newland, mas é claro que eu sabia por quê. Fico me perguntando se você disse ao seu *highlander* que o filho dele está vivo e bem, mas com o título de outro homem na cabeça.

A sala girou diante dos olhos dela.

Por Deus. O que ela ia fazer?

Pânico se apoderou dela, querendo envolvê-la e sufocá-la. Espiando sua taça de champanhe esquecida em cima do

piano, ela fez menção de pegá-la, mas falhou e a derrubou no colo de Lorde Riddledale.

— Muitas desculpas, meu senhor. Que pena para você.

Suas palavras foram sem cuidado, e ela observou com pouco interesse enquanto Lady McCalter se agitava com guardanapos e um pronto pedido de desculpas.

— Um pouco de vinho não vai mudar o seu futuro, Lady Newland. — ele sussurrou, se levantando — Não importa o quanto você deseje.

Elizabeth observou enquanto ele se afastava, se sentou e tocou um Minueto em Sol de Bach com o melhor de sua capacidade, sua mente era um zumbido por tudo o que Riddledale havia revelado e o que significava para seu filho se ela não se casasse com ele.

Sua atenção se voltou para Henry, e ela perdeu uma nota. Ele a observou, seu olhar intenso passando entre ela e o agora ausente Lorde Riddledale. Outras senhoras vieram para ficar ao lado do piano, e Elizabeth desistiu do instrumento, apenas feliz por deixá-las ter sua vez. Ela caminhou até uma janela próxima, a área externa tão escura e sombria quanto sua mente.

Ela teria que se casar com Riddledale... a menos que falasse a verdade.

O som estridente da Srta. Andrews a puxou de seus pensamentos, mas apenas por um momento. Henry era inocente e seu tio também. Isso, pelo menos, era um pequeno conforto, mas definitivamente o único.

...

Henry observou a conversa de Elizabeth e Lorde Riddledale no piano e desconforto percorreu seus ombros. A palidez no rosto, e às vezes o ódio flagrante que brilhava nas profundezas verdes, dizia-lhe mais do que qualquer palavra que a conversa não havia sido de modo algum agradável.

Seu corpo se apertou e uma fúria tomou conta quando viu o lorde acariciando a perna dela.

Libertino!

Henry tomou um gole de conhaque e acolheu a queimação em seu estômago. Ele arrancaria a mão do desgraçado se ele não parasse. Ele deu um passo em direção a eles, e viu Elizabeth lidar com o dedo do demônio.

Seus olhos se estreitaram quando Elizabeth lutou para esconder as emoções dos convidados que os rodeavam. Se Henry não a conhecesse bem, ele assumiria que o homem estava ameaçando-a de alguma forma. Mas com o que Lorde Riddledale ameaçaria Elizabeth? Ela era uma viúva muito respeitada, uma mulher acima de qualquer reprovação.

Henry tomou um grande gole de conhaque e largou o copo em uma mesa próxima. Ele começou a atravessar a sala. A senhorita Andrews entrou em seu caminho e ele xingou mentalmente.

— Aí está você, Henry. — ela murmurou, apertando o braço dele e puxando-o para onde seu irmão conversava com Lorde McCalter — Você parece alterado. Está tudo bem, meu senhor?

Henry sorriu e tentou banir a irritação pela interferência dela.

— É claro.

Ele murmurou algumas respostas para a conversa sem sentido, mas manteve o olhar vigilante em Elizabeth. Ela tocou a peça, mas não havia paixão, nenhuma emoção por trás da música, ela estava distante... distraída.

Eles precisavam conversar, ter uma longa conversa, e sem interrupção. Não esta noite, mas amanhã. Desde o seu retorno, algo não estava certo, e havia chegado a hora de descobrir que "coisa" era essa.

...

Henry caminhou em direção à residência do duque de Penworth no dia seguinte, determinado a descobrir a verdade sobre o que estava acontecendo, ou ao menos o que havia entre Elizabeth e ele.

Esta manhã seu criado havia entregado uma carta do tio, que não se lembrava de ter recebido carta alguma, e fora inflexível, se não um pouco magoado, por Henry o ter acusado de tal tolice.

Ele bateu a aldrava na porta da frente dos Worthingham. Se seu tio não tivera participação no impedimento de seu possível casamento com Elizabeth, então outra pessoa era culpada, e Henry não podia deixar de se perguntar se aquele "alguém" era o irmão de Elizabeth. Eles nunca foram muito próximos quando meninos, e decerto não era nada amigáveis no momento.

Um mordomo que ele já conhecia há alguns anos abriu a porta e o cumprimentou com um aceno de cabeça ártico.

Henry passou pelo homem.

— Estou aqui para ver o duque e Lady Newland.

Ele tirou as luvas e colocou-as em um suporte antes de entregar o casaco ao mordomo.

— Sua graça não está em casa e não tenho certeza de quando Lady Newland retornará. Se não se importasse em voltar depois, meu senhor...

— Vou esperar na biblioteca.

Henry entrou na sala, uma que ele conhecia bem como se fosse dele, e sentou-se diante da lareira. A madeira queimava e crepitava enquanto ele olhava para as chamas azuis e laranjas bruxuleantes. Sua mente era um zumbido de pensamentos turbulentos remoendo o que aconteceu com Elizabeth quando ele partiu.

Quem escreveu a carta e por quê?

E Henry não era tolo o suficiente para acreditar que seu suposto amor por ele era o bastante para seu pai escrever e exigir que ele voltasse. Elizabeth estava escondendo alguma coisa. Mas, o quê?

Ele cerrou os dentes.

Passos suaves soaram na entrada e ele se virou na direção da porta.

— Lorde Muir, não esperava a sua visita.

Henry ficou de pé, as mãos nas costas.

— Peço desculpas pela minha intrusão, mas o que desejo discutir não pode esperar.

Elizabeth lançou um olhar confuso antes de caminhar até a campainha.

— Chá? — ela perguntou.

— Obrigado, sim.

Ela caminhou até o sofá mais próximos e sentou-se, sua tranquilidade e movimentos graciosos tingidos com uma ponta de cautela, e suas suspeitas cresceram.

— O que continha a carta que me enviou, Elizabeth? A que eu, ao que parece, rejeitei?

Ela empalideceu antes que a determinação parecesse endireitar sua pose.

— Nada além de um pedido para você voltar e se casar comigo. Fui tola de me achar apaixonada.

Ela se atrapalhou com o vestido, corando em demasiado, uma característica que costumava apresentar quando contava mentiras.

— Mas já disse isso, então estou um pouco confusa com sua visita esta manhã.

— Foi porque perdeu a virgindade comigo, e seu pai achou melhor que se casasse com o homem que a deflorou?

Era a única verdade razoável que ele conseguia pensar. Outro marido poderia ter ficado mortificado, humilhado, se percebesse na noite de núpcias que sua esposa não era tão pura quanto ele pensara. Alguns homens poderiam ter exigido uma anulação se ofendidos pela percepção. Era uma causa justa para pedir seu retorno.

Em seu silêncio contínuo, ele se levantou, andando em frente à lareira.

— Você deveria esperar por mim em qualquer caso. Não contou isso ao seu pai antes de escrever?

Ela riu, o som encoberto de nervos.

— Está lendo minhas ações mais do que deveria. Meu pai sabia da minha ruína, como disse, mas ele também acreditava que eu amava você, como eu acreditei. Não há mais nada o que dizer. Foi um impulso tolo de uma jovem senhorita imatura.

— Não me force a requisitar Sua graça, Elizabeth, porque eu vou se for a única maneira de descobrir a verdade.

Seus olhares se encontraram, e um lampejo de medo passou pelos olhos dela antes que ela piscasse e desaparecesse.

— Não posso dizer o que deseja já que digo a verdade. Pergunte ao papai, sua lembrança do tempo será a mesma que a minha.

— Meu tio não mandou cartas nem respondeu a uma de seu pai. Então, outra pessoa nos fez de tolos e precisamos descobrir quem é esse “alguém”.

Ela olhou para ele, seus penetrantes olhos de Viridiana se enchendo de medo.

— Há algo que devo contar, Henry, mas não tenho certeza do que fazer a respeito.

Ele veio e sentou-se em frente a ela.

— O que é?

— Eu suspeitava que seu tio escreveria para dizer que não sabia da missiva. A razão pela qual eu suspeitei disso é porque...

Ela respirou fundo, encontrando o olhar dele.

— Porque há poucos dias, Lorde Riddledale me disse abertamente, e com um pouco de alegria, que sabe de nosso encontro ao lado do lago e, na noite passada, no baile de Lorde McCalter, admitiu ter a carta que papai lhe enviou. Ele confiscou a missiva do meu pai e respondeu como seu tio, tudo devido a sua intenção de me ter para si.

O mundo de Henry ficou desequilibrado e ele ficou perplexo, perplexo com ela. Ele mataria aquele desgraçado.

— Vou acabar com aquele inglês sarnento.

Ela apertou o braço dele, seus olhos suplicavam.

— Você não deve se aproximar dele. Só vai piorar as coisas, e eu não vejo o que podemos fazer sobre a situação.

— Acredito que há uma legião de coisas que posso fazer sobre a situação.

Matá-lo veio à mente.

Mutilá-lo e depois matá-lo... devagar.

— Vou falar com o marquês.

— Ele está me ameaçando, Henry. Ele declarou que vai tornar público o nosso escândalo caso eu não me case com ele.

Ele encontrou o olhar dela, vergonha fluía em suas veias por tê-la deixado sozinha para encarar tal destino. Fazia quantas semanas que ele vinha vendo o idiota pomposo a seguindo como um cachorro? E todo aquele tempo o desgraçado a estava ameaçando, usando a carta do pai como uma arma para forçá-la a fazer o que ele mandava.

— Ele está exigindo que você se case com ele?

Ela desviou o olhar, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. Henry queria puxá-la para seus braços, consolá-la como deveria ter feito no instante em que voltou da América. Maldito rato Riddledale.

— Ele está. Eu não concordei com suas exigências, mas vejo pouca opção além de ceder se não conseguir a carta de volta. Posso ser uma viúva, a princípio acima de qualquer reprovação, mas não estou disposta a permitir que tal escândalo acabe com as chances de minhas irmãs no futuro. Se a cidade conhecer o conteúdo da carta, junto com a história do que Riddledale nos viu fazendo no lago, minhas irmãs ficariam manchadas com o mesmo pincel: conquista fácil, prostitutas.

— Você não é uma prostituta e nem vai se casar com Riddledale.

Ele iria encontrá-lo em um campo de honra e livrar o mundo da praga antes que tal atrocidade ocorresse.

— Bem, com certeza não quero, mas a menos que nós garantamos a posse dessa carta, não vejo outra solução. Não permitirei que ele manche o nome da minha família.

— O seu pai sabe disso?

Certamente o duque poderia influenciar Riddledale. Irritar o duque de Penworth não era uma questão insignificante e, decerto, não era algo que devesse ser tomado como frívolo.

— Meu irmão sabe. Como papai não está muito bem, não quis aborrecê-lo com este evento angustiante.

Ela fez uma pausa.

— Isso pode surpreendê-lo, mas ele recomendou que eu contasse a você sobre esses desenvolvimentos. Não que eu espere que mude o resultado dessa situação atroz, mas pelo menos há alguma chance de que possamos frustrar o plano de Riddledale. Isso no caso de trabalhamos juntos. Eu só não sei como ainda.

Ela se levantou e ele fez o mesmo.

Tomando sua mão, ela olhou para ele, e mais uma vez ele foi transportado de volta no tempo para sua juventude, quando não havia preocupações de reputação ou honra. Apenas a vida e suas possibilidades.

Henry empurrou uma mecha de sua bochecha e a colocou atrás da orelha. Ela fechou os olhos, seus lábios deliciosos abrindo-se em um suspiro. Henry engoliu em seco, debatendo se deveria se inclinar e beijá-la enquanto ameaças de escândalos não passavam de um pensamento vago que não valeria a pena.

— Pelo menos agora eu sei por que você nunca me escreveu. Escrevi diversas vezes, mas nunca recebi uma resposta. Quem você desconfia trabalhar para o seu pai, mas servir a Riddledale? Temos que descobrir e lidar com ele ou ela de forma severa.

Elizabeth assentiu.

— Parece que Lorde Riddledale fica a par de toda a correspondência que entra e sai dessa casa há algum tempo. Roubar cartas privadas é desprezível, mas difícil de provar. É a nossa palavra contra a dele. E agora que sabemos com certeza que seu tio não enviou a carta e que nenhuma carta sua foi recebida, Josh pode tomar medidas quanto ao criado que nos enganou.

Ele a puxou para se sentar ao lado dele e pegou a mão dela.

— Temos que pegar a carta de volta.

Henry franziu a testa ante o pensamento. Ele pode ser escocês, mas não foi criado para ameaçar ou ir atrás de situações ruins.

— Precisamos entrar na casa de Riddledale, em sua biblioteca para ser mais específico.

A carta deve estar lá, tenho certeza. São um prêmio para ele, então as manteria por perto, por segurança. Precisamos roubá-las de volta.

Elizabeth apertou seu próprio pescoço, os olhos se arregalaram com compreensão.

— Roubar? De Sua Senhoria? Sei que costumávamos brincar quando crianças, mas Henry, nós não somos ladrões soturnos. Ele vai nos pegar com certeza.

— Não, se o enganarmos direito. — ele esfregou o queixo — Riddledale tem uma irmã, correto?

Elizabeth assentiu.

— Sim, Lady Emily.

— Ela está sendo apresentada este ano, se me recordo. O que exige um baile de debutante...

— Sim, isso mesmo.

Os olhos de Elizabeth se arregalaram quando entendeu o que ele estava pensando.

— Suponho que vamos nos esgueirar em sua biblioteca, encontrar a carta, e seguir com a noite com naturalidade?

A voz dela escorria sarcasmo, e ele levantou uma sobrancelha.

— É exatamente o que vamos fazer. — ele pegou sua pequena mão enluvada e plantou um leve beijo — Sinto muito por deixar você enfrentar o lorde sozinha. Eu deveria ter sabido, por sua reação a ele na noite passada, que ele estava armando alguma coisa. Vamos enfrentá-lo juntos a partir deste ponto, e ganharemos dele em seu próprio jogo.

Ele fez uma pausa, pensando em tudo o que perderam e sem nenhum deles ter alguma culpa.

— Não posso permitir que se case com ele, moça. Você não deve ceder a tal demônio.

Ela sorriu, mas o gesto não alcançou os olhos.

— Eu sei e agradeço sua ajuda. Só espero que seu plano funcione.

Ela fez uma pausa, o polegar deslizando por cima da mão dele.

— Vou contar a Josh nossa ideia e ver se ele também nos ajudará.

— Tenho certeza de que vai ajudar. Riddledale nunca esteve nas graças dele. Seu irmão gosta de alguém menos do que de mim. Me sinto muito abençoado.

Ela riu, e o som fluiu por ele como doce.

Seus olhares se encontraram e, mais uma vez, o impulso de proteger a mulher diante dele se apoderou dele. Ela era tão inocente quanto ele no jogo doente de Riddledale, e não permitiria mais que ela fosse um brinquedo para o homem, que fosse movida como uma peça de xadrez a seu bel prazer.

Ele a puxou para seus braços e beijou a pequena carranca que marcava sua testa. Ela relaxou em seu abraço, e ele se deliciou com a sensação dela contra ele, seu vestido de musselina leve e corpo flexível enquanto ele acariciava suas costas.

Ela olhou para ele, seus olhos revelando a emoção a que ela não daria voz, e desejo o dominou. Sem dar chance dela se afastar, ele se inclinou e beijou seus lábios, tão de leve, mas o bastante para abrandar todo o calor que o

queimara por dentro por semanas criando um inferno incandescente dentro dele.

Suas mãos deslizaram pelos braços dela e seguraram seu pescoço. Sua língua, no início hesitante, logo se ritmou à dele, seus dedos se perderam em seu cabelo e o puxaram para perto. A necessidade que ele havia suprimido fez seu sangue esquentar e pesar em suas veias. Não houve hesitação em seu abraço, só queria mais do mesmo beijo delicioso que consumia os dois.

Passos duros soaram no lado de fora. Elizabeth se afastou dele, o olhar arregalado de alarme.

— Você deveria partir antes... antes que mais disso... — ela gesticulou entre eles — ocorra.

Henry sorriu, passou um dedo pelos lábios avermelhados e bem-beijados.

— E se eu disser que gostaria de ficar?

— Então eu diria que não pode.

Ela lançou um sorriso fraco.

— Reflita acerca do que deseja que eu faça com Riddledale, e farei. E assim que tivermos garantido a carta, acho que o magistrado deve ser notificado de seu roubo.

— Devido ao fato de que também estamos nos tornando ladrões, talvez deixemos o magistrado fora desta situação, mas lidaremos com Riddledale, sem atenuantes. Você tem minha palavra quanto a isso.

— Eu quero estar lá quando você o punir.

Henry riu, em pé para ir embora.

— Não está se transformando em um selvagem, está *milady*? Seu irmão vai chamá-la de escocesa se não se cuidar.

Ela sorriu.

— Já fui chamada de coisas piores, tenho certeza.

CAPÍTULO SETE

Henry caminhou a passos largos pela St. James, a famosa janela do *Whites* aparecendo antes mesmo do clube em si. Desde que deixou Elizabeth, e com o conhecimento chocante das ameaças de Riddledale, ele procurava o desgraçado. Sua Senhoria precisava de um bom direito no queixo e qualquer outra coisa que ele pudesse fazer.

Ele entrou no salão do clube de cavalheiros, procurou nos dois cômodos matinais, um de cada lado. Os cavalheiros olharam surpresos pela urgência de suas ações, mas voltaram para as bebidas e fofocas.

Entrando no segundo corredor, ele subiu as escadas de dois em dois degraus até o primeiro andar e entrou na sala de café que percorria toda a extensão da frente do prédio. Foi lá que ele avistou o canalha, espreguiçando-se em uma cadeira, uma perna cruzada sobre a outra, fumando um charuto como se não tivesse nenhum problema no mundo.

O vilão teria sorte de ver esse dia terminar.

A fúria, diferente de qualquer outra que já conheceu, ameaçou consumi-lo, garantia que ele faria algo tolo como quebrar o pescoço do maldito chantageador. Ele caminhou em direção a ele respirando fundo para se acalmar um pouco. Não fez muita diferença.

Com o canto do olho, ele viu o irmão de Elizabeth observando-o com interesse. Ignorou o homem e se acomodou em frente a Riddledale, esperando em silêncio que erguesse os olhos do jornal que estava lendo. O almofadinha desagradável virou uma página, e só então encontrou o olhar de Henry.

— A que devo o prazer de sua companhia, Lorde Muir?

Henry colocou os dedos no queixo para não estrangular o criminoso. A imagem de um Riddledale ofegante, o rosto vermelho de falta de ar, lhe fez arquear os lábios.

— Venho observando o senhor ultimamente, seu cortejo a Lady Newland, e eu estou aqui para saber quais são suas intenções.

Riddledale zombou.

Dobrou o jornal e o colocou na mesa.

— Você não é o guardião de Lady Newland. Ela é dona de si mesma e capaz de escolher com quem vai se casar. Acho que deixei minhas intenções bem claras para a senhora.

— Ah, mas o que esquece de mencionar é que deu pouca escolha a Lady Newland. — Henry fez uma pausa — Eu sei da chantagem, Riddledale.

Riddledale encontrou seu olhar, as sobrancelhas levantadas.

— Então ela te contou o que eu sei. De como se esgueiraram como um par de animais ao ar livre, sem nem se incomodar com um cobertor. — ele riu — Sei que escoceses são selvagens, mas pensei que trataria uma dama melhor do que daquela forma.

Henry cerrou os dentes, sabendo que parte do que ele dizia era verdade. Eles fizeram amor ao ar livre sem preocuparem-se com delicadezas, mas nunca se esgueiraram. A união deles foi o oposto do sexo sem sentido. Foi amor, uma união de duas almas feitas uma para a outra.

— Fale assim de novo, e nosso duelo acontecerá aqui e agora.

— Sou um bom atirador e estou disposto a arriscar contra você. — Riddledale encolheu os ombros — E o que eu digo é a verdade, nós dois sabemos disso. Agora, há mais algum assunto que queira discutir?

— Você não vai se casar com ela. Não agora, nem no final da temporada, nem nunca.

Riddledale fez um movimento de desdém com as mãos.

— Você é esquecido, Lorde Muir. Não tem escolha. Já fiz meu caso com a garota. Ela concordará. Com certeza o senhor não deseja ver as irmãs dela arruinadas, suas esperanças de bons casamentos, perdidas.

— Claro que não desejo que isso aconteça, mas também não permitirei que uma mulher que eu gosto se sacrifique a você. Por que você não faz algo honrado pela primeira vez em sua vida e vá embora?

— Considero Elizabeth, a deliciosa Lady Newland, agradável ao meu gosto. Eu a quero, sempre a quis e agora, devido ao que sei, a terei.

— Se é dinheiro que quer, dê seu preço.

Riddledale contemplou a sugestão de Henry por um momento, e uma faísca de esperança passou por ele. Seu senhorio precisaria de suborno? A herança de Elizabeth estava desempenhando algum papel em sua decisão de tê-la?

— Nenhuma quantidade é demais. — acrescentou Henry.

— Você não vai comprar meu silêncio, Lorde Muir. Elizabeth será o suficiente.

— Ela não é um cavalo à venda no Tattersalls. Os Worthingham são seus amigos há anos. Vocês são vizinhos. Como pode ameaçá-la de tal maneira e não ter nenhum cuidado?

— É fácil, porque a quero há muito tempo. Sim, ela é rica, seu dote é uma boa adição aos meus cofres, mas ela é o prêmio que eu anseio ter debaixo de mim na cama, seus suspiros raspando contra minha bochecha quando ela sente o meu desejo.

Henry não teve certeza do que aconteceu com ele, mas em questão de um segundo ele tinha Riddledale embaixo dele no chão, os olhos do homem se arregalando em choque. O punho de Henry se conectou com a mandíbula do desgraçado, uma e outra vez, ele enterrou os nós dos dedos

na carne de um cavalheiro que não tinha direito de ser chamado com tal.

Gritos soaram sobre eles, e só quando o nariz do almofadinha estava sangrando, foi que ele se retirou.

Sacudiu seus captores e sentiu o rosnado em seu rosto enquanto olhava para Riddledale, que procurava por um lenço em seus bolsos.

Ele endireitou o paletó com a respiração ofegante.

— Pense na minha oferta, meu senhor. Seria benéfico, para você, ter uma vida feliz e longa em vez do contrário, caso se recuse.

— Venha comigo, Lorde Muir.

Henry virou-se para a voz familiar e notou o irmão de Elizabeth ao lado dele, com os olhos cautelosos, mas também sem julgamento. Os outros voltaram para seus lugares agora que tudo parecia resolvido entre os homens. Risadas e apostas abafadas podiam ser ouvidas acima de seu próprio batimento cardíaco acelerado.

— Eu deveria exigir um duelo, seu vira-lata escocês. Como se atreve a atacar um marquês inglês?

Henry zombou.

— Bem fácil. E eu ficaria feliz em mostrar novamente como caso acredite que eu ligo para o que pensa.

— Muir, venha embora.

— Sim, vá, Lorde Muir. — Riddledale esperou que um lacaio endireitasse a cadeira e depois retomou seu lugar — Espero que nos honre com sua presença no meu casamento. Já que somos tão bons amigos, seria uma pena que você não estivesse presente.

Henry deu um passo em direção a ele, pronto para matá-lo desta vez, e sua graça agarrou seu braço em um aperto inabalável.

— Não terminamos, Riddledale. Não seria prudente cantar vitória tão cedo.

Riddledale riu, estremecendo com o corte no lábio.

Henry sorriu por seu desconforto.

— Mas irei de qualquer forma. Bom dia para você.

Henry saiu do lugar, precisava se distanciar do homem, a vontade de seguir em frente com seu desejo e livrar o mundo do excesso de picaretas.

Worth o alcançou nas escadas.

— Você não pode agir como um homem sem regras. Se não for por seu próprio bem, então pense duas vezes, e faça por Elizabeth.

Henry virou-se e ergueu um olhar frio para Worth, para que não dissesse a ele como se comportar outra vez.

— Perdão?

— Você me ouviu. Uma briga. No *Whites*? Eu sei que você se importa com minha irmã, mas arrisca sua reputação com ações como essa. Ela contou da carta pelo que vejo. Estou surpreso que esteja levando isso tão bem.

— Sim, sei que Riddledale sabe do que aconteceu entre Elizabeth e eu antes de eu partir para a América. Não permitirei que ele a ameace para se casarem.

— É tudo o que ela disse a você?

Henry fez uma pausa, franzindo a testa.

— O que mais há para saber?

O irmão de Elizabeth balançou a cabeça, recuando.

— Não. Nada, isso é tudo.

Henry olhou com raiva, o pensamento irritante de que ainda estava no escuro quanto a algo importante, martelava seu crânio. Worth deu um aceno de adeus, e Henry assobiou para um cabriolé. O que ele realmente precisava era de um uísque duro e tempo para planejar como recuperar o que Riddledale havia roubado.

Não importava com quem Elizabeth decidisse se casar, ela escolheria sozinha, não os outros por ela, e com certeza, Riddledale não a faria tomar decisões sob coerção. Ela merecia muito mais do que um casamento desprezível que traria apenas mágoa e tristeza.

CAPÍTULO OITO

Alguns dias depois, um telegrama de Dunsleigh deixou toda a casa da família em Londres em alvoroço. Em uma hora, Elizabeth e sua família estavam na estrada para Surrey, os cavalos em grande velocidade para garantir a chegada rápida, se não tombassem.

Elizabeth olhou para a mãe, cujos lábios pálidos e olhos avermelhados falavam de uma preocupação que todos sentiam, mas recusavam-se a discutir. As horas pareciam se arrastar e a paisagem que passava parecia permanecer a mesma. O bater repetitivo dos cascos dos cavalos marcava o tempo, e se suas preces fossem atendidas, elas chegariam no dia seguinte.

Talvez apenas para dizer adeus.

Um pouco depois do almoço no dia seguinte, a carruagem contornou os portões de Dunsleigh. Sua mãe não esperou que o criado abrisse a porta e saltou quando o coche mal havia parado de se mover e correu degraus acima.

Elizabeth deixou que as irmãs aflitas saíssem antes de entrarem todas em casa.

Josh as cumprimentou no corredor.

— Como está o papai? — perguntou Elizabeth, entregando ao lacaio um gorro e uma capa de chuva.

— Houve uma mudança há três noites. O valete me chamou com urgência. Vim a galope. Quando notei a gravidade da doença, mandei chamar todas vocês da cidade. O médico acabou de sair.

Elizabeth colocou um braço reconfortante ao redor de Alice, que começou a soluçar.

— O que ele disse?

Ela viu dor cruzar as feições de seu irmão, e seu estômago se apertou de medo.

— O pai não tem muito tempo... Ao que parece é o coração. Algum tipo de lesão está além do que se pode reparar.

Elizabeth se virou ao som de outra carruagem que subia a estrada e parava em meio a uma nuvem de poeira. Alívio tomou conta dela quando reconheceu o ocupante. Elizabeth caminhou até a porta e deu as boas-vindas a Isolde, que subiu correndo os degraus. Elizabeth deu-lhe um abraço rápido antes de sua irmã tirar as luvas e entregá-las ao lacaio.

— Papai está em seus aposentos?

— Sim. — Josh respondeu, escoltando Isolde até as escadas.

Elizabeth seguiu e foi recebida por sua mãe que estava saindo dos aposentos ducais.

— Ele quer falar com cada um de vocês — disse a mãe deles, depois se virou para sua segunda filha mais velha. — Isolde, pode ir primeiro, mas não se demorem meus amores. Ele está muito cansado.

Elizabeth engoliu o nó na garganta e observou a irmã subir as escadas e adentrar os aposentos dos pais. Eles foram esperar em uma sala do andar de cima. Elizabeth sentou-se em um assento na janela que dava para os jardins, jardins que a mãe adorava passear, levando o jardineiro à distração com todas as rosas que adorava plantar.

Dunsleigh tinha tantas lembranças maravilhosas, como quando seus pais costumavam passear pelos gramados de mãos dadas, enquanto Elizabeth e seus quatro irmãos corriam diante deles, brincando e rindo sem motivos.

Saber que o pai deles não viveria para se encontrar com mais dos seus netos dividiu sua alma em dois.

Como todos continuariam sem papai?

Ela enxugou as lágrimas e esperou sua vez, tentou se preparar para ter com seu querido pai uma última conversa.

Pouco tempo depois, Elizabeth entrou nos aposentos ducais e parou no arco. Em vez da penumbra que ela esperava, com cortinas puxadas em luto, fogo queimando na lareira, seus olhos encontraram um espaço tão iluminado que demoraram um tempo para se ajustar à claridade inesperada. Todas as cortinas estavam abertas e permitiam que o lindo dia de primavera banhasse o cômodo com todo o seu esplendor.

Elizabeth caminhou em direção à cama, sorrindo.

— Papai?

— Ah, minha querida Elizabeth. — disse ele, com a voz rouca — Venha sentar-se comigo e deixe-me olhar para você.

Ela sentou-se e sentiu o sorriso vacilar enquanto lutava para controlar as emoções. O pai forte e imbatível que ela conhecia envelhecera a ponto de parecer um velhinho, da noite para o dia. Círculos negros abrigavam-se sob seus olhos, a respiração era difícil e sua palidez era de um cinza mortal.

Elizabeth mordeu o lábio para não chorar, mas a cada momento sentia-se perdendo a batalha.

— Agora, calma. Nada disso. Nada pode ser feito, não adianta chorar por isso.

Elizabeth colocou a bochecha no peito dele e agradeceu o som de seu coração batendo, quis permanecer assim para sempre.

— Como você pode soar tão calmo?

Ele suspirou e passou a mão pelos cabelos dela.

— Eu tive uma boa vida. Uma vida plena e feliz. Não tenho queixas. Estou preparado para o que vem a seguir.

Ela o abraçou.

— Eu vou sentir sua falta.

Suas palavras abafaram contra a colcha.

Ele riu.

— Eu também vou sentir sua falta, mas vou ver você de novo um dia, em um futuro *muito* distante.

Elizabeth sorriu.

— Eu o amo, você sabe disso, não sabe papai? E me desculpe por ter trazido tantos problemas para todos vocês.

— Também te amo. E você nunca foi um fardo para mim ou para sua mamãe. As pessoas cometem erros, fazem coisas tolas na juventude. Você nunca foi menos amada por causa disso.

Ele apertou as mãos dela, captando o olhar dela.

— Mas há algo que desejo discutir com você.

Elizabeth fungou e procurou um lenço.

— Tem?

— Sim. — disse o duque, passando-lhe o lenço — Não quero que você permaneça viúva. Você é muito jovem e com muito a oferecer. Por favor, não se esconda atrás do nome de Newland e envelheça antes do tempo. Prometa-me agora pelo menos tentar encontrar alguém digno do seu amor.

Elizabeth franziu a testa, odiando não poder fazer o favor que ele desejava.

— Eu não posso prometer o impossível, pai.

— Você pode e vai.

Henry passou por sua mente, e o pedido de seu pai não parecia tão impossível... e ainda assim, Lorde Riddledale e suas perversas idealizações e ameaças logo afastaram a ideia de felicidade.

Seu tempo com Henry era passado, eram amigos de novo, sim, e ele prometera ajudá-la com Riddledale, mas casamento com ele?

Embora a ideia causasse arrepios em sua pele, ela não podia se deixar pensar em tal coisa e se decepcionar mais uma vez. A primeira vez que ele a negou quase partiu seu coração, mesmo que não fosse culpa dele.

— Sou incapaz de amar e não há ninguém com quem eu me sinta remotamente amável.

A mentira torceu seu estômago em nós, e ainda assim as palavras se espalharam, erradas e desajeitadas.

— Ora, minha querida, isso é uma mentira e eu reconheço uma quando ouço.

Ele lançou um olhar zombeteiro e as bochechas de Elizabeth ficaram quentes.

— Sei quem você está insinuando, papai, e pode parar. Nós concordamos em ser amigos e nada mais.

— Bobagem, Elizabeth. Pode mentir para si mesma, mas não mentirá para mim. — seu pai sentou-se um pouco — Quando Henry morou aqui, tive minhas suspeitas de sua crescente amizade. Eu sabia que Henry estava determinado a garantir seu futuro por qualquer meio possível, e entendi quando ele partiu para a América. Eu aprendi desde então que seu tio, não importa quão rico e poderoso na América, não era um homem confiável. Foi uma das razões pelas quais o falecido pai de Henry o baniu de sua casa na Escócia. Acredito que Henry tenha sido enganado de alguma forma, e eu escrevi para ele sobre minhas preocupações. Henry era um homem honrado e teria se casado com você, tenho certeza... se ele soubesse do bebê.

Não era nada que Henry e ela não tivessem percebido.

— Você está certo, Henry foi enganado e nós também, mas não por seu tio.

Ela fez uma pausa, imaginando como dizer ao pai o que precisava. As palavras pareciam se agarrar em sua garganta. Seu pai tossiu, ficando mais pálido do que as primeiras rajadas do inverno.

— Pai, quer que eu chame o médico de volta?

Ele afastou as preocupações dela.

— Não é necessário. Agora... — ele disse, tomando um gole de água — O que você estava dizendo?

— Henry escreveu ao tio que negou qualquer envolvimento em não entregar nossa carta ao sobrinho. Henry agora está investigando quem mais poderia ter trabalhado contra nós de maneira tão cruel.

— Henry vai chegar ao fundo de todo esse problema, e agrada-me muito que seu tio tenha deixado as mágoas no passado, e não tenha se intrometido nas vidas de duas pessoas inocentes que não merecem censura, mas me deixa curioso para saber quem foi que enganou vocês dois.

Ela encolheu os ombros, não querendo deixá-lo saber a verdade que sem dúvida o perturbaria. Seu pai sempre gostara de Riddledale. Saber que o homem era um idiota arrogante e chantagista não era algo que ele precisava saber nos últimos dias de sua vida. Henry e Josh a ajudariam a se livrar do idiota, e isso era o suficiente.

— Henry vai descobrir. Você sabe o quanto os homens escoceses adoram perseguir vilões ingleses.

Ele riu.

— Nisso está certa, minha querida.

Elizabeth balançou a cabeça, amando o jeito descontraído do pai, sem importar-se que era um duque. Ele sempre foi, antes de mais nada, o pai deles.

Ela respirou fundo.

— Obrigado por tudo, pai. Você sempre foi tão generoso e amoroso. Eu sou verdadeiramente abençoada por ser sua filha. Eu o amo tanto.

Ele a puxou contra ele, esfregando suas costas enquanto as lágrimas finalmente se libertavam.

— E eu te amo. Para sempre e mais um dia. Agora vá e viva uma vida plena e feliz para mim e, por favor, chame sua mãe na saída.

Ela sorriu através das lágrimas e levantou-se para sair. Depois de um último vislumbre de seu pai, ela saiu sabendo que nunca mais o veria de novo.

...

Elizabeth ficou em silêncio e sentiu-se desolada quando o caixão de seu pai foi levado para o mausoléu da família,

seu lugar de descanso final depois do velório que sua mãe nem irmãs haviam ido na igreja de uma cidade próxima.

A chuva deslizava pelo seu rosto e umedeceu seu manto, tornando-o mais pesado do que o habitual. Elizabeth acolheu o molhado, pois mascarava as lágrimas que não paravam. Seu pai havia partido e não existia quem pudesse fazer para mudar esse fato horrível. Seu irmão, agora o duque de Penworth, estava ao lado dela, o rosto pálido e abatido como todos.

Isolde a puxou, e Elizabeth acolheu o apoio.

Como todos continuariam sem papai?

O homem amoroso e carinhoso que adoravam nunca poderia ser substituído. O padre saiu do mausoléu, a mãe deles logo atrás.

O olhar de Elizabeth foi atraído para o escuro manto de capuz que era o único farol de luz naquele dia frio e sombrio. Henry ficou observando-a, a água pingando de seu chapéu, seu rosto repleto de preocupação. Ela sabia que ele queria ir até ela, dar-lhe conforto, e neste exato momento, nada no mundo seria melhor do que ter Henry abraçando-a.

Quando as velhas portas de metal se fecharam, sepultando o pai, Henry caminhou em sua direção. Fez uma reverência.

— Sinto muito pela perda de vocês, Lady Isolde, Lady Newland. Se houver algo que eu possa fazer, por favor envie uma mensagem. Estou à disposição a qualquer momento que precisarem.

Elizabeth encontrou seu olhar, querendo alcançar e tocar seu rosto, para tomar consolo dele.

— Obrigado, Lorde Muir.

Isolde apertou um pouco o braço dela.

— Vou esperar por você na carruagem, querida.

Elizabeth observou a irmã ir embora, antes de Henry estender a mão para acompanhá-la até a carruagem.

— Não vou mantê-la por muito tempo neste tempo atroz, nem em um dia tão triste, mas pensei sobre

Riddledale e gostaria de falar com você sobre ele.

— Estive pensando neste assunto também, mas com a morte de papai, não tenho certeza de quando voltarei à cidade. Vou escrever para você e avisá-lo se quiser.

A carruagem apareceu diante deles mais rápido do que ela gostaria. Henry colocou a mão sobre a dela, seu calor aquecendo o braço dela.

— Lamento por Sua Graça. Ele era o melhor dos homens, e eu sempre gostei dele. Gostaria de poder...

Ele franziu o cenho.

— Eu gostaria de poder oferecer mais conforto a você neste momento de dor.

— Você estar aqui hoje é conforto suficiente. Obrigada.

Ele a ajudou a entrar na carruagem, fechando a porta. Ele recuou, os braços atrás das costas, e ela empurrou a janela para baixo, não pronta para deixá-lo ainda.

— Você é mais que bem-vindo de volta a Dunsleigh, se não precisar retornar a Londres de imediato.

— Receio ter que voltar à cidade. Tenho negócios a tratar.

Ele se curvou.

— Tenha um bom dia, milady.

A carruagem se afastou, e Elizabeth observou Henry enquanto foi capaz. Poderia levar semanas, meses até, antes de ela voltar à capital e poder vê-lo novamente.

— Henry está apaixonado por você, e se não estou enganada, está mais apaixonado por você agora do que quando partiu para a América.

— Ele não estava apaixonado por mim antes de sair, nós éramos melhores amigos que...

— Se envolveram da maneira mais íntima que existe.

Calor subiu suas bochechas com a lembrança, para não mencionar que Elizabeth sabia que Henry se importava com ela, mais do que ela esperava.

— Não deveria falar dessas coisas, Isolde. Nós somos amigos.

Sua irmã lançou um olhar incrédulo, que Elizabeth preferiu ignorar. Ela escreveria para Henry sobre Riddledale assim que voltassem para Dunsleigh, e cada um voltaria para sua vida normal. Perfeitamente aceitável, o normal de não beijar conhecidos.

...

Semanas se passaram e, aos poucos, o fluxo constante de nobres e família começou a diminuir depois de prestarem seus respeitos pela morte do duque. A mãe, que parecia ainda mais perdida nas semanas seguintes, achava essas visitas cansativas e emocionalmente desgastantes, e Elizabeth ficou feliz quando finalmente pararam.

Elizabeth passou pela porta da frente depois de seu passeio matinal e parou quando o aroma de rosas flutuou em seus sentidos. Inquietação se acumulou em seu estômago quando avistou o lacaio entrando na biblioteca com uma linda caixa azul com uma fita combinando.

— Para quem é isso, John? Elizabeth perguntou, tirando as luvas.

— Você, Lady Newland. Acabou de chegar.

Elizabeth caminhou até o lacaio e pegou o presente. Depois de tirar a fita azul, levantou a tampa e olhou dentro. Precisava admitir que a rosa vermelha era muito bonita, mas altamente imprópria. Ela verificou sob a flor e notou, mais uma vez, a ausência de um cartão.

Algo terrível passou pela cabeça dela de que Riddledale estava em casa, em sua propriedade ao lado de Dunsleigh. Pensar nele tão perto, esperando até que pudesse voltar a forçar um casamento, provocou repulsa por todo seu corpo.

— Obrigada, John.

Elizabeth entrou na sala de estar e sentou-se ao lado de Alice, que estava lendo um livro. Ela tirou a rosa da caixa e colocou-a na página aberta.

Alice riu.

— Ah, vejo que Lorde Riddledale ainda está cortejando você.

Elizabeth franziu os lábios em desgosto.

— Assim parece, embora eu ache que é de mau gosto, já que faz apenas dois meses desde a morte do pai. Ele deve saber que esse tipo de presente não deve ser enviado. Nem agora, nem nunca.

Alice concordou com a cabeça.

— Não vamos contar à mamãe. Isso só vai aborrecê-la mais.

Alice ficou pensativa e colocou o livro no colo.

— Não contarei, prometo. Mas o que fará quanto a ele? Parece determinado a ter você como futura marquesa.

Elizabeth lutou para não fazer caretas. Ela nunca se casaria com ele, e Henry a ajudaria a conseguir esse fim.

— Ele é absurdo, mas tenho certeza de que com o tempo ele vai passar seu foco para outra vítima.

Assim que tivessem a carta em mãos, Riddledale não seria capaz de espalhar o que sabia, pois quem acreditaria nele sem provas, e ele, assim esperavam, desistiria da perseguição.

— Eu ouvi a mamãe dizer que Josh vai convidar Lorde Dean para passar uma semana aqui mais ou menos.

Ela girou a rosa em seus dedos.

— Deve chegar para o almoço amanhã. Temo que seu Lorde Riddledale não aprecie a concorrência.

— Lorde Dean e eu somos amigos e nada mais, e o que Lorde Riddledale pensa sobre o assunto, eu não dou a mínima.

Elizabeth refletiu sobre o que uma vez pensou que poderia sentir por Lorde Dean, e percebeu que não era nada além de comum. Tendo Henry de volta em sua esfera, atento e com a mesma honestidade que uma vez compartilharam, Lorde Dean empalidecia diante do vibrante conde escocês.

Ela nunca reagira a ele da mesma forma que reagia a Henry.

Apenas a menção de seu nome fazia seu estômago vibrar, de trepidação e antecipação. Nenhum outro homem jamais a fez sentir o que sentia quando Henry lançava seu olhar determinado e intenso sobre ela.

— Se não for Lorde Dean, então quem pretende conquistar, se mal lhe pergunto?

Por seu silêncio, Alice cutucou-a nas costelas.

— Então?

— Ninguém.

Alice franziu a testa.

— Mas eu pensei que gostasse de Lorde Dean. Ele estava cortejando você no início da temporada. O ardor dele esfriou?

Elizabeth assentiu, sabendo a verdade das palavras de sua irmã.

— Você sabe que tive muitos pretendentes desde Newland, mas não estou procurando casamento, Alice. Eu tenho o pequeno Samuel para cuidar e criar.

Quem, lembrou a si mesma, deveria acordar de sua soneca e estaria acordado para brincar em breve.

— Um marido não é minha prioridade.

— Você é muito jovem para ficar viúva para sempre.

As palavras de sua irmã lembraram Elizabeth as ditas por seu pai há poucas semanas e em sua promessa de que ela pelo menos tentaria encontrar a felicidade em seu futuro.

— Se, e isso é uma hipótese apenas, se eu fosse me casar de novo, eu não me contentaria com menos do que o mais profundo amor do coração.

Alice suspirou.

— Bem, sinto muito por Lorde Dean, mas a decisão é sua, é claro.

Ela se sentou e tirou uma carta de sua bolsa.

— Oh, eu quase me esqueci de contar, recebemos uma carta de Isolde.

Elizabeth ficou agradecida pela mudança na conversa.

— É mesmo?

— O que ela diz?

— Só que vai ficar em Londres por apenas uma semana antes de viajar de volta para Avonmore, na Escócia. Ela escreve que há rumores de que Lorde Muir está cortejando a Srta. Andrews. Você sabe, a prima americana.

— O quê? — Elizabeth estremeceu com o pânico prevalente em sua voz — O que ela disse exatamente?

Alice assentiu, os olhos brilhantes com o interesse da irmã no assunto.

— Só que ele tem sido bem atencioso com a garota perante toda a cidade.

Ela fez uma pausa, lançando um olhar especulativo para a irmã.

— Eu não achei que você gostasse de Henry dessa maneira. Eu sei que são amigos de novo, mas... parece incomodar você. Por quê?

Elizabeth parou de ouvir, tendo começado a andar na frente da lareira.

Por que Henry cortejaria a prima?

Seus beijos, seus maneirismos, suas declarações não eram de um homem que estava interessado em outra.

— Não há nada romântico entre Henry e eu.

Elizabeth afastou a lembrança do beijo e de sua mentira sem vergonha.

Oh sim, nada romântico mesmo.

— Acredito, neste caso, que Isolde possa estar errada. Ele está simplesmente sendo gentil e garantindo que seus hóspedes aproveitem a estada na Inglaterra.

— E você confia na palavra dele depois de tudo o que aconteceu entre você?

— Sim.

Ela assentiu, percebendo que de fato confiava mais uma vez em Henry, mais do que em qualquer outra pessoa. Com a contínua confusão de sua irmã, Elizabeth revelou a verdade da situação com Henry e o que havia acontecido para mantê-los separados.

Alice se sentou em silêncio, atordoada, as mãos em punho no colo.

— Espero que deem a Riddledale o castigo que merece. Como ousa interferir em assuntos que não são de sua alçada. E tentar fazer você se casar com ele. Ora, nunca mais serei educada com este homem.

— Você deve continuar a se comportar como antes. Não quero que ele suspeite de qualquer plano nosso de pegar a carta de volta. Quando eu voltar para a cidade, tentarei persuadir alguns amigos a sugerir, como quem não quer nada, que Riddledale deve dar um baile para sua irmã, até onde sabemos, ele não quer fazer isso por ela. É em tal entretenimento que pretendemos fazer nosso movimento e, esperamos, que toda essa bagunça possa ser colocada para trás.

Elizabeth levantou-se e caminhou até as janelas que davam para os jardins laterais, a vista verde dos intermináveis gramados sempre um conforto, mas o que ela precisava fazer era ir para Londres. Era hora de retomar o que era deles por direito e se livrar de Riddledale e suas ameaças.

Ela olhou para a rosa, caminhou em direção a ela, e jogou a maldita coisa no fogo.

— Acho que vou voltar para a cidade.

Ela deixaria Samuel em segurança de volta em Newland e depois continuaria para Londres.

Alice suspirou.

— Eu acho que é minha deixa para me oferecer para ficar com mamãe e você poder viajar para Londres?

— Faria isso, querida? Seria muito útil, e talvez em uma semana ou duas, com Isolde e eu na cidade, talvez mamãe

permita que você venha fazer uma visita. É claro que você não poderá ir aos bailes, mas poderemos ir ao teatro uma noite dessas.

— Não vejo problemas já que a temporada está quase no fim, mas assim que esteja instalada, perguntarei à mamãe. —Alice pegou o livro novamente — Quando parte?

— Amanhã, eu acho. Há muita coisa que preciso discutir com Henry e não posso fazer isso aqui.

Ela caminhou até a sineta e chamou um lacaio.

— E com alguma sorte, quando a temporada terminar, estaremos livres de vez de Riddledale e não teremos mais que sofrer com sua presença em nossas vidas.

Alice assentiu.

— Pois essa é a melhor das notícias.

Elizabeth riu.

— Concordo.

CAPÍTULO NOVE

Sem muito mais o que fazer, devido ao período de luto, Elizabeth cavalgava diariamente com Isolde no Hyde Park, um passeio muito necessário para as duas.

Naquele dia elas desceram pela alameda, o cheiro de couro e o som de cascos batendo ritmados, como um bálsamo calmante. No final do caminho, desaceleraram quando encontraram um grupo de três pessoas cavalgando.

Elizabeth havia escrito para Henry pedindo que ele a encontrasse aqui por acaso, e ele não a desapontou. Parecia muito tempo desde que ela o havia visto pela última vez.

Ela incentivou seu cavalo a ficar lado a lado ao de Isolde enquanto iam em direção a Henry e seus primos. Ele levantou o olhar quando a notou. Um pequeno sorriso só para ela causou um tremor por todo o seu interior.

Elizabeth sorriu para cada um deles, mas o olhar furtivo da Srta. Andrews dizia mais do que palavras que o encontro deles no parque não era um feliz acontecimento para ela.

— Boa tarde, Lorde Muir, Lorde Andrews, Srta. Andrews — disse Isolde, enquanto puxavam os cavalos.

— Boa tarde. — respondeu Henry — Um lindo dia para um passeio, não é?

Elizabeth se mexeu em sua sela, impaciente para passar das cortesias e poder falar com ele sozinha.

— É um dia lindo, e fico feliz em ver que você está mostrando nosso lindo parque para seus primos, Henry.

Ele notou seu olhar e, como uma força invisível, Elizabeth não conseguiu desviar os olhos. Seus olhos se iluminaram com alegria.

— Vai ficar na cidade por muito tempo?

— Isolde parte na semana que vem para Avonmore, mas eu ficarei por mais um tempo. Voltarei para Newland depois da temporada.

— O que está achando da temporada, Srta. Andrews? Ouvi dizer que você deve se estabelecer aqui por algum tempo. Eu só posso supor, por essas novidades, que gostou do nosso país.

Elizabeth ficou maravilhada com a capacidade de Isolde de sorrir para alguém que a olhava com tanto desprezo.

Para sua surpresa, a Srta. Andrews revirou os olhos com uma expressão decidida. Lembrou a expressão de Lorde Riddledale, e ela decidiu não tentar mais gostar da americana.

— A Inglaterra é tolerável, embora o tempo possa ser mais agradável. — disse a Srta. Andrews, olhando para qualquer lugar menos para eles.

Elizabeth pigarreou, a ideia de cortar a garganta da mulher aqui no meio do parque atravessou seus pensamentos. Ela não faria isso, é claro. Apesar de todos os defeitos, a srta. Andrews era prima e hóspede de Henry.

— Bem, talvez em sua próxima visita, os deuses nos concederão um clima melhor.

Elizabeth firmou suas rédeas quando seu cavalo se moveu abaixo dela, o animal ansioso por mais uma volta.

— Meu irmão e eu gostaríamos de viajar para a Escócia em breve. Acho que já Londres já me satisfez.

Elizabeth levantou a sobrancelha.

— Não tenho certeza se Lorde Muir contou, Srta. Andrews, mas a Escócia é, de longe, menos agradável do que a Inglaterra quanto ao clima. Mesmo no verão, é provável que esteja frio. Espero que não a assustemos a ponto de correr de volta para sua terra natal.

Os olhos da Srta. Andrews se estreitaram, e Elizabeth sorriu, sabendo que incomodara a pequena víbora.

Ótimo.

Com alguma sorte, a mulher-víbora voltaria correndo para os Estados Unidos, em vez de para a Escócia.

A Srta. Andrews encolheu os ombros.

— Veremos isso, não veremos?

Elizabeth deu um tapinha em Argo que havia batido com uma pata no chão.

— Eu sinto abandoná-los, mas meu cavalo precisa de outra volta. Lorde Muir, gostaria de se juntar a mim? Eu sei o quanto você gosta de andar a cavalo.

...

Henry estalou a língua e seguiu Elizabeth até a pista de *Rotten Row.*

— Não me demoro.

Ele jogou as palavras por cima do ombro, não querendo que ninguém mais se juntasse aos dois. Estava ansioso para ficar sozinho com Elizabeth, de modo que ninguém pudesse interferir em suas conversas.

— Como está em sua volta para a cidade? Soube que sua mãe se recolheu em Dunsleigh. É verdade?

Elizabeth suspirou, observando dois cavalheiros galoparem

mais à frente.

— Sim, infelizmente é verdade, mas tenho certeza de que, com o tempo, ela ficará melhor. Meus pais eram apaixonados, como você sabe, e é difícil quando se perde alguém de quem não deseja se separar.

Henry não podia concordar mais.

Ele a observou: uma leve carranca marcava sua testa, fazendo-a parecer triste, e o desejo de segurá-la, confortá-la, era forte.

Mas, em um momento, Elizabeth pareceu afastar os pensamentos sombrios e disse:

— Papai se foi e, por mais que isso nos afete, devemos seguir em frente como ele desejava. E quanto a seguir em frente, recebeu seu convite para o baile de Lorde Riddledale?

Henry assentiu, embora não acreditasse que havia sido convidado depois do encontro que teve com o almofadinha no *Whites*.

Felizmente, sua senhoria pensara melhor acerca de desprezá-lo, não que Henry não fosse tolo o suficiente para não saber que Riddledale não ficaria feliz quando recebesse sua confirmação.

— Recebi. Uma surpresa bem-vinda.

— Sim. — disse Elizabeth, com os olhos cheios de riso — Foi o que pensei. Lady Emily é uma jovem adorável, e é muito lamentável que ela tenha a má sorte de ter aquele babuíno como irmão. O baile será uma oportunidade perfeita para nós.

As palavras "oportunidade e nós" trouxeram um cenário totalmente diferente em que Elizabeth e ele poderiam se engajar no baile. Um cenário de momentos roubados longe da cidade, onde ele poderia beijar os lábios deliciosos que assombravam seus sonhos todas as noites, com pernas longas apertadas em torno de sua cintura em meio a espasmos da paixão, suspiros e beijos decadentes.

Ele limpou a garganta.

— Sim, será nossa única oportunidade de entrar na casa dele. É muito bem-vindo que seu senhorio tenha decidido enfim dar este baile para sua irmã debutar.

Elizabeth riu, o som era um bálsamo para sua alma.

Como ele desejava ouvi-la rir, fazê-la tão feliz e despreocupada como era quando menina.

— Concordo. O baile veio na hora perfeita.

— Vou reservar a dança antes do jantar e acompanhá-la na refeição, e depois de uma breve estada sairemos, sem que nos vejam, para procurar a biblioteca.

— Não acha que sua senhoria manteria a carta no quarto dele? Me custaria muito ser pega vasculhando lá. Eu seria obrigada a me casar com ele na mesma hora, e isso não vou deixar acontecer.

— Se a carta não estiver na biblioteca, então será lá, naturalmente, a nossa segunda opção, mas vou sozinho, e você pode vigiar se quiser.

Ele ergueu as sobrancelhas e ela riu.

— A menos que queira entrar no quarto comigo. Se formos pegos seria eu a ter a honra de ganhar sua mão.

Ela sorriu e corou um pouco.

— Parece divertido, Lorde Muir.

Ela fez uma pausa.

— Mas nunca se sabe, talvez se formos bem-sucedidos com o nosso plano, poderíamos oferecer nossos serviços à Força Policial de *Bow Street*?

Henry jogou a cabeça para trás e riu.

— Se ser uma Lady sem preocupações e um Conde não for mais o suficiente para nós, acredito que deveríamos tentar.

Ele fez uma pausa, percebendo que haviam chegado ao final da pista.

— Deseja apostar corrida na volta?

Os olhos dela brilharam com uma competitividade que ele conhecia bem.

— Não temos autorização para tanto nesta pista. Você está sendo uma má influência, Henry.

— Não tem ideia, moça. — disse ele, piscando.

Os olhos dela se arregalaram por suas palavras antes que ela incentivasse sua montaria, fazendo-a avançar, para longe dele, a uma velocidade alucinante.

Ele ouviu a risada dela enquanto a perseguia. Argo era rápido e cobriu a distância da pista com rapidez, ele levou algum tempo para se aproximar dela.

Ela parecia deliciosa, o cabelo bagunçado pela velocidade, as bochechas levemente rosadas. Puxaram as

rédeas juntos, ambos rindo.

— Acho que ganhei. — disse ela, ofegante.

Henry riu.

Ele era o vitorioso, porque se ela abrisse seu coração para ele mais uma vez, ele seria o homem mais rico da Terra.

— Desta vez talvez, mas espero correr com você de novo, milady.

Ela assentiu, virando o cavalo para onde sua irmã estava com os primos de Henry, sob as copas de algumas árvores.

— Estou ansiosa por isso, meu senhor.

CAPÍTULO DEZ

— Não posso acreditar. Ele enviou mais flores como presente. — Elizabeth mostrou a Glória-da-manhã a Isolde — Eu não sei por que ele continua a me assediar de tal maneira. É um verdadeiro idiota. — ela rosnou e sentou-se ao lado de Isolde no sofá, olhando para a pintura de seus pais que estava pendurada acima da lareira.

— Ele pediu para se casar com você e agora, provavelmente devido a suas ameaças, está tentando cortejá-la à maneira antiga. — Isolde lançou um sorriso consolador à irmã — Não deixe isso irritá-la, minha querida. São apenas flores, afinal de contas.

Com desgosto enojado, Elizabeth olhou para a irmã, que estava sentada bordando uma almofada.

— Como pode ser tão calma quanto a isso? Sem mencionar a chantagem, estamos de luto. Como ele pode ser tão insensível?

A porta da sala de visitas se abriu e Elizabeth se virou para ver o mordomo entrar.

— Desculpe incomodar, Lady Isolde, Lady Newland, mas há um visitante que insiste em ser visto.

Ainda é manhã, Peter. — disse Isolde, olhando para o relógio de mesa — Quem está aí?

Elizabeth também notou a hora antes de voltar a atenção para o mordomo. John ficou parado, seu corpo magro claramente desconfortável por ter que perguntar se estavam em casa em primeiro lugar. Uma suspeita de mal-estar pairou sobre ela e, quando o mordomo anunciou que ninguém mais além de Lorde Riddledale aguardava a entrada, Elizabeth não conseguiu esconder o tremor de repulsa que lhe percorreu a espinha.

— Obrigada, John. Por favor, avise a Lorde Riddledale que o veremos por um breve instante, portanto, por favor, volte em cinco minutos para escoltar sua senhoria.

John se curvou.

— Sim, minha Senhora.

As sobrancelhas de Isolde se levantaram.

— Muito bem, concordo que ele está forçando um pouco os limites da sociedade. — Isolde ergueu a mão antes que Elizabeth pudesse falar algo sobre aquele detalhe — Eu entendo sua preocupação, querida. No entanto, vamos ver o que ele tem a dizer primeiro, antes de condená-lo.

Elizabeth mordeu a língua e lutou para não revirar os olhos quando Lorde Riddledale entrou na sala. Ele parecia absorver toda a grandeza e conforto que a sala mantinha e aprovou tudo com uma fungada decidida.

Os olhos de Elizabeth estreitaram-se para o canalha desonesto faminto por dinheiro, seu desejo se fazia óbvio com cada olhar lascivo que ele conferia às coisas boas de sua família. Parou diante delas, desejou um bom dia e depois se sentou em uma poltrona na outra ponta da sala.

Elizabeth permaneceu em silêncio enquanto Isolde sorria com boas-vindas.

— É muito gentil por nos visitar, Lorde Riddledale. Que boas novas o trazem tão cedo?

Ele riu e torceu o nariz.

— Ah, sim. — disse ele, rindo alto — Sei que não é uma hora adequada para visitas, mas como somos vizinhos e amigos, achei que não se importariam com esse pequeno desvio de etiqueta. Vim para mostrar minhas condolências mais uma vez à sua família, e para perguntar se Lady Newland me acompanharia em um passeio no parque amanhã à tarde.

Elizabeth sentiu os olhos se arregalarem com o pedido dele.

Condolências em uma mão, e uma declaração de intenção na outra.

As maneiras deste homem eram terríveis.

Ela podia deixar as convenções de lado às vezes e fazer o que quiser, mas Lorde Riddledale sabia como todos ali eram devotos ao pai. Durante este período de luto, nenhum deles sairia da linha. Sua senhoria estava com alguma perturbação da cabeça.

— Sinto muito, meu senhor. — disse Isolde — Mas não temos permissão para passeios no parque com cavalheiros enquanto estivermos de luto.

Ele dispensou o comentário da irmã dela com um movimento de mão.

— Não há necessidade de manter convenções já que somos todos velhos amigos. E eu vi vocês no parque ontem com Lorde Muir, então certamente meu convite também é aceitável.

— Sinto muito, meu senhor, mas a resposta é não. E ontem, no parque, foi apenas um encontro casual com Lorde Muir e seus primos. Não foi um encontro intencional.

Isolde ficou de pé.

— E como estamos sozinhas, é melhor que vá agora. Não quero ser rude, mas é errado de minha parte ter permitido que você entrasse, já que estamos sem acompanhante.

Lorde Riddledale soltou um suspiro.

— Mas decerto que na sua idade Lady Isolde, não há necessidade de uma acompanhante. Diga, tem o que agra, vinte e quatro? — ele virou seu olhar penetrante para Elizabeth — E você, Lady Newland, é viúva. É perfeitamente aceitável minha presença aqui.

Perfeitamente aceitável pelo padrão da sociedade ainda não significava que o desejassem lá. Sua irmã corou com o insulto à idade dela, informação incorreta, e o temperamento de Elizabeth venceu, mas antes de pronunciar as palavras "arrogante" e "suma", sua irmã falou.

— Obrigada por me lembrar, meu senhor. Foi muito gentil de sua parte. — disse Isolde.

— Sempre um prazer, Lady Isolde. — Riddledale sorriu, completamente inconsciente de qualquer irregularidade. Sua senhoria se levantou e se curvou — Lady Elizabeth, posso soar ousado, mas preciso lembrá-la que ainda espero sua resposta. Gostaria de recebê-la logo, minha paciência está se esgotando.

Elizabeth também ficou de pé, quase ao nível dos olhos do homem.

— Terá minha resposta ao final do baile de sua irmã.

Ele se aprumou.

— Muito bem. Deste modo me vejo ainda mais ansioso pelo evento. Seu olhar percorreu o corpo dela de uma maneira muito perturbadora, e seus dedos se contraíram, querendo arranhar os olhos do idiota.

Ele era mais magro que um sapo, e emagrecia mais a cada dia que passava. Então, para seu horror, ele pegou a mão dela e beijou-a, seus lábios molhados encontrando a pele dele junto com o toque de sua língua. Elizabeth arrancou a mão, limpando-a em seu vestido.

— Bom dia para você, meu senhor.

Com o semblante imperturbável, Lorde Riddledale sorriu, inclinando-se perto o suficiente para que apenas ela ouvisse.

— Estou muito feliz que esteja de volta à cidade, minha querida. Senti sua falta.

Elizabeth encarou sem se incomodar em responder às palavras dele enquanto o observava sair. Quando a porta se fechou, se virou para a irmã.

— Ele. Lambeu. Minha. Mão.

Isolde olhou, incapaz de formar palavras naquele exato momento.

— Notei. — disse ela com um aceno — Ele não foi feliz em esconder a... língua.

Ela jogou as mãos para cima.

— O que que eu vou fazer? Ele está fora de si.

Elizabeth limpou a mão contra o vestido novamente, estremecendo.

— Ele parece mais determinado. Espero que você e Henry consigam retomar a carta para que essa nuvem escura que se apodera de você possa clarear.

Como ela odiava o homem naquele exato momento por tratá-la como algo que poderia ser comprado, como um cavalo ou uma guloseima.

— Estou determinada a ter sucesso. Não vou deixar esse homem — disse e apontou para a janela —, arruinar meu nome e arrastar minha família, incluindo o pequeno Samuel, pela lama.

A porta da sala se abriu mais uma vez, e Elizabeth se perguntou quem mais visitaria a essa hora do dia.

— Uma mensagem chegou para você, Lady Newland.

Elizabeth suspirou e pegou o cartão da bandeja de prata. Suas mãos se atrapalharam com o selo quando ela reconheceu a escrita. Dispensando o mordomo, ela sentou-se, querendo ler a missiva imediatamente. Ao abrir o papel, uma única violeta estava sobre as palavras escritas, um pequeno gesto que, por mais estranho que pareça, significava mais para ela do que um ramo inteiro de flores de estufa que Riddledale poderia enviar.

— De quem é, minha querida?

Elizabeth releu a nota antes de dobrá-la.

— Da Srta. Duncannon. Ela me convidou para um chá para discutir suas viagens. Ela voltou do exterior.

— Ah, não sabia que você era amiga da Srta. Duncannon. — disse Isolde, pegando o bordado e guardando-o em uma pequena cesta ao lado de sua cadeira.

Elizabeth assentiu e se esforçou para não corar.

— Sim. Ela me escreve com frequência.

Elizabeth se recusou a reagir ao olhar incrédulo de sua irmã e, em vez disso, afundou na cadeira com um ar de

indiferença.

Isolde ficou de pé.

— Bem, vou ficar um pouco lá em cima. Vejo você no almoço.

Elizabeth sorriu.

— Nos vemos para a refeição então.

Momentos depois, Elizabeth sentou-se sozinha e reabriu o bilhete. O perfume da pequena flor roxa flutuou e intoxicou seu coração mesmo sabendo que não deveria. Ela olhou para a cursiva fluida e pura, e um sorriso curvou seus lábios.

E.

As violetas aguardam abundantes nas pistas que levam

diretamente para mim. Encontre-me lá, a uma em ponto.

Estarei esperando. H.

Elizabeth dobrou a missiva e subiu para o quarto. Pensamentos sobre o que deveria usar bombardearam sua mente, o conjunto de equitação verde ou azul, cabelo para cima ou para baixo? Assim que surgiram, ela os dispensou. Não era mais uma jovem garota. Agir como uma tola apaixonada não faria bem algum, e Henry certamente não precisava de mais encorajamento; passara muito tempo longe.

Eles eram amigos e estavam trabalhando juntos para vencer Riddledale, então é claro que precisavam se encontrar, mas se entusiasmar e se preocupar demais com o que vestia era demais, mesmo para ela.

Ela pegou seu conjunto de montaria azul.

...

Rotten Row tinha menos cavalos agora que o tempo parecia virar, o vento chicoteava as folhas nos redemoinhos. Elizabeth sentou-se em cima de Argo. Seu cavalariço, Tony, a uma curta distância, ocasionalmente verificava sua localização antes de voltar a olhar para o céu.

O eco dos cascos soava pela floresta, e Argo se mexeu embaixo dela, sentindo outro cavalo se aproximando em alta velocidade. Elizabeth olhou para onde um único cavaleiro emergiu de um bosque de árvores e sorriu.

Henry.

Ela observou cada detalhe dele enquanto vinha em sua direção. Sua masculinidade, escondida sob a calça apertada, a camisa e o casaco que a faziam arrepiar-se pela percepção, por saber o que estava por baixo das roupas: um tesouro de músculos e pele bronzeada.

Seus nervos estavam a flor da pele só de pensar em como seria permanecerem amigos, e assim somente, para o restante dos dias. A última vez que essa proximidade se formou, um encontro ao lado de um lago se seguiu, beijos deliciosos, quentes e rápidos, que deixariam qualquer pessoa sem fôlego e doente de desejo. Sem mencionar o beijo caloroso que eles compartilharam apenas algumas semanas atrás.

Ela afastou os pensamentos, não precisava se lembrar da aparência de Henry sem roupas ou como era a sensação da boca dele devastando a dela. Ela era uma viúva, mãe; suas prioridades deveriam estar em outro lugar..., mas quando ele se aproximou, com o cabelo bagunçado, todos o esforço de manter um relacionamento apenas platônico com o cavalheiro presente pareceu muito difícil de ser mantido.

Demasiado difícil.

— Boa tarde, moça.

As palavras, a escolha carinhosa que apenas ele usava fizeram seu estômago apertar. Ela se mexeu na sela enquanto o calor se espalhava por seus membros.

— Boa tarde, Lorde Muir.

Henry trouxe seu cavalo para ficar ao lado do dela.

— Lorde Muir? Decerto que pode me chamar de Henry. Somos amigos, afinal, não somos?

Com a língua presa, Elizabeth assentiu, sem ter certeza se suas palavras sairiam como um guincho. Ao vê-lo novamente, sozinho, apenas os dois e sem família por perto, seus familiares tinham a incrível habilidade de ouvir a conversa, deixaram-na tão nervosa quanto se sentiu durante seu primeiro baile.

Ela respirou fundo.

— É claro que vou chamá-lo de Henry, se assim quiser.

Ele sorriu, olhos brilhantes de prazer.

— Eu quero. — ele fez uma pausa, franzindo a testa ao olhar para o céu — Não achei que viria.

Elizabeth também tinha receio dúvidas de que ele viria. Sem confirmar nada, ela fez um clique com a língua, para prosseguirem.

— Sim, o tempo está mudando, mas achei melhor se nos falássemos.

— Queria que você soubesse que um amigo íntimo, que é parente de Riddledale o pobre coitado, desenhou a planta da casa de sua senhoria para mim. Eu odiaria que nos perdêssemos e acabássemos debaixo das escadas no escuro.

Elizabeth encontrou seu olhar e percebeu que, embora as palavras fossem ditas com preocupação, seu olhar sombrio revelava suas intenções. Ela estremeceu sob a intensidade de seus olhos.

Ah, sim, permanecer apenas na *amizade* seria problemático, se não impossível.

— Ótima notícia. Nunca teria pensado nisso.

— Quero ser o mais organizado possível. Só precisamos que Lorde Riddledale mantenha a carta na biblioteca, *que* é onde, segundo minha fonte, é o lugar em que ele trata de questões imobiliárias.

— Depois que já tivermos a carta, e então? Confrontaremos Riddledale?

Quão grandioso seria jogar tal triunfo na cara do idiota chantagista. Provocá-lo por tentar arruinar sua família através de uma loucura que não era da sua conta.

— Vamos deixá-lo ciente que seus joguinhos acabaram, nada mais.

Henry riu, sacudindo a cabeça.

— Posso ver que sua mente está trabalhando de maneira diabólica. Não vamos nos gabar, moça, se é que está pensando.

Ela riu.

— Ah... tornou-se um chato desde que foi para a América. O que aconteceu com o fogo escocês que vive dentro de você? Pode ter cabelos escuros, Henry, mas até eu sei que você é um verdadeiro ruivo de coração.

— Você me conhece muito bem. — respondeu ele.

Eles desceram pela margem de *Rotten Row* ao lado da cerca de metal que separava a pista dos cavalos da alameda para caminhadas.

— Preciso confessar algo que, embora eu não tenha muito orgulho disso, precisa saber.

— O que é?

Ela perguntou quando ele permaneceu em silêncio, a testa franzida.

O que era?

Ela esperava que não envolvesse a Srta. Andrews e beijos em Nova York. Elizabeth não tinha certeza se ela queria ouvir.

— Confrontei Riddledale no *Whites* e... tivemos uma briga.

Elizabeth bufou e depois riu.

— Não fez isso, Henry. É mesmo um ruivo nato.

Ela estendeu a mão e passou por seus longos cabelos. No momento em que ela o tocou, soube que foi um erro.

Deixou seu desejo voltar, queria agarrar sua nuca, puxá-lo através do pequeno espaço que os separava e beijá-lo.

Pior era o fato de que ele se inclinou por seu toque, provocando-a para fazer exatamente o que ela desejava. Elizabeth afastou a mão e segurou as rédeas.

— O que aconteceu? O que disse a ele?

— Bati nele, um tanto quanto na verdade. — Henry ergueu a sobrancelha quando ela demonstrou divertir-se, sacudindo a cabeça — Ele mereceu a boa surra, mas saiba disso, mesmo que não consigamos encontrar a carta, não permitirei, e nem seu irmão, que se case com ele. Dane-se o escândalo.

Só o pensamento de se casar com o atroz a fez ter calafrios. Riddledale tocá-la de forma íntima, beijá-la na boca, era mais revoltante do que quando Henry a fez experimentar escargot.

— Não podemos falhar.

Um cavaleiro solitário passou por eles e eles assentiram em saudação.

— Diga-me, Elizabeth, como acabou casando-se com Newland. Gostaria de saber se você me contaria.

Elizabeth engoliu em seco, escolhendo as palavras com cuidado.

— Depois que recebemos a carta que pensamos que era sua, papai ficou preocupado com meu bem-estar. Eu estava um pouco abatida, entende? Ele era amigo de Lorde Newland e fomos convidados para ficar em sua casa de campo por duas semanas. Marcus, o filho de Lorde Newland, foi gentil e atencioso e nos tornamos amigos.

— Você não o amava?

Ela manteve o olhar entre as orelhas de Argo, não confiante o suficiente para encontrar o olhar dele, que ela podia sentir queimando em seu rosto.

— Não era esse tipo de amor, mas ele era um homem gentil. Conversamos muito durante as duas primeiras semanas que cheguei lá e nos tornamos próximos. Ele me

propôs casamento, e eu aceitei. Ele faleceu durante o sono doze meses depois. O médico achou que a lesão que ele sofreu ao cair do cavalo pode ter provocado um sangramento cerebral de algum tipo, mas nós nunca saberemos com certeza.

— Sinto muito, moça, por tudo, mas também pela sua perda. Ele parece ter sido um bom homem. Posso perguntar por quanto tempo foram casados de verdade?

Ela assentiu.

— Ele foi maravilhoso, e fomos casados por quase dois anos.

E Marcus a salvou, desde o momento em que ele a pegou nauseada e escondida, ele adivinhou sua situação. Em vez de evitá-la, exibir sua desgraça e mandá-la para casa, ele ofereceu casamento, oferecera a seu filho não-nascido a proteção de um nome. E fora uma troca igual, já que o próprio Newland declarara que ninguém o aceitaria desde a queda, a que prejudicara sua mente.

— Ele merecia alguém melhor que eu.

Ela sentiu o toque da mão de Henry na dela, mas não conseguiu olhar para ele. Vergonha tomou conta dela junto com raiva.

Se Henry descobrisse o segredo que ela ainda mantinha dele, arrasaria e partiria o coração dele, mas contar sobre a existência de Samuel para Henry também não favoreceria o filho dela. Henry não podia reivindicar Samuel, por mais que ele desejasse. E apesar de contar a verdade a Marcus, seu falecido marido havia amado o menino além do que ela poderia esperar. Contar a outra pessoa sobre a verdadeira origem do menino seria a traição derradeira ao homem que a salvou da ruína.

Ela não podia fazer isso.

— Não há muito melhor que você, moça.

Elizabeth sorriu, encontrando seu olhar.

— Você é um bajulador, Henry. Vejo que isso não mudou desde que você partiu.

— Você é fácil de bajular.

Uma forte rajada de vento ameaçou levar seu chapéu, e ela estendeu a mão, apertando-o.

— Acho que devemos ir. Os céus parecem estar prestes a desabar.

Ela amaldiçoou o clima por ter encurtado seu tempo.

— Eu pensei em ir ao Parque Richmond amanhã e esboçar a paisagem natural de lá. Gostaria de se juntar a mim?

Henry assentiu.

— Se o tempo permitir, adoraria. Que horas quer que eu a encontre em Richmond?

— Onze? É um bom horário?

— Mais do que adequado.

Henry olhou para as nuvens reunidas quando uma gota solitária bateu em sua bochecha, seguida por um estrondo de trovão.

— É melhor eu ir. Isolde ficará preocupada com a chegada da tempestade. — ela virou o cavalo e foi em direção ao cavalariço — Amanhã então?

Ela jogou a pergunta por cima do ombro, sorrindo ao encontrar o olhar de Henry preso nela.

— Amanhã, milady.

Elizabeth se virou e partiu, maravilhada com a maneira como Henry conseguia fazer com que a *palavra* "*milady*" parecesse uma declaração de suas intenções em vez da saudação que deveria ser.

Paquerador de fato.

...

A tempestade devastou Londres. Galhos se espalharam pelas ruas, folhas e lixo estavam espalhados por todos os lugares que os olhos podiam ver. Elizabeth ficou na frente da janela da sala de visitas e notou a hora. Ainda era cedo o

suficiente para cancelar, mas algo impedia que ela mandasse um recado para Henry.

Ela precisava admitir, não queria cancelar o passeio. A ideia improvisada de visitar Richmond e convidar Henry era uma oportunidade boa demais para se abandonar. A grama úmida era uma desculpa precária para perder algumas horas em sua companhia, e o vento havia se tornado uma leve brisa, em todo caso.

Ela mandou um recado ao estábulo e notificou seu cavalariço para que estivesse pronto dentro de uma hora, e então subiu as escadas para mudar suas vestimentas.

O parque Richmond estava abandonado quando ela chegou. Sentando-se em um banco de madeira, ela respirou fundo e sentiu o frescor da terra depois das fortes chuvas.

Aves bicavam o chão na esperança de encontrar um verme suculento ou dois, e não demorou muito para que o eco de cascos de cavalo batendo na terra úmida soasse atrás dela como tambores de um exército que se aproximava.

Em instantes, Henry entrou na clareira. Ela ignorou a excitação que agitou seu corpo ao vê-lo. Com o chapéu apertado na mão, o cabelo na altura dos ombros parecia desgrenhado e indisciplinado, assim como o homem.

O cavalo derrapou até parar diante dela e ela sorriu ante a alegria e a vitalidade que leu no olhar de Henry. Elizabeth lembrou a si mesma mais uma vez que eles eram amigos e nada mais. Não, nada, nada mais.

— Bom dia, Henry. Lindo dia, não é?

Ele riu, desmontando

— Tudo fica melhor ao vê-la, moça.

Ele se sentou ao lado dela, um sorriso contagiante.

— Sobreviveu ao tempo ontem à noite? — ele perguntou, olhando para o céu como se fosse abrir mais uma vez e encharcá-los — Não achei que conseguiria.

Elizabeth sorriu.

— Sobrevivemos sim, obrigada.

Ela fez uma pausa, olhando para o parque.

— Caminhe comigo.

— Claro.

Eles se levantaram e seguiram uma linha de árvores que ficava ao lado de um gramado. Henry apertou a mão dela e colocou-a na dobra do braço dele. Ela engolia em seco a cada passo, podia sentir os músculos em seu braço flexionarem, o menor movimento a deixava sem fôlego.

— Ontem à noite, depois que todos estavam na cama, percebi que, apesar de todos os anos que nos conhecemos, não conheço sua casa na Escócia. Me contaria como ela é?

Henry fechou os olhos com um sorriso melancólico nos lábios.

— É linda. O castelo está na minha família há seiscentos anos. Fica na base das terras altas, a névoa pode sumir com ela de vista como se nunca estivesse lá. O cheiro de urze invade nossos sentidos todas as manhãs. O lago, não longe da casa, é tão azul quanto o céu. Meu avô quase perdeu tudo devido ao jogo e por viver além de seus meios na Inglaterra. Meu pai herdou uma propriedade à beira da falência. Quando ele faleceu, e eu me tornei conde, percebi que tinha apenas alguns anos para reaver a fortuna da família antes de perdermos tudo.

Elizabeth acenou com a cabeça e observou um esquilo tentar carregar uma noz por uma árvore e percebeu, de certa forma, que Henry estava tentando alcançar a segurança para sua família e lar nas terras altas. É claro que ele amava sua casa tanto quanto ela amava Dunsleigh. Se uma dívida incapacitante ameaçasse a propriedade de sua família, Elizabeth sabia que seu irmão faria qualquer coisa em seu poder para manter Dunsleigh entre eles.

— Por que não me contou isso antes de sair da Inglaterra? Quero dizer, sabia que você precisava de dinheiro, mas nunca pensamos que a situação fosse tão ruim assim.

— Orgulho, eu acho. Poucos da família sabiam da situação que eu enfrentava. Eu nunca contei ao seu pai todos os meus problemas, sabia que ele tentaria me ajudar.

Elizabeth o abraçou mais forte enquanto caminhavam.

— Papai teria tentado ajudar. — ela sorriu com a lembrança do coração bondoso do pai — E com razão, ele era seu guardião, afinal de contas.

— Sim, eu sei, mas eu queria ganhar minha fortuna de volta sozinho e, graças a trabalho duro e investimentos sólidos, consegui esse objetivo antes que fosse tarde demais.

Elizabeth olhou para ele.

— Sei que seu retorno a Londres foi um pouco turbulento em relação a mim, mas estou orgulhoso de você, Henry, e você deveria estar orgulhoso de si mesmo também.

Seu olhar capturou o dela, e novamente percepção se fez entre eles, como um manto, e desenterrou uma necessidade que ela pensara por muito tempo ter sido esquecida.

— Estou orgulhoso e, acima de tudo, aliviado por não ser um conde que perdeu a propriedade.

Ele forçou uma parada, virando-a para encará-lo.

— Eu sei que não falamos disso há algum tempo, mas você deve saber que meus sentimentos em relação a você são imutáveis, nunca mudaram, na verdade.

— Henry... — ela suspirou — Não quero me casar de novo.

— Trabalhei por três anos, mais do que já trabalhei na vida, e com a única esperança de que quando voltasse, nos casaríamos, como planejamos. Ainda desejo isso, acima de tudo.

Ela não pôde responder.

Esmagar seus sonhos parecia um golpe muito cruel. E ela não queria enfrentar a dura verdade de que os sonhos de Henry ainda eram os sonhos dela também.

Dar voz a tal verdade seria impossibilitar esquecer tudo outra vez. Ela precisou de toda a força para lutar com seu coração, trancafiá-lo e deixá-lo lá.

— Quando cheguei em Dunsleigh, me deliciei em provocá-la sem misericórdia. Você era uma moça fácil de incomodar. — ele riu — Mas depois de um tempo nos tornamos melhores amigos, e quando cresci soube o que tinha que fazer para garantir que eu a ganhasse.

Lágrimas arderam em seus olhos, e ela piscou para clarear sua visão. Como queria que ele parasse, para não dizer outra palavra, mas ao mesmo tempo queria que ele continuasse dizendo essas coisas maravilhosas, declarações que a enchiam com uma emoção que ela nunca pensara em sentir novamente.

— Eu me apaixonei por você, moça. Eu ainda amo você.

Elizabeth parou de respirar, o olhar fixo no chão, em seus pés, para não tombar. Henry sempre fora honesto e, ao que parece, ainda era.

— Não deveria dizer essas coisas. — ela sussurrou.

— Quero mostrar-lhe a minha casa. Quero que você seja a mulher que me deseja bom dia e boa noite todos os dias. Eu quero você e mais ninguém.

Seus olhos imploraram a ela que concordasse, que ousasse pisar uma vez mais no abismo do desconhecido e dar uma chance aos dois.

— Eu não quero ser apenas seu amigo, moça. Eu quero tudo de você. Sempre quis.

O saudosismo na voz de Henry penetrou a fortaleza que ela ergueu em volta do coração.

— Isso é loucura. — disse ela, com o coração batendo forte contra as costelas. Lágrimas derramaram sobre suas bochechas e ele as enxugou.

— Vamos lidar com Riddledale e suas ameaças, eu prometo a você, mas deixe-me cortejá-la, deixe-me mostrar, mais uma vez, que sou confiável e capaz de manter seu coração seguro.

Ele se aproximou o suficiente para que ela se sentisse seu cheiro, sândalo misturado com algo que era apenas ele, inebriante e seguro. O perfume a levou para o passado de beijos roubados e palavras perversas.

Era loucura, mas que loucura deliciosa era.

— Henry, tanto aconteceu. Tudo mudou tanto desde que você foi embora. Não quero machucá-lo de novo.

E se ele descobrisse sobre o filho, mágoa seria a menor das emoções que ele sentiria. Ela estava em uma corda bamba e poderia cair a qualquer instante.

Ele pegou a mão dela e beijou seus dedos. Uma pontada aguda de desejo percorreu seu sangue, e seu coração pendeu para o escocês outra vez.

— Não vai. É impossível que você faça isso.

Elizabeth engoliu a culpa que subiu dentro dela com suas palavras.

Se fosse verdade.

CAPÍTULO ONZE

Elizabeth olhou por cima do ombro, na Rua Bond, quando uma pontada de inquietação deslizou por seu pescoço. Ela observou a multidão de compradores, mas não pôde ver nada que levantasse suspeitas. E ainda, por alguma razão absurda, a noção de que alguém a estava observando, seguindo-a, não se dissipava.

Ela chegou à porta da *Hatchards*, sua livraria favorita, e fez sinal para Tippy, sua criada, segui-la para dentro.

Elizabeth respirou fundo.

O cheiro delicioso de couro e papel a atingia enquanto caminhava em direção à janela mais próxima. Olhando para fora, ela analisou a rua e notou um homem grande vestindo o tipo de calças que seus criados usavam e uma camisa de linho grosso. Ele estava encostado em uma parede do outro lado. Tal cavalheiro normalmente não chamaria sua atenção, mas como ele mantinha os olhos fixos na *Hatchards* e não em um estabelecimento condizente com sua figura, ela estranhou.

— Tippy, você sabe quem é o homem do outro lado da rua? Alguma ideia? O grande, na parede, perto da carpintaria.

Tippy se inclinou passando por Elizabeth e olhou para onde ela apontou.

— Não, minha senhora. Eu nunca o vi antes. — ela voltou-se para a patroa com expectativa — Eu deveria conhecê-lo?

Elizabeth mordeu o lábio e franziu a testa.

— Não. Não creio que o conheceria. Só fiquei curiosa, nada demais.

Tippy foi pegar alguns livros para ler, enquanto Elizabeth ficou na janela e observou o sujeito corpulento. Parecia contente em ficar onde estava, mas por que um homem que parecia mais adequado às entranhas de Londres se interessaria por uma livraria? Tão estranho quanto a noção de que o mesmo homem a estava seguindo.

Com um suspiro resignado, Elizabeth procurou algo para ler.

Um pouco depois, satisfeita com a variedade de livros escolhida, saiu da loja, pôs as luvas com um ar de calma. Seu corpo, por outro lado, estava tenso de nervoso. Com a visão periférica, viu o homem se afastar da parede e fazer um teatro ao olhar pela rua. Talvez ele a *estivesse* seguindo, mas por quê?

Elizabeth olhou para ele e observou todos os seus detalhes. Ela estudou, com curiosidade flagrante, suas feições e vestimenta. Se ele a seguisse, Henry e Josh a questionariam sobre ele, e ela precisava lembrar o que viu.

O homem, não esperando que ela o notasse em meio a todas as pessoas na rua, se arrastou e então partiu por uma viela entre duas lojas. Elizabeth marcou a direção em que ele foi e observou-o até que estivesse fora de vista.

Ela se dirigiu para a carruagem da família para um pouco mais para frente, se perguntando quem precisaria espioná-la. Não que ele fosse um espião competente, em todo caso, mas era absurdo. Ela certamente nunca fez nada para justificar tal atenção.

Parou de remoer a ideia, e sua acompanhante soltou um pequeno grito quando quase bateu nela. A não ser que Lorde Riddledale tivesse decidido acompanhar cada movimento dela sem autorização, e decerto que ela não ignoraria o implacável cavalheiro por agir de forma tão arrogante.

A audácia do homem tinha ido longe demais.

Ao chegar em casa, Elizabeth encontrou uma carta esperando por ela. O mal-estar que a incomodara mais cedo

cutucou suas entranhas. A escrita não era de ninguém que ela conhecesse e não havia endereço de remetente.

Ela foi até a biblioteca e fechou a porta. Depois de pedir um refresco vespertino, ela se sentou e quebrou o selo. De alguma forma, sabia que precisaria do chá e de seus remédios calmantes para ler o bilhete.

Ela não estava errada.

Minha querida Elizabeth,

como você sabe, meus desejos mais profundos são de nos casarmos e em breve. Dói-me que você arrume tempo para os outros, mas não para o seu futuro marido, um que nunca reclama. Ofereço um conselho que deveria persuadi-la a seguir com meu intento.

À luz da minha incapacidade de esperar por você, decidi anunciar nosso noivado na semana que vem, e se você discordar comigo, serei obrigado a mostrar a Henry a carta e as verdades que ela contém sobre sua desgraça e sobre seu filho.

É hora, minha querida, de deixar o mundo saber que você é minha. Escreva-me e conte como está ansiosa para ser minha esposa.

Sempre seu,

R.

Elizabeth rasgou o papel em dois e jogou no fogo antes de perceber o que havia feito. Agarrou o atiçador, esperando poder tirar o pergaminho das chamas, mas já era tarde demais, e o fogo consumiu a ameaça antes que ela pudesse impedir.

Recostando-se no assento ela amaldiçoou a si mesma por seu temperamento. Droga, ela deveria ter guardado. Henry desejaria ler qualquer coisa que Lorde Riddledale lhe enviasse. O pensamento a sobressaltou. Ela não podia

mostrar a carta a Henry. Ele saberia todas as mentiras dela, toda a desgraça dela contra a pessoa dele. Ele a odiaria.

Não, Josh chegaria a Londres a qualquer momento, e ela lhe contaria acerca da missiva e veria o que ele poderia fazer para impedir que o repugnante anunciasse um noivado que não ocorreu, nem jamais ocorreria.

— O que você está fazendo no chão?

Elizabeth se virou para a porta, Alice estava tirando as luvas e o chapéu.

Elizabeth ficou de pé.

— Você na cidade? Veio para ficar?

— É claro. Na verdade, todos viemos a Londres. A mamãe desejava distrair-se um pouco de Dunsleigh. Chegamos enquanto você estava em *Hatchards*. Só saí para um passeio.

Alice fez uma pausa.

— Qual o problema?

Elizabeth a beijou na bochecha enquanto os braços reconfortantes de sua irmã a envolviam.

— Recebi uma carta de Lorde Riddledale. Ele vai anunciar nosso noivado na semana que vem, e eu nem concordei em me casar com ele. Ele diz que, se eu não o fizer, ele fará com que Henry leia a carta do Papai e Henry saberá de Samuel.

— Onde está Samuel, está na cidade?

— Não. Está em Newland. Por quê?

— Acho que até que tudo isso esteja resolvido, ele deve ficar lá...

Alice se interrompeu.

— Diga-me, Elizabeth, o Henry sabe que você tem um filho?

As palavras de sua irmã a fizeram se sentir mal.

— Não. Não posso contar a ele sobre Samuel ou qual a verdadeira razão para eu ter me casado com Newland. Ele nunca me perdoará.

Não importava quem os havia enganado. Quando Henry descobrisse que havia uma criança e que ele não havia sabido antes, e que o menino nunca teria o nome do pai legítimo... tal cenário não valia a pena pensar. Era um verdadeiro pesadelo.

— E você deseja ser perdoada por Lorde Muir?

Elizabeth colocou as mãos no rosto.

— Receio gostar mais de Henry do que deveria. Como você sabe, ele tem me ajudado com Riddledale, e o plano deve funcionar, se a sorte estiver do nosso lado, mas não posso contar a verdade. Apenas não posso.

Alice esfregou suas costas, juntando-se a ela no chão.

— Josh deve chegar amanhã. Esperemos por seu conselho e o que ele pode fazer.

Ela fez uma pausa.

— Ainda está planejando procurar no escritório de Riddledale, durante o baile da irmã?

— Sim, esse é o plano.

Sua irmã assentiu.

— Mesmo que Josh só possa atrasar o anúncio para até depois do baile, o que eu tenho certeza que pode conseguir com seu poder de persuasão, garantirá o tempo que você precisa para recuperar a carta e acabar com essa bagunça.

Alice puxou-a para ficar de pé e a levou para um sofá ali perto.

— Está tão branca quanto um fantasma. Espero que não esteja se preocupando demais. Que esteja se cuidando.

Elizabeth pensou nas palavras da irmã, que ela não pensara em si mesma. Talvez ela estivesse com mais pânico do que deveria e, portanto, não enxergava o assunto com a clareza que deveria.

— Tentarei não me preocupar com as coisas até que elas ocorram.

Ela deu um tapinha na almofada ao lado dela, precisando mudar de assunto apenas para manter a sanidade.

— Venha, sente-se e conte-me sobre a mamãe. Ela está melhor?

Alice contou tudo sobre sua mãe e o que planejavam fazer em Londres. Embora bailes ainda estivessem fora de cogitação, além do de Riddledale, é claro, elas participariam de jantares privados e musicais com seus amigos mais íntimos.

Elizabeth recebeu bem a oportunidade de distração, mas sua mente se agitou, na espera impaciente por Josh, para que ele pudesse lidar com essa última ameaça de Riddledale, da qual Henry nunca poderia saber. Todas essas mentiras e segredos, a evasão da verdade...

Mesmo se fosse com a melhor das intenções, ou por falta de escolha, ela se perguntava se não deveria apenas declarar os fatos, colocar a cabeça sobre o bloco e deixar que a sociedade fizesse o papel de carrasco com o machado.

...

O irmão de Elizabeth debruçou-se sobre a mesa de mogno do pai e brincou distraído com o mata-borrão azul. Ao longo das semanas desde a morte do pai, ela precisava admitir que Josh havia amadurecido, aceitou a posição de duque com graça e franqueza. O pai deles ficaria orgulhoso.

— Você tem essa carta do Lorde Riddledale? Gostaria de lê-la.

Elizabeth balançou a cabeça, irritada consigo mesma novamente por ter jogado no fogo em um ataque de raiva.

— Eu estava com tanta raiva que a joguei no fogo. Sinto muito, Josh, mas o que recitei para você é palavra por palavra do que Lorde Riddledale escreveu.

Josh levantou-se e caminhou até o armário de bebidas.

Mais uma vez ela percebeu que o irmão que ela conhecia se transformara em duque, um homem. Seus

ombros pareciam mais amplos, e assim deveriam estar com o peso do título que ele agora carregava.

— Por que não me disse que o assédio dele estava piorando? — ele passou a mão sobre o rosto — Agora estou feliz por Lorde Muir ter arrancado sangue do nariz do infeliz no *Whites*. O ingrato mereceu a pancada.

Ela assentiu, concordando de todo coração.

— Sim, Henry está bastante irritado com a situação, mas Josh, ele não sabe exatamente o que o pai escreveu na carta. Se ele descobre Samuel...

Josh engoliu o conteúdo de sua bebida antes de servir outro copo.

— O que deixa Lorde Muir inocente de qualquer crime além de arruiná-la em Dunsleigh. Não pense nem por um momento que o perdoei por isso.

— Henry nunca recebeu a carta, então ele não sabe que tenho um filho. E você esquece que duas pessoas consentiram no lago naquele dia, meu irmão. Eu sabia o que estava fazendo, não pode responsabilizar Henry pelo que aconteceu.

— Que inferno, Elizabeth. — Josh passou a mão pelo cabelo jogando-se de volta na cadeira — Se isso vier a público, arruinará a família. Vai arruinar seu filho.

Ela assentiu, sabendo muito bem o que estava em jogo.

— Eu sei. Não vê que só penso nisso nas últimas semanas? Riddledale tem sido constante em seu desejo por mim, suas palavras beiram o obsceno, e ainda assim o tempo todo sei que ele sabe da minha ruína, meu filho. Eu não quero me casar por chantagem.

Elizabeth olhou para as janelas e observou a praça movimentada ao fundo, as carruagens, as pessoas.

— Lorde Muir sabe mais de suas preocupações do que eu. Por que não me contou que Riddledale mencionou a paternidade de Samuel?

Elizabeth se encolheu com a dor que ouviu no tom de seu irmão.

— Deveria ter falado, mas nunca pareceu ser o momento certo. Henry retornou. Papai faleceu. Tudo tem sido tão confuso. Eu entrei em pânico. Me desculpe.

— Elizabeth, essa é a coisa mais absurda que eu já ouvi alguém dizer. — ele respirou fundo, o nariz queimando com desgosto — Somos família. Eu posso ser um duque, o chefe desta casa, mas você é minha irmã, casada ou não, é e sempre será uma prioridade em minha vida, e sobre Riddledale...

Ele fez uma pausa.

— Bem, ele precisa ser repreendido. Estou surpreso que Muir não o tenha feito no *Whites*. Para mim parece ser algo merecido.

— Henry me contou um pouco sobre o que aconteceu naquele dia.

— Muir deu uma surra nele, e com razão.

Elizabeth recostou-se na cadeira e mordeu o lábio, querendo rir da imagem de Riddledale sendo atacado no *Whites*.

— Sim, eu sei.

— Palavras vendem sabedoria, punhos não. — ele juntou os dedos sob o queixo — E agora o que fazer com o marquês... Diga-me, o que exatamente é o seu plano com Muir?

Elizabeth levantou-se e foi até a janela, observando o transitar da praça. Ela brincou distraída com as cortinas de veludo enquanto contava a Josh a ideia de roubar a carta e, portanto, remover qualquer opção de chantagem.

— Ele pretende anunciar nosso compromisso nos jornais na próxima semana. Você deve falar com ele em breve. Se ele fizer algo tão desastroso, bem, não tenho certeza do que faremos.

— Tenho um encontro com Riddledale esta noite, na verdade. Creio que seja para tratar dos trâmites do casamento.

— Qual é o seu plano?

— Permitir que ele pense que é o caso. Vamos deixá-lo acreditar que você está considerando o pedido, nem que seja para dar a Lorde Muir tempo para reaver a carta... quanto ao seu envolvimento nesse plano, proíbo isso.

Ela sentiu sua boca se abrir.

— Proíbe? Acho que você se esquece, Josh querido, que sou viúva e capaz de tomar minhas próprias decisões.

Seu irmão olhou para ela, e ela se recusou a ceder.

— Se você for pega com Lorde Muir...

— E se? Eu não sou uma debutante. Sou uma viúva, e ninguém poderia me fazer nada além de levantar uma sobrancelha. No entanto, caso você seja pego no escritório...

Os olhos do irmão brilharam e ele levantou a mão, parando as palavras dela.

— Por favor, Elizabeth. Seja séria. Se esta história sobre você e Henry for revelada, ser pega na biblioteca de Riddledale não parecerá promissor se estivermos tentando dissipar esse boato e, apenas para nos irritar, Riddledale liberaria a missiva de meu pai.

Seu irmão tinha razão, mas ainda assim, Henry precisava da ajuda dela e, mesmo que fosse apenas vigiar naquela noite, garantir que ele fosse capaz de procurar sem interrupções, ela se arriscaria.

— Vou ajudá-lo. Então, se você puder falar com Riddledale, adiar a ameaça ridícula, faremos o melhor para acabar com toda essa bagunça. Você concorda?

Eles se encararam antes que o irmão suspirasse, recostando-se na cadeira de couro.

— Muito bem. Não que eu goste, mas concordo com o seu plano.

— Excelente.

Elizabeth sentou-se novamente, sorrindo.

— Uma coisa que queria mencionar é que Lorde Riddledale pareceu pensar na oferta de dinheiro de Henry. Acha que ele está agindo assim por falta de dinheiro?

— Não ouvi em lugar algum que esteja em dificuldades financeiras, mas vou colocar um de meus homens para investigar e ver o que ele pode descobrir. E se eu oferecer dinheiro para ele ir embora, sempre haverá a chance de ele continuar a nos extorquir, e eu me recuso a ser o banco pessoal dele. Não importa que conflito ele possa causar.

Ela assentiu.

— Concordo. Por favor, me conte tudo o que descobrir após o encontro com ele.

Então ela procuraria Henry e contaria. Ela se perguntou onde ele estaria e o que ele estaria fazendo. Quais eventos ele planejava atender nas próximas semanas, os quais ela não estaria presente. Uma batida na porta soou e seu mordomo pediu entrada.

Josh o chamou.

— Lamento incomodá-lo, Sua Graça, mas Louise, uma das criadas, estava voltando de uma tarefa e encontrou uma missiva a duas quadras daqui. Ela pegou para ver a quem estava endereçada, na esperança de conhecer seu dono legítimo e reconheceu o nome e endereço de Lorde Muir.

— Passe para mim por favor, John.

Elizabeth pegou a carta e franziu a testa.

— Esta é a carta que enviei a Lorde Muir. Por que estaria no chão?

Elizabeth podia ouvir o mordomo se arrastando atrás dela, sem saber se sua presença era necessária.

— John, poderia por favor buscar Tippy?

— Claro, Lady Newland.

O mordomo saiu do cômodo, e ela olhou para Josh.

— Está certo de que Lorde Riddledale ainda não rouba nossa correspondência?

— Ele não ousaria!

Elizabeth se assustou com a ira de seu irmão.

— Não pense, nem por um segundo, que ele não é capaz de tal ação. Ele é o pior dos homens.

— Não é mais que um vira-lata que rouba e arruína as pessoas.

— Se a correspondência ainda está sendo interceptada por ele, alguém aqui está espionando por ele.

Um calafrio percorreu a espinha dela. Seu irmão estava com raiva e com razão, e ela também. Com a rotatividade de funcionários em grandes propriedades como as que possuíam, Elizabeth acabara por pensar que a pessoa que ajudava Lorde Riddledale dois anos antes mudara de emprego. Talvez ela tivesse errada.

O marquês ainda estava analisando toda a correspondência?

— Pensei que havia parado, mas ter acontecido isso a esta carta...

Ela mordeu o lábio inferior.

— Talvez tenha sido um erro inocente de uma criada que estava com muito medo de assumir o erro.

Outra batida discreta soou antes que Tippy, sua criada pessoal, entrasse com o olhar um pouco assustado. Elizabeth levantou-se e foi até ela.

— Tippy, queria confirmar, você deixou minha carta de ontem na bandeja do hall para ser enviada?

— Sim, minha senhora.

— Sabe dizer quem faz as entregas das cartas? — o duque perguntou, sorrindo um pouco para deixar a criada mais à vontade.

A mulher congelou como um rato assustado diante de um gato.

— Não, sua graça, não faço ideia.

O mordomo limpou a garganta.

— Se eu puder, sua graça, eu acredito saber quem levou.

— Quem?

Tanto Josh quanto ela perguntaram em uníssono.

— Uma das damas de companhia, chama-se Kate.

Josh nivelou seu olhar ao do mordomo, repleto de frieza como os que Elizabeth vira muitas vezes no rosto de seu pai. Uau, ele realmente era o duque.

— E esta mulher não está diante de mim, por quê?

O mordomo se mexeu, um leve brilho de suor se formando em sua testa.

— Desapareceu, sua graça. Arrumou o quarto e saiu esta manhã, ou pelo menos é o pessoal da cozinha disse. Acho que é seguro dizer que o que seja que ela quisesse, não era para o bem dessa família.

Josh franziu o cenho, mas assentiu.

— Agradeço sua ajuda em relação a este assunto. Vocês dois estão dispensados.

Elizabeth esperou a porta fechar antes de falar.

— Então, parece que Riddledale ainda está revirando nossa correspondência. É quase radical demais para acreditar.

— Sim. — disse Josh, sua voz vibrando com raiva — E eu lidarei com seu senhorio no devido tempo. Não posso acreditar que um homem agiria de maneira tão dissimulada. E tudo para obter uma esposa. Será um milagre se eu mantiver meu semblante intacto na reunião de hoje.

— Sinto muito por todo esse problema, sinceramente, Josh. Mas vamos vencê-lo. Eu prometo.

Ele riu, mas foi sem alegria, só vingança.

— Eu espero que sim, minha irmã. Espero de verdade.

CAPÍTULO DOZE

Jantar na casa dos Kinruth era uma ótima opção de diversão para a noite. Sua irmã, Isolde, conheceu bem a família quando morou em Avonmore, na Escócia, já que eram seus vizinhos mais próximos e meio há muito espaço livre.

Ao se sentar, Elizabeth teve a agradável surpresa de perceber que se sentaria ao lado de Henry para o jantar. Os lacaios entraram na sala, todos com a mesma roupa marrom escura e olhares severos e vazios ao passar pela mesa cumprindo seu dever.

O primeiro prato, de ostras, foi colocado diante deles, e Elizabeth não conseguia se concentrar nos frutos do mar, mas apenas no homem sentado à sua direita que parecia ocupar todo o ar disponível na sala.

Sua presença, sua atenção exclusiva para ela, a deixou sem fôlego, como quando apostavam corrida nadando no lago em Dunsleigh quando crianças. Ele era um cavalheiro tão atraente, sua presença demandando sua atenção absoluta, e ao longo dos anos eles ficaram separados ele havia se tornado um homem bonito e confiante que a deixava um pouco desconcertada e nem sempre tão segura de si como gostaria de ser.

— Esta é uma experiência nova, Lorde Muir. Não é algo que eu teria pensado possível apenas algumas semanas atrás. — sussurrou Elizabeth, inclinando-se para ele.

Sua risada demonstrou que concordava, e a atravessou, fazendo suas mãos tremerem. Ela roubou um olhar para o lado e devorou cada linha dura e músculo visível. Seu aperto nos talheres de prata se apertou quando o sorriso

dele atraiu a atenção para sua boca. Lábios que ela beijou, e queria beijar novamente... queria devorar.

Ela engoliu em seco e desviou o olhar.

— Estou feliz que não estejamos mais agindo como estranhos. — ele recostou-se, colocando a boca mais perto do ouvido dela — Eu já te disse o quão bonita você está hoje à noite, moça?

A mecha de cabelo ao lado de seu pescoço fazia cócegas cada vez que ele expirava. Elizabeth mordeu o lábio inferior, rezando para não corar. Uma parte maliciosa dela revelou-se pelo fato de que ela *enfim* estava sentindo algo de novo, depois de anos sentindo nada.

Mas um jantar não era lugar de flerte, embora suspeitasse que Henry planejasse fazer dessa noite seu entretenimento.

— Ainda não, mas obrigada, é muito gentil, meu senhor.

— Henry...

Elizabeth sorriu e virou-se para colocar a primeira ostra na boca, *consciente* de que Henry observava cada movimento dela. Ela tomou muito cuidado ao tirar a ostra lentamente de seu garfo, fechando os olhos e cantarolando de prazer pela textura do pequeno monte escorregadio.

Ele se mexeu na cadeira, puxando um pouco a gravata.

— Você parece estar gostando da refeição.

Ele ergueu as sobrancelhas e ela sorriu.

— Sim. E muito.

— Você é sempre tão vocal ao comer? Não me lembro de você agir assim.

Henry terminou sua última ostra, o riso em seu olhar a fez sorrir.

— É só que sou vocal sobre coisas que sou apaixonada.

Agora quem está flertando?

Ele balançou a cabeça, os olhos dele fixos nos lábios dela.

— E você é apaixonada por ostras. Costumava odiá-las.

Elizabeth colocou uma terceira na boca, a sensação salgada e viscosa contra a língua fazendo seu estômago revirar, mas provocá-lo era muito mais divertido, ela era capaz de comer algumas para ganhar a atenção total dele.

— Há muitas coisas que você não sabe mais sobre mim, Henry. Não me incomodo com frutos do mar agora, embora tenha razão, eu costumava odiar ostras.

— Mentirosa. — ele riu, acenando para um lacaio para ganhar sua atenção — Por favor, traga o segundo prato para Lady Newland. As ostras não são do gosto dela.

Elizabeth observou seu prato ser rapidamente removido e logo substituído por uma deliciosa sopa de lagosta.

— Obrigada. Você me salvou de uma noite desconfortável de dor de estômago.

— O prazer foi meu, moça.

Ao som da voz profunda e retumbante dele, ela encontrou seu olhar faminto e percebeu que não tinha nada a ver com a comida diante deles. O zumbido da conversa se dissipou ao redor deles, e ela lutou para recuperar o fôlego. O terno de Henry, a gravata e camisa bem engomada lhe davam ares de cavalheiro, e ainda assim seu cabelo, mais comprido do que deveria ser, a sombra da barba por fazer no queixo, os ombros sólidos e musculosos que pertenciam mais ao ringue do Jackson's do que a uma mesa de jantar, iam contra o efeito sublime de seu traje.

O olhar dele ainda estava fixo em seus lábios, o músculo do queixo, tenso. Imagens deles juntos no lago, seu último dia juntos, assaltaram sua mente, de modo que ela quase conseguia sentir a grama fresca sob o vestido, a respiração rouca de Henry quando ele dizia o nome dela repetidas vezes quando eles... Seu irmão limpou a garganta, e a levou de volta à realidade.

Josh lançou um olhar mordaz de onde estava no outro lado da mesa antes de se voltar para a refeição, apontando para a sopa como se segurasse um garfo em vez de uma colher. Ela sentiu a perda da atenção de Henry como uma

punhalada no coração quando ele se virou para o próprio prato.

— Comprei uma nova *chaise* de duas rodas na semana passada. Posso visitá-la amanhã e levá-la para passear?

Elizabeth mascarou sua alegria pelo convite dele. Ela repetiu para si mesma que esse era o tipo de entretenimento que amigos compartilhavam, mas era mentira. Ela se divertiu com o fato de que Henry queria passar um tempo com ela. Queria ficar a sós com ela tanto quanto ela com ele.

— Eu iria gostar muito disso. Seus olhares se mantiveram unidos, e ela se perdeu em seus olhos azuis tão escuros quanto um mar agitado.

— Obrigada pelo convite.

— É um prazer.

A palavra *prazer* tremeu em seu sotaque escocês, e ela tremeu junto. O corpo todo tenso em lugares que achou que nunca mais sentiria algo de novo. Calor subiu abaixo de seu vestido e ela tomou um gole de vinho para esconder o constrangimento. Seu irmão os observava, os olhos estreitos e vigilantes, indo de sua comida para ela, para Henry e de volta ao prato.

Elizabeth sabia o que ele estava pensando, e ele estava certíssimo em ficar atento, pois ela estava pensando o mesmo. Ela fora casada, afinal, e o leito conjugal, embora nada parecido com o prazer que sentia ao toque de Henry, não era abominável com Newland. Muito pelo contrário, na verdade, e havia algo em dormir com um homem que Elizabeth tinha a sensação de que havia muito mais para aproveitar, experimentar e viver.

Ela sorriu ao ver o terceiro prato, peru assado e legumes da estação. Eles estavam se provocando. Algo que não faziam há eras. Pela primeira vez em muito tempo, Elizabeth se sentia feliz, viva novamente na presença de um homem, e era uma sensação inebriante e deliciosa e uma que ela poderia se acostumar.

As mulheres se reuniram pouco tempo depois, na sala de visitas para jogos de cartas e música. Elizabeth sentou-se com a mãe e esperou que Josh se juntasse a elas. Seus olhos vagaram para a porta pela milésima vez. Logo iriam embora e nada dos homens ainda.

Não tendo tido tempo para falar com Josh sobre a reunião dele com Riddledale, Elizabeth estava impaciente para descobrir como havia sido. Quanto ao jantar desta noite, Riddledale não a procurara nem agiu de modo inadequado, um fio de esperança de que seu irmão tivesse conseguido convencê-lo, e que Riddledale havia recuado com as ameaças.

Elizabeth levantou-se e caminhou até as portas do terraço, vendo que a lua brilhante pontuava o jardim com luz sua prateada. A tranquilidade pacífica a sua frente era o oposto do que acontecia dentro dela, um mar revolto que só se acalmaria quando se certificasse de que Josh havia sido bem-sucedido.

Olhando para o salão, ela notou que ninguém havia prestado atenção em sua saída, e se encaminhou ao terraço.

O ar fresco da noite a fez tremer em seu vestido de seda e o cheiro de fumaça de carvão mascarava as flores cheirosas que cobriam os canteiros do jardim. Ela caminhou pelas lajes em direção à parte escura do terraço e se inclinou na balaustrada, olhando para a lua.

— Você está bem, moça?

Elizabeth reprimiu um grito e apertou seu peito.

— Henry. — ela suspirou com o coração batendo forte contra as costelas — Você deveria parar de me assustar. Um dia eu grito.

Ela riu um pouco para quebrar a tensão entre eles.

— O que você está fazendo se esgueirando ao ar livre? Sei quando mente, e está mentindo agora.

Ele se juntou a ela na balaustrada e se encostou na pedra.

— Há algo a incomodando. Me diga de uma vez.

Só você. Nós. O terrível segredo que ainda guardo de você...

Eles estavam tão perto que ela podia sentir o calor do corpo ao seu lado, ela se arrastou um pouco mais perto, querendo que seu calor a envolvesse, para aquecê-la.

— Não é nada realmente. Josh tem algumas novidades que espero que sejam boas. Queria ter sabido antes de chegar hoje à noite, mas ainda não falei com ele.

Henry franziu a testa, contemplando suas palavras antes de dizer:

—Tem alguma coisa a ver com Lorde Riddledale?

Ela olhou para ele de supetão, se perguntando se ele notara alguma coisa durante as bebidas depois do jantar.

— O que o fez perguntar isso?

Ele levantou uma sobrancelha, olhando para ela, incrédulo.

— Nossas vidas, no momento, parecem entrelaçadas com o sujeito, então não é difícil presumir. Além disso, seu irmão e o Lorde em questão estavam sendo pouco amigáveis um com o outro agora pouco. Isso me fez suspeitar que algo aconteceu e não ao gosto de Riddledale.

Elizabeth se virou para encará-lo de frente, esperança floresceu em seu coração.

— Eles...? — ela mordiscou o lábio inferior, lutando contra um sorriso — Eles conversaram? Ou estavam se evitando?

— Se falaram, mas apenas se cumprimentaram. — Henry soltou uma risada triste — Quase senti pena de Riddledale. Seu irmão parecia menos satisfeito com ele do que está comigo, e isso é algo que não pensava ser possível.

Elizabeth riu, balançando a cabeça na tentativa de Henry

de fazer piada. Passou a mão pela lapela dele sem pensar.

— Nada vai me convencer a sentir pena de Riddledale, mas estou feliz em pensar que você e Josh podem ser amigos novamente um dia.

...

Amigos?

Henry não achava que o duque de Penworth seria amigo dele se soubesse o tipo de pensamento que ocupava sua mente. Sua deliciosa moça pareceu perceber que descia o peito dele com uma das mãos, e afastou-se rapidamente.

Ela fez menção de sair, e ele apertou o braço dela, puxando-a contra ele. A ação a fez ofegar, e ele queria ouvir tais sons, e mais, queria sentir seu calor, seu coração, tudo contra o dele.

A suavidade do braço dela marcava-o como uma queimadura, e ele se deleitava em seu toque antes que seus modos o fizessem repensar a sedução. Talvez fosse uma decisão sábia para Elizabeth, já que ele já havia flertado bastante durante o jantar para dar o que falar. Tocá-la em um terraço escuro era arriscar a reputação dela e o autocontrole dele demais. Ser um cavalheiro só a manteria segura até certo ponto...

— Sobre o que seu irmão iria conversar com você esta noite?

O silêncio dela o preocupou, mas se refreou de forçá-la a falar. Sua mente não parou de enumerar as possibilidades. Lorde Riddledale havia ameaçado Elizabeth? O demônio tentou seus ardis nela? Manteve os punhos cerrados ao lado do corpo. Imaginar tais horrores estava além da resistência.

Ela suspirou, a frustração dominando seu rosto.

— Josh teve uma reunião com Lorde Riddledale hoje. Sua Senhoria ameaçou anunciar nosso noivado nos jornais, coisa com a qual eu não concordei. Ele enlouqueceu, tenho certeza.

Ela fez uma pausa.

— Josh ia tentar fazê-lo entender que forçar esse assunto de casamento com ameaças não faria bem e não asseguraria minha afeição e agrado com o assunto. Precisamos da carta em nossas mãos antes que Riddledale perca toda a paciência e siga em frente com suas ameaças.

Henry cerrou os dentes ao pensar em Elizabeth casada com o desgraçado só para escapar do escândalo que arruinaria sua família. Ao pensar em outra pessoa reivindicando-a, tocando da maneira como um marido deveria tocar sua esposa, com reverência, cuidado e prazer, era o suficiente para provocar uma névoa vermelha em seus olhos.

— Pelo aspecto desagradável de Riddledale, parece que seu irmão conseguiu o que queria. E eu prometo, moça, nós vamos pegar de volta a carta, que é legalmente nossa, e estaremos livres para continuar com nossas vidas da maneira que desejarmos.

Ela olhou para o jardim, o que dava a ele uma bela visão de seu perfil. Nariz suave, lábios carnudos, cílios que eram longos o bastante para serem vistos bater sob a luz do luar.

— Tenho esperanças de ter sido isso o ocorrido. — a testa dela, sempre lisa, franziu por um momento — Josh está descontente e sabe tudo sobre nossos planos e sobre o que Riddledale tem feito nas últimas semanas.

— Riddledale não será o vencedor nesta guerra, Elizabeth.

Ela encontrou seu olhar, os dentes cravavam os lábios, de leve. A atenção dele voltou-se para a bela visão, mesmo sabendo que não podia se dar ao luxo de se distrair com ela neste momento.

— Às vezes quero esquecer de Londres, da cidade e até de minha família e voltar para Newland e morar em paz, onde ninguém vai me incomodar ou se importar com o que eu faço.

Henry vacilou ante as palavras dela.

Passou as mãos no queixo. Se perguntava o que poderia fazê-la querer morar em uma propriedade que não era mais dela. Sim, ela se casou com Newland, mas tal assunto já era tão passado quanto o relacionamento propriamente dito.

— Por que você voltaria para Newland? Decerto que o novo visconde deve tomar uma viscondessa para fazê-lo.

Ela empalideceu, olhando para ele.

— Ele está aprendendo tudo o que pode neste momento, mas não é uma tarefa pequena, e o herdeiro tem muito a aprender, já que é muito jovem.

— E assim você estará livre para se casar com quem você escolher? Viver como quiser, sem as ameaças de Riddledale?

— Sim. Bem... — ela fez uma pausa — espero mesmo que seja o caso.

Ela suspirou, voltando a ficar de frente para ele.

— É complicado, Henry, e eu não havia cogitado me casar novamente, como falei.

Uma pontada de arrependimento o perfurou, sabendo que era verdade, mas não era algo que ele iria permitir. Elizabeth era jovem demais para desistir da vida, para não amar como ele sabia que ela era capaz de amar.

— Não fale mais de Riddledale. Ele já tomou bastante do nosso tempo esta noite.

Ela pareceu afastar os pensamentos, sorrindo.

— Eu concordo.

Os dois olharam para o céu noturno, a lua brilhante acima deles.

— Você se lembra de quando nós nos deitamos sob as estrelas e tentamos contá-las, ou ver em que formas animais elas poderiam ser transformadas?

— Sempre criei os melhores animais. Tudo o que você conseguia ver eram gatos.

Ela riu da provocação dele.

Como ele amava o som, e sabia que era algo que sempre se alegraria de ouvir.

— Mas saiba que sempre eram raças diferentes de gatos. Não apenas um tipo.

— Existe alguma diferença de verdade? — seus olhos brilharam para ele com diversão, e ele riu — Senti falta de nossa amizade, Elizabeth.

— E eu de você, mesmo que estivesse com muita raiva de você. Mas agora sei que não foi sua culpa.

Um sorriso triste inclinou seus lábios.

— Amigos?

Ele assentiu, aproximando-se mais do que deveria.

— Sempre moça.

Elizabeth encontrou seu olhar quando um toque mais leve dos dedos dela tocou as lapelas de seu traje, achatando-as ainda mais contra seu peito. Desejo, quente e exigente, percorreu seu corpo.

Maldição.

Ele a queria, queria provar seus doces lábios, os mesmos que o assombravam o tempo todo que ele esteve fora. E pior, ele queria que ela sentisse, queria dizer sem palavras, que ele queria um futuro com ela, um que envolvia mais do que amizade.

— O meu traje não é do seu agrado, minha senhora?

O ligeiro encolher dos ombros dela atraiu o olhar dele para sua figura delicada, o vestido de renda e seda que brilhava prateado ao luar.

— Eu acho seu traje bem agradável, mas ainda não vi você em um kilt.

Ele riu, não esperara tal resposta.

— Além disso — continuou —, seu sotaque não é mais tão forte desde que foi para o exterior. Você soa mais inglês do que nunca nos dias de hoje.

— Ficaria feliz se eu voltasse a ter meu sotaque forte, moça?

— Muito.

Henry teve que se inclinar para ouvir as palavras sussurradas, de tão suaves que foram. Ela olhou para ele, e a saudade que ele leu ali o fez desistir do pouco autocontrole que ainda o segurava. Incapaz de negar a si mesmo, ele tomou os lábios dela em um beijo ardente, um beijo que não era nem doce nem atraente, mas quente, exigente e cheio de uma necessidade avassaladora.

Ele gemeu quando a língua dela empurrou contra a dele, suas mãos deslizando pelas lapelas de seu casaco para agarrar seu pescoço, puxando-o com força contra ela, a distância entre os dois sempre grande demais.

Calor invadiu seu âmago e era como se estivessem no lago, jovens e despreocupados, devorando um ao outro com as mãos, colidindo os corpos que criavam a mais deliciosa tortura, uma inundação úmida de toque e sabor que nunca era suficiente.

Ele a ergueu e a sentou na balaustrada e abafou seu ofego com a própria boca. O gemido feminino, era música para seus ouvidos, fez com que ele endurecesse. O vestido de seda rendado estava frio sob os dedos enquanto ele afastava as pernas dela, querendo ficar ainda mais perto.

Elizabeth levantou um pouco a perna, envolvendo o pé no joelho dele e empurrando-o para frente.

Uma voz, um aviso na parte de trás de seu crânio vibrava que o que eles estavam fazendo era errado, escandaloso, contra as regras. De suas ações passadas, ele deveria saber melhor, droga, Elizabeth também, mas quando seus lábios tomaram os dele, exigindo mais, suas mãos afirmes contra o pescoço dele, ele soube que perderia a batalha dentro de si para se afastar, para recuar e pedir perdão por tal ação.

Talvez ele realmente fosse um selvagem.

Ela interrompeu o beijo, olhando para ele com um olhar de admiração que ele sabia que ele mesmo ecoava.

— Não deveríamos estar fazendo isso. Amigos não agem assim. — ela disse, sorrindo um pouco.

As portas do terraço sacudiram e ele recuou, rapidamente ajudando-a a descer. Não que Henry se importasse se fossem pegos. Ele se casaria com ela no dia seguinte se ela dissesse sim, mas ele não a forçaria a se casar. Ele queria que Elizabeth viesse a ele por livre e espontânea vontade, sem coerção ou devido às exigências da sociedade.

— Você deve voltar para dentro de casa. — disse ele, soltando a mão dela — Vou dar a volta e entrar pelo foyer. Nós não precisamos de outro escândalo em nossos calcanhares.

Mesmo na penumbra, Henry conseguiu distinguir o rubor cor-de-rosa que tomara as bochechas dela. Inferno, ela era linda, uma rosa inglesa perfeita.

Ela assentiu.

— Você está certo.

Ela pareceu que ia recuar, mas em vez disso deu um passo em direção a ele, estendendo a mão para consertar sua gravata. Mais uma vez seu corpo doeu para tocá-la, para gravar em si mesmo mais uma memória de como ela se encaixava em seus braços.

— Boa noite, Henry.

Ele se curvou, observando-a se afastar.

— Boa noite, minha moça bonita.

Elizabeth virou-se para as portas do terraço e sorriu antes de entrar em casa levando o coração dele, como sempre levou.

CAPÍTULO TREZE

Na manhã seguinte, Elizabeth parou na porta da biblioteca quando ouviu o som de vozes altas lá dentro. Ela hesitou, então, a curiosidade venceu e parou para ouvir. O mordomo saiu da sala de café da manhã e se curvou quando a notou.

— Quem está lá dentro com sua graça? — questionou ela.

O velho pigarreou.

— O conde de Muir, minha senhora.

Como a discussão parecia crescer, Elizabeth ignorou o olhar de desaprovação do mordomo e encostou o ouvido na porta. Eles estavam discutindo, era óbvio, mas sobre o que ela não conseguia discernir. Com Henry aqui, era claro que o assunto envolvia ela e o desprezível Lorde Riddledale. Sua mão pairou acima da maçaneta, pensou melhor na súbita intrusão, e decidiu bater.

Um curto, "Entre" foi toda a resposta que ela recebeu antes de entrar.

— Elizabeth, saia.

Elizabeth fechou a boca com um estalo ante o comando curto de seu irmão.

Ela o ignorou e fechou a porta.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou, observando como seu irmão encarava Lorde Muir — Sua discussão pode ser ouvida no foyer.

Ela levantou uma sobrancelha e esperou por uma resposta.

— Nada que diga respeito a você. — disse Josh, um músculo saltando em sua testa — Agora, se não se importa. — disse ele, apontando para a porta.

Elizabeth balançou a cabeça e sentou-se ao lado de Henry, e sua proximidade, vê-lo de novo, a deixou sem fôlego.

— Eu queria mesmo encontrá-lo. Já que quero saber como foi com Lorde Riddledale ontem. Nós nunca tivemos a chance de falar na última noite.

Henry sorriu um pouco para ela, e seu estômago revirou. Mantendo o olhar fixo em Henry, ela perguntou:

— Espero que tenha gostado da sua noite, Lorde Muir.

Ele abriu um sorriso perverso, seus olhos mostrando o prazer que ainda viria.

— Muito mesmo, Lady Newland.

— Fico feliz. — ela se virou para o irmão — Bem, o que Lorde Riddledale disse, Josh?

— Era exatamente o que eu estava perguntando. — declarou Henry, cruzando as pernas e fazendo-se confortável na cadeira.

— Eu não tenho obrigação de discutir negócios da família com você.

Josh apontou um dedo na direção de Henry.

Ela suspirou e apertou o braço de Henry para que ele não se jogasse na mesa do irmão e o atacasse.

— Eu confiei a Henry minhas preocupações sobre Lorde Riddledale, como você bem sabe. Já conversamos, Josh. Não há necessidade de tal grosseria. Se você tem alguma coisa para me informar da sua reunião com o lorde, então por favor nos diga. E parem com essa bobagem.

Ela fez questão de olhar para os dois.

— Espero que se entendam. Sem mais brigas. Somos todos adultos e sabemos a verdade da situação.

Com um grunhido mal controlado, Josh pegou sua pena e torceu-o entre os dedos.

— Riddledale concordou em adiar o anúncio do noivado até depois do baile de sua irmã, mesmo que eu tenha dito a ele que você ainda não concordou com tal prosseguimento.

— E nem irá. — Henry brincou.

Seu irmão assentiu.

— Nossa conversa foi amigável até que eu afirmar a ele que não poderia dar a minha bênção para tal união se você não estivesse de acordo.

— Como ele reagiu? Elizabeth não estava certa se se importava. Riddledale poderia morrer.

Seu irmão pensou na resposta por um momento antes de dizer:

— Ele foi inflexível de que haveria um casamento, ou um escândalo a seguiria pelo resto da vida. Ele vai divulgar tudo o que aconteceu entre você e Henry, e faria com que carta que o pai escreveu para Henry, seja impressa no *The Times*.

Um frio, diferente de qualquer outro que ela já experimentou, deslizou por sua espinha. Se a cidade descobrisse a verdade sobre Samuel, se Henry descobrisse, seu filho estaria arruinado, não importava que Lorde Newland o amasse desde o momento em que pôs os olhos no menino.

— Não podemos permitir.

— Eu descobri algo interessante e poderia nos dar esperança. Eu queria ver a carta. Como ele está tão inflexível em usá-la contra nós, queria saber se ainda existe de fato. Riddledale puxou a carta de sua mesa e me mostrou, como se estivesse exibindo sua melhor arma de caça.

— Então, essa reunião aconteceu na casa dele aqui em Londres? — Henry perguntou, encontrando seu olhar rapidamente.

— Sim, aqui. Na biblioteca. — Josh confirmou, parecendo seguro de si mesmo.

Esperança floresceu no peito de Elizabeth. E se é onde Riddledale manteve a missiva o tempo todo, a chance de sucesso duplicou... não triplicou.

Eles já tinham a planta da casa de Riddledale graças ao amigo de Henry, e agora sabiam com certeza que a carta

estava em Londres.

— Isso é uma boa notícia.

— O baile deve acontecer em duas semanas. É para coincidir com o final da temporada.

Josh passou a mão pelo cabelo, fazendo-o ficar em pé.

— Eu ajudarei a manter Riddledale longe da biblioteca durante sua busca. Quanto mais pudermos fazer para frustrá-lo, melhor será a nossa vida.

— Muito obrigada, Josh.

Ela se levantou, andando em volta da mesa para se inclinar e dar um beijo e um abraço rápido em seu irmão. Suas bochechas ficaram vermelhas, e ela sorriu por seu aparente constrangimento.

— Sim, bem. — disse ele, dando um tapinha no braço dela ainda em torno do pescoço — Só faço o que a situação exige.

Ela se afastou um pouco, lágrimas obscurecendo sua visão.

— Então, não é porque você ama sua irmã?

Ele sorriu, balançando a cabeça.

— Não, não por isso.

Ele riu, o som mais despreocupado que ouvira em anos.

Henry pigarreou.

— Obrigado, sua graça, por tudo que você fez. Estou aliviado de que nosso curso esteja definido e parece vir a ser um sucesso.

Elizabeth cruzou com o olhar de Henry quando ele se levantou para sair. Ela andou até ele que pegou a mão dela, colocou um pequeno papel na palma da mão antes de se curvar.

— Obrigada por toda sua ajuda, Lorde Muir. Estamos agradecidos.

Ele assentiu.

— Sempre um prazer, moça.

Seu tom não admitia discussão, e o coração dela acelerou. Como seria fácil se apaixonar pelo belo patife,

acordar e adormecer todos os dias pelo resto de sua vida em seus braços.

Seu irmão murmurou algo sobre matar um conde, e ela recuou, quebrando o feitiço entre eles.

— Bem, se formos agir a partir daqui com normalidade, é melhor eu ir para o andar de cima. Victoria queria que eu a acompanhasse para um chá da tarde.

— Quer que eu acompanhe vocês? — Josh perguntou — Eu planejava ir ao clube, mas se acha que Riddledale estará lá, me sinto mais que disposto para chá e bolo.

Elizabeth negou com a cabeça a oferta do irmão.

— Não precisa. Eu ainda tenho que vê-lo em tal evento. Estou certa de que Victoria e eu estaremos bem o suficiente.

Caminhando até a porta, lançou a Henry um olhar especulativo enquanto o lacaio o ajudava a vestir o paletó, o bilhete queimava, como se abrisse um buraco na palma da mão. Ele piscou e saiu sem dizer outra palavra, e seu coração já não parecia mais ser seu. Como ela desejava viver a vida que sempre sonhara com Henry, amar e ser amada incondicionalmente.

Mas e o filho dela?

Henry ainda não tinha ideia de que ela tinha um filho, quanto mais que era dele. Samuel já era estranhamente parecido com Henry e não demoraria muito para que ele suspeitasse que a criança não era de Lorde Newland. Para não mencionar que Elizabeth não conseguiria manter tal segredo do homem que amava. Seria uma crueldade impossível que a desgastaria e destruiria.

E então o casamento deles terminaria antes mesmo de começar, e Elizabeth não tinha dúvida de que Henry a odiaria. A odiaria mais do que ela já se odiava.

...

Pouco tempo depois, Elizabeth, junto com Victoria, sentou-se na carruagem da família, indo para Belgravia tomar um chá da tarde.

A carruagem balançou para o lado quando virou na esquina do Hyde Park, e Elizabeth riu quando suas retículas saíram dos assentos e caíram com um baque no chão.

— Deixa que eu pego. — disse Elizabeth, curvando-se para pegar as bolsas e ofegando quando um estrondo soou nas ruas.

O som agudo do grito de uma mulher soou do lado de fora, e ela e Victoria olharam pela janela para ver pessoas se dispersando dentro de lojas para outras ruas.

— Foi um tiro?

Elizabeth agarrou-se ao assento enquanto o cocheiro aumentou a velocidade, girou na rua e, pelo que parecia, voltou para onde elas vieram.

— Creio que esteja certa. — Victoria franziu a testa, os olhos arregalados de preocupação — Por que alguém atiraria bem no centro de Londres?

Elizabeth encolheu os ombros, não tendo ideia de porque uma coisa tão aleatória e bizarra havia acontecido.

Mal sua excursão começou, acabou?

Seu cocheiro parou diante da casa da família e mandou o ajudante até a porta da frente para bater na aldrava. Elizabeth ajudou Victoria a descer da carruagem assim que Josh saiu correndo da casa, com o rosto incomumente pálido.

— Estão bem? — ele perguntou, olhando-as de cima a baixo como se fossem éguas recebedoras de prêmios.

— O lacaio me informou que atiraram em vocês. — Elizabeth deu uma rápida olhada para Victoria — Nós ouvimos um tiro, mas isso foi tudo. Ninguém estava atirando em nós.

Elizabeth se virou para o cocheiro.

— Diga ao meu irmão que ele está mal informado.

Josh passou por eles, caminhou até onde o homem estava parado avaliando a carruagem.

— Então por que, oras, há um buraco de bala na carruagem, se ninguém estivesse atirando em vocês?

Seu coração perdeu uma batida quando ela olhou para o buraco perfeitamente redondo logo acima de sua janela. Se a bala tivesse sido um pouco mais baixa e ela não tivesse se inclinado para pegar as retículas...

— Nós não sabíamos...

Ela engoliu em seco, sentindo-se tonta com o pensamento.

— Tenho certeza de que foi um erro. Por que alguém atiraria em nós? Não fizemos nada.

— Realmente, por quê?

Josh as conduziu para dentro da casa, caminhou em direção à biblioteca e pareceu esperar que elas o seguissem. Eles se sentaram, as duas diante da lareira, enquanto observavam seu irmão se servir de um grande copo de uísque, beber e colocar mais dois, entregando-os a cada uma.

— Não pense demais nisso, Josh. Tenho certeza de que foi um acidente. Algum adolescente sendo bobo com um brinquedo novo.

Preocupação estava gravada no rosto de seu irmão, fazendo-o parecer mais velho que seus vinte e poucos anos.

— Não posso deixar de pensar na situação.

Ele passou a mão pelo queixo.

— Certamente, apesar de toda a pressão de Riddledale, ele não ameaçaria a vida de uma mulher de forma tão covarde. Eu não posso acreditar que um marquês faria algo assim. Alguém deve ter disparado uma arma, e a bala se desviado, assim como você disse.

— Suspeita de Riddledale?

Elizabeth não tinha nem pensado no cavalheiro, mas então se lembrou do homem corpulento que ela pegou a

observando na *Hatchards*, e a ideia não pareceu mais tão tola.

— Acredito que Riddledale colocou alguém para me seguir em determinados momentos. Na última visita que fizemos à livraria, peguei um homem em roupas de comerciante me observando. Quando notei seu interesse, ele fugiu.

Josh parecia quase selvagem, e ela se encolheu por ter esquecido de contar a ele.

— Por que não me informou disso? Droga, Elizabeth, há mais alguma coisa que eu não saiba?

Ela balançou a cabeça.

— Não, nada, e eu não o vi novamente, e então... Eu deveria ter dito a você, me desculpe.

Elizabeth mordeu o lábio, lançou um olhar para Victoria que não parecia nada bem.

— Não acredita que ele me faria mal por não estar concordando com todas as suas requisições e ameaças, acredita?

Vitória ofegou.

— Ah, não. Certamente que não.

— Talvez você devesse se deitar, V. parece um pouco abalada pelos acontecimentos.

Elizabeth pegou a mão dela e tocar a neve teria sido mais quente.

— Eu me sinto um pouco fraca. — disse Victoria, sua voz mostrando um fio de medo.

— Mandarei uma tisana para você. — disse Josh, levando-a para a porta.

Assim que Victoria saiu, Josh se sentou em frente a Elizabeth, o músculo em sua têmpora flexionando a cada segundo de silêncio.

Ele estava agitado, e essa era uma emoção que seu irmão raramente demonstrava.

— Eu não entendo como Riddledale iria contra o seu acordo, e logo após conversarem. Não faz sentido. Não deve

ser ele.

Josh zombou.

— Eu acho que suas suposições estavam corretas, mesmo que admitir isso seja doloroso. Ele não tem nada na cabeça.

Seu irmão se encolheu.

— É coincidência demais não ser seu senhorio. Ele está deixando claro se não puder ter você, ninguém a terá.

Seu irmão encontrou seu olhar e fez uma careta.

— Mas não poderemos provar, é claro. Será a nossa palavra contra a dele, mais uma vez.

— Já ouviu alguma vez de uma carruagem ser alvejada no centro de Londres? Eu com certeza nunca soube.

Seu irmão balançou a cabeça, franzindo a testa.

— Claro que não. Talvez nas entranhas de Londres tal acontecimento acontecesse, mas não em Mayfair.

A porta da frente bateu e trouxe vozes que soavam no vestíbulo antes que a porta da biblioteca se abrisse. Elizabeth se virou para ver Henry, seu olhar perscrutando a sala, antes de parar sobre ela, os ombros afundaram em alívio.

— Como ousa invadir assim em tal situação? Pode se retirar.

A voz de Josh não admitia discussão.

Henry caminhou em direção a ela, seu sorriso derreteu seus medos sobre o que poderia ter sido.

— Eu vim logo que ouvi o que aconteceu.

— Toda Londres já sabe que a carruagem foi alvo de tiros?

— Eu precisava...

Suas palavras sumiram, mas Elizabeth não precisava ouvi-las para saber o que ele ia dizer.

Eu precisava ver se estava bem.

— Nossa carruagem de fato está avariada por causa de um tiro, mas eu não me feri, e nem Victoria, que estava comigo. Estamos bem.

— Se você não sair agora, Lorde Muir, eu posso me sentir inclinado a colocar uma bala em você.

Elizabeth encontrou o olhar de seu irmão, e com uma olhada, forçou seu irmão a recuar.

— Meu irmão, por favor. — disse ela, voltando-se para Henry. — Obrigada por vir saber de nós.

— Sempre, moça.

Josh rosnou, servindo-se de outro uísque, resmungando algo em voz baixa.

Elizabeth não pôde ouvir.

Uma batida aguda soou antes de seu mordomo entrar.

— Sua graça, o Sr. John, o condutor da carruagem, gostaria de falar com o senhor. Devo chamá-lo para entrar ou prefere vê-lo nos estábulos?

Josh bebeu seu copo e olhou para Henry.

Henry, alheio ao aborrecimento de seu irmão, ou não se incomodando com isso, manteve os olhos nela, fazendo-a esperar que Josh saísse para que ela pudesse ter Henry para si mesma

— Vou ao estábulo. — ele pegou sua jaqueta que estava abandonada na parte de trás da cadeira e a vestiu — Quero dar uma olhada na carruagem. Esta porta deve ficar aberta. Eu voltarei em breve. — Josh disse, jogando a Henry um olhar cheio de significado.

Elizabeth sorriu e, uma vez sozinhos, virou-se para encarar Henry.

— Obrigada por ter vindo, mas não foi necessário. — Como você pode ver, estou bem. — ela gesticulou para si mesma.

— Eu estava no *Whites*. Recuperei minha filiação. — ele sorriu — Laird McCalter informou-me da sua situação.

Henry engoliu em seco, franzindo a sobrancelha de maneira, pode-se dizer, perfeita.

— Posso ser franco, Elizabeth?

— É claro.

Henry pareceu se recompor antes de dizer:

— Nunca senti tanto medo quanto senti ao saber do ocorrido. Isso me consumiu e eu precisava ver você. Ter certeza de que você estava bem.

— Estou mais do que bem, mas obrigada por se importar tanto. Quanta gentileza.

Seu olhar ardia e o desejo quase anulou todo o decoro nela.

— Eu sempre me importei, moça.

Esquecendo-se ou não se importando mais com o lugar que estavam, a porta da biblioteca aberta, os servos, tudo, Elizabeth observou Henry baixar a cabeça e capturar seus lábios com os dele, um leve toque como de penas que fez os dedos dos pés se curvarem nos sapatos. As mãos dele pousaram em seus quadris, e ela envolveu seu pescoço com os braços, eliminando o pequeno espaço que os separava.

Ele interrompeu o beijo, o olhar feroz, repleto de intenção.

— Eu não posso viver minha vida sem você.

Ela se aproximou ainda mais. Tais ações eram más e nada responsáveis, mas ela não se importava mais.

— Então, não viva sem mim.

Seus olhos se arregalaram, e ela não deu chance de ele responder antes de beijá-lo novamente, desta vez com tanta fome e necessidade quanto ele. Henry não precisou de nenhum incentivo e aprofundou o abraço.

Elizabeth ofegou quando inúmeras emoções passaram por ela. Implacável, ele insistiu, provocou-a com o deslizar da língua, um beliscão contra o lábio dela. Era mais que maravilhoso, e apenas reforçava a ideia de que fazer amor com um homem poderia ser mais do que o que ela tinha conhecimento.

Inclinando-se para ele, seus mamilos rasparam contra o suave algodão e, a cada movimento, calor acumulava-se em seu núcleo. O aperto de Henry contra seu quadril deslizou em direção a seu peito, e o lento movimento de seu toque enlouqueceu-a. Muito devagar, devagar demais, pois ela

queria tudo agora, ser como eram antes, duas almas que criavam um todo.

Sua respiração falhou quando o mais leve toque roçou seu seio e, precisando de mais, Elizabeth tentou se mover, para fazer a mão dele apertá-la como ela queria, precisava.

— Henry. — ela suspirou, mordendo o lábio inferior e amando o fato de sua atenção estar fixada em sua boca.

— Senti falta de nós dois. — disse ele, tomando posse de sua boca mais uma vez.

Elizabeth choramingou pelo ataque de emoções que ele sempre foi capaz de trazer à tona. Como ela sentia falta dele e dos sentimentos que ele sempre evocava. Ele a trouxe à vida com um toque, um olhar, um sorriso... De alguma forma ele sempre conseguiu intoxicar sua alma com seu amor.

— Henry... Elizabeth encontrou seu olhar — Não pare.

...

Henry se afastou e viu os olhos verde-esmeralda de Elizabeth escurecerem e rodopiar de desejo. Durante meses, ele queria ver tal expressão em seus olhos, e era um elixir para sua alma enfim alcançar o objetivo.

— Estamos na sala de visitas, moça — disse ele, brincando com os botões da parte de trás do vestido, desejando que pudesse abrir cada um deles, tirar a roupa dela e violá-la aqui e agora.

Ela riu, brincando com sua gravata.

— Estou plenamente ciente de onde estamos.

Henry reuniu sua força de vontade, descansou a testa levemente contra a dela. As palavras de Elizabeth eram lógicas, mas não sinceras. Se ele quisesse, e queria muito, ele só teria que deitá-la no sofá, levantar suas saias de seda e seduzi-la pela segunda vez. Fazer amor com ela uma segunda vez.

Seu coração batia louco em seu peito. Nunca quis uma mulher tanto quanto ele queria Elizabeth neste exato momento. Com um autocontrole que ele não pensou que possuía, Henry a afastou e abriu certa distância entre os dois.

— Prometo que falaremos de nós dois com mais detalhes. Mas primeiro — disse com um tom sério —, leu meu bilhete?

Ela assentiu.

— Li, e eu vou encontrá-lo lá hoje à noite.

Um dedo dele acariciou seu lábio inferior antes de deixar a mão cair de lado.

— Bom, agora, me conte tudo o que conseguir de hoje cedo. Qualquer coisa que você ache que possa nos ajudar a descobrir quem fez isso com você e Lady Victoria.

Elizabeth assentiu.

Franziu a testa enquanto contava a história, inclusive o homem corpulento que havia notado. Eles falaram por algum tempo, a memória se tornando mais vívida com cada questionamento. Foi só quando ela murchou um pouco, o cansaço cobrando seu preço, que Henry parou.

— Será difícil acusar Riddledale de tal crime, e é repugnante pensar que um homem iria se rebaixar a tal nível por não conseguir o que quer.

Ele fez uma pausa.

— Você parece precisar de mais chá e de descanso. Vou esperar aqui até o seu irmão voltar. Gostaria de discutir o assunto um pouco mais, em qualquer caso, e saber o que pensa de tudo.

Elizabeth assentiu.

— Acho que vou seguir o seu conselho e me deitar um pouco. Tem sido um dia bastante agitado.

O mordomo bateu na porta.

— Lorde Muir, sua graça deseja vê-lo na biblioteca, por favor.

— É claro. Já estou indo.

Henry voltou-se para Elizabeth e sua mente foi rasgada pela visão deliciosa que ela era. Seus lábios, inchados e bem beijados, o fizeram ansiar de novo, fizeram com que ele quisesse esquecer que alguém estava tentando ameaçá-la e mantê-los separados.

Mas para garantir o futuro que ele idealizada, ele deveria parar Riddledale e seus esquemas enlouquecedores.

— A vejo esta noite então?

— Verá. — disse ela, endireitando o vestido — Mal posso esperar.

Henry passou a mão pelo cabelo enquanto observava Elizabeth deixar o cômodo. Ele logo fez o mesmo e seguiu para a biblioteca. A porta estava entreaberta e, batendo uma vez, ele entrou, notando um homem que nunca havia visto antes, sentado diante da mesa do duque.

Sua graça parecia descontente, mas Henry não tinha certeza se era devido a sua presença ou o que acontecera antes. Provavelmente uma combinação dos dois.

— Lorde Muir, este é o Sr. Gribbles. Ele é um dos agentes da *Bow Street* que contratei para investigar o incidente de hoje.

Henry apertou a mão do homem corpulento e sentou-se. Sua graça enumerou os acontecimentos do dia, e o agente anotava toda a informação em um pedaço pequeno de papel.

Ele escutou sobre os numerosos presentes que Elizabeth recebera nos últimos meses, os comentários astutos e aparições, as ameaças que Lorde Riddledale havia feito.

Henry estremeceu ao ver como Elizabeth chegara perto da morte. Naquele momento, se a bala tivesse se viajado um pouco mais para baixo do veículo, a vida que ele desejava, o futuro que ele planejara ter com Elizabeth, não passaria de um sonho perdido.

Raiva corria através dele ante a ideia de perdê-la, de ela ser vítima da obsessão e do ciúme de algum tolo. Ele seria condenado se algum pomposo desgraçado inglês como Lorde Riddledale a levasse para longe dele, arruinaria sua vida e uma que, no fundo, ele sabia que Elizabeth desejava também.

— O cavalheiro que você mencionou, se é que de fato é o culpado, pode tentar algum outro jeito nefasto de ganhar a mão dela. — disse o agente ao bater o lápis no caderno.

Henry se afastou de seus devaneios.

— Que tenciona fazer a esse respeito?

O homem respirou fundo, os lábios apertados, refletindo com o assunto.

— Ele parece, para mim, ser um covarde por natureza, se suas ações ao longo dos últimos meses são indicativas de algo. Primeiro iniciou uma corte benigna. Flores e bilhetes de amor. Sua capacidade de conquistar o coração da moça fracassou e, assim, ele se tornou mais desonesto ao usar ameaças e exigências para com a dama envolvida. E agora vemos que ele mudou de ideia mais uma vez, tentando eliminar a jovem, para que ninguém possa tê-la... — o agente falou e se interrompeu — Nenhum dos planos de Lorde Riddledale funcionou para garantir que Lady Newland fosse sua esposa. Para mim, o marquês não é bom da cabeça e pode tentar outra maneira de se vingar de sua irmã, sua graça. Destacarei um de meus associados para observar Lorde Riddledale e sua rotina diária. Eu acredito que o capanga que sua irmã viu é o autor destes últimos ataques.

Henry concordou com a cabeça, o perfil que o homem havia traçado de Lorde Riddledale soando muito verdadeiro além de tudo o que supunham.

Riddledale sempre foi um ciumento e um covarde. Desde o início, Henry nunca gostara do marquês, não gostara de sua astúcia, tão escorregadio quanto uma

enguia, seus maneirismos e temperamento corriam tão quentes e frios quanto um verão inglês.

Ele se vingaria do patife, nem que fosse sua última ação em vida. Como o desgraçado se atrevia a atirar na carruagem de uma senhora? Henry não acreditou nem por um momento que fosse alguém além de Riddledale quem orquestrara o ataque.

— Isso, é claro, terá um custo...

O duque recostou-se na cadeira e levantou a sobrancelha.

— Contrate quantos homens precisar para a tarefa. Não vou permitir que minha irmã ou o restante de minha família seja ameaçada de tal maneira novamente. Dinheiro não é problema.

O agente se levantou e se curvou em uma profunda e desajeitada reverência.

— Obrigado, sua graça.

O investigador saiu do cômodo fechando a porta com um clique audível.

Henry se levantou e foi até a mesa, se inclinou sobre o mogno e encontrou o olhar desdenhoso do duque.

— Eu desejo que Elizabeth seja minha esposa. E hoje, aqui e agora, estou pedindo a mão dela a você, formalmente. Não me importo com sua resposta, mas ela irá se casar comigo, somente comigo.

O duque o encarou, sustentando o olhar do conde com a mesma intensidade.

— O que o faz ter tanta certeza de que Elizabeth vai querer você? Você pode ser o que alguns considerariam amigos, mas ouvi rumores de sua relação próxima com a Srta. Andrews. E eu não verei minha irmã sofrer pela segunda vez, Lorde Muir. Ela merece alguém muito melhor que você.

A mandíbula de Henry se apertou.

— Acho que você a considera mais adequada para o seu amigo inglês, Lorde Dean. Ela não vai se casar com ele ou

com qualquer pessoa que você acredite ser adequada. Ela é minha, sempre foi minha.

— Thomas! — o duque gritou, ignorando suas palavras.

Henry se virou quando o ancião entrou na biblioteca um momento depois. Henry o olhou com humor. Se o duque pensava que um velho rabugento era forte o suficiente para jogá-lo na rua, ele logo descobriria o engano.

Henry riu.

— Eu volto amanhã para visitar Elizabeth. Esperarei até lá por sua resposta. Eu desejo que sua irmã seja minha esposa, e se ela concordar, ela assim será ao fim da temporada. Tenha um bom dia, sua graça.

O duque o ignorou, e Henry lutou para não reagir a frieza do desgraçado aristocrata. Lembrou a si mesmo de que o duque amava suas irmãs, as protegeria e as veria felizes acima de qualquer coisa. E ele acabaria aceitando a felicidade de Elizabeth como esposa dele.

— Por favor, mostre a saída para o Lorde Muir, Thomas. Ele está partindo.

Henry sorriu, sabendo que o gesto era mais como um grunhido.

— Sua graça.

E saiu sem causar uma cena, soltou um suspiro frustrado quando pisou na rua. Ele olhou para as janelas do segundo andar, onde acreditava que Elizabeth dormia e depois retornou para o *Whites*, onde havia deixado seu cavalo.

Na pressa de chegar à casa Londrina dos Worthingham, ele abandonou seu cavalo por lá. Seus passos apressados comeram a curta distância até o clube de cavalheiros e não demorou muito para que a janela tão famosa de St. James aparecesse. Ideias de como manter Elizabeth segura invadiam sua mente.

O marquês desequilibrado não se safaria dessa loucura. Ele pagaria por seus atos insensíveis. Ele também colocaria seu próprio homem no caso, para garantir que o agente

cumprisse tudo o que prometera ao duque e mantivesse Lorde Riddledale sob cuidadoso escrutínio.

Henry estava tão perto de conquistar o coração de Elizabeth mais uma vez, que ele não a perderia para nada nem para ninguém. Seu futuro seria feliz. Nada mais era uma opção.

CAPÍTULO QUATORZE

O som das rodas da carruagem na estrada de cascalho deixou Elizabeth nervosa antes mesmo que parassem diante do Teatro Royal em *Drury Lane*, e seu semblante calmo desapareceu.

Elizabeth permaneceu imóvel enquanto sua família, exceto Isolde, que decidira não comparecer, descia da carruagem e esperavam-na na calçada de paralelepípedos. A frente do teatro estava envolta por luz, o som de vozes se alastrava na calçada. As luzes da rua, com sua tonalidade esfumaçada, davam à noite um ar de mistério e prazeres clandestinos.

Fazia muito tempo que não saíam pela capital à noite. O pai deles havia sido um homem jovial, não queria que seus filhos vivessem o luto completo, e mesmo que sentissem sua falta todos os dias, honrariam seus desejos e continuariam da melhor maneira possível.

Passaram pela entrada da frente, pelos altos pilares circulares e entraram na confusão da multidão do salão. Elizabeth acenou com a cabeça para amigas que não via há algumas semanas e se encaminhou para o estande ducal no segundo andar, foram conduzidos a seus assentos por um lacaio de uniforme vermelho e preto. Victoria, Alice e sua mãe sentaram-se na primeira fila, Josh e ela atrás deles.

Elizabeth tirou uma luneta da bolsa e olhou em volta. Ela viu um ator espreitando por trás das cortinas do palco enquanto a orquestra fazia os ajustes finais em seus instrumentos. Sua mãe se virou e comentou sobre a abundância de espectadores, e Elizabeth concordou, certamente havia muitas pessoas aqui esta noite. Como a galeria diante deles estava preenchida quase em sua

totalidade, conversas e risos eram ensurdecedoras e tornavam a troca de palavras entre eles desafiadora enquanto esperavam o início da peça.

Elizabeth observou os camarotes e se perguntou se Henry já havia chegado. Ela espiou Lorde Dean e deu um sorriso quando ele se curvou em meio à multidão que os separavam. Ela o considerava um amigo de seu irmão, agradável, conhecido, respeitável, confiável e até bonito. Mas não era para ela. Talvez Alice ou Victoria ganhassem seu coração.

Sua atenção passou pelo camarote de Lorde Dean e a animação que estava sentindo desapareceu em um instante. Sufocou uma réplica sem graça ao ver Henry sentado ao lado da Srta. Andrews, o irmão da dama não podia ser visto em nenhum lugar.

Elizabeth focalizou sua luneta e observou o melhor que podia, sem ser óbvia, mas precisava admitir, deveria estar bastante óbvio. Eles conversavam, o prazer pela companhia um do outro aparente para qualquer um que olhasse na direção deles.

Náusea se acumulou em seu estômago quando a Srta. Andrews colocou a mão no braço de Henry de uma maneira sedutora, os olhos alegres e cheios de admiração. Ela desviou o olhar quando Henry se sentou e voltou a olhar para o palco. Vestiu uma máscara de indiferença e observou o espaço a sua frente, recusando-se a olhar para trás na direção de Henry. Ela mordeu o lábio para interromper a vontade de chorar. Por que ele veio com a Srta. Andrews se queria encontrá-la aqui?

Felizmente, a peça começou, e a escuridão cobriu as emoções esmagadoras que sentia por vê-lo confinado e que comprometiam sua compostura. O que Henry queria? Claro, eram seus primos, mas isso não explicava a ausência do Sr. Andrews. Henry não entendia o que dividir o camarote com uma senhorita de igual status significava para a sociedade? Que declaração silenciosa ele estava dando?

Elizabeth suspirou de alívio quando as cortinas do teatro recuaram. No momento em que o primeiro ato foi concluído, o pescoço de Elizabeth estava rígido por sua recusa em olhar para qualquer direção que não a do palco. Um lacaio entrou e acendeu o candelabro na parede enquanto os atores se preparavam para o segundo ato. Elizabeth se virou e sorriu quando uma fila de convidados veio cumprimentá-los.

Todos declararam o quanto estavam felizes em ver os Worthingham em Londres. Elizabeth tentou não reagir toda vez que a cortina se abria, mas seu coração recusava-se a ouvir e perdia uma batida com a esperança de que Henry aparecesse.

Lorde Dean, sempre cavalheiro, apareceu, e ela, irritada pela ausência de Henry, aceitou de bom grado os sorrisos e elogios do rapaz, até permitiu que ele beijasse sua mão. Ela estava começando a se perguntar se também não batia bem da cabeça como Lorde Riddledale.

Quando o sino soou para todos tomarem seus lugares, Elizabeth sentou-se e arrumou as saias. Ela lançou um olhar para o camarote de Henry, e alívio a percorreu como um bálsamo quando ela percebeu que sentado atrás da Srta. Andrews havia um irmão muito presente. Talvez ela tivesse sido precipitada em julgá-lo.

Mais uma vez... ela pensou e sentiu-se um pouco culpada. Ao olhar mais além se assustou quando o olhar dos dois se cruzaram. Seus olhos queimavam com algo que lembrava anseio e com certeza raiva espreitava atrás de seu olhar fixo.

Incapaz de desviar o olhar, ela observou o terno finamente cortado dele, a camisa branca engomada, coberta por um colete de prata bordado, e a gravata amarrada com perfeição. A mão dela se fechou em punho, seus dedos doíam querendo desfazer o nó do pescoço dele, passar as mãos pelo cabelo dele, puxá-lo para os lábios e

beijá-lo como fizeram há alguns dias no escuro isolado. Torná-lo dela e de mais ninguém.

Sem Srta. Andrews. Sem ninguém.

Ele acenou com a cabeça em direção à saída antes de se levantar e sair do camarote. Elizabeth olhou para Josh, aliviada ao vê-lo tão absorto na peça, que nem percebeu o que ela estava prestes a fazer.

— Estou me sentindo um pouco quente. Vou até a sala de descanso por um tempo. Volto logo. — disse Elizabeth e se pôs de pé.

Josh franziu a testa, estudando-a rapidamente.

— Devo ir com você? Não creio ser seguro que vá sozinha.

Ela balançou as mãos para acalmá-lo.

— Ah, não precisa. Ninguém tentaria algum movimento em meio a um teatro lotado onde todos estão vendo. Volto em breve. Quero me sentar e tomar um pouco de ar fresco. Há criadas lá. Estarei segura o bastante, prometo.

E com Henry ao lado dela, nunca se sentiria em perigo.

Seu irmão não pareceu convencido, mas a multidão rindo chamou sua atenção para o palco.

— Muito bem, mas seja rápida.

— Claro.

Elizabeth levantou-se e deixou o camarote depressa, passou atrás das cabines repletas dos mais ricos, dos donos de Londres. Quando ela se encaminhava para as escadas que desciam para o vestíbulo, um braço surgiu de um pequeno espaço e a puxou para o escuro.

Ela sufocou um arfar, e por um momento acreditou que o medo de seu irmão de que ela seria atacada era realidade, até que uma voz sussurrada que ela conhecia bem, assim como a dela, murmurasse contra seu ouvido.

— Está tentando me deixar com ciúmes esta noite, Lady Newland?

Elizabeth o afastou para vê-lo um pouco melhor e gostou do fato de que ela o deixara tão louco quando ele a

fizera se sentir. Decerto que não era justo que ela fosse a única sempre se perguntando o que ele estava fazendo, pensando com quem ele estava.

— Eu não sei do que você está falando.

Ele olhou para ela, incrédulo, e ela sabia que ele não acreditava nela.

— Creio que sabe sim.

Ele puxou-a para perto, o material fino do vestido mal servindo de barreira entre seus corpos. Seus seios empurraram com força contra seu peito, e ela sentiu seu sangue aquecer com o contato. De novo, ela sentia ânsia por seu toque em lugares que punham em risco o decoro. Mas quando a mão dele massageou sua espinha, depois baixou para apertar seu bumbum, toda sua força de vontade dissipou.

— O que você está fazendo, Henry? — perguntou num tom que não passava de um sussurro.

Ele sorriu.

— Quero beijar seus lábios e te seduzir. Fazê-la pecar comigo.

Calor tomou conta de seu corpo com tais palavras. Henry a tentava, mais do que gostaria de admitir, mais do que pensava ser possível entre um homem e uma mulher, mas sua mente pedia cautela. Estavam no teatro, em uma área cercada pela sociedade que adorava rumores escandalosos. Sem falar que já haviam percorrido essa estrada e acabou em desastre. Bem, não um completo desastre, e riu. Ela tinha um filho que era tudo para ela.

— Não devemos, Henry. Aqui não.

Ele não permitiu que ela proferisse mais palavra alguma e a beijou com tanta paixão que logo ela se perdeu na tempestade de desejo e entrega.

Seu beijo era duro, exigente, devastador demais, e ela sabia, no fundo, que deveria se afastar, fazê-lo parar e usar a razão, mas ao invés de empurrá-lo para longe, suas mãos seguraram as lapelas do casaco e o mantiveram perto.

As palmas das mãos dele deslizaram por suas bochechas, segurando-a enquanto seus lábios enchiam os dela como se lhe dessem vida, tomando o que precisavam e ansiando por mais, por estar mais perto dele. O homem em seus braços consumia o pouco autocontrole que ela possuía, e ela desistiu da luta de ver a razão, de resistor e não sucumbir à paixão.

Mesmo depois de todo esse tempo, Henry sabia como beijá-la. Seus lábios provocantes pareciam tão certos, suas mãos sobre o corpo dela a seguravam com força contra ele, fazendo-a ansiar por seu toque em outro lugar, em todos os lugares. Ela queria se sentir como no outro dia quando ele a fez esquecer toda a dor que havia por tanto tempo, e apenas aproveitar.

Ele andou de costas até as pernas dela baterem em algo sólido. Ela ofegou em seu beijo quando ele a ergueu, as mãos agarrando as saias dela e as subindo até chegar perto de seus quadris. Henry se colocou entre as pernas dela e desejo a dominou.

As palavras "*faça amor comigo*" passaram por sua cabeça e com elas um tremor de medo veio. O que eles estavam fazendo era errado, contra as regras. Contra as regras dela, mas ela não conseguia parar. A verdade nua e crua? Ela não queria parar.

Henry interrompeu o beijo quando, cheio de coragem, retirou um de seus sapatos. Sua mão grande e quente queimou sua pele quando ele envolveu seu tornozelo, o toque tentando-a a pecar. Ele levantou a perna para se acomodar contra o quadril dela, e ela usou essa mesma perna para puxá-lo para perto.

Ele a fitou por um momento, compreendendo em seus olhos o que sua ação significava. Seu olhar era feroz de desejo e cheio de emoções que ela mesma só agora estava começando a entender, a admitir para si mesma.

— Eu a quero tanto, Elizabeth.

Um toque quase imperceptível da mão dele acariciou a pele do quadril dela. Elizabeth mordeu o lábio, esperando que ele a tocasse onde ela mais precisava. Ele tomou seus lábios com um beijo ardente quando a mão dele *enfim* alcançou os cachos de sua parte mais íntima. Os dedos dele percorreram seu sexo, mergulharam em seu corpo com movimentos rítmicos. Ela arfou e agarrou-se a ele como se fosse a única coisa que poderia mantê-la firme.

Querendo deixá-lo tão enlouquecido por ela quanto ela por ele, Elizabeth deslizou a mão pelo peito dele e sentiu a dureza sob suas calças. Ele gemeu e não se afastou de seu toque, mas empurrou contra sua mão. Sem muito foco, ela o tocou e gostou de ver que era capaz de deixar seu conde das terras altas tão excitado quanto ela estava.

— O que está fazendo comigo? — ela ofegou em seus lábios, não querendo que ele parasse de prover, nem por um segundo, todas as sensações maravilhosas que estava sentindo.

— Fazendo amor com você de uma maneira não convencional.

As palavras, sussurradas contra o pescoço dela, a fizeram tremer. Ele se moveu e a jogou ainda mais forte nessa maravilhosa estrada de desejo. Em direção a um pináculo, Elizabeth ainda não conseguia alcançá-lo, mas estava enlouquecida na subida.

— Mas eu pensei… Você não deveria…

Ela gemeu quando o polegar dele roçou em seu botão sensível, virando o mundo de ponta a cabeça.

Ele riu e mordiscou a pele sensível sob sua orelha.

— Não esta noite, moça. Aqui não. Mas por enquanto isso terá que servir.

Sim. Por enquanto, sua mente gritava.

Agora que havia provado o que o toque de um homem é capaz de fazer, sua vida nunca mais seria a mesma. E nem ela queria que fosse. Sua única vez juntos em sua juventude não era nada se comparada a esse caleidoscópio de

sensações que ela se esforçou para compreender e suportar sem gritar o nome dele em meio ao prazer.

A primeira vez entre eles foi rápida e desajeitada. Em nada parecida com isso. Este sentimento que ele evocava nela, fazia com que ela desejasse subir nele e exigir mais.

Henry não era mais um jovem desajeitado à beira da idade adulta. Agora ele sabia como tocar uma mulher, como agradar e trazer prazer para sua companheira, e ela se deleitava com isso.

— Henry. — ela arfou enquanto ele acariciava seu sexo, a beijava, a marcava como dele da maneira mais implacável possível. E então aconteceu.

Uma liberação, o pináculo que estava há apenas alguns momentos tão fora de alcance floresceu por todo o seu ser, e ela gritou quando arrepios de prazer percorreram todo o seu corpo.

Espasmo após espasmo um prazer diferente de qualquer outro que ela já conheceu, a dominava e ela se desfez em seus braços. As sensações eram excelentes, a deixaram sem fôlego e ela queria mais.

Henry abafou seus gritos com um beijo, tomando seus lábios e permitindo que seu prazer subjugasse, diminuísse e desaparecesse, seu beijo ficou mais suave, a confortou e então parou.

— Não tinha ideia.

Até mesmo Elizabeth podia ouvir a incredulidade em sua voz. Eles se fitaram por um momento antes de ele se afastar e ajeitar seu vestido, em seguida a ajudou a ficar de pé.

— Cada vez que eu a tocar pode ser prazeroso assim.

Sua resposta foi direta, direto ao ponto e sem firulas.

Elizabeth sentiu calor tomar seu pescoço, uma reação absurda depois do que ele acabara de fazer com ela.

— E sempre que estivermos a sós, promete que terminará da mesma forma?

Henry riu, e a beijou de leve. O cheiro de sândalo e algo mais que ela não podia nomear intoxicou seus sentidos. Elizabeth respirou fundo e desejou nunca precisar deixar este minúsculo cômodo que agora traria tantas lembranças agradáveis.

— Espero muito que sim. — e sorriu — Eu faria qualquer coisa por você, moça. Desejo sempre agradá-la e fazê-la feliz. Seu prazer é meu.

Ele deu uma olhada por cima do vestido dela e recuou. Parecia satisfeito com o que viu.

— Como você se sente?

Elizabeth suspirou.

— Sem ossos. Como se minhas pernas tivessem se transformado em gel e minha mente desejasse dormir.

Henry riu.

— Então meu trabalho aqui está terminado. Agora venha, eu preciso levá-la de volta antes que sintam sua falta. Já estamos fora há muito tempo.

Elizabeth assentiu e foi até a porta. O que eles tinham feito, ela não deveria ter permitido, mas Henry só precisava tocá-la para que toda sua força de vontade se dissolvesse.

— Quando nos veremos de novo?

Ele levantou a mão dela e beijou-a de leve.

— Estarei no parque logo após o amanhecer se desejar fazer um passeio.

Ele abriu a porta e olhou para o corredor.

Elizabeth assentiu.

O pensamento de estar sozinha com Henry, mesmo que fosse apenas para um passeio no Hyde Park, era o que ela desejava.

— Eu estarei lá. — ela adentrou o corredor e seguiu para o camarote da família — Boa noite, Henry.

— Boa noite, moça.

Suas palavras sussurradas flutuaram atrás dela, e ela sorriu.

...

Elizabeth acordou cedo na manhã seguinte, com o corpo expectante, a mente cheia de lembranças da noite anterior. Ela fez uma pausa enquanto abotoava sua jaqueta de montaria e se perguntou quando se sentiu tão feliz. Na verdade, talvez não desde o dia em que ela se deitara com Henry em Dunsleigh ou quando dera luz a seu filho, Samuel.

Querendo chegar ao parque depois do amanhecer, ela deixou um bilhete meio garranchado para sua criada antes de correr até o estábulo para ter seu cavalo selado. Argo deu uma risadinha de boas-vindas, passando a cabeça pela porta do estábulo, enquanto Tony, seu cavalariço, parecia menos do que feliz por estar enfrentando o frio da manhã londrina para acompanhá-la.

Mas sempre fiel, montou seu próprio cavalo e seguiu-a na multidão do tráfego da manhã. Elizabeth ziguezagueou as carroças estacionadas dos feirantes antes de chegar ao Hyde Park.

A essa hora o local estava quase deserto, exceto por uns poucos cavaleiros matutinos como ela. Elizabeth dirigiu-se para *Rotten Row*, maravilhando-se com a beleza de início da manhã do Hyde Park.

O cheiro de cavalos e das árvores fazia com que ela desejasse estar em casa, em Dunsleigh, as muitas manhãs em que cavalgara com Henry pelos campos a pleno galope, eles apostando quem pularia uma sebe, uma árvore caída ou um riacho.

Ela viu Henry, seu coração disparando ao ver seu sorriso malicioso. Observou cada detalhe, suas calças justas e a jaqueta de equitação azul que exaltava a cor de seus olhos e o brilho sedutor no ar que era só para ela. Um segredo só deles.

Hoje, mais do que nunca, ele se parecia com o homem que ela uma vez adorou. A barba por fazer despontava, a

sombra no rosto surgida na noite. Seu cabelo parecia revirado pelo vento e parecia convidá-la a passar as mãos por todos os fios.

Ela queria fugir com ele para algum lugar isolado, permitir que ele a beijasse sem preocupações, torná-la dele. A sensação era de que sempre fora. Elizabeth sorriu quando ele parou diante dela.

— Bom dia, Lorde Muir. Que sorte o encontrar aqui esta manhã.

Henry riu e aproximou-se ainda mais.

— Que sorte, de fato. — ele piscou, e o ar dos pulmões dela sumiu — Deseja correr, ou prefere manter um ritmo mais lento?

Elizabeth mascarou o tremor revelador que sua voz rouca trouxe à tona.

Talvez suas esperanças de ser beijada como se não houvesse amanhã fosse uma possibilidade afinal.

Ela captou um olhar de desaprovação de seu cavalariço, e seus pensamentos rebeldes foram colocados de lado.

— Um passeio tranquilo. — disse ela, incapaz de esconder a decepção por ter trazido o cavalariço junto.

...

Henry liderou o caminho por uma alameda. Era uma bela manhã, melhor ainda pela companhia. Memórias da noite anterior inundaram sua mente quando o joelho dela roçou o dele. Ele olhou para ela, um sorriso curvando seus lábios quando ela encontrou seu olhar.

— Está bem esta manhã? — ele perguntou.

Um pequeno rubor tomou suas bochechas, e Henry soube do que a pergunta dele a havia lembrado. Dela em seus braços, seus gemidos abafados enquanto ele a levava ao êxtase, seus arrepios e tremores. Ele engoliu em seco,

pedindo que seu sangue bombeasse na velocidade correta, não um galope.

— Estou muito, muito bem, meu senhor.

Henry riu, e eles partiram em um ritmo agradável. Os caminhos os levaram através de áreas arborizadas e relvadas, mas Henry não viu nada da beleza do parque, apenas a de Elizabeth.

— Você gostou do restante da peça? Achei que parecia um pouco corada e distraída.

Ele fez uma pausa.

— Preciso admitir, não consegui ficar atento. Fiquei um pouco preocupado.

E ele nunca esteve mais distraído do que na noite passada, vendo Elizabeth ir embora. Ele a queria com uma vontade que o assustava. Quanto mais cedo ela concordasse em se casar com ele, melhor seria para todos.

Elizabeth sorriu, mas algo em seus olhos o fez vacilar. Ele puxou o cavalo e ela o seguiu de perto.

— Tem alguma coisa errada? Lorde Riddledale a pressionou de novo?

Ele não deixaria o desgraçado no esquecimento, ele seria capaz de qualquer coisa. Almofadinha arrogante.

Elizabeth balançou a cabeça, uma mecha de cabelos dourados saltando contra sua bochecha.

— Não. Lorde Riddledale está longe, felizmente, mas há algo em minha mente.

Henry observou uma série de emoções passarem por seu rosto antes que ela mascarasse tudo e se virasse para encará-lo. Seu estômago deu um nó, imaginando o que poderia deixá-la tão séria de repente.

— Eu preciso ser honesta com você, e tenho medo do que minha honestidade vai custar.

Uma faísca de pressentimento se instalou em seus ombros, e ele revirou os ombros para dissipar a tensão.

— E o que é?

Ela levantou o queixo, mordendo o lábio inferior doce.

— Como você sabe, nosso passado não foi bem... fácil, para dizer o mínimo. Muita coisa aconteceu entre nós. Nosso interlúdio, você partir para a América, Riddledale roubar nossa correspondência e agora me chantageia para me casar com ele.

Henry pegou a mão dela quando sua voz vacilou. Como ele odiava a si mesmo por machucá-la, mesmo que sem saber.

— Vá em frente. — pediu.

Elizabeth franziu a testa.

— Eu te odiei por não voltar para casa. Eu não consegui acreditar que você havia descartado nosso acordo depois de tudo que compartilhamos. Mas então me casei com Newland e fiquei contente, feliz mesmo que por pouco tempo. Há algo que você precisa saber sobre meu casamento, Henry.

Ela fez uma pausa, observou o parque, incapaz de encontrar o olhar dele. Henry nunca a vira tão perturbada.

— Você está me deixando nervoso, moça. Pare de gaguejar com as palavras e me diga.

— Estou nervosa.

Ela riu, mas ele podia ver a tensão irradiando dela. O que ela estava tentando dizer? Ele escorregou da sela e puxou Elizabeth de sua montaria. Não importava quem os visse, ele puxou-a com força contra o seu peito.

— Sinto muito por tudo. Se eu pudesse mudar o passado, eu mudaria. Eu nunca teria partido se soubesse o quanto desejava que nos casássemos. Mas por favor me diga, você sabe por que eu parti. Que eu quis prover para você, ser capaz de dar tudo o que para minha noiva, sem depender de seu dote.

Elizabeth limpou a bochecha, e ele se amaldiçoou por saber que havia a machucado tanto.

— Eu sei que teve seus motivos para partir, não o culpo por isso. Mas algumas coisas mudam, e eu passei por uma

grande mudança na minha vida para ter que me casar com Newland.

O som de cascos surdos subiu a trilha.

Eles se viraram para observar o cavaleiro que ao vê-los, galopou em sua direção eles como se o próprio demônio estivesse atrás de sua vida. O cavaleiro entregou a carta a Tony e, depois de ler o endereço rapidamente, entregou-a diretamente a Elizabeth.

— Para mim?

Elizabeth pegou a carta, e ele notou o momento em que ela ficou tensa. Quebrando o selo, ela leu rapidamente, os olhos arregalados de alarme.

— Preciso ir.

— O que aconteceu?

Ele olhou para a missiva e observou enquanto ela procurava a sela.

— Não, são notícias de casa. Preciso voltar a Newland. Hoje, sem demora.

Henry apertou a perna dela, ajudando a colocar o pé trêmulo no estribo.

— Por que moça?

Ela engoliu em seco, lágrimas transbordando em seus olhos.

— Meu filho Samuel ficou doente. Ele mora na propriedade. Eu costumo trazê-lo para a cidade, mas este ano arrumei uma babá.

Ela balançou a cabeça.

— Devo ir. Me desculpe.

Henry tropeçou para trás, em choque, o silêncio o dominando enquanto observava Elizabeth galopar pelo Hyde Park e em direção a Mayfair.

Ela tem um filho?

Com Newland?

Ela era mãe?

Como ele não sabia?

Em transe, montou em seu cavalo e se dirigiu para casa. Ele não conseguia se lembrar da viagem de volta, mas a presença de seu primo Richard, sentado em sua biblioteca à vontade, era um alívio e uma preocupação ao mesmo tempo.

— Ah, aí está você. Eu esperava poder falar com você. Quais são seus planos para os próximos dias? Amelia deseja viajar para Bath e nos perguntamos se você gostaria de nos acompanhar.

Henry afundou na cadeira atrás de sua mesa, sem ouvir direito.

— Henry? Você está bem?

Richard balançou a mão diante dos olhos dele, Henry saiu do transe.

— Ela é mãe.

Seu primo riu, agarrando a cadeira perto da mesa e puxando-a para mais perto para se apoiar na madeira de mogno.

— Quem é mãe?

— Elizabeth... Lady Newland. Ela é mãe.

As sobrancelhas de Richard se levantaram.

— Ela é? Quando foi que descobriu? Ela não falou de uma criança antes?

Não, ela não havia falado, o que era estranho. Se ele fosse pai, seria o único assunto que ele teria em uma conversa. Disso ele tinha certeza.

Ter filhos era um dos maiores presentes da vida. E descobrir que Elizabeth teve um filho não a diminuía em seus olhos, muito pelo contrário, na verdade, mas eles eram amigos. Deveriam ser amigos, em todo caso. Então por que ela não contou a ele?

— Hoje, no parque agora. Ela voltou para a propriedade de Newland porque o menino está doente.

Um nó formou-se em seu estômago ao pensar que alguém que Elizabeth amava além de qualquer outro não estava bem, estava doente o bastante para que sua mãe,

ela, fosse chamada às pressas para retornar. Não augura nada de bom.

Uma decisão se formou em sua mente e ele foi até a lareira e chamou um criado.

— No que está pensando?

— Sinto muito, meu amigo, mas você terá que levar Amelia para Bath sozinho. Vou para Wiltshire.

— Wiltshire?

— Sim, Newland.

Se ele pudesse consolá-la, dar apoio como amigo durante uma provação como a de ter um filho doente, então por Deus, claro ele estaria lá para Elizabeth desta vez. Ele não falharia com ela pela segunda vez.

— Ela pediu para você ir?

Richard serviu um uísque e, aproximando-se dele, passou o copo de cristal com o líquido âmbar fortificante no interior.

— Eu temo que você esteja sendo apressado.

— Não, ela não me pediu, mas eu vou. E isso é tudo que tenho a dizer sobre o assunto.

Richard ergueu o copo em saudação.

— Bem, então eu desejo sorte a você, Muir.

Henry sorriu.

— Obrigado.

CAPÍTULO QUINZE

Apenas alguns dias depois, Henry chegou a Newland. A carruagem parou diante da casa de dois andares feita de pedra de Bath. O brilho dourado e caloroso à luz da tarde era tão acolhedor quanto a mulher que ocupava a casa.

Um jovem veio correndo do lado de fora da casa e ajudou seu cocheiro a acalmar os dois cavalos cinzentos depois de um dia de viagem dura. Henry saiu da carruagem, ansioso para ver Elizabeth, queria oferecer ajuda e qualquer outra coisa que pudesse ajudar o menino a ficar bem. A porta da frente se abriu e um lacaio de libré se afastou para permitir que ele entrasse.

— Estou aqui para ver Lady Newland.

O lacaio se curvou, conduzindo-o para a sala da frente.

— Se puder esperar aqui, meu senhor.

O criado abriu uma porta para uma sala que ostentava uma abundância de sofás e mesas, as janelas com vista para uma bonita visão do gramado e salgueiros na lateral da casa.

— Avisarei Lady Newland imediatamente.

Henry entrou no cômodo e caminhou, interessando-se pelas pequenas imagens pintadas de diferentes membros da família ao longo dos anos que se encontravam sobre qualquer superfície disponível.

Um grande retrato de quem ele supunha ser o falecido Lorde Newland estava acima do fogo, seu cabelo loiro quase tão claro quanto o de Elizabeth, mas onde ela tinha uma tonalidade dourada correndo através de seus longos cabelos, sua senhoria trazia um tom avermelhado.

Passos soaram no foyer junto com a voz de Elizabeth perguntando ao lacaio quem havia chegado. Henry sentiu

uma pequena pontada de culpa por não ter dado seu nome a ele já que o pobre homem foi repreendido por não saber.

A porta se abriu, e ela entrou, não mais a mulher que dançava em bailes com ar despreocupado com o mundo ao seu redor, cabelos perfeitamente penteados e vestido impecável.

Agora ela trazia a aparência de mãe, uma mulher que governava a casa em que ele estava, uma mulher em um vestido de algodão branco liso com uma faixa rosa. Seu cabelo batia na nuca, próximo aos ombros, uma abundância de ouro beijado pelo sol, e ele perdeu a capacidade de falar com a bela visão que ela representava.

— Lorde Muir. — ele ouviu a surpresa em sua voz — O que faz aqui?

Ele ficou de pé com as mãos cruzadas atrás das costas para não ficar tentado a tocá-la, puxá-la em seus braços e dar a ela tudo o que podia, seu coração, seu tudo.

— Você é mãe.

Não era sua melhor resposta. Na verdade, ele supunha que ainda estava chocado com a noção de ela ter um filho. Elizabeth levantou a sobrancelha, sorrindo um pouco.

— Sim, eu sou. Tenho um filho, Samuel. — ela se virou quando um mordomo parou na porta, limpando um pouco a garganta — Smithers, se você pudesse trazer chá e alguns sanduíches, almoçarei na sala de estar hoje.

O homem se curvou e saiu da mesma maneira silenciosa quanto entrou.

Ela caminhou em direção a ele, sentando-se no sofá.

— Como veio parar aqui?

Ele se sentou também, a assimilando como se não a visse há semanas e não há 3 dias.

— Queria saber se seu filho está bem, ou pelo menos, se recuperando.

O rosto dela se suavizou ante a menção do filho dela.

— Ele está muito melhor agora que estou aqui. Acho que ele queria a mãe e estou muito feliz por sair de Londres

para cuidar dele. Ele só tem dois anos, sabe, e esta é a primeira vez que nos separamos.

— Você o levou na última temporada para Londres?

Era incomum uma mulher de classe ter esse comportamento, mas as filhas do duque de Penworth tiveram uma educação não convencional.

Elas haviam sido criadas quase selvagens em Dunsleigh, correndo, nadando, fazendo piqueniques à vontade e seus pais adoravam prover essas atividades para os filhos. Nenhum deles ficou em pedestais.

— O levei sim. embora ele fosse muito menor e fosse uma criança quieta. Mas, agora maiorzinho, ele procura por mais estímulo como brincar ao ar livre, cavalgar seu pônei, nadar no lago se estiver quente o suficiente, é claro. Eu não queria que ele perdesse tudo isso por estar em Londres comigo durante a temporada. Acho a cidade entediante, então imagino que ele também teria essa opinião.

— Estou feliz que ele esteja se sentindo melhor. Quando a chamaram de volta, imaginei o pior.

Ela riu, assentindo enquanto a bandeja de chá chegava. A criada a colocou diante deles, sobre uma pequena mesa, e Elizabeth serviu uma xícara a ele junto com uma seleção de sanduíches.

— Pensei o mesmo. Pensei que ia perdê-lo, mas ao chegar aqui, sua febre havia baixado e ele estava na cama novamente, brincando feliz com seu ursinho de pelúcia favorito e pequenos soldados.

— É ótimo ouvir isso. — ele fez uma pausa, sentindo-se um pouco absurdo por ter entrado em pânico por ela — Desculpe me intrometer. Se eu soubesse que o menino estava bem, eu nunca teria...

Ela estendeu a mão, apertando a mão dele.

— Estou feliz que você tenha vindo. Obrigado por se importar o suficiente para estar aqui.

O olhar deles se cruzaram e um arrepio de consciência percorreu-o.

— Voltarei para a cidade do almoço, se não a importunar. Se você desejar.

Uma carranca marcou a testa dela.

— Você é mais que bem-vindo para ficar, Henry. A casa é grande o bastante para termos companhia, e, como já escrevi para minha família assegurando o bem-estar de Samuel, estarei aqui sozinha durante a próxima semana. Eu adoraria ter mais alguém em casa se você puder ficar.

— Nós estaremos sozinhos, moça.

As palavras, pesadas de intenção e desejo, pairavam entre eles. Se ele ficasse, demandaria todo o seu ser manter distância dela e, por Deus, ele não queria manter. Ele a queria como não queria mais nada em sua vida. Sempre foi assim entre eles, uma necessidade que superava tudo o que os rodeasse.

— Eu sei.

Ela encolheu os ombros, a ação trazendo seu olhar na direção de seus ombros delgados, a ascensão de seus seios contra seu vestido.

— Eu sou uma viúva, não uma debutante, e se formos discretos sobre sua visita, não haverá mal algum nisso.

Henry engoliu em seco, mexendo na cadeira, imaginando se ela estava ciente do que suas palavras pareciam invocar. Uma proposta...

— Eu ficaria feliz em ficar e estar com você, moça.

Ela sorriu, dando uma mordida em seu sanduíche.

— Resolvido está então. Vou pedir que preparem um quarto para você.

...

Mais tarde naquele dia, Elizabeth trouxe Samuel para encontrar Henry. Ela ficou nervosa ao pensar que no encontro do homem que conheceria o menino que ele nunca saberia ser seu filho.

Ela checou as vestes de seu garotinho, protelando pela culpa de manter Samuel longe de Henry perfurando sua alma. Estava sendo cruel e, no entanto, se não continuasse com a farsa, Samuel seria considerado um bastardo e Henry, por mais que desejasse declarar o menino como seu, não poderia deixá-lo como herdeiro da propriedade escocesa. E maldição, mas se Riddledale não tivesse interferido em suas vidas, nada disso teria acontecido.

Ela piscou para refrear as lágrimas de dor por um futuro perdido, ergueu o queixo e entrou na sala de visitas.

Henry sentava-se diante do fogo, um conhaque na mão, enquanto tomava seu drinque depois do jantar aqui com ela. Era uma situação tão familiar, um homem e uma mulher, demonstrando seu carinho a uma criança antes de dormir. Tal pensamento fez seu coração doer com a perda de tal vida.

Henry se levantou quando ela entrou no cômodo, sua atenção em Samuel, que se mexia contra o quadril dela e acariciava suas bochechas com as pequenas mãos. Ela colocou o menino no chão e ele foi até Henry, olhando para ele com curiosidade e temor.

— Olá.

O filho dela foi até a cadeira e subiu, brincando com seu ursinho. Henry sorriu e sentou-se.

— Olá. É um prazer conhecê-lo, Samuel.

Elizabeth veio e se sentou ao lado de seu filho, observando como suas mãos gordinhas entrelaçaram e ajeitavam o brinquedo no colo.

Como ela amava essa criança... iria protegê-lo de qualquer coisa ou alguém que tentasse machucá-lo.

— Ele acabou de começar as aulas de etiqueta. Não é muito bom ainda.

Samuel olhou para ela e ela sorriu.

Henry riu.

— Ele vai chegar lá, e sem dúvida você o terá bem assessorado durante as lições.

— É claro. Lorde Newland conhecia uma família local em que uma das filhas atendeu à escola de governantas, é uma ótima menina. Samuel a adora.

Ele recostou-se na cadeira, cruzou as pernas e contemplou-a.

— Você gosta de ser mãe? Devo admitir, nunca me ocorreu que você teria um filho.

Elizabeth se aconchegou em seu filho, deleitando-se com seu calor ao lado dela.

— Quando engravidei, pensei que minha vida havia acabado.

— Acabado. Por que acharia isso?

Seus olhos se arregalaram e ela xingou por seu deslize.

— Éramos recém-casados e já estávamos aumentando a família. Foi um choque.

A mentira parecia espessa em sua garganta, e ela odiava ter de fazer isso com ele.

Ele observou Samuel, sorrindo para o garotinho, e ela esperou que ele não visse as semelhanças entre pai e filho, que, no último ano, haviam se tornado mais aparentes. Mesmo agora, os cabelos de Samuel, logo acima da têmpora direita, estavam na mesma posição que os de Henry. A pequena fenda no queixo, os olhos azuis e os longos cílios. Sem mencionar que Samuel tinha cabelos cor de ébano, enquanto ela e Newland eram ambos donos de fios bem claros.

— Newland deve ter ficado feliz. Soube que ele sofreu um acidente ainda jovem.

— Sim, ele caiu de um cavalo e nunca se recuperou totalmente.

Elizabeth não quis elaborar. O fato de seu marido ter dito a ela que ele era incapaz de se deitar com uma mulher depois de sua queda devido a espasmos graves que atacaram a parte inferior das costas ainda trazia vergonha.

Depois de tudo que ele lhe dera, a segurança de seu nome, um pai para seu filho, ela não foi capaz de agradá-lo

como ela gostaria.

Um arranhão na porta soou e a babá de Samuel entrou.

— Desculpe-me, Lady Newland, mas é hora de seu senhorio ir para a cama.

Samuel pulou na cadeira, abraçando Elizabeth pelo pescoço, batendo os lábios contra as bochechas dela.

Ela riu.

— Eu também te amo, meu garotinho. Vejo você pela manhã. Bons sonhos.

— Boa noite, mamãe.

Assim que ela deu a ele um grande abraço, ele pulou e correu em direção a sua babá, suas pequenas pernas trabalhando duro para se mover depressa.

Henry deu boa noite ao filho dela e sorriu quando a porta se fechou atrás deles.

— Ele é um rapaz adorável. Você deve estar tão orgulhosa.

— Sim, estou. Ele será um bom lorde e um homem honrado.

— Assim como seu pai parecia ser. — disse Henry.

Ela assentiu.

— Sim, assim como seu pai era.

E é.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Na manhã seguinte, nem um sopro de vento era ouvido lá fora, e se o brilho por trás de suas cortinas de veludo verde fosse qualquer indicação, o tempo estava maravilhoso. Elizabeth se levantou, abriu as cortinas e se encantou com a beleza da propriedade Newland. Seu quarto possuía uma vista tão agradável de se ver ao acordar.

Foi tomada por uma enorme vontade de mostrar a Henry sua casa, aproveitar o pouco tempo que duraria sua visita a Wiltshire, estava cheia de excitação e expectativa.

Chamou sua criada, vestiu-se depressa e ordenou que a babá de Samuel preparasse o filho para um café da manhã de piquenique. Ela chegou à cozinheira e às criadas antes de arrumarem a sala de café da manhã e, em vez disso, fez com que preparassem uma cesta para um café da manhã improvisado ao ar livre.

Ela encontrou Henry entrando no cômodo que dava para o leste, banhado pelo sol da manhã e era sempre caloroso e acolhedor, mesmo em um dia frio de inverno.

— Bom dia, Lorde Muir. — disse ela, pegando o braço dele — Tomaremos o café da manhã ao ar livre esta manhã, então siga-me.

Ele olhou para si mesmo, suas calças e casaco de pele de gamo.

— Devo me trocar para algo menos formal?

Elizabeth aproveitou a oportunidade para passar o olhar pelo traje: as calças bem cortadas e exaltavam as formas naturais que ele trazia sob os tecidos.

Um rubor invadiu suas bochechas, mas ela não cedeu. Ele era atraente, um homem que a considerava atraente

também. Ela o aproveitaria o máximo que pudesse enquanto ele estivesse aqui.

— Você está vestido de forma bem adequada. Samuel vai descer em breve. Nós podemos esperar na frente se você quiser.

Ele a conduziu até a porta e eles adentraram o sol da manhã, o ar quente e perfumado de flores de verão.

— Isso foi espontâneo, moça. Há algum lugar especial aqui em que vamos tomar nosso desjejum?

— Tenho. Fica a um curto passeio de distância, é um lugar que Samuel gosta de brincar.

O som de seu filho rindo ao descer as escadas com a babá a fez sorrir. Ele era um menino tão feliz, tinha amor pela vida, e ela estava grata por sua febre não ser tão ruim quanto pensara a princípio.

Os horrores inimagináveis que ela enfrentara no caminho de volta a Newland, que talvez ele estivesse doente o suficiente para que ela o perdesse, foram demais para suportar e era algo que não desejava sentir de novo.

Seu filho correu entre eles e foi direto para o caminho de cascalho, a babá seguindo de perto seus saltos. Elizabeth seguiu, observando-o brincar com a garota, risos altos explodindo de seus pequenos pulmões.

— Você o adora, está escrito em seu rosto. — Henry sorriu para ela — E estar na propriedade Newland faz você feliz.

— Me faz sim, devo admitir. Estar aqui com Samuel sempre me deixa assim. Quando eu voltar para a cidade na próxima semana, vou levá-lo comigo. A temporada está terminando mesmo, então ele não terá que passar muito tempo na cidade.

Eles caminharam em direção a um lago, os criados haviam preparado um pequeno piquenique para eles. Um grande cobertor de lã estava estendido na grama com uma grande cesta e uma garrafa de vinho ao lado.

— Vinho no café da manhã, moça. Você é escocesa?

Elizabeth riu.

— Um pequeno lapso, mas se já que está aqui, não deve ser desperdiçado.

Eles se sentaram e uma criada da cozinha os serviu e, até mesmo champanhe em vez de chá ou café, estava delicioso. Samuel foi em direção ao lago, e a babá o seguiu, os dois estavam sentados ao lado da margem e observavam a água fluir pelas pedras que o demarcavam.

— Há algo que eu quero dizer, moça. Algo que queria dizer faz tempo.

Ela se virou e encontrou seu olhar. Ele estava sério, e ela esperava, acima de tudo, que o que ele estava prestes a dizer fosse o que ela queria ouvir, o que queria desde o primeiro momento em que ele entrou no salão de baile no começo da temporada.

...

Henry pegou a mão dela e beijou a palma da mão.

Ela estremeceu, e a vontade de fazê-la reagir assim, de sempre estar ciente dele, insistiu na declaração que estava o queimando por dentro há semanas.

— Eu quero isto, moça. Quero ter este tipo de vida com você mais do que quero respirar, e essa é a verdade.

Ela apertou a mão dele.

— Eu sei que sim, Henry.

Sua resposta não foi o que ele estava esperando. Ele pensou ela iria querer que ele parasse de falar, de declarar seu amor, o amor que ele queria gritar ao mundo.

— Desde o momento em que nos conhecemos, sabia que estávamos destinados a ficar juntos. Eu a amo desde o momento em que você me chamou de escocês intrometido, e eu amarei você até o dia em que morrer.

Lágrimas acumularam nos olhos dela, e ela fungou. Ele entregou o lenço, feliz que suas lágrimas estavam

acompanhadas de um sorriso.

— Eu também quero isso, Henry, eu o quero tanto, mas há muita coisa acontecendo em nossas vidas no momento. Eu tenho Samuel. Riddledale está me ameaçando. Não tenho certeza se é o momento certo — ela gesticulou entre eles —, para começar um relacionamento.

— Já começou, moça. — ele se aproximou, tirando a cesta do caminho — Se eu ficar aqui com você até que você volte a Londres, não tenho certeza se posso manter distância por mais tempo, mesmo que eu queira.

Ela balançou a cabeça e sorriu ante as palavras dele.

— Não podemos fazer isso. — ela afirmou, inflexível.

— Somos adultos. Você é viúva, não uma debutante, você mesma disse. O que nos impede?

Nada que pudesse ver.

— Henry, você está me pedindo para dormir com você?

Os olhos dela se arregalaram e as bochechas coraram um pouco.

— Sou apaixonado por você, Elizabeth. Quero me casar, e se houver alguma maneira de ganhar seu respeito, conquistar seu coração, eu o farei. Eu quero você de todos os jeitos que um homem pode querer uma mulher, e eu não vou desistir só porque é desaprovado pela sociedade inglesa.

Um tamborilar de excitação o percorreu quando ela não o afastou de imediato. Ele queria mostrar a ela o que eles poderiam fazer juntos, e na semana seguinte ele iria provar a ela que estava determinado a ter sucesso. Ele olhou para Samuel e sorriu para o que o menininho e sua babá estavam fazendo.

— Eu quero ser o pai do menino, guiá-lo para assumir o legado Newland quando a hora chegar. Quero criá-lo, amá-lo como deve ser amado, assim como quero amar você, porque eu te amo e tudo o que me interessa é a sua felicidade.

Lágrimas escorriam pelas bochechas dela, e ela mordeu o lábio. Ela lançou um olhar para o menino, e ele percebeu o momento em que ela tomara a decisão.

— Devemos pegar a carta de volta de Riddledale, acabar com as ameaças dele, e então me casarei com você, Henry.

— Vai? — ele segurou o queixo dela, erguendo o olhar para o dele — Vai se casar com seu bárbaro escocês?

— Eu vou, e muito feliz. — ela fez uma pausa, segurando as lapelas do casaco dele — Eu também o amo mais do que jamais imaginei que poderia amar.

Ele tomou seus lábios em um beijo ardente, os risos da babá de Samuel desaparecendo quando ele declarou seu amor, a promessa através de um beijo que o deixou tão ofegante quanto Elizabeth.

— Venceremos Riddledale, nos casaremos e voltaremos para a Escócia. Você é tudo para mim, moça, e hoje você me fez o mais feliz dos homens.

Ele a beijou novamente.

— Venha a meu quarto esta noite. Prometa que virá.

Elizabeth mordeu o lábio, um olhar coquete nos olhos que o distraíram tanto quando a resposta dela.

— Eu prometo.

...

Escuridão cercou Elizabeth quando ela saiu pela porta do quarto. Olhou a longa passagem para garantir que nenhum criado estivesse por perto.

A noite não era enluarada, e as janelas que tomavam todo um lado do corredor estavam negras, a única forma que a luz da vela iluminava era sua sombra, sinistra como um fantasma.

Ela puxou sua pelisse para mais perto do corpo, tremendo um pouco com receio e expectativa. No final do

corredor, a apenas alguns quartos de distância, Henry esperava por ela...

Ela se perguntou o que ele estava vestindo, se estava diante do fogo, deitado na cama, ou parado perto da porta à espera. Ela mordeu o lábio, imaginando se ele estava sem camisa, nu...

Continuou, passou pela escada e chegou ao próximo conjunto de suítes que atendiam apenas os hóspedes. Luz de vela cintilava sob a terceira porta ao longo da passagem, e ela parou, respirou fundo, endireitando-se antes de abri-la e entrar no quarto.

Ele estava sentado diante do fogo, um olhar contemplativo no rosto. Apoiava os cotovelos nos joelhos, parecia estar perdido em pensamentos enquanto observava as chamas lamberem a madeira no fogo. O sorriso que ele lançou a ela desapareceu com todo o seu nervosismo. Tudo isso era certo. Nada nunca foi tão certo em sua vida.

— Você veio, moça. Pensei que talvez tivesse mudado de ideia.

Elizabeth deu alguns passos e ficou diante dele, parou entre suas pernas e colocou as mãos em seus ombros. Seus músculos flexionaram sob o aperto dela, e ela se lembrou da força dele, não apenas da mente, mas também da física.

— Eu disse que viria.

Ela sorriu para ele, inclinou-se e deu um beijo rápido em seus lábios antes que perdesse a coragem. Os olhos dele queimavam, e sua respiração ficou presa nos pulmões. As mãos deslizaram ao longo das panturrilhas, e os joelhos dela estremeceram.

— Você me tenta mais do que deveria. Eu quero que este seja o começo do nosso para sempre. Quero que se lembre desta noite com felicidade.

— Já é assim.

Ele a puxou para o colo, e Elizabeth montou suas pernas. Eles se tocaram, seus lugares mais íntimos se esfregando com desejo irresponsável, ela ficou sem fôlego.

Ele beijou suas bochechas, seus lábios, seu queixo, seguiu até o pescoço, deixando-a repleta de tremores de desejo em seus braços.

Ele se afastou, olhou para ela com tanto amor que seu coração batia com estrondo.

Uma pequena mecha de cabelo caiu sobre a testa dele, e ela empurrou de volta, querendo ver a linda alma que brilhava através dos olhos daquele homem.

— Eu te amo tanto, Elizabeth, que às vezes eu acho que vou enlouquecer.

As palavras dele aqueceram seu coração, e ela soube naquele momento, bem no fundo do seu coração, que o que eles estavam fazendo estava certo. Ela se aproximou, passou os braços pelo pescoço dele.

— E eu o amo, Henry. Senti tanto a sua falta quando você foi embora. Nunca mais quero me separar de você outra vez.

Ele colocou um dedo contra os lábios dela, interrompendo suas palavra.

— Nada disso. Não vamos falar do passado, apenas do futuro e de todas as coisas maravilhosas que faremos juntos como casal e família.

Ele embalou o rosto dela com as mãos, os olhos doloridos de lágrimas.

— Não me lembro de você ser tão romântico, Henry. Eu poderia me acostumar com você sendo assim.

Ele riu, as sobrancelhas se mexendo.

— Sim, eu acredito que vem do lado materno da família. Meu pai, por outro lado, não tinha um osso romântico em todo o corpo.

Ele parou.

Beijou-a de leve e a deixou cheia de necessidade.

— E eu quero agradar você, sempre.

A respiração dele percorreu sua pele como uma carícia sensual. Elizabeth assumiu a liderança e o beijou, deixou-o saber, com o toque dela, o deslizar da língua contra a dele,

que a hora da conversa acabou. Ela queria ele, aqui, agora, se unir a ele como ela sempre quis que fosse. Como sempre deveria ter sido.

Henry puxou-a para perto, as mãos mergulhando em sua camisola e baixando-a até a cintura, puxou e deixou o ar da noite beijar a pele dela.

O olhar quente que ele jogou em seu corpo a fez formigar, uma sensação de poder a invadiu por se ver capaz de colocar este laird escocês de joelhos.

— Toque-me, Henry.

— Eu vou fazer mais do que isso, moça.

Ele rosnou, as mãos deslizaram até a cintura e subiram para cobrir os seios. Henry baixou a cabeça, beijou um mamilo, a sensação dele acariciando-a em um local tão íntimo era absolutamente deliciosa e muito viciante.

Elizabeth deixou a cabeça cair para trás, queria aproveitar o que ele poderia fazer com ela. Ela passou as mãos pelos músculos tensos ao longo de suas costas, amando a sensação do corpo dele sob suas mãos, mas não era o suficiente.

Ela o queria tão nu como ela estava, queria ver sua deliciosa estrutura muscular que assombrava seus sonhos desde que, quando jovem, ela se tornara consciente dele.

— Eu deveria nos levar para a cama e, no entanto, não consigo. Preciso ter você aqui, agora.

Ela envolveu o rosto dele, fazendo-o olhar para ela.

— Haverá muito mais oportunidades para a cama, e me sinto bem confortável onde estamos.

Um rosnado baixo soou, vindo de dentro dele, e ele a puxou para perto.

— Não me tente, moça.

Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço, sentindo através de suas roupas o que sua presença estava fazendo com ele. Um sorriso perverso arqueou seus lábios.

— Eu tentá-lo, Henry?

O fato de que ela ter tanto poder sobre ele, de ser capaz de fazer com que esse lindo e forte escocês se tornasse mel em suas mãos, era um elixir estimulante.

— Você sempre me tentou.

Ele tentou beijá-la, mas ela desviou os lábios.

Seu olhar capturou o dela, e ela sabia que seus olhos eram um espelho de sua própria alma, uma alma que desejava ser tocada, sentir, amar novamente.

Ela pegou a mão dele e colocou-a entre as pernas, suspirando com a exatidão do toque dele.

— Eu sei que é escandaloso da minha parte e algo que eu não deveria fazer, mas eu quero você mais do que quero qualquer coisa neste mundo.

Elizabeth sorriu quando o olhar dele se intensificou quando ela abriu o primeiro botão do colete.

— Me torne sua. Por favor...

...

Henry engoliu em seco e se esforçou para se acalmar, enquanto cada botão do colete se abria com habilidade.

A carne branca e macia dos seios dela subia e descia a cada respiração. O núcleo dela provocava seu pênis de forma a ameaçar sua promessa se ser um bárbaro e tomá-la sem cuidado ou carinho.

— Tem certeza? Quando começarmos, não acho que vou conseguir parar.

Ela fez uma pausa, e Henry viu o brilho determinado em seus olhos.

Ele a observava em silêncio, nunca imaginou que uma mulher pudesse consumi-lo tão por inteiro. Tê-la em seus braços mais uma vez, prometida a ele, era um sonho que ele não tinha pensado ser possível de realizar, não quando havia acabado de retornar dos Estados Unidos.

Ela se inclinou e o beijou, cheiro de jasmim em sua pele.

— Eu nunca tive mais certeza de nada em minha vida. Estamos sozinhos e vamos nos casar. O que nos impede?

Ele a puxou contra ele e a beijou com força. Ela arfou, e ele fez uso de sua aquiescência enquanto acariciava sua língua com a sua, vez após vez, até que ela estivesse se contorcendo em seu colo, seu desejo por ele tão grande quando o dele por ela.

Foi fácil despir-se, e Elizabeth foi mais que útil em tirar o colete, a camisa e a gravata. Ela jogou as peças no chão com abandono, como ele mesmo havia feito com a camisola dela.

Quando as mãos dela apertaram seu tórax, Henry teve que lutar para não perder o controle antes mesmo de tomá-la. Seu toque determinado, mas suave em sua pele o incinerava, o fazia queimar de desejo. Ele afastou o tronco para observá-la enquanto a mão dela deslizava sob suas calças para acariciar sua carne endurecida.

— Oh, moça, isso é tão bom.

Um sorriso malicioso curvou seus lábios, e ele se perdeu. Arrancou a peça de roupa dele mesmo, o som do material de desfazendo soou alto no quarto silencioso.

Elizabeth riu e arfou quando ele a ergueu, colocando seu núcleo quente, molhado e mais do que pronto contra seu pênis. Ela mordeu o lábio quando ele a baixou sobre ele.

Henry respirou fundo, travando a mandíbula enquanto o interior quente e apertado dela se adaptava ao redor dele.

Ela era magnífica.

Ver seus lábios abertos em um suspiro de prazer e seus olhos brilharem com admiração, o teria derrubado no chão caso estivesse de pé. Como ele a amava, a adorava, a amaria pelo resto de suas vidas.

Elizabeth passou um dedo pelos lábios, observando-o com atenção.

— Eu te amo, Henry.

Suas palavras sussurradas eram a melodia mais doce que ele já ouvira.

— Maldição, moça! Você tentaria um anjo a cair em pecado.

E ele queria pecar com ela, quando e onde ela permitisse. Ele a segurou mais forte do que deveria, mas pelos sons de seus suspiros deliciosos, os dedos dela cravando em seus ombros, a falta de ar, tudo o levava a acreditar que ela estava mais que acolhedora à situação.

Ele soube o momento em que um orgasmo estava à beira de tomá-la. As pernas dela o apertaram com força, os dedos agarraram-se ao apoio enquanto ela lutava com uma liberação que os consumiria.

Henry apertou sua cintura, puxando-a para baixo com força, aprofundando sua conexão, não dando trégua, e ela se desfez. Elizabeth gritou seu nome, e ele sufocou o som com um beijo, bombeando até seu próprio prazer pulsar através de seus corpos e eles terminarem sem fôlego, unidos e consumidos em paixão.

Ficaram abraçados por um tempo.

Não foi difícil fazê-lo, mas com o fogo queimando a carvão, o ar frio da noite fez sua presença conhecida.

Ele se levantou, ela junto dele e a levou para a cama.

Ela cochilava. Ele observou como ela mexeu os lábios, de forma estranha, mas feliz, quando se juntou a ela sob os cobertores e puxou-a contra o peito dele.

— Talvez eu devesse voltar para o meu quarto. — ela murmurou, mas não se mexeu.

Ele a apertou mais forte, beijando seu pescoço.

— Logo será manhã. Eu quero você aqui comigo esta noite e em nenhum outro lugar.

Elizabeth virou a cabeça e olhou para ele.

— Obrigada.

Ele franziu o cenho.

— Pelo quê?

Ela segurou o braço dele mais firme contra sua barriga e se virou.

— Por ser tudo que eu sempre esperei que você fosse.

Henry sorriu.
— Nós apenas começamos, moça.
— Hmm. — murmurou contente — Eu gosto disso.

CAPÍTULO DEZESSETE

A semana que passaram na propriedade Newland foi um dos momentos mais românticos e mais felizes que Elizabeth pôde recordar até aquele ponto de sua vida. Samuel encantou Henry com seu entusiasmo pela vida, por diversão e risos, e seu coração se enchia de felicidade sabendo que, pelo menos de algum modo, Henry seria uma parte da vida do menino, se não como seu pai, mas pelo menos como o guardião dele. Não era o que ela queria, mas, dadas as circunstâncias, era o possível e, se Henry soubesse a verdade, Elizabeth estava certa de que ele entenderia.

Algum dia...

Eles retornaram para Londres juntos, sem se importar com as aparências. Ela não seria mais regida pelas leis da sociedade ou pelas ameaças de Riddledale. Eles pegariam a carta de volta e dariam um fim ao desgraçado, assim ela e Henry poderiam viver a vida que sempre deveria ter sido deles.

A noite da festa de Lorde Riddledale para sua irmã foi uma que a sociedade jamais esqueceria. Sua senhoria havia se superado para agradar a sua irmã e proporcionar à sociedade um entretenimento que selaria sua senhoria como uma marquês a ser levado a sério. O salão estava iluminado com centenas de velas em candelabros de ouro e prata que iluminavam os convidados abaixo, as joias e vestidos cintilavam como centenas de estrelas.

O piso de parquet, encerado à perfeição, brilhava, e pequenas cadeiras de pernas recortadas estavam diante de cada janela, com seu próprio recanto, para não atrapalhar os convidados reunidos e dos dançarinos que bailavam mais a frente.

A casa de Londres de sua senhoria era linda, sinônimo de dinheiro antigo e respeitável, mas era aí que a beleza terminava. O senhor da mansão era tão vil quanto uma fossa, e quanto mais cedo Elizabeth e Henry recuperassem o que por direito lhes pertencia, melhor.

Seu irmão escoltou Elizabeth e suas três irmãs para o baile e, encontrando pessoas conhecidas, ajudou-as a passar pelos convidados até um ponto em que podiam observar a sociedade. O salão de baile estava lotado, os acordes de uma quadrilha tocando, dançarinos rindo e se movendo pela extensão do salão com prazer.

Haviam planejado toda a noite até como iriam entrar na biblioteca da sua senhoria para roubar a carta. A primeira parte do plano era assumir o disfarce de mero convidado atrás de diversão e dança. Mantendo o disfarce, Elizabeth dançou primeiro com Lorde Kinruth e depois uma dança campestre com o visconde Boxley, ambos parceiros atenciosos, mas nenhum dos dois era o homem que ela procurava ver. Perscrutando para além dos presentes ao seu redor, ela procurava Henry, e seu estômago deu um nó, perguntando-se se algo havia ocorrido para impedi-lo de comparecer.

E então sentiu um formigamento de consciência em sua nuca, e ela se virou para ver o próprio homem, o homem que ela amava além de qualquer medida, de pé encostado parede ao lado das portas do terraço, a atenção presa nela.

Sua personalidade leviana e sua estatura o fazia se destacar dentre os demais convidados, e o coração dela dava saltos no peito, só de vê-lo. Calor se acumulou em seu núcleo, e ela lutou para não corar, lembrando-se de todas as coisas deliciosas que eles haviam feito em Wiltshire. Todos os toques magníficos que a fizeram não conseguir se separar dele, ansiosa por sentir tudo mais vezes, como uma tola apaixonada, o que era.

Ela agiu como uma devassa determinada.

— Você está bem, Lady Newland? Posso levá-la ao terraço se estiver com calor.

As palavras de Lorde Boxley a tiraram de suas reflexões e ela balançou a cabeça, sorrindo.

— Não, eu estou muito bem, obrigada, mas talvez uma bebida seja bem-vinda.

Lorde Boxley pegou uma taça de champanhe e gesticulou para a multidão.

— Que bela apresentação a irmã de Lorde Riddledale está tendo. Uma incrível celebração de chegada à idade adulta.

Elizabeth o ouvia com atenção dividida.

— Sim, bastante.

Ele a acompanhou até sua irmã Alice, e ela aproveitou a oportunidade para falar com alguns convidados enquanto caminhava em direção a uma grande palmeira de vaso que vira mais cedo. A posição era perfeita para observar Henry sem parecer óbvia.

Ele é tão bonito e gentil.

Ele era tudo o que se deveria procurar em um marido, e pelos olhares de admiração que recebia das damas presentes, ela não era a única que pensava assim. Um pequena dose de ciúmes passou por ela, que rejeitou o pensamento com rapidez. Henry era dela. Eles se prometeram um ao outro. Nada os separaria novamente. Jamais.

— Ele não é para você, Lady Newland. — uma voz zombeteira declarou ao lado dela.

Elizabeth lutou para não perder a paciência e esfolar vivo o homem diante dos próprios convidados.

— O que eu faço e penso da minha vida é, e sempre será, minha escolha, Lorde Riddledale. Você de todas as pessoas já deveria saber como sou.

Elizabeth se moveu para retornar para o lado de sua irmã, mas a mão forte dele a pegou seu braço, colando-a ao

lado dele. Elizabeth tentou se livrar de seu aperto sem sucesso.

— Vejo que seu conde escocês desapareceu. Que pena que minha presença fez você perdê-lo de vista.

Elizabeth olhou para onde Henry esteve e franziu a testa, notando que ele desaparecera. Ela lançou um olhar ao salão de baile e não pôde ver seu corpo alto destacando-se acima de todos os outros.

— Lorde Muir é dono de si mesmo. Não sou dona dele, e ele pode ir aonde quiser no baile.

A risada de sua senhoria soou zombeteira outra vez.

— Ouvi os cavalheiros em um jogo de bilhar esta noite. Talvez haja um jogo que você possa estar interessada.

Elizabeth tentou mais uma vez se soltar e ficou aliviada quando ele a deixou livre.

— Não tenho interesse em jogos de bilhar.

Tudo o que ela queria era pegar de volta a carta que era dela por direito e nunca mais pisar nessa casa. Ele balançou o dedo diante do rosto dela, e ela desviou o olhar. Nunca em sua vida ela conheceu um homem como esse.

— Talvez devesse se interessar, minha senhora.

Ele se afastou, mas deu um último sorriso por cima do ombro antes de desaparecer de vista. Elizabeth franziu a testa ao ouvir as palavras de Lorde Riddledale. Ela perscrutou mais uma vez a sala, tentando encontrar Henry, sem sucesso.

Desapontamento tomou conta dela e, com isso, uma dose de medo quando o Sr. Andrews, primo de Henry, passou sem que sua sempre presente irmã se arrastasse para trás.

Ela se punia por pensar que a Srta. Andrews estaria onde quer que Henry estivesse. Eram primos, amigos, mesmo que Elizabeth não pudesse tolerar a mulher por mais de cinco minutos. Mas Henry a amava e adorava*. Ela.* E não permitiria que as palavras de Lorde Riddledale sobre a

ausência de Henry a fizessem pensar o pior do homem em quem confiava mais de qualquer outra pessoa no mundo.

Por que razão então, apenas alguns minutos depois, ela se viu procurando por essa sala de bilhar, ninguém sabia. Certamente não era a preocupação mesquinha que Riddledale tentava avisá-la de algo. Nunca isso.

Ela estava apenas interessada no que os homens estavam fazendo com seus pares, e queria ver se Henry participava de tais jogos e estava aproveitando a noite.

...

Henry andou por todo o baile e conversou com o maior número de pessoas possível, falou de cavalos selvagens, política, Escócia, qualquer coisa em que pudesse pensar. Ele vigiava Riddledale todo o tempo, localizou a biblioteca de sua senhoria e se indagou se o cômodo estaria trancado, logo descobriu que não estava.

Não faltava muito para a ceia, e ele estava agradecido por isso. Assistir Elizabeth girar na pista de dança com outro almofadinha inglês já era demais para ele. Mas esta noite eles estavam ambos interpretando papéis, a intenção deles ao ir ali era outra.

Vencer Riddledale em seu próprio jogo doentio.

O brilho do vestido verde escuro de seda dela chamou sua atenção, e não pela primeira naquela noite. O tom destacava a intensidade de seus olhos e era uma tentação. Ele queria levá-la para um quarto escuro, tirar o vestido e aproveitar cada momento como haviam feito em Wiltshire. Seus cachos dourados, presos no alto da cabeça, acentuavam as maçãs do rosto e a boca sensual.

O tamborilar de seu sangue viajando em suas veias, durante toda aquela noite, era o começo do futuro dos dois. Desta noite em diante, Riddledale não seria um problema em suas vidas, e para sempre.

Eles se casariam e voltariam para a Escócia, criariam Samuel para ser um jovem lorde bem ajustado e, se Deus quisesse, teriam mais filhos. Depois de ver Elizabeth com Samuel, tudo o que ele queria era ter filhos com a moça.

Ela era uma mãe amorosa, e a adoração que o menino demonstrava pela mãe, diziam a ele que era o que ele queria para seus filhos também. Ela era perfeita para ele. Era, de fato, uma mulher sem defeitos, e ele a adorava.

— Com licença, meu senhor. Chegou para você.

Henry afastou-se de suas reflexões e lembrou-se de agradecer ao lacaio antes de quebrar o selo da missiva. Ele franziu a testa já que o papel trazia apenas o seu primeiro nome e nada mais. Ele olhou para cima e verificou a localização de Elizabeth. Ela ainda estava sozinha, a atenção fixa nos casais dançando.

Leu a missiva rapidamente, o sangue em suas veias esquentando com o prazer iminente que as palavras provocaram em sua mente. Ele se desculpou com os poucos cavalheiros reunidos em torno dele e se dirigiu para a sala de estar privada ao lado da sala de bilhar, como solicitado na nota.

Vozes abafadas de cavalheiros e algumas senhoras soaram atrás da porta contígua fechada. Henry foi até o fogo, chutou um tronco fumegante e se preparou para esperar por sua convidada.

Ao som da maçaneta da porta girando, ele se virou; o salão iluminado revelou a mulher antes que as sombras da sala escura cobrissem suas feições.

— Você está perdida, senhorita Andrews? — perguntou, não esperava por ela.

A risada dela o deixou ainda mais desconfortável.

— Não, nem um pouco perdida. Estou aqui... com você... e um tanto quanto sozinha.

Henry observou a Srta. Andrews caminhar na direção dele, os passos dela lembrando-o de um leão enquanto caçava a próxima refeição.

— Você precisa sair, Amelia. Não está acompanhada.

Ele ficou rígido quando ela parou diante dele, a mão deslizando em seu peito. Ele pegou a mão dela e afastou-a antes que ela fosse mais longe. Seus olhos se arregalaram de dor e uma pontada de culpa picou sua alma.

Não havia como negar que Amelia era uma mulher bonita e que seria uma esposa maravilhosa um dia, mas ela não era para ele. Apenas uma mulher aqueceria sua cama, e não era a moça em pé diante dele.

— Mas eu não quero. Você está aqui, como eu sabia que estaria. Sério, Henry, não brinque comigo agora.

Henry recuou, sem saber por que ela diria isso.

— Como sabia que eu estaria neste cômodo?

Ele franziu a testa quando ela riu mais alto do que ele gostaria sabendo dos homens tão próximos ao lado. A última coisa que ele queria era ser pego em uma situação comprometedora com Amelia.

— Recebi seu recado. Estou muito feliz que tenha enfim, reconhecido seus sentimentos por mim. — Amelia passou um dedo pela lapela do casaco dele — Deve saber o quanto que eu desejei a oportunidade de estarmos juntos, de ficarmos sozinhos por um momento.

— Recado meu? — Henry fez uma pausa, apavorando-se —Srta. Andrews, nunca lhe enviei uma missiva.

Henry a viu ficar pálida como papel, e sentindo pena da moça, a acompanhou até o sofá antes de se sentar ao lado dela.

— Não?

Uma pequena carranca marcou a testa normalmente serena.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não mandei.

Ele suspirou, imaginando o que estava acontecendo e quem estava jogando com eles mais uma vez. Embora tivesse um bom palpite.

— Temo que tenhamos sido enganados porque eu também recebi uma missiva, mas...

Suas palavras sumiram, não querendo deixá-la saber de seu entendimento com Elizabeth. Apesar de tudo, ele machucaria a moça, mas não precisava esfregar sal em sua ferida aqui e agora.

— Mas...

— Mas não havia seu nome no remetente.

Ela se inclinou para trás, suspirando.

— Foi de Lady Newland?

Quando ele não respondeu, ela apertou a mão dele, dando um tapinha.

— Eu não posso negar estar decepcionada com a sua escolha, porque eu teria amado se tivesse me escolhido para ser sua esposa, mas não se pode mudar o que o coração sente.

Ela fez uma pausa.

— Eu me pergunto quem nos enviou... Por que pregar essa peça em nós?

Henry conhecia apenas uma pessoa que adoraria vê-lo casado e em segurança longe da rosa inglesa. Que estratagema... Deixá-los a sós onde qualquer pessoa poderia os pegar em uma situação comprometedora.

— Nós devemos sair. Agora.

O aperto de Amelia se intensificou, impedindo que ele saísse.

— Você já a pediu em casamento?

Henry riu do sorriso contagiante dela.

— Já, e ela disse sim. Como sabe de minha afeição para com Lady Newland?

— Soube que a amava desde a primeira vez que a encontramos. Não posso negar que estou muito desapontada, mas sei quando o jogo acabou.

Amelia sorriu e, pela primeira vez desde que a conheceu, ela realmente parecia linda, não rancorosa ou

enganadora, mas aceitadora da situação, até mesmo feliz por ele.

— Desejo-lhe tudo de bom, Henry. Eu sei que eu não fui a pessoa mais gentil com sua dama, mas foi tudo ciúme, entende. Fui descarada, e não tenho orgulho disso. Peço desculpas e devo desculpas a Lady Newland também.

— Obrigado, Amelia. Sou grato por sua benção e amizade, mas eu deveria ter dito a você que meu coração já pertencia a outra pessoa muito antes de seus sentimentos se intensificarem. Foi errado da minha parte e me desculpe.

— Podemos ainda ser amigos?

— Sempre. — disse ele ao se inclinar e beijá-la na bochecha.

Puxou-a para um abraço rápido, de amigos.

...

— Ah, me perdoe. — disse Elizabeth, incapaz de se mover do limiar da porta da sala de estar, a luz do corredor lançando luz aos amantes no sofá.

Ela desejou que suas pernas se movessem. Que conseguisse se afastar de onde estava, mas o choque de ver Henry abraçando a Srta. Andrews a deixou incapaz de fazer qualquer movimento. A dor rasgou seu peito e ela ficou paralisada.

— Elizabeth! Henry disse, ficando de pé.

— Me desculpe. Eu estava procurando a sala de bilhar. Vou deixá-los.

— Não, espere. — Henry se afastou do sofá e pegou a mão dela — Isto não é o que parece. Eu garanto a você.

Elizabeth puxou sua mão, afastando-se, o abismo entre eles se abrindo mais do que o Oceano Atlântico.

— Não é? Talvez gostaria de explicar a situação então. — Elizabeth declarou, seu tom gelado.

O queixo de Henry estava retesado, e ela desejou que ele dissesse que o que ela acabara de ver não era verdade. Que ele não estava sentado em uma sala escura, apenas à luz da lareira, abraçando a Srta. Andrews. Ela mordeu o lábio para impedir que tremesse.

— Sinto muito — ele disse.

— Já disse isso. Ela olhou para a Srta. Andrews e não viu nada de triunfo, por ser pega, em seu rosto — Parece que eu deveria oferecer meus parabéns pelo seu casamento vindouro.

— Como assim? Não, Elizabeth, você entendeu errado.

Henry sacudiu a cabeça, os olhos suplicantes.

Elizabeth desejou poder acreditar nele, mas não conseguiu.

— Você está me dizendo que eu não peguei você em uma posição comprometedora com a Srta. Andrews? — acusou apontando para a mulher.

— Não. — começou — Bem, sim, mas não é o que pensa.

Elizabeth riu de modo irônico.

Era rir ou chorar.

— De fato, e se eu tivesse me casado com você, os rumores que ouvi, ou encontros como esse, não seriam "o que eu penso"?

Henry xingou.

— Claro que não. Você não está pensando direito.

Ele xingou de novo, e ela se assustou.

— Srta. Andrews e eu não somos nada mais que amigos.

— Muito bons amigos pelo que parece. — declarou Elizabeth.

— Por favor, pare e apenas ouça, moça.

A Srta. Andrews se levantou.

— Lady Newland, é verdade, não há nada por trás do abraço, apenas...

— Já basta de você, Srta. Andrews. Não sou sua amiga nem confio em sua palavra. E quanto a você, Henry, bem,

não sei o que pensar.

Sua voz soava tão desanimada quanto ela se sentia.

Ela engoliu em seco quando o nó na garganta tornou difícil respirar.

— Senhorita Andrews, se você puder nos deixar, por favor, gostaria de falar com minha futura esposa.

Elizabeth bufou.

— Ela não precisa sair, eu vou embora.

Henry estendeu a mão e apertou a mão dela, puxando-a para ele.

— Não vai não.

A Srta. Andrews saiu depressa e fechou a porta. Elizabeth assistiu em choque enquanto Henry ia até a porta, o som da chave virando na fechadura tão alta quanto um tambor.

Ela cruzou os braços sobre o peito, odiando o fato de ele ser tão condescendente com ela. Ela era filha de um duque, não uma ajudante de cozinha. Ele se virou e o rosto dele mimicava seu próprio descontentamento.

— Venha cá, Elizabeth.

Ela não se mexeu, apenas ficou parada imaginando como poderia chegar até a porta e sair com ele em seu caminho.

— Não.

— Se não vier, serei forçado a ir até você.

Suas palavras vibraram como promessa, e uma pequena parte dela queria empurrá-lo para ver o que de fato ele faria se ela não seguisse sua ordem. Não que ela pretendesse fazer o que lhe foi dito. Ele escolhera a mulher errada para se casar se queria uma esposa dócil e obediente. Elizabeth interrompeu sua linha de pensamento. Isso se ela ainda fosse se casar após testemunhar os acontecimentos da noite.

— Não.

Ele andou em direção a ela, e ela recuava a cada passo que ele dava. A determinação em seu olhar provocou um

arrepio de consciência em todo seu corpo. Ela esbarrou na pequena mesa que ficava ao lado do sofá, e agarrou-a, para ter apoio, sem ter mais para onde ir.

— Nada aconteceu, ou jamais acontecerá entre mim e a Srta. Andrews. Eu apenas dei um abraço amigável após contar a ela sobre meu amor por você. Ela nutre afeição por minha pessoa, mas é um sentimento unilateral, e eu deveria ter sido honesto com ela desde o começo, deveria ter dito quem eu queria para minha esposa.

— Contou a ela sobre mim?

Era agradável ouvir essas palavras, mas, ainda assim, o que se supunha pensar quando alguém entrava em uma sala escura e encontrava o noivo em uma posição comprometedora?

Recebi uma missiva para encontrá-la aqui. A srta. Andrews recebeu outra, mas com meu nome no remetente. Como veio parará aqui, moça?

Ela refletiu as palavras dele, e raiva correu por suas veias, ardendo e derretendo.

— Riddledale disse que você estava jogando bilhar, e que eu deveria ir ver o jogo, mas a maneira como ele disse, suponho, levantou minhas suspeitas, minhas inseguranças sobre nós, e mesmo que eu quisesse confiar em você, precisei vir comprovar o que sua senhoria dizia. E então, quando te vi...

— Com Amelia, presumiu o pior. — completou ele.

— Sim.

Ele chegou até ela com um rompante, a sentando na mesa e se acomodando entre as pernas dela. Seu corpo aqueceu, e calor se acumulou em seu núcleo.

— Desculpe, Henry.

— Sinto muito, moça, pois parece que Riddledale tentou mais uma vez nos enganar e me comprometer com outra mulher.

Os olhos dela brilharam, e então segurou firme na lapela dele

— Nós devemos sair. Se formos pegos nesta situação, não terminaria bem.

Henry a beijou rapidamente, acariciando sua bochecha e orelha. Ela suspirou, amando a sensação dele tão perto dela outra vez.

— Ainda não. Eu preciso de você.

Elizabeth olhou para cima e encontrou seu olhar.

— Aqui? Agora?

Mesmo aos ouvidos dela, sua voz parecia escandalizada.

— Sim. Estamos noivos, e quem se importa se Riddledale nos pegar, ele não ousaria falar de sua... contravenção, por assim dizer. Não se encaixaria nos planos que ele tem para você.

Ele sorriu e sua intenção ficou clara.

— Mas e a carta?

Não podiam deixar ali. Era imperativo que eles a recuperassem.

— Continuaremos com nosso plano conforme acordado, mas primeiro eu preciso lembrar você de algo.

Uma mão forte e quente apertou-a sob a barra do vestido, o tecido deslizando devagar pernas acima. O ar da noite beijou sua pele e ela se sentiu feliz por estar em seus braços mais uma vez.

Desde que retornou a Londres, ela não dormia bem, sua cama era grande demais, vazia demais para uma pessoa. Ela sentia tanto sua falta, de entrar no quarto dele ou vice-versa, de fazer amor e continuar juntos até as primeiras horas da manhã.

— E o que é que eu preciso lembrar?

Ele sorriu, a mão dele roçando suas partes íntimas e a fazendo ofegar. Elizabeth levantou as pernas e puxou-o para ela, querendo-o com uma necessidade que superava tudo o mais.

— Que você é minha e eu sou seu, e que nada, nem Riddledale nem a Srta. Andrews, vai mudar isso. Eu te amo, Elizabeth, e não vou perdê-la novamente.

Seus olhos brilharam com uma necessidade primitiva e, incapaz de não cometer o pecado que ele oferecia, ela estendeu a mão e puxou-o para um beijo.

Ele puxou-a com força contra ele, tragando-a para um mundo de felicidade. Absorta às sensações, ela sentiu quando ele abriu a braguilha antes de empurrar seu núcleo contra sua dureza.

Seus olhar se prendeu ao dele quando ele deslizou dentro dela, e ela abafou um gemido contra seu ombro ao sentir toda sua extensão mais uma vez, a deliciosa fricção dele dentro dela.

Não foi uma rendição doce, nem houve tempo para cair de prazeres, ele apenas bombeou nela, duro e rápido, ações frenéticas e afiadas, com a promessa de que isso era para sempre, e nada mais seria suficiente.

Tudo o que ela podia fazer era segurar Henry e tentar dar conta de todo o desejo dos dois. Ele seguiu repetindo o movimento, seus corpos se movendo, ondulando, se aproximando, para aproveitar mais o que significava estarem juntos desse jeito. Henry apertou seu traseiro, e a ação a empurrou com força contra ele, uma vez, duas vezes, três golpes rígidos e prazer invadiu todo o seu corpo.

Ele a beijou para abafar seus gemidos ofegantes, assim como seus próprios gemidos. Elizabeth o segurou perto, a respiração entrecortada e seu corpo fraco e sonolento. Distantes, os sons da dança do jantar soaram, e Henry recuou, ajudando a endireitar suas roupas e as dele.

— Você parece um desastre.

Ele sorriu, satisfação em seus lábios.

Elizabeth riu.

— Eu me sinto um desastre.

Arruinada para qualquer outra pessoa.

Ela se afastou da mesa e verificou seu cabelo em um espelho próximo.

— E agora?

— Agora. — sussurrou Henry, chegando por trás dela e envolvendo os braços dele sobre o estômago dela — Recuperamos a carta e anunciamos ao mundo que vamos nos casar.

Ela sorriu para ele enquanto ele a observava no espelho.

— Eu gosto desse plano.

Henry acariciou seu pescoço, beijando-o gentilmente.

— Eu também, moça. Agora vamos. — disse ele ao dar um tapinha em seu bumbum.

...

Com um aceno para o irmão de Elizabeth, o duque de Penworth, o plano deles foi posto em marcha. Henry observou Josh dirigir-se a Lorde Riddledale para manter o homem ocupado enquanto ele e Elizabeth desapareciam para procurar a carta roubada.

Elizabeth se desculpou alguns minutos antes, citando a necessidade de se refrescar, e agora era a vez de Henry desaparecer por um tempo. Ele atravessou a multidão de convidados, caminhou em direção à sala de jogos, que, pelo que o irmão de Elizabeth havia dito, dividia uma porta com a biblioteca de Riddledale.

A sala estava cheia de homens apostando, muitos com expressão de desagrado ou até mesmo terror no rosto. Ele balançou a cabeça ante a necessidade de tal esporte para esses homens. Apostar não era para ele, não depois de seu avô ter quase perdido a propriedade devido ao hábito que se tornou uma obsessão.

Ele assistiu aos jogos por um instante antes de encontrar a porta que precisava chegar. Caminhou até lá, apoiou de forma casual em seu limiar, se certificou que ninguém estava atento às suas ações, e então deslizou para dentro.

A sala tinha apenas duas velas acesas e ambas estavam em cima da lareira. Henry fechou a porta com cuidado e virou a chave, caminhou em direção à lareira e pegou as duas velas.

Levou-as para a mesa.

Abaixou-se quando a outra porta abriu e fechou rapidamente. Suspirou de alívio ao ver sua bela e esbelta futura esposa vir em sua direção. Ele se levantou, e ela se assustou antes de continuar.

— Você me assustou. — ela sussurrou, rindo um pouco.

— Mil desculpas. — e sorriu, voltando-se para a mesa com pés dourados.

— Vá, preciso que você procure nas prateleiras da lareira.

E apontou para uma grande estante repleta de papelada, pergaminhos e livros que pareciam revistas.

— Vou procurar na mesa.

— A carta terá a escrita de papai, se conseguir lembrar a caligrafia dele.

— Acredito que sim.

Ele tentou as gavetas e encontrou todas elas trancadas. Procurando pela chave, notou que Riddledale mantinha a mesa organizada, em nada parecido com a bagunça de proporções homéricas que se via nas prateleiras em que Elizabeth procurava.

— Pode estar em um calhamaço, sacuda para ver se cai algo.

Além de um suporte de pena, tinteiro, mata-borrão e bronze, não havia muito mais na mesa. Com certeza, nenhuma chave brilhava como um farol.

Henry se ajoelhou e sentiu ao longo da madeira sob a mesa, procurando por um compartimento escondido onde se poderia esconder uma chave. Sua busca foi proveitosa quando uma pequena chave de prata caiu no chão.

— Eu encontrei a chave.

Elizabeth aproximou-se dele, e se ajoelhou ao seu lado.

— Destranque os dois lados, vou procurar nas gavetas.

Henry fez o que ela pediu, e os dois examinaram as dezenas de correspondências. Sua senhoria tinha muitas notas promissórias. Henry pegou um pedaço de pergaminho e anotou quantos nomes ele pudesse, de quem Riddledale devia dinheiro.

Se o plano deles fracassasse hoje, havia esperança de que se ele comprasse toda a dívida de Riddledale poderia negociar um acordo por ameaça de ruína financeira contra o homem.

De qualquer maneira, a partir desta noite, a nuvem escura que pairava sobre Elizabeth acabaria.

— Não consigo encontrar nada. Talvez ele carregue com ele.

Ela caiu sobre as coxas, e ele continuou a vasculhar a correspondência.

— Eu não penso assim, e seu irmão afirmou que viu ele tirar de uma gaveta.

Após uma busca mais profunda e com frustração crescente, Henry teve que admitir que Elizabeth podia estar certa. A carta não estava aqui.

Ele se levantou, analisou a sala tentando pensar onde esconderia a correspondência. O olhar dele se deteve numa escrivaninha feminina, feita de jacarandá dourado, entre uma mesa e um grande globo terrestre.

Riddledale esconderia correspondência de cavalheiros em um móvel feminino?

Decerto que não era um lugar usual na lista de locais a se procurar algo de um homem... Henry foi até lá, consciente de que o tempo deles estava acabando. Já estavam aqui há muito tempo.

— O que você está fazendo, Henry? Elizabeth sussurrou.

Ele abriu a escrivaninha, agradecido por estar aberta.

— Procurando.

Ele estudou o móvel, sabendo que muitas vezes, tais tampos possuem compartimentos secretos. Retirar um

tinteiro de um dos compartimentos fez exatamente o que ele esperava. Uma pequena tranca foi aberta e após um pouco de pressão no fundo da mesa, um compartimento se elevou, três gavetas ocultas nele.

Fez um agradecimento silencioso por sua mãe ter uma escrivaninha similar com a qual ele brincara muitas vezes quando era menino, e agora tudo o que ele podia fazer era rezar para que a carta estivesse ali.

Com certeza, se Riddledale estava escondendo sua correspondência em algum lugar, seria aqui.

Ao abrir a primeira, a mão de Elizabeth surgiu e agarrou a missiva ali guardada.

— Está aqui. Esta é a carta.

Ele sorriu, deixando a mesa em sua posição inicial e fechando tudo com rapidez. O alívio no rosto de sua futura esposa era a recompensa que ele precisava.

— Vou trancar a outra mesa, e vamos embora. Precisamos sair.

— Sim, precisam sair, mas não antes de devolver a carta que acabam de roubar.

Elizabeth ofegou, segurando a missiva contra o peito.

Henry riu.

Duvidava que sua dama desistisse desta carta tão cedo.

— Você quer dizer a carta que você roubou, Riddledale. Como você é engraçado. — ele segurou o braço de Elizabeth e puxou-a para a porta — Boa noite para você.

— Ainda posso causar um escândalo para você, Lady Newland, não se engane. Seria melhor se você me desse a carta e fizesse o que eu ordeno. Você vai se casar comigo, minha querida. Não se iluda.

— Eu nunca vou me casar com você.

Henry se assustou ante a repulsa no tom dela, e não podia culpá-la. Estar rodeado por Riddledale deveria ser uma tortura.

— Ela não vai se casar com você, não importa que rumores você espalhe na tentativa de arruinar a família.

Elizabeth será minha esposa e será o fim disto. Ela nunca será sua.

Riddledale rosnou, caminhou devagar em direção à porta e encostou na madeira escura.

— Você não leu a missiva, Lorde Muir? Está muito calmo para um homem que, a meu ver, teria ficado muito magoado com o conteúdo desta carta.

Henry franziu a testa, inseguro do que deveria significar aquilo.

— Eu sei o que a carta diz.

— Sério? — Riddledale bufou, seu tom zombeteiro — Elizabeth, você enfim foi honesta? Duvido que você saiba toda a verdade, Lorde Muir.

Henry olhou para Elizabeth e notou sua quietude e a palidez em seu rosto. Ele pegou a mão dela, balançando-a um pouco.

— Elizabeth, me passe a missiva.

Os olhos dela se arregalaram e ela ficou imóvel.

— Henry... eu...

— Me entregue, moça.

Com relutância, ela entregou o papel. Ele foi até a mesa, e leu a carta sob a luz das velas.

As palavras o assaltaram, palavras como *ruína*, *criança*, *gravidez*, *honra*, *casamento*, *pai*...

Ele se encostou na mesa e lutou para não vomitar ali mesmo.

Ele era pai? Samuel era filho dele?

Ele caminhou até Elizabeth, as mãos em punho contra o corpo. O desespero escrito em seu rosto era claro, mas ele ignorou.

Maldita seja a mulher.

Todas as semanas desde que ele voltou à cidade, as promessas de não haver mais mentiras, de serem amigos, amantes, e ela não pensou nenhuma vez em ser honesta com ele. Ele deu a ela muitas oportunidades para contar sobre o filho, se ela quisesse, mas ela não o fez. Por um

momento, ele se perguntou se ela, ao menos, pretendia contar a ele.

Ele xingou, apertando o braço dela e puxando-a para as portas do terraço, precisando ficar longe de Riddledale, daquela casa, de toda a gente. Henry se esforçou para controlar o temperamento, que estava no limite. Não seria um bom presságio para qualquer um deles, caso ele perdesse a compostura. E, infelizmente, essa era a situação perfeita para ele perdê-la.

Ele era pai...

A ideia retumbou em sua cabeça como um tambor.

— Vão embora tão cedo? — Riddledale perguntou, rindo — Venha comigo, talvez eu possa dar a você alguns conselhos sobre sua situação.

Henry ignorou o idiota e puxou Elizabeth para fora da porta antes de se virar e encarar Riddledale.

— Pode espalhar quaisquer histórias que desejar, não nos importamos. Nós temos a carta, então, a partir de agora, a história nada mais é que um boato, mas esteja ciente de que, se você forçar a barra para ter Lady Newland como sua esposa, eu serei obrigado a retaliar, e não será agradável para o senhor. Entendeu?

Riddledale riu, servindo-se de um conhaque.

— Não gosto que me digam o que fazer ou como agir, Lorde Muir, mas ouça o que eu tenho a dizer. Eu sempre consigo o que quero. Sempre.

Henry não se deu ao trabalho de responder, mas foi embora, passos firmes em direção ao estábulo onde as carruagens estavam estacionadas. Encontrou seu motorista e fez sinal para que ele preparasse a carruagem. Ajudou Elizabeth a subir e se juntou a ela, fechando a porta com força.

Ela o observou, os olhos arregalados e, pela primeira vez desde que se conheceram, ela se manteve quieta. Ótimo. Melhor que ela não falasse até que ele dominasse sua raiva a um nível controlável.

Foram apenas alguns minutos até que estivessem em movimento, as casas de Mayfair iluminadas ao longo da rua escura. Ele não viu nada disso.

— Diga alguma coisa, Henry. Por favor.

Os olhos dele estavam estreitos, ele balançou a cabeça. Estava além da fúria.

— Você mentiu.

...

Elizabeth assentiu.

Ela havia mentido, e a culpa de tal inverdade a consumia desde o instante em que decidiu que Henry não poderia saber da verdade.

— Eu menti, mas você precisa entender o porquê de eu fazer o que fiz. Não foi algo de caso pensado.

— Não? Então, por favor, conte-me como chegou a essa conclusão. Porque para mim, certamente é intencional.

Henry recostou-se nos bancos de couro, cruzando os braços, o rosto uma máscara de dor e fúria.

— Precisa concordar que tentamos contar a você. Escrevemos para você implorando seu retorno. Eu não tenho culpa de que Riddledale tenha interceptado a carta e tenha feito o que fez.

Ela engoliu o pânico que arranhava sua garganta e se esforçou para se acalmar. Com certeza, se Henry pudesse ver a verdade por trás de toda a bagunça em que ela se meteu, eles poderiam chegar a um consenso. Ter algum tipo de felicidade futura.

— Meu filho tem o nome de outro cavalheiro. Em vez de ser o Conde escocês que ele deveria ser, ele assumiu o papel de um mero visconde inglês. Como ousa dizer isso?

Lágrimas ardiam e ela mordeu o lábio.

— Eu não tive escolha. Quando recebemos sua resposta, embora saibamos agora que era falsa, meus pais fizeram o

que acharam melhor. Fui arrastada para Wiltshire e me casei antes de poder ter a chance de ver outra saída.

— E você enganou outro cavalheiro. Permitiu que o sujeito morresse acreditando que ele era pai de um filho, que possuía um herdeiro para suas terras e propriedades, quando não era nada disso. Como conseguiu viver em meio a tanta falsidade?

Henry sacudiu a cabeça, suas palavras repletas de desgosto.

Elizabeth até quis corrigir o erro cometido, mas era um assunto em que ela teve direito a voz. Se Riddledale não tivesse roubado a carta, nada disso estaria ocorrendo agora. A vida que ela desejava, a vida que ela queria, começou a parecer cada vez mais longe de seu alcance. Ela apertou o assento em busca de apoio, precisando de algo para mantê-la firme.

— Newland me encontrou no jardim de sua propriedade, vomitando em suas plantas. Ele entendeu ali por que nossa visita era tão urgente, e como o acidente que sofreu o tornou inadequado para a maioria das famílias de igual status, ele me propôs casamento ali mesmo.

E ela o amava de certo modo. Por ele tê-la salvado mesmo sem precisar. Ele poderia ter revelado toda a verdade para a sociedade e apenas ficar assistindo ela ser destroçada.

— Ele sabia?

Ela se encolheu ante o tom de acusação dele.

— Sim, ele sabia, e adorava Samuel. Cuidava dele como se fosse seu próprio filho, e nunca deixarei ninguém, nem mesmo você, estragar essa lembrança para mim. Ele me salvou, Henry, e se você tivesse podido, se você soubesse a verdade, eu sei que você teria feito o mesmo, mas eu não tive essa opção. Eu fiz o que era necessário para garantir o futuro do meu filho.

— O futuro do *meu* filho, que sempre será uma mentira.

Ela olhou pela janela da carruagem, odiando que suas palavras fossem frias, cortantes e verdadeiras.

— Samuel será conhecido como Lorde Newland um dia, sim. Não vou permitir que tente mudar isso. Minha família apoia minhas ações e, se você tentar, Henry, vou lutar contra você.

— Como assim, senhora? — seus lábios se curvaram demonstrando desdém — Eu mal a reconheço.

A carruagem parou e Elizabeth ficou surpresa ao ver que ele a trouxera de volta à casa da família dela em Londres.

— Você não pode provar nada, Henry, e você me ameaçar quando eu sou tão inocente quanto você nesta lama podre que nos envolve, está além de qualquer perdão. Eu não mandei Riddledale roubar nossa carta. Eu não disse a ele para escrever em seu nome e gritar mentiras e insultos na minha cara. O que você esperava que eu fizesse? Que tivesse um bebê sem estar casada? Isso eu não faria, nunca faria isso com minha família.

— Deveria ter feito.

— E isso, meu caro Lorde Muir, é algo nunca concordaremos. Se eu pudesse voltar no tempo, não mudaria nada do que fiz. Lorde Newland foi um marido amoroso e atencioso, e serei eternamente grata a ele pelo que fez por mim. Sinto muito que seu filho agora tenha o nome de outro homem, mas é o que é, e você deve aceitar a situação, pois nunca mudará, não importa o quanto você deseje.

Henry abriu a porta, apontando para o vazio.

— Saia. Esta conversa acabou.

Elizabeth se assustou, mas fez o que ele pediu, desceu sem ajuda e não aceitaria mesmo que ele tivesse oferecido.

— Acho que tudo o que precisava ser dito entre nós já foi dito. Desejo o melhor para o senhor, Lorde Muir.

— E o meu filho? Ousa mantê-lo longe de mim?

— Você pode visitar Samuel sempre que quiser, não vou impedi-lo, mas preste atenção ao meu aviso, Henry, não ultrapasse os limites. Não permitirei.

Ele bateu a porta na cara dela sem deixar de olhar dentro de seus olhos.

— Isso nós veremos, Lady Newland.

A batida no teto da carruagem soou alta na rua tranquila, e Elizabeth se virou, seus olhos ardendo. Os degraus não eram mais nada que um borrão.

Ela chegou ao seu quarto em uma névoa, sem saber como, mas agradecida quando sua criada a despiu e a ajudou a ir para a cama. Elizabeth puxou o cobertor sobre a cabeça. Sua vida acabou, não há futuro na Escócia com Henry, pois não havia chance de ele perdoá-la por sua desonestidade.

Elizabeth permitiu que os soluços viessem os abafou o máximo que pôde contra os travesseiros. Ele a odiava, e a repugnância em seu rosto quando ela estava parada do lado de fora de sua carruagem a deixou com pouca esperança de reconciliação.

Desta vez estavam acabados. Acabados mesmo, e nada que ela pudesse dizer ou fazer poderia mudar essa terrível verdade.

CAPÍTULO DEZOITO

Um mês se passou, o tempo parecendo infinito, os dias pareciam ainda mais longos do que os anos que Henry passou no exterior. Elizabeth havia ficado na cidade por alguns dias depois do baile de Lorde Riddledale na esperança de que Henry a procurasse, implorasse para tê-la de volta, para pedir desculpas pelo que ambos haviam dito, pedir perdão e uma chance de recomeçar.

Mas ela estava errada, sua esperança mostrou-se falsa e resultou em nada. O silêncio de Henry falava mais alto do que qualquer palavra, e assim Elizabeth tomou a decisão de retornar a Dunsleigh antes do final da temporada. A família dela, ainda de meio-luto, queria acompanhá-la, e assim a casa de Londres foi fechada e todos partiram.

Vozes femininas vinham da sala de estar de sua mãe, no andar de cima, e sem vontade de companhia, Elizabeth entrou na sala privada da família nos fundos da casa: um espaço ensolarado e bem iluminado durante a manhã. E sentou-se diante das portas do terraço para observar os jardineiros trabalhando nos canteiros de flores.

— Uma carta chegou para você, minha senhora.

O lacaio entregou a carta a Elizabeth e ela agradeceu. Ela examinou a escrita confusa por um momento antes de quebrar o selo.

Corte era uma coisa tão tola. E o amor fazia de todos tolos. Sem flertes eternos. Ou todos caem.

Elizabeth amassou o papel, odiando o fato de que suas mãos tremiam ao fazê-lo. Lorde Riddledale tinha mais cabelo do que inteligência, e ela deveria saber que o homem não tinha inteligência para ceder.

Pelo menos ele não poderia mais machucar ela ou Samuel. A carta havia sido devidamente queimada e, se ele pronunciasse sua indiscrição, era sua palavra contra a dele, e ninguém ousaria caluniar os Worthingham sem provas. Riddledale tinha perdido.

Determinada a acabar com a melancolia e aproveitar o dia lindo que estava. Elizabeth se levantou e foi para os estábulos. Seu volúvel Argo enfiou o nariz sobre a porta da cabine, e ela recusou a oferta do cavalariço de selar a montaria, optando por fazê-lo sozinha.

Com a sela no lugar, ela levou o cavalo para o bloco de montagem, sentou-se e galopou pelos terrenos bem cuidados, pulando as cercas antes de incitar Argo a uma velocidade alucinante em direção aos campos além.

O vento fez seus olhos lacrimejarem, os grampos de cabelo saíram do lugar e logo seus cachos claros caíram em cascata sobre os ombros. Ainda assim, ela forçou Argo, culpando suas lágrimas pela velocidade impressionante a que sua montaria chegava e não pela perda de um certo conde escocês.

O tempo passou e, por fim, e o cavalo diminuiu o ritmo. Ela o conduziu por um bosque e desmontou, procurando um tronco caído para se sentar. Elizabeth olhou para os galhos do grande carvalho, as folhas balançando na brisa agradável.

Memórias de Henry assombravam cada pensamento que passava em sua mente. Deles correndo juntos nessas mesmas terras, piqueniques nos longos dias de verão, antes dos bailes e viagens necessárias para a América se tornarem uma preocupação.

Como a vida fora tão simples na época.

Ela fechou os olhos enquanto seu corpo se aquecia recordando seu último dia juntos aqui em Dunsleigh, onde seu lindo filho fora concebido. Como juntos haviam se transformado de jovens em adultos diante das águas lentas em que Henry lhe ensinara a nadar.

Que bagunça ela fez das coisas.

E pior, ela não sabia mesmo se um futuro juntos seria possível, ou se Henry se afastara dela para sempre. Seu coração parou de bater com essa possibilidade. Não podia estar tudo acabado. Ela não permitiria. Ela teria que falar com ele mais uma vez. Talvez ele estivesse de volta à Escócia, ela poderia escrever uma carta detalhando tudo o que havia acontecido e seu raciocínio por trás de cada uma de suas ações.

Talvez funcionasse.

O estalo de um galho soou atrás dela e, quando olhou por cima do ombro era tarde demais para reagir. Um pano imundo veio com força contra sua boca e seu nariz. O atacante puxou-a contra o corpo, e Elizabeth lutou contra ele o melhor que pôde. O homem era grande, uma bandana cobria metade do rosto. Sua força era instransponível, e ele aguentou os socos que ela dava sem se abalar.

Seus olhos ficaram pesados e era uma luta mantê-los abertos. Seus joelhos cederam quando a escuridão inundou seus sentidos, mas não antes de ter um último pensamento consciente: Lorde Riddledale fizera seu último movimento.

...

Elizabeth acordou com a noção de que não estava sozinha na comitiva. A carruagem balançava, cascalho rangendo alto sob as rodas em ritmo acelerado. Ainda assim, seus sentidos gritavam por cautela. Sem mover um músculo, ela espiou seus arredores, viu um par de botas impecáveis e brilhantes. Não era difícil adivinhar a quem pertenciam. Sua senhoria sempre fora um idiota pomposo, mesmo ao sequestrar moças.

— Ah, vejo que está acordada. Bem-vinda, Lady Newland. Eu espero que tenha dormido bem.

Elizabeth se sentou com dificuldades e ofegou quando Lorde Riddledale se inclinou e puxou-a para se sentar em frente a ele.

Suas mãos deslizaram por seus braços e verificaram o nó que mantinha seus pulsos juntos atrás das costas. Elizabeth lutou para respirar com a bandana de cheiro vil em sua boca. Ela tentou dizer ao demônio que ele era uma maldição na sociedade. A reação de sua senhoria a sua débil tentativa foi uma risada pesada. A frágil mente do homem enfim havia se tornado frangalhos, ela tinha certeza disso.

Ele deslizou os dedos por sua bochecha, depois desceu para delinear seu lábio superior antes de arrancar a bandana de sua boca, as unhas cortando sua bochecha. Elizabeth respirou fundo e lutou contra a náusea que subia pela garganta.

— Meu irmão vai garantir que seja enforcado por isso. Como se atreve a me sequestrar?

Seu sorriso calculista gelou-a de dentro para fora.

— Ele não vai matar o Marquês de Riddledale, seu novo cunhado.

Elizabeth sentou-se o mais longe que pôde, contra as almofadas, e observou com desagrado os olhos de Lorde Riddledale, a boca quase salivando em cima dela. Ela desviou o olhar e tentou afastar o pensamento de que ele poderia machucá-la, tomar liberdades que não lhe eram permitidas.

— Você deveria ter aceitado minha proposta quando a fiz pela primeira vez. Se tivesse aceitado, nada disso teria acontecido, minha senhora.

— Mais uma vez, meu senhor, parece não entender a língua inglesa. Eu falei não. — ela tentou se acalmar, mas estava perdendo a batalha — Talvez você deva ouvir com mais atenção da próxima vez que fizer uma pergunta.

Ele riu como se toda a situação fosse divertida.

— Uma travessura que pode ser resolvida com o casamento.

Maldito fosse.

— Todas as mulheres são tímidas e difíceis de agradar. Você não é diferente.

Elizabeth olhou pela janela e tentou avaliar onde estavam, em que direção viajavam. A carruagem não era nova nem elegante, o estofamento estava rasgado e sujo, muito parecido com ela mesma, refletiu. A porta capenga estava fechada por um pedaço de corda gasto. E ali estava sentado Lorde Riddledale em seu melhor traje, novo e bem conservado como um dândi de Mayfair.

— Eu pensei que tal veículo seria menos conspícuo. Não poderia arriscar que um dos meus coches fosse reconhecido. Todos eles ostentam o emblema da família nas portas, como sabe. — ele sorriu e ela o fitou — Não estamos sendo seguidos e chegaremos ao nosso destino pela manhã.

Elizabeth engoliu em seco, com medo de descobrir para onde o estúpido a levava, mas sabendo que ele diria da mesma forma. Ameaças como essas pareciam um traço de sua natureza, algo que ele desejava tanto quanto tê-la como esposa.

— Gostaria de saber o nosso destino, minha querida?

Ela estreitou os olhos com o "querida", mas se recusou a entrar no jogo dele.

Porco chauvinista.

Ele riu, ajeitando-se mais para frente do assento, coçou o nariz.

— Não importa, eu direi a você. Ficará feliz em saber que se tornará minha esposa no sentido mais verdadeiro, e não estou falando apenas de nossos votos, em Gretna Green. Agora você pode demonstrar sua felicidade.

Elizabeth testou as amarras, nunca tendo odiado tanto um homem quanto odiava este em sua frente.

— Como se atreve?

Ele deu de ombros.

— Me atrevo há anos, você que nunca percebeu.

Ela encontrou seu olhar e esperou que ele assimilasse o ódio em seus olhos.

— Vai pagar por essa traição.

— Assim como você se não fizer o que mando. Eu sei de todos os escândalos que a senhora desmiolada quase deixou se abater sobre a cabeça arrogante do Duque de Penworth. Eu sei tudo, Elizabeth.

Elizabeth levantou o queixo.

— Não possui provas de nada, e a carta que havia roubado já foi queimada. Meu irmão manteve a correspondência que você enviou em nome de Lorde Muir, e um agente da *Bow Street* está a cargo da investigação. Não demorará muito para que descubram que você não passa de um ladrão, e seja desprezado por seus superiores, seja arruinado.

Ele sorriu, e ela queria arrancar o sorriso presunçoso de seu rosto.

— Por acaso eu deixei de contar, meu senhor, que quando estávamos procurando pela carta de meu pai, encontramos as notificações de suas dívidas? Muitas delas, aliás. Meu irmão já comprou todas as suas notas promissórias, e agora você deve a sua graça uma quantia considerável. Se meu irmão quiser resgatar as dívidas, bem, isso não vai acabar bem para você, eu acredito.

Elizabeth levantou as sobrancelhas.

— Tem certeza de que deseja continuar com esse estratagema, meu senhor?

— Eu não tenho nenhuma dívida com o seu irmão. — disse Riddledale, sua voz não mais tão segura, o rosto ficando mais pálido do que o normal.

— Eu não minto. Meu irmão comprou a maior parte do que você deve, e agora sua fortuna pode ser perdida. Então, a menos que você queira ser pobre, deveria dar meia volta agora mesmo.

Seu rosto, há pouco alarmado, clareou quando sua mão pousou no joelho dela, os dedos fincados em sua pele. Elizabeth lutou para não vomitar.

— Ele não vai arruinar o próprio cunhado, e é exatamente isso que eu serei em questão de horas.

Ele se inclinou para longe, cruzou as mãos no colo, aparentando ser um homem livre de preocupações.

— Eu sempre a observei, Elizabeth, e você teve sorte no dia em que se deitou com Lorde Muir e abriu as pernas como uma prostituta de Covent Garden de eu não ter minha pistola comigo. Se fosse assim, seu querido Henry já estaria morto há tempos.

Ela fechou os olhos, odiando a ideia de uma criatura vil como Lorde Riddledale se intrometer durante um ato que aconteceu com muita afeição e, acima de tudo, amor.

— Depois que Muir partiu, foi fácil garantir que toda a correspondência, que saía e chegava, fosse enviada para mim, de forma a garantir que nenhuma carta dos Estados Unidos chegasse ao seu foyer, e nenhuma carta sua chegasse aos Estados Unidos. Estou tão feliz por sermos vizinhos. A vida se torna muito mais fácil assim, não concorda?

— Seu desgraçado. Um amigo da família que nos enganou a todos. Arruinou minha vida.

Lágrimas brotaram e ela as afastou, não querendo que ele visse como conseguia afetá-la tanto. Ela nunca lhe daria tal poder se pudesse evitar.

— Você arruinou sua própria vida. Minha intenção era só de me casar com você. Eu a amo.

Elizabeth chutou as canelas dele, acertando um chute em cheio antes que a mão dele estivesse em seu pescoço, o aperto assegurando que ela parasse de o atacar.

— Você achou que se casaria com seu desgraçado escocês e teria o bebê dele, sem se preocupar com o que se espera da filha de um duque, ou seus deveres.

Ele apertou mais forte e ela teve dificuldades para respirar.

— Seria um percalço inominável para a Inglaterra que uma Worthington se casasse com uma escória das terras altas.

Ele fez uma pausa, rosnando.

— Bem, você não vai se casar com ele, Elizabeth. Eu não permiti naquela época e não permitirei agora. Você será a futura marquesa de Riddledale, ou não será nada caso se recuse a fazer o que estou mandando. Com o sofrimento de perder seu tão querido Henry, ninguém suspeitaria de nada caso uma mulher com a mente fragilizada sofresse um acidente. Toda Londres a viu bajular o cavalheiro desde o retorno dele, e eu espalhei rumores o suficiente para me assegurar que caso um acidente acontecesse, não fosse uma surpresa para ninguém. Um final muito triste para uma mulher tão infeliz no amor.

Ele riu, os olhos brilhando de triunfo.

— A sociedade ficará entretida por anos com tamanha tragédia.

— O cacete que vou. — disse Elizabeth com desprezo na voz — E não precisa me empurrar de um penhasco. Entre um futuro com você e a morte, eu escolho a morte. Eu prefiro morrer a deixar você vencer.

Riddledale ergueu as sobrancelhas.

— Bem, vamos ver, não vamos? — ameaçou, amarrando a bandana na boca dela mais uma vez e observando-a com um silêncio que a deixou gelada.

CAPÍTULO DEZENOVE

Henry percorreu toda a estrada para Dunsleigh repassando cada palavra que diria a Elizabeth quando a visse em apenas alguns minutos. Ele afastou a dúvida que continuava a corroê-lo por dentro de que Elizabeth havia desistido do amor dos dois, de que ela acreditava que a última noite que passaram juntos em Londres foi a última de todas.

Não seria. Não poderia ser.

— Tolo estúpido! — xingou em voz alta ao incentivar sua montaria para o último quilômetro e meio.

Como ele poderia ter dito tais coisas para ela, ter sido tão cruel, tão insensível, não ter pensado nem por um momento no que ela estava dizendo, no que estava tentando explicar. Tudo o que, em questão de semanas, ele concluiu, mesmo que doesse como uma faca no estômago saber que seu filho não herdaria sua propriedade.

O que, de fato, não era culpa de Elizabeth. Riddledale era a pessoa que ele queria prender e liquidar, mas o desgraçado fugiu da cidade, e algo lhe dizia que seguira Elizabeth até a casa da família.

Em pouco tempo a grande construção arenito apareceu, e ele deu o pontapé inicial em seu plano, um plano que ele estava determinado a não ver falhar. Elizabeth seria sua. Ele a amava, amava Samuel mais do que qualquer outra coisa no mundo e, no fundo, sabia que ela o amava. Tempo suficiente foi desperdiçado. Era obrigação dos dois ter um lar e uma família, estar juntos como marido e mulher, e pai e mãe para o menino.

Henry parou o cavalo quando notou, com algum divertimento, um jovem cavalariço, perturbado e com o

rosto vermelho, sair correndo da lateral da casa para pegar sua montaria. Desmontando, ele tirou as luvas quando a carruagem ducal virou na esquina e parou em uma nuvem de poeira diante dele.

A súbita sensação de que algo estava errado o alarmou. Lacaios corriam da casa com malas, um visível alvoroço. Henry entrou depressa, abriu a porta da frente e caminhou em direção à biblioteca, de onde podia ouvir o duque gritando ordens para sua equipe.

— O que está acontecendo?

Sua graça afundou na cadeira, o olhar cansado.

— Lorde Riddledale levou Elizabeth.

— O quê?

Henry sentiu o sangue se esvair do rosto.

Ele ficou de pé, atordoado por um momento antes que sua mente ficasse tão acelerada quando seu coração.

— O que aconteceu?

Tentou acalmar sua crescente apreensão, mas pensar em Elizabeth nas garras do demônio fez seu sangue gelar.

Oh querido Deus, o que ele fez?

Ele a deixou. Sozinha.

De novo.

— Victoria estava cavalgando hoje de manhã. Viu Elizabeth em Argo à distância e, em seguida, viu um grande homem colocar algo no rosto de Elizabeth e levá-la embora. Pela descrição que deu, é o mesmo homem que Elizabeth mencionou ver em Londres, aquele que o agente supunha estar trabalhando para Riddledale. Não tenho dúvidas de que ela está com ele agora.

Henry afundou em uma cadeira próxima, a mente frenética tentando descobrir para onde o canalha poderia tê-la levado. Sabia que Lorde Riddledale era dono de uma propriedade não muito longe daqui, mas a menos que o homem fosse tão imbecil quanto tolo, duvidava que a levasse para lá. Então onde?

Henry encontrou o olhar do duque.

— O que planeja?

— Victoria, sendo uma garota esperta como só ela, os seguiu por alguma distância e viu Elizabeth ser colocada em uma carruagem nos limites de Penworth. Seguiram para o norte na estrada de Londres.

Henry assentiu, fazendo uma nota mental para agradecer a Victoria por ser tão racional.

— Londres depois Gretna? — ele sugeriu.

O duque xingou.

— Sim, parece o mais provável. Ele com certeza poderia forçá-la a casar com ele lá se colocar dinheiro o suficiente nas mãos certas, mas, de verdade... não sei. É apenas um palpite.

Sua Graça ficou de pé.

— Vou a cavalo para Gretna. Será muito mais rápido que uma carruagem. Mas enviarei Alice com o veículo da família. Sem dúvida, Lorde Riddledale posicionou batedores ao longo da estrada, e se pensarem que os estou perseguindo de carruagem, acelerará até a Escócia ou entrará em pânico e fará algo tolo pelo qual ele vai se arrepender.

— E nós, portanto, chegaremos a Escócia a cavalo ao mesmo tempo que ele.

Henry cerrou o punho.

Ele receberia bem o marquês e concederia uma merecida punição escocesa ao inglês.

Sua graça assentiu.

— Presumo que pela sua chegada repentina, pretendia se reconciliar com Elizabeth.

Henry concordou com a cabeça.

— Isso mesmo.

— Você a ama.

Não era uma pergunta.

Lembrar-se de Elizabeth aqueceu sua alma, e ele sorriu para o duque, enfim vendo resignação e aceitação no olhar de seu futuro cunhado.

— Sempre amei.

Sua graça riu de forma irônica e foi até as garrafas, pegou o decantador de cristal e serviu duas doses de conhaque. Entregou uma para Henry.

— Suponho que, como está aqui, percebeu que nossa família não tinha outra opção para manter a reputação de Elizabeth intacta e garantir um pai para Samuel. Nada foi feito por despeito a você, Lorde Muir, e embora eu ainda precise perdoar suas ações no lago no fatídico dia, minha irmã ama você e, portanto, devo admitir a derrota.

— Significa que eu tenho a bênção para me casar com ela, sua graça?

O duque terminou sua bebida.

— Bem, você estar aqui me prova que minhas suposições acerca de sua pessoa eram corretas. Você a ama como nós, então sim, tem nossa bênção. Papai sempre suspeitou que fosse inocente dos crimes a que lhe creditamos, afirmava que algo não se encaixava direito.

Henry sorriu, alívio o preenchendo como o líquido âmbar descendo sua garganta. O falecido duque seria para sempre lembrado com carinho. Ele era um homem de bem. Henry sorriu com a lembrança do pai de Elizabeth, que sempre dava carinho e conselhos a seus filhos e nunca vacilou em estar lá quando precisavam dele.

O duque suspirou, passando a mão pelo queixo.

— Riddledale tem brincado com essa família há muito tempo, e já passou da hora de receber o que merece por toda a mágoa que causou... — o duque se interrompeu — Precisei demitir duas criadas que estavam subordinadas à dama de companhia de Elizabeth. Descobri que foram elas que traíram nossa família, estavam trabalhando para o canalha junto com aquela mulher que fugiu em Londres.

Henry se sentiu mal com a descoberta.

— As atitudes dele foram vergonhosas, e eu sinto muito por tudo. E devo agradecer por sua bênção. Estou feliz por tê-la, mas fique sabendo... — ele parou, o que chamou a

atenção do duque — ...que eu teria me casado com Elizabeth mesmo sem sua benção.

— Eu sei que sim. Não são os escoceses que sempre tomam o que querem, seja inglês ou não?

— Sim, tomam. — Henry riu — Acho que é hora de partirmos. Demos a Lorde Riddledale vantagem o bastante. É hora de o perseguirmos

Os olhos do duque se iluminaram dando mostras do que esperava o Marquês.

— Concordo plenamente. Vamos embora.

Minutos depois, Henry estava com seu cavalo e checou tudo. Ele mexeu os ombros, pronto para o próximo passeio. Ao som de vozes femininas, Henry se virou e viu quando Alice saiu correndo da casa, seguida por uma criada carregando duas malas pequenas, Victoria logo atrás.

— Victoria, vá e troque de roupa. Não vai viajar com Alice vestida assim. — disse o duque, sua voz dura.

Henry tentou esconder o sorriso pelo traje de Victoria, consistindo em calças, camisa e jaqueta de homem. Ele deixaria seu futuro cunhado lidar com a irmã diabólica.

— Não vou com Alice, meu irmão. — Victoria se virou para o cavalariço — Meu cavalo está pronto, Tony?

— Exijo que você vá se trocar agora mesmo. Você parece...

— Ah, cale-se Josh. Sabe que eu não vou escutar nada do que disser. Com o meu chapéu, ninguém me reconhecerá como mulher. Agora pare com isso e vamos logo. Eu acredito que há um casamento que temos que objetar.

Henry assistiu, divertido, quando o duque percebeu que não venceria a batalha. O homem amaldiçoou, montou em seu cavalo e se virou para o portão.

— Vamos.

Decolaram a uma velocidade punitiva chegando a Londres em menos de meio dia. Contataram Smithfield e perguntaram ao taberneiro na estalagem, sem sorte. Lorde

Riddledale deve ter passado pela cidade sem parar. Em Stamford, o perderam por um par de horas. Seguindo para Retford, trocaram cavalos pela terceira vez e beberam algo.

Com a persuasão do ouro, os clientes da taverna descreveram em detalhes um homem com uma passageira que se dirigiam para o norte. Um inquilino mencionou que parecia estranho: o tempo todo a jovem senhorita brigava com o cavalheiro e parecia bem irritada.

Quão perspicaz, pensou Henry, com vingança e punição o queimando por dentro. Lorde Riddledale não iria gostar de sua chegada a Gretna.

Depois de dar água aos cavalos, eles continuaram para o norte a uma velocidade ainda alucinante. O tempo era precioso, e cada segundo contava. O bem-estar de Elizabeth estava em risco, pois o tipo de homem que raptava uma mulher, sem dúvida ameaçaria sua vida caso ela não seguisse suas ordens.

Era imperativo que eles chegassem a Gretna ao mesmo tempo que Riddledale, se não antes. Depois de tudo o que Elizabeth passou, ela não merecia ser forçada a se casar. Henry mataria o desgraçado, uma morte longa e dolorosa, se ele machucasse um fio de cabelo no corpo dela.

Eles incentivaram os cavalos a seguir com força, os trocando sempre. Ele quase podia saborear sua vingança, provar o castigo de Lorde Riddledale.

Pararam por uma comitiva postal cujo condutor contou de uma carruagem à frente que quase os tiraram da estrada por sua velocidade imprudente.

— Devemos avançar com rapidez, interceptá-lo e exigir que entregue, ou prefere segui-los a certa distância até Gretna?

Henry perguntou ao duque.

— Fazer com que Lorde Riddledale acredite que conseguiu chegar em segurança e sem percalços?

Sua graça agradeceu ao condutor e olhou para Victoria. Henry notou o brilho satisfeito nos olhos do duque, sabendo

que sua presa não estava longe.

— Vamos segurar o ritmo e segui-los até a cidade para garantir que os outros estejam por perto. Não que eu queira mais testemunhas, mas deve servir para deixar Riddledale calmo e evitar que ele faça algo estúpido. E se eu conheço o homem, ele não perderá tempo arrumando um quarto em uma estalagem, mas sim tentará se casar com Elizabeth sem pressa.

Victoria se mexeu na sela.

— Vamos então, cavalheiros?

Mantiveram distância, mas logo estavam perto o suficiente para ver a carruagem em movimento através das árvores. A vingança tentava o paladar de Henry, e era mais doce que o vinho de sabugueiro em sua língua.

...

Elizabeth olhava pela janela, recusando-se a falar, não importava o quanto as perguntas de Lorde Riddledale fossem agravantes. Ela preferiria morrer a continuar a falar com o homem.

Pelo brilho de excitação nos olhos de sua senhoria, Elizabeth sabia que Gretna não deveria estar longe. Depois de um dia e uma noite inteiros em uma carruagem, com poucas paradas, ela ficaria grata por isso pelo menos.

O ar fresco seria um descanso bem-vindo. Os campos logo deram lugar a propriedades rurais, e as casas por fim deram lugar às movimentadas ruas de uma cidade agitada.

— Venha, minha querida, não vamos continuar desta forma. Estamos prestes a nos casar. Não me faça usar a força quando chegar a hora de falar seus votos matrimoniais.

Elizabeth cerrou os dentes.

Ela queria gritar que nunca se casaria com ele, coagida ou não. Ele *teria que* usar a força se quisesse ouvir a voz

dela mais uma vez. E, mesmo assim, seria apenas para dizer "não" e não "sim".

Suas mãos, ainda amarradas atrás das costas, tiveram dificuldade para mantê-la no lugar quando a carruagem virou uma esquina. Ferreiros e pousadas passavam pela janela. Casais, muitos dos quais pareciam bastante satisfeitos consigo mesmos, caminhavam pelas principais vias.

Elizabeth se perguntou se os casais eram recém-casados. Se haviam deixado de lado todas as restrições que a sociedade colocava em suas vidas, e se casaram com a pessoa que amavam. A palavra "amor" reverberou em sua mente, e arrependimento ameaçou sua sanidade.

Henry.

Como ela o adorava e o ferira além da redenção. Ela se perguntou onde ele estava e o que estaria fazendo naquele momento. Imaginou se ele ainda estava em Londres ou se viajara para o norte. A distância que os separava rasgou sua alma e lágrimas se acumularam em seus olhos. Nada disso importava agora, pois já era tarde demais.

— Se você está se perguntando se será resgatada, minha querida, desculpe desapontá-la. Meus homens me informaram que o seu irmão está a um dia de distância, viajando em um coche. Não chegará a tempo de salvar sua preciosa... bem...

O sorriso lascivo que ele abriu fez a pele dela arrepiar.

— Não há nada para salvar, há, minha querida? Pois você já deu o prêmio, mas eu vou me divertir com o que é meu.

Seus olhos se estreitaram e ela lutou contra as amarras.

— Eu nunca serei sua, e vou morrer antes de permitir que me toque, seu desgraçado.

Ela se amaldiçoou por quebrar a própria promessa de não falar com o idiota de novo, mas o olhar de fúria no rosto dele fez valer a pena seu lapso.

A corda cortava sua pele enquanto tentava soltar o nó. Por que Josh viria em uma carruagem? Decerto que, se ele soubesse onde ela estava, viria a cavalo. Ela se recusou a falar e voltou a observar as ruas de paralelepípedos além.

Eles estariam chegando? Alguém?

Por favor, não deixe que isso seja meu destino.

A carruagem oscilou e parou.

— Aqui estamos, minha querida. Deixe-me desatar essas cordas. Não há mais necessidade de amarras. Tenho certeza de que você não vai tentar fugir com John por perto.

Elizabeth olhou pela porta da carruagem aberta e reconheceu o brutamontes que a levara de sua casa. Ela suspirou de alívio quando a corda se soltou e caiu. Elizabeth trouxe as mãos para frente e esfregou os vergões vermelhos e inchados sobre os pulsos. Então, com toda a sua força, toda a raiva e frustração que conseguiu reunir, socou Lorde Riddledale no nariz.

Sua senhoria, sem esperar o ataque, recostou-se nas almofadas, segurando o rosto e gritou ao ver o sangue que escorria por seus dedos.

John, o capanga de Riddledale, parou ao lado da carruagem, os olhos dele estavam arregalados de choque, Elizabeth aproveitou a surpresa e saltou pela porta oposta. Saiu da carruagem e ofegou quando Lorde Riddledale agarrou sua saia e puxou tecido com força pelas pernas dela, fazendo-a perder o equilíbrio. Elizabeth caiu com força no degrau da carruagem, o queixo batendo na estrada de cascalho.

Sentando-se, ela tocou o corte pungente na mandíbula enquanto as pessoas se reuniam e observavam os acontecimentos na carruagem. Ela se virou e olhou para o veículo no instante em que Lorde Riddledale gritou para John pegá-la.

A necessidade faz a ocasião.

Ela ficou de pé e fugiu o mais rápido que pôde. Passos pesados soaram atrás dela, e Elizabeth olhou por cima do

ombro, notou que o perseguidor, John, estava há poucos passos dela.

Olhando para frente outra vez, ela não viu um cavalheiro bem a sua frente a tempo e, com um *forte baque,* atingiu uma parede de músculos.

O timbre familiar em seu ouvido a fez relaxar, e seus joelhos ameaçaram ceder. Ela colocou os braços apertados na cintura dele e soluçou. *Henry*.

O estalido de uma pistola a seu lado deteve John, o brutamontes e, pela primeira vez em dois dias, o coração de Elizabeth disparou uma batida constante de alívio. Ela apertou Henry com mais vontade e ficou feliz pela mão de apoio dele que envolveu suas costas e segurou-a com força.

— Mova-se em qualquer direção, e eu prometo que será seu último movimento na terra. — avisou Henry, seu tom repleto com intenção mortal.

Elizabeth se arrastou para trás dele para permitir que ele se concentrasse no corpulento John e em Lorde Riddledale, que, inclinando-se para fora da porta da carruagem, ainda cobria o nariz sangrando com um lenço.

O som de outra arma se preparando para atirar clicou perto deles, e ela olhou para a esquerda, seu queixo caindo ao ver sua irmã Victoria, vestida com roupas masculinas e parecendo ainda mais confortável segurando uma pistola com firmeza na cabeça de Lorde Riddledale.

John não se atreveu a se mexer, mas seus olhos se estreitaram em contemplação, sem dúvida imaginando se poderia arriscar-se e fugir.

— Esse aviso também vale para você, Lorde Riddledale. — disse Josh, vindo da direção oposta.

— Eu não cometi nenhum crime. Sua irmã veio comigo de bom grado para nos casarmos em uma cerimônia privada.

— Bem... — seu irmão se demorou — ...tenho certeza de que o magistrado vai pensar de forma diferente. Victoria viu seu capanga sequestrar Elizabeth na minha propriedade.

Você, meu senhor, doravante, não vale a pena, já que tenho posse de todas as suas dívidas, as que sei que é incapaz de pagar. Você está arruinado em todos os sentidos possíveis. Espero que goste da prisão dos devedores ou mesmo de Newgate. Para mim, tanto faz.

Naquele momento, o magistrado da cidade, um homem grande e gordo, corria para a confusão, com guardas seguindo-o nos calcanhares. Pediu desculpas intermináveis por todo o mal que se abatia sobre a família do Duque de Penworth e levou o desgraçado do Riddledale, junto de seu capanga brutamontes, John. Sem muita demora.

Elizabeth observou com ódio quando o homem que causou tantos problemas para ela foi levado embora, seus gritos de negação e amor eterno ecoando nas paredes do Comércio de Gretna.

Afastando-se, ela olhou para Henry e foi recompensada com um juramento explícito. Ela recuou de forma instintiva antes que ele arrancasse a gravata e a colocasse no queixo dela.

— Deixe-me dar uma olhada. — pediu Victoria, afastando um pouco o curativo improvisado.

— É ruim?

Elizabeth perguntou, ignorando a picada que sentia.

— É um corte feio, mas não acho que precise de pontos. Venha, vamos para uma pousada, assim poderemos limpar o corte e olhar melhor.

Elizabeth encontrou os olhos de Henry, profundas poças de preocupação que perturbaram seu coração.

— Vá na frente com Josh. Eu gostaria de falar com Lorde Muir por um momento.

Josh assentiu, pegando o braço de Victoria.

Um sorriso curvou os lábios de seu irmão, e Elizabeth se perguntou o que havia acontecido entre os dois homens para levá-los a ser tão receptivos, amigáveis até, quando, a reação de costume seria trocar farpas.

— Você está bem, moça? Ele fez algum mal a você...

— Não. — tranquilizou-o, com um gesto de cabeça — Não me tocou. Como veio parar aqui?

Henry recontou toda a viagem para Dunsleigh para falar com ela e como encontrou a casa permeada pelo caos por causa do sequestro dela.

Elizabeth reprimiu uma risada ao imaginar todos reunidos planejando um contra-ataque contra Lorde Riddledale.

— Obrigado por ter vindo para me salvar. — ela olhou para ele, ajeitando a gola da camisa, onde a gravata esteve — Que motivo o estava levando a Dunsleigh?

Henry passou um dedo pelo rosto dela, com cuidado para não machucar mais onde estava ferida. Seu hálito quente se misturou ao dela, e por um momento perverso, Elizabeth pensou que ele poderia beijá-la ali na rua mesmo. Em vez disso, ele se inclinou e beijou sua bochecha, o gesto tão suave quanto seda, mas seu olhar continuou vigilante, embora sem dar pistas de seus pensamentos.

Ele recuou, e Elizabeth sentiu a perda de seu contato bem fundo em sua alma.

— Eu viajei para Dunsleigh para pedir perdão, pedir a você que se esquecesse de tudo que eu disse e que se case comigo. Sinto muito por tudo. Estava chocado e chateado, e deveria ter ido atrás de você antes, mas sou um teimoso idiota.

Elizabeth apertou as mãos dele.

— Precisamos conversar, Henry, mas não aqui. Mais tarde... — ela se recompôs — Vai me encontrar mais tarde? A sós?

Elizabeth viu o lampejo de calor em seu olhar, um que ela só havia visto em momentos privados, e todo o seu nervosismo desapareceu. Lembranças do que fizeram quando estavam sozinhos a bombardearam, e por um instante sua atenção se voltou toda os lábios dele. Como ela queria beijá-lo, senti-lo contra ela, seduzi-lo.

— Onde? — Henry perguntou, a voz rouca fazendo-a ferver.

— Irei ao seu quarto esta noite. Vou esperar até que Victoria esteja dormindo.

— Eu não tenho certeza se é sábio, Elizabeth.

Elizabeth afastou a dor que sua resposta provocou.

— Eu acho que é. Não vou desistir.

Com um aceno de cabeça, Elizabeth entrou na estalagem, pronta mais do que nunca para se declarar ao homem que amava e a qualquer outra pessoa que desejasse saber a verdade.

...

Pareceu levar uma eternidade a Victoria para adormecer.

Elizabeth pensou que seria muito mais rápido, já que tiveram um adorável jantar composto de carne assada, e em seguida, puderam tomar um banho quente e vestir roupas limpas. E, no entanto, como Victoria estava ansiosa para explicar tudo o que havia acontecido durante o sequestro, não puderam ir se deitar até bem depois da meia-noite.

Elizabeth estava deitada no quarto escuro, observando como a luz bruxuleante lançada pelo fogo formava sombras disformes na parede quando a respiração de Victoria enfim diminuiu com o sono e, sendo o mais cuidadosa que pôde, saiu das cobertas, colocou algumas meias que tinha deixado ao lado da cama e dirigiu-se para a porta.

Ela olhou mais uma vez para a irmã, um sorriso curvando seus lábios quando percebeu que metade da batalha para reaver Henry havia sido ganha. Agora ela precisa chegar ao seu quarto sem que ninguém a pegasse.

Abrindo a porta um pouco, Elizabeth espiou o corredor.

Um candelabro solitário queimava perto do alto das escadas, mas não se via ninguém em lugar nenhum. Só se

percebia vozes abafadas da taverna lá embaixo, e o cheiro de ensopado que ainda pairava no ar.

Elizabeth agradeceu o barulho por mascarar seus passos enquanto corria pelo corredor. Sem bater, ela entrou no quarto de Henry e fechou a porta com o mínimo de ruído possível. A visão dele com a camisa aberta, os cachos desarrumados, uma sombra fraca no peito, tornava impossível para ela se mover.

Ele era glorioso.

Calor e saudade se acumularam em seu núcleo, e ela não queria nada além de estar com ele outra vez. Ela mordeu o interior do lábio para parar de fantasiar em sua cabeça.

— Ninguém a viu?

A voz dele demonstrava preocupação e cavalheirismo mesmo neste instante, não importa quão leviana fosse sua aparência.

— Não. Victoria está dormindo, e não havia ninguém lá fora.

Henry parou ao lado do fogo antes de caminhar até a pequena mesa redonda e puxar uma cadeira para ela se sentar.

Ela sentou-se como ele pedia, observando cada movimento dele ao se sentar do outro lado da mesa, e a proximidade deles, a privacidade de estarem a sós, tudo era tangível no pequeno quarto.

Ele limpou a garganta.

— Antes de prosseguirmos com a conversa, há algo que você deve ler. É da senhorita Andrews.

Elizabeth empurrou a carta para longe.

— Eu não preciso ler a carta dela.

— Por favor, eu quero que você leia.

Ela balançou a cabeça, pegando a mão dele em vez da carta.

— Quando eu estava na carruagem com Lorde Riddledale, achei de verdade que ele havia ganho. Pensar

que nunca mais o veria foi mais doloroso que eu poderia aguentar, mas eu sabia que eu precisava tentar, ao menos uma vez mais, me livrar de sua senhoria.

Ela fez uma pausa.

— Sinto muito pelo que aconteceu entre nós, Henry. Me desculpe por não ter contado do menino. Eu nunca quis machucá-lo, você é tudo para mim. Você sempre foi tudo para mim.

O polegar de Henry acariciou o topo da mão dela, e arrepios subiram por seu braço.

— Você está dizendo que ainda me ama e quer se casar comigo?

O coração de Elizabeth parou ante a emoção crua que ela ouviu por trás da pergunta.

— Se a sua oferta de casamento ainda estiver de pé, Henry Andrews, conde de Muir, vou me casar com você, porque o amo. Eu sempre amei e nunca amarei outra pessoa.



Henry estendeu a mão no pequeno espaço que os separava e puxou Elizabeth para o seu colo. Seu corpo se ajustava ao dele como as luvas de couro que ela usava com frequência, e ele se deleitava com a sensação dela em seus braços.

— Fico feliz por ouvir isso, moça.

Ele cobriu os lábios dela com os dele antes de tomar tudo o que ela oferecia. Ela não se segurou, e o corpo dele enrijeceu pela resposta ardente dela. Seu toque sensual o provocava e deixava sua pele em alerta, as mãos gananciosas dela arrancando suas roupas, amontoando-as a seus pés.

Mas uma cadeira não era lugar para fazer amor com sua futura condessa, então Henry se levantou, a pegou nos braços e levou-a para a cama. Deixou-a cair sobre o tecido branco grosso, mas limpo e riu quando ela deu um saltinho.

Ela o observou, com prazer, enquanto ele tirava as calças, e em seguida, subia na cama, engatinhando sobre ela. Ele se segurou acima dela, absorvendo toda a sua beleza.

Sua pele branca e leitosa cheirava a jasmim. Este perfume sempre fora uma memória que o perseguia. Muitas vezes, esse mesmo aroma tentou sua determinação quando morava na América, fazia com que ele tivesse saudades de casa em segundos.

Ele estava deitado ao lado dela, traçou o contorno de seu corpo, o nariz doce e perfeito, o queixo adorável, agora com um corte, cortesia do desgraçado do Riddledale.

— Henry, vai me tocar com mais alguma parte do seu corpo hoje? Além do seu dedo?

Ele grunhiu por sua pergunta desavergonhada e tomou seus lábios em um beijo tão desavergonhado quanto a pergunta. Seu corpo ondulou sob ele, os seios provocando seu peito, seu monte de vênus empurrando contra seu comprimento endurecido, um som de desejo na garganta.

— Hoje à noite eu explorarei cada centímetro de sua linda alma.

Ela suspirou, passou as mãos pelos ombros dele. Ele ergueu-se, beijando toda a extensão do queixo até a barriga, apertou seus seios, lambeu o interior de uma das coxas antes de passar a língua entre os lábios molhados, apreciando a sensação dela à sua mercê.

— Henry! Você não pode!

O pênis dele endureceu diante da necessidade ofegante dela, as palavras que saíam de sua boca contradizendo a ação de sua mão que puxava os cabelos dele, incentivando-o a continuar, a permanecer onde estava e fazê-la gozar com a boca.

— Eu posso, e eu vou. Deite-se, moça e relaxe.

Ela fez o que ele pediu, e ele deu uma espiada nela. Ela mordeu seu lábio inferior, dentes brancos e retos firmes, olhos fechados, um leve rubor nas bochechas. Ele a chupou outra vez, passou a língua entre o sexo dela, sacudindo o botão endurecido com golpes regulares.

— Oh, Henry... O que está fazendo comigo?

Amando...

Não demorou muito para que ela estivesse perto. A respiração se tornou ofegante, as mãos mais insistentes contra a cabeça dele, suas pernas inquietas sobre o lençol dizendo a ele o que ele precisava saber.

Ele queria que ela chegasse ao êxtase sob sua boca, sonhava estar com ela dessa maneira há eras. Ele não iria parar agora. Movendo a mão, ele deslizou um dedo em seu calor úmido e gemeu com a tensão que encontrou lá.

Ela ondulou contra seu rosto, montando-o como ele logo a montaria, enlouquecendo-a com cada deslizar de sua língua, com cada golpe de seu dedo, empurrando para um orgasmo.

Ela gritou o nome dele no instante em que as sensações chegaram ao ápice e se desfez sob ele.

Henry saboreou cada delicioso estremecimento que a percorreu, querendo ouvir seu nome sair de seus lábios pelo resto de sua vida. Ele se afastou, subiu sobre ela e se acomodou no calor entre suas pernas.

— Eu tenho que ter você.

A palavras soaram tensas até para seus próprios ouvidos. O olhar que lançou a ele era um oceano tempestuoso de admiração e necessidade.

— Sim, por favor.

A audácia dela desfez o que lhe restava de autocontrole e, ele levantou a perna dela alto, enganchando-a na cintura dele, e empurrou com força e a reivindicou.

Gemeu. Nunca havia se sentido assim, a situação tão correta, estar tão perto dela. Elizabeth puxou sua cabeça

para baixo e beijou-o com força, sua língua não mais hesitante ou tentadora, mas exigente, controladora. O corpo exigiu libertação com cada estocada em seu interior. Foi difícil não se perder, e tomar tudo o que ela tinha para oferecer.

— Não achei que sexo com sua língua poderia ser tão cativante, mas eu estava errada.

Ele grunhiu com as palavras dela, aumentou o ritmo, precisando que ela tivesse um orgasmo com ele enterrado nela. Ela gemeu, puxou os cabelos dele próximo da nuca, o sexo frenético e rápido, seus corpos se tornando um só.

— Elizabeth... eu te amo. — ele se engasgou — Eu a amo tanto.

Seus olhares se cruzaram e pararam, ele continuou a empurrar, acariciá-la, provocá-la ao êxtase e então, a boca dela se abriu com um suspiro, seus olhos verdes o fitando com admiração enquanto ela chegava ao clímax com força e demora, levando-o ao prazer junto dela.

— Moça…

Foi tudo que ele conseguiu dizer, qualquer outra palavra morreu em seus lábios. O corpo dela ficou flácido, um sorriso satisfeito formando-se no canto da boca. Ele se deitou ao lado dela, puxando-a para a curva de seu braço. Ela o beijou no peito, o mais leve dos toques que provocaram arrepios em sua pele.

— Eu estou completa e plenamente feliz, e tudo graças a você. Obrigada por ser você mesmo, Henry.

Ele beijou o cabelo dela, satisfeito e sonolento.

— Eu a amo também. E amanhã vou me casar com minha linda moça inglesa.

Ela se aconchegou nele, e ele conseguia sentir seu sorriso contra seu peito.

— Sim, você se casará.

CAPÍTULO VINTE

No café da manhã no dia seguinte, Elizabeth se sentou com um sorriso satisfeito no rosto enquanto mordiscava a deliciosa torrada diante dela. Até mesmo o chá naquele estabelecimento era delicioso. Sem mencionar... bem, sem mencionar um escocês que ocupava o assento em frente a ela. Ele também era delicioso.

Sua atenção permaneceu fixa em Henry enquanto ele comia a bela refeição composta de presunto, ovos e café forte. Victoria e Josh já haviam comido e estavam esperando no pátio da pousada a chegada de Alice que estaria ali a qualquer momento.

Elizabeth bebeu o chá adocicado e devorou Henry em seu traje matinal. Ele parecia o jovem que ela conheceu, aquele por quem ela se apaixonou há tantos anos. Despreocupado e feliz como voltariam a ser.

Elizabeth escondeu o sorriso enquanto tomava o chá, observando o homem ler o jornal e tomar seu desjejum. Ela tentou não pensar em seus atos na noite anterior e no porquê de ele estar tão voraz esta manhã, mas era difícil se concentrar em algo que não fosse seus lábios...

— Alguma coisa interessante no jornal? — Elizabeth perguntou.

Um criado entrou e colocou um bule de chá fresco na mesa, fez uma reverência e depois saiu. Elizabeth esperou a porta se fechar antes de se inclinar e beijar Henry, acolhendo a centelha de desejo que viu em seus olhos.

— Nada, moça. Embora eu pudesse me acostumar com tais prazeres matutinos como o que acabou de me mostrar.

Elizabeth riu, voltou a se sentar e mordiscou a torrada.

— Acredito que Alice chegará a qualquer instante e que Josh deseja partir hoje. Viajará conosco para Londres?

Henry permaneceu em silêncio, a expressão cautelosa.

— Henry, você virá conosco?

Ele fechou o jornal e a observou por um momento.

— Pensei que talvez pudéssemos nos casar ainda mais cedo.

— Eu não entendo. — indagou Elizabeth.

Ele pegou a mão dela, apertando-a entre as suas.

— Eu sei que falamos de casamento na noite passada, mas por que viajar de volta a Londres para as núpcias? Vamos nos casar aqui em Gretna.

Os olhos de Elizabeth se arregalaram com a possibilidade, esperança florescendo em seu peito.

— Acho que essa é a ideia mais maravilhosa que já ouvi na vida.

— Acha que Sua graça negaria tal pedido? Sua família não está presente, e sua mãe pode preferir um casamento em Londres.

Elizabeth empurrou a cadeira para trás e foi para o colo de Henry.

— Eu acho que Josh já aceitou que minha escolha foi feita, e você me parece muito mais aberto à possibilidade que estava meses atrás, o que é promissor. Você vai ver, Josh vai me levar ao altar como se deve. E até o anoitecer eu serei legalmente sua.

Henry a beijou mais uma vez, com muito mais demora e mais satisfação do que ela conseguia se lembrar. Era tão inebriante quanto o melhor uísque da Escócia.

— Você sempre foi minha. — ele afirmou, sorrindo — Só precisei lembrá-la disso.

...

O casamento foi resolvido com rapidez.

Alice ficou muito feliz por ter chegado a tempo e, depois de uma pequena conversa privada com seu irmão, Elizabeth conseguiu que ele a levasse até o altar improvisado em uma oficina de ferreiro em Gretna Green.

Não era o local mais apropriado para a filha de um duque se casar, mas o lugar não importava quando se tratava de duas pessoas que se amam e desejam tornar tudo oficial.

O ferreiro, que também era sacerdote, parou diante de uma mesa de madeira forrada com uma toalha branca e deu um sorriso caloroso quando o duque acompanhou a irmã em direção a um conde sorridente.

Henry esperou, as mãos cruzadas diante dele, as feições cheias de amor e adoração por ela. A cerimônia foi curta e agradável, como desejavam, e não poderia ter sido um casamento tão perfeito caso tivessem ido para Londres se casar em St. James.

Mais tarde, eles almoçaram com a família na sala de estar da pousada. Josh notificou-os de sua intenção de voltar a Londres dentro de uma hora.

— Pretende voltar para a Capital, Lorde Muir? Ou tem outros planos agora que é um homem casado. — Lady Alice perguntou, sorrindo.

Henry riu da pergunta e bebeu seu uísque.

— Enviei uma mensagem esta manhã, notificando minha equipe para que o pequeno Samuel nos encontre aqui em um dia ou dois, com a babá dele, é claro, e após sua chegada levarei minha moça aqui para as terras altas. Eu quero que ela conheça o Castelo Muirdeen.

Elizabeth olhou para Henry e notou que ele parecia um pouco inseguro de seus planos. Ela leu a pergunta em seus olhos, que talvez ela não desejasse deixar a Inglaterra e ir para a Escócia. Ele não poderia estar mais errado. Era tudo com o que ela sonhara.

— Eu adoraria ver minha nova casa, Henry. — ela pegou a mão dele e se virou para o irmão — Meu irmão, poderia

providenciar para que as propriedades de Newland sejam fechadas, e todos os pertences de Samuel e meus sejam enviados para as terras de Henry? Claro que vou escrever para mamãe e explicar as novidades maravilhosas. Faria isso por mim?

Josh assentiu.

— Claro. — concordou e olhou para Henry pelo canto dos olhos — Lorde Muir, embora eu nunca tenha pensado em proferir estas palavras, eu o recebo de todo o coração em nossa família. Desejo a você e a Elizabeth toda a felicidade do mundo.

Elizabeth piscou para conter as lágrimas, sorrindo para seu irmão e para Henry.

— Acho que seremos as pessoas mais felizes do mundo. Obrigado por se casar comigo, Henry — ela sussurrou, de modo que só ele ouviria.

— O prazer foi meu. — respondeu ele, beijando-a diante de toda a sua família. Com demora.

EPÍLOGO

Seis Meses Depois

Elizabeth caminhou até o pátio externo de sua casa nas montanhas e olhou para além dos portões, em direção à parte mais alta que agora brilhava com neve branca e fresca.

Com Samuel em meio ao cochilo da tarde, ela aproveitou a oportunidade para ler a correspondência que chegava todos os meses. Olhou para a extensão de suas terras, observou o lago que mudava de cor, de um azul profundo para um tom prateado dependendo de onde o sol estava no céu.

Assim que eles chegaram ali, ela amou, tanto quanto amava Henry, que, como prometido, amava ela e Samuel de forma incondicional e a fazia rir mais do que ela jamais imaginara ser possível.

Ela quebrou o selo ducal da carta de sua mãe, a caligrafia perfeita e fácil de decifrar:

Minha querida Elizabeth,

Espero que esta carta os encontre bem. Estamos todos em Dunsleigh para o inverno, mas as garotas estão ansiosas pela primavera, para ficar em Londres durante a temporada, ou assim elas declaram, embora eu ainda precise acreditar em suas admoestações.

Fico feliz por você amar suas montanhas e espero viajar até aí num futuro não muito distante. Sinto muita falta de Samuel, e só posso supor o quanto sua senhoria cresceu. Estou em êxtase ao ouvir sua feliz notícia de que Samuel logo terá um irmão. Você é uma mãe maravilhosa, e não creio ter dito o suficiente como estou orgulhosa de você.

Seu pai também estaria sorrindo de orelha a orelha ao testemunhar a vida de sua linda e adorada filha.

Se acontecer de você visitar sua irmã Isolde em Avonmore, por favor, tente persuadi-la a ir à Londres na próxima temporada. Já passou da hora de ela voltar para nossa casa e ir atrás da própria felicidade. A última carta que recebi dela me pareceu muito triste, e me preocupo com o bem-estar dela.

Se puder, por favor, convença-a a voltar para a Inglaterra. Ela merece felicidade como a sua.

Espero que o inverno aí não seja muito duro e que todos fiquem seguros e bem. Volto a escrever mês que vem, como espero que você também faça.

Sentimos sua falta, querida menina, lembre-se de vir e visitar sempre que o tempo convier. Você e Henry são sempre bem-vindos.

F*orte abraço. Sua amada mamãe.*

SOBRE A AUTORA

Tamara é uma autora australiana que cresceu em uma antiga cidade mineira no sul da Austrália, onde seu amor pela história surgiu. Tanto que ela fez seu querido marido viajar para o Reino Unido em sua lua de mel, e o arrastou por diversos monumentos históricos castelos.

Seus três filhos, dois cavalheiros em formação e uma futura lady (ela espera), e um emprego de meio período a mantêm ocupada no mundo real, mas sempre que consegue um momento de paz ela adora escrever romances em uma gama de gêneros, incluindo o período regencial, medieval e livros do gênero paranormal.

Tamara adora saber de seus leitores e outros escritores. Você pode contatá-la através de seu site, e se inscrever para receber o feed de seu blog ou newsletter.

www.tamaragill.com
tamaragillauthor@gmail.com

Table of Contents

Title Page
Contents
Copyright
Sinopse
Prólogo
1. Capítulo Um
2. Capítulo Dois
3. Capítulo Três
4. Capítulo Quatro
5. Capítulo Cinco
6. Capítulo Seis
7. Capítulo Sete
8. Capítulo Oito
9. Capítulo Nove
10. Capítulo Dez
11. Capítulo Onze
12. Capítulo Doze
13. Capítulo Treze
14. Capítulo Quatorze
15. Capítulo Quinze
16. Capítulo Dezesseis
17. Capítulo Dezessete
18. Capítulo Dezoito
19. Capítulo Dezenove
20. Capítulo Vinte
Epílogo
Sobre a Autora